



**WICCA, RELIGIÃO E NATUREZA:
Bruxaria e espaços sagrados no Brasil**

KALLYNE FABIANE PEQUENO DE ARAÚJO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS
LINGUAGENS, IDENTIDADES E ESPACIALIDADES

**WICCA, RELIGIÃO E NATUREZA:
Bruxaria e espaços sagrados no Brasil**

KALLYNE FABIANE PEQUENO DE ARAÚJO

NATAL/RN

2020

KALLYNE FABIANE PEQUENO DE ARAÚJO

**WICCA, RELIGIÃO E NATUREZA:
Bruxaria e espaços sagrados no Brasil**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa Linguagens, identidades e espacialidades da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do (a) Prof. Dr. Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto.

NATAL/RN

2020

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes – CCHLA

Araújo, Kallyne Fabiane Pequeno de.

Wicca, religião e natureza: bruxaria e espaços sagrados no Brasil / Kallyne Fabiane Pequeno de Araújo. - Natal, 2020.
215f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto.

1. Wicca - Dissertação. 2. Neopaganismo - Dissertação. 3. Espaços Sagrados - Dissertação. 4. História das Religiões - Dissertação. 5. História Contemporânea - Dissertação. I. Vargas Netto, Sebastião Leal Ferreira. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 94:29

KALLYNE FABIANE PEQUENO DE ARAÚJO

**WICCA, RELIGIÃO E NATUREZA:
Bruxaria e espaços sagrados no Brasil**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela comissão formada pelos professores:



Prof. Dr. Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto

Prof. Dr. André Souza Martinello

Prof. Magno Francisco de Jesus Santos

Prof. Dr. Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues Pereira

Natal/RN, 13 de Agosto de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as bruxas e bruxos que tornaram possível a construção dessa pesquisa, principalmente aos meus entrevistados Andréa Melo, Danilo Nobre, Flávio Lopes, Klaus Eduardo, Marcelo Leal, Regina Celi e Sacerdotisa Luna pela gentileza em compartilhar comigo suas vidas e história.

Agradeço especialmente ao meu orientador, o Prof. Dr. Sebastião Vargas, não apenas por todo o seu apoio imensurável e dedicação durante o mestrado, mas por ter tornado possível toda a minha caminhada no momento que chegou até a mim na graduação e me incentivou a escrever sobre a Wicca, diante a todo o meu interesse em estudar a história da bruxaria. Meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço à minha família, por todo o suporte, e ao meu noivo Guilherme C. Neri, por seu companheirismo, sempre a me apoiar, por todas as suas reflexões sobre a pesquisa e o incansável incentivo na minha jornada acadêmica.

Agradeço ao Prof. Dr. André Martinello, sempre muito prestativo, e por todas as contribuições durante a disciplina Laboratório de Metodologia e Análise, pois foram fundamentais para a minha pesquisa.

Agradeço à Profa. Dra. Leilane Assunção (In Memoriam) por todo incentivo para levar a minha temática adiante e por me ensinar a seguir em frente, mesmo com as dificuldades que surgem no trajeto.

Agradeço ao Prof. Dr. Lígio Maia, por toda a contribuição inestimável na minha trajetória, da graduação ao mestrado, por suas precisas correções sempre a me levando a refletir criticamente sobre a pesquisa.

Agradeço ao Prof. Dr. Magno Santos pelas valiosas sugestões durante o exame de qualificação, sua ajuda foi essencial.

Agradeço a todos os queridos amigos que estiveram ao meu lado tornando os dias mais leves, apoiando-me sempre, principalmente aos companheiros de turma, por estarem lado a lado em todos os momentos.

Agradeço aos companheiros dos estudos sobre Neopaganismo a que contatei, por todas as conversas, reflexões e trocas de conhecimentos.

Agradeço à CAPES, pelo apoio por meio da bolsa de pesquisa, e ao Programa de Pós-Graduação em História e Espaços da UFRN, a seus membros e professores, por tornar possível este trabalho.

Eu que sou a beleza da terra verde e da lua branca entre as estrelas e os mistérios da água, invoco seu espírito para que desperte e venha até a mim. Pois eu sou o espírito da natureza que dá vida ao universo.

Carga da Deusa

RESUMO

A Wicca é conhecida como a religião da natureza e seus praticantes consideram a Terra o corpo da Deusa, como a força sustentadora da vida. Alguns alegam que ela é uma antiga religião, com suas origens nos tempos antigos da Europa, já outros a compreendem como uma religião fruto da época de Gerald Gardner, seu fundador na Inglaterra em meados do século XX, além de ser nos tempos atuais a maior religião neopagã do mundo. Os wiccanos buscam uma religião do ser humano com a natureza, celebram os seus ciclos sazonais e compreendem o mistério dos seus deuses através dos mitos e de como eles se manifestam na própria natureza. Nessa religião o espaço é muito relevante, pois pode se apresentar através de importantes representações, como o círculo mágico e o culto à natureza no praticar dessa religiosidade. Essa pesquisa tem o objetivo de analisar como os praticantes da Wicca utilizam os espaços públicos das cidades no Brasil, para praticarem o exercício de sua religião, seja através de encontros mensais, de oficinas, de celebrações e para a realização de rituais. Problematizando como se deu o processo histórico dessa religião e a sua adaptação ao meio urbano, observando como é a sua prática nos espaços públicos urbanos e se existem dificuldades na utilização desses espaços pelos wiccanos. As principais fontes que serão analisadas, são os próprios livros religiosos da Wicca e a realização de entrevistas com alguns sacerdotes wiccanos que são organizadores de eventos de bruxaria em algumas cidades brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Wicca. Neopaganismo. Espaços Sagrados. História das Religiões. História Contemporânea.

ABSTRACT

Wicca is known as the religion of nature and its practitioners consider Earth or the body of Goddess as the life sustaining force. Some claim that it is an ancient religion, with its origins in ancient European times, while others understand it as a fruit religion from the time of Gerald Gardner, its founder in England in the mid-twentieth century, in addition to being today the largest neopagan religion in the world. Wiccans seek a religion of the human being with nature, celebrate their seasonal cycles and understand the mystery of their gods through myths and how they manifest themselves in nature. In this religion or space it is very relevant, it can be presented through important representations, such as the magic circle and the cult of nature in practicing this religiosity. This research aims to analyze how Wicca practitioners use public spaces in cities in Brazil, to practice or exercise their religion, be it through monthly meetings, workshops, celebrations and to perform rituals. Questioning how the historical process of this religion and its adaptation to the urban environment took place, observing how it is practiced in urban public spaces and whether there are problems in the use of these spaces by Wiccans. As main sources that will be analyzed, they are the only religious books of Wicca and the accomplishment of interviews with some Wiccan priests who are organizers of witchcraft events in some Brazilian cities.

KEYWORDS: Wicca. Neopaganism. Sacred Spaces. History of Religions. Contemporary history.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Livro das Sombras de Gardner. Primeiramente foi deixado para Doreen Valiente e após o falecimento da wiccana, o livro foi legado a John Belham Payne, último sumo sacerdote iniciado por Valiente.	52
Figura 2: Gardner em 1954 diante do Museu de Bruxaria (o moinho das bruxas) de <i>Castletown</i> . Fonte original: <i>Ithell Colquhoun</i> (publicado originalmente em <i>The London Broadsheet</i> , 1954, nº 1 [4]).	53
Figura 3: Gerald Gardner na sala dos mágicos, no moinho das bruxas.	54
Figura 4: Alex Sanders e seu coven.....	55
Figura 5: O casal alexandrino Janet e Stewart Farrar.	56
Figura 6: Raymond e Rosemary Buckland.....	59
Figura 7: Círculo mágico à esquerda, na obra <i>High Magic's Aid</i> (1949).....	88
Figura 8: Exemplo de círculo mágico com altar próximo ao perímetro (no lado direito da imagem). Ritual de solstício de inverno por Alex e Maxine Sanders (1966).....	89
Figura 9: Interior de uma das lojas <i>AlemdaLenda</i> , localizada no Shopping Interlagos, São Paulo, 1997.	99
Figura 10: 16º Convenção de Bruxas e Magos de Paranapiacaba (2019).....	103
Figura 11: Primeira Edição da Revista Wicca (Editora Linhas Tortas, 10/05/2001).....	105
Figura 12: Página inicial do Bate Papo criado por Claudiney Prieto (05/06/2002).	107
Figura 13: Bate Papo criado por Claudiney Prieto (05/06/2002).	107
Figura 14: Ritual da tríplice lua por Mavesper.....	113
Figura 15: Palestra sobre OGHAM (alfabeto oracular celta, também conhecido como o “Alfabeto das árvores”). Encontro do grupo <i>Ventre negro</i> (2014).	125
Figura 16: Alfabeto OGHAM utilizado na palestra do grupo <i>Ventre Negro</i>	126
Figura 17: Encontro do ESP-RN no Bosque das Mangueiras, em março de 2019. Roda de conversa sobre “A Face Escura da Deusa”.....	127
Figura 18: Cartaz do último encontro do ESP-RN.....	127
Figura 19: 4º Edição do Encontro Regional de Bruxos em Natal/RN (out./2016). Palestra sobre “Os Guardiões dos Quadrantes”.....	128
Figura 20: Fogueira de um luau realizado em 2016.	132

Figura 21: Sacerdotisas wiccanas na celebração de um esbá, em 2016, Luau dos bruxos.....	133
Figura 22: Sacerdotisa Regina.....	138
Figura 23: Sacerdotisa Regina e alguns membros de seu <i>coven</i> Mistérios do Sagrado em sua casa.	138
Figura 24: <i>Coven</i> da sacerdotisa Regina durante uma celebração na praça localizada em seu condomínio.....	140

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantitativo de adeptos a tradições esotéricas e outras religiosidades	12
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Ranking de países que mais pesquisas sobre a Wicca no Google.....	10
Gráfico 2: Ranking de estados brasileiros que mais pesquisas sobre a Wicca no Google.....	12
Gráfico 3: Ranking de estados brasileiros que mais pesquisas sobre a Wicca no Google.....	13

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABRAWICCA – Associação Brasileira de Arte e filosofia da Religião Wicca

BBB – Brux@s Brasileir@s em Brasília

CCIR – Comissão de Combate à Intolerância Religiosa

ERB – Encontro Regional de Bruxos

ESP – Encontro Social Pagão

IBWB – Igreja de Bruxaria e Wicca do Brasil

NMRs – Novos Movimentos Religiosos

UWB – União Wicca do Brasil

O.T.O – Ordem Templi Orientis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – CAMINHOS DA PESQUISA	20
1.1 Estado da Arte na academia	20
1.2 Entre conversas e magia: métodos de pesquisa com grupos de bruxaria	34
CAPÍTULO 2 – BASES HISTÓRICAS DA WICCA	40
2.1 Wicca como reminiscência do paganismo: a evocação das origens no antigo culto pagão como forma de legitimação.....	40
2.2 Gerald Gardner.....	50
2.3 Contracultura, Nova Era e Neopaganismo	57
2.3.1 Nova Era	63
2.3.2 Neopaganismo	66
2.4 Crenças, caminhos e tradições da Wicca	68
2.4.1 A Deusa.....	68
2.4.2 Regras da Wicca	70
2.4.3 As Tradições	71
2.4.4 Iniciação na Wicca	72
CAPÍTULO 3 –NATUREZA, ESPACIALIDADE E WICCA NO BRASIL	74
3.1 (Re)valorização e representações da natureza	74
3.2 As celebrações sazonais e a Roda do Ano	81
3.3 Conceitos espaciais	85
3.4 Os precursores da Wicca no Brasil.....	96
3.5 Especificidades da Wicca brasileira.....	109
3.6 Bruxaria em Natal-RN	122
3.7 Wicca em São Paulo-SP.....	136
CONCLUSÃO.....	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	149
ANEXOS.....	161

INTRODUÇÃO

Para um Bruxo, a natureza é seu livro sagrado. É dela que retiramos nossos ensinamentos mais profundos. Dizemos que a Bruxaria é um caminho neopagão (sendo o termo pagão originado de “pagus”, identificando um morador do campo, e não da cidade). Isso significa que vivemos uma espiritualidade centrada na Terra, e é ela nossa mais importante professora. Um dos objetivos da Bruxaria é nos harmonizar aos ritmos da natureza para que possamos manifestar harmonia em nossas próprias vidas. Isso significa perceber nossos próprios corpos como integrados à natureza, e como sagrados, ao contrário do que dizem a maioria das doutrinas religiosas. Também é da observação da natureza que tiramos lições para nossas vidas. Observando os ciclos naturais e dançando seus ritmos, eu aprendi a lição da impermanência da vida: não importa quão luminoso seja o verão, ou quão rigoroso seja o inverno, eles são temporários, e tudo o que tem um início também tem um fim. (LOPES, Flávio. Questionário concedido a Kallyne Fabiane Pequeno de Araújo. Facebook, 2020).

Essas palavras foram a definição do sacerdote wiccano Flávio Lopes quando questionado sobre a importância da natureza para a Wicca. Pergunta esta que, inicialmente, tanto me inquietou ao pesquisar sobre uma religião urbana que possui um culto centrado na Terra e na natureza como própria representação de suas divindades. Essas palavras foram de grande simbolismo, demonstrando que o wiccano faz parte da natureza, não apenas age a buscando e a enxergando como algo separado do ser humano. Para o wiccano, harmonizar-se com a natureza é estar em harmonia com os deuses, com o sagrado; é estar em harmonia consigo mesmo, pois tudo está interligado, refletindo em comunhão as transformações que ocorrem periodicamente na Terra e na vida dessas bruxas e bruxos, num eterno ciclo, assim como as estações, quando tudo se renova. Levei-me a buscar compreender toda essa simbologia e conexão entre a(o)s bruxa(o)s e a natureza, mesmo entre os que a vivenciam nos centros urbanos.

A Wicca é considerada uma religião no mundo contemporâneo. Por demandar iniciação e rituais para seu ingresso, é entendida como iniciática, sacerdotal, politeísta e ecológica; além de voltada aos fazeres e práticas como magia, manipulação de energias e um tipo de religião humana com a natureza. Os praticantes da Wicca podem ser denominados tanto como bruxas(os), wiccanianas(os), wiccanas(os) ou wiccans, além de serem neopagãos e, portanto, panteístas. Entretanto, nem toda(o) bruxa(o) ou neopagão é wiccaniano, embora todo wiccaniano sempre

seja bruxo e neopagão. “A Wicca como religião se baseia no folclore, espiritualidade e sabedoria popular da Europa antiga e por esse motivo Wiccanianos chamam a si mesmos de Bruxos e Bruxas” (PRIETO, 2009, p.14). Alguns alegam que a Wicca é uma antiga religião, com origens nos tempos remotos da Europa, porém outros a compreendem como uma religião fruto da época de Gerald Gardner (1884-1964), o seu fundador na Inglaterra em meados do século XX.

Os wiccanianos cultuam um deus cornífero e uma deusa tríplice, que se apresentam com diversas faces e nomes. É uma religião em que se comemoram os ciclos sazonais da natureza – chamados *sabás* – e os ciclos lunares – os *esbás*. Além disso, seus praticantes são submetidos a duas leis¹: o dogma principal, um código moral e doutrina, cujo conselho é “faça o que desejar sem a ninguém prejudicar”; e a Lei Tríplice, que é uma lei kármica, pois, para os wiccanianos, tudo que for feito, seja positivo ou negativo, voltará para seu praticante três vezes. Ainda se sabe que a Wicca é uma religião com várias tradições (caminhos), que são sistemas específicos e estruturados dentro da Wicca. Cada tradição segue seu padrão de rituais e cria suas próprias éticas e conceitos.

Quanto à palavra “Wicca”, Gardner afirma, em seu livro *A Bruxaria Hoje* (1954), que as bruxas às quais contatou na Inglaterra, responsáveis por o fazer conhecer os mistérios de seu caminho, chamavam a si mesmas de “Wica”. Em seu segundo livro, *O Significado da Bruxaria*, publicado em 1959, Gardner corrigiu a grafia, alegando que a correta seria “wicca”, de pronúncia “witcha”, derivada do inglês arcaico “wicce”. Embora essas *Wicas* fossem consideradas pessoas sábias, que detinham o conhecimento dos rituais antigos e mantinham em segredo um conhecimento oculto de magia e bruxaria, a palavra não possui nenhuma correlação linguística com “Wise” (sábio).

De acordo a sacerdotisa Sorita D’Este (2019), a Wicca foi chamada por muitos nomes, entre estes: Culto das Bruxas, Arte, Antiga Religião, Wica, Bruxaria e, por fim, Wicca, como atualmente é conhecida em todo o mundo. Contudo, existem pessoas que defendem que o uso do termo “Wicca” deve ser utilizado apenas por Tradições iniciáticas, não englobando os praticantes da Wicca solitária, cuja prática se tornou popular em fins do século XX, por meio dos livros de autores wiccanos, como Scott Cunningham, Starwahk e Silver Ravenwolf.

¹ PRIETO, Claudiney. **Wicca para Todos**. São Paulo: Alfabeto, 2009, p. 15.

Para D’Este (2019), embora alguns defendam que Gardner tenha sido o responsável pelo ‘reavivamento’ desse termo, outros casos contemporâneos confirmam o contrário. Alguns escritores utilizaram o termo antes de Gardner, como Christopher Tolkien, filho de J.R.R Tolkien, que se referiu a Gandalf e Saruman (magos e sábios do universo tolkiano) como Wiccans, no sétimo volume do livro *The Treason of Isengard*, (escrito em 1942, mas publicado somente em 1989, parte de uma coleção de doze volumes anteriormente trabalhados por seu pai). O outro caso, sobre o uso do termo antes de Gardner, refere-se à enciclopédia de Lewis Spence, intitulada *An Encyclopedia of Occultism* (1920), a qual afirma que o sistema de magia anglo-saxão era teutônico e os seus aspirantes à bruxaria eram chamados de Wicca.

Conforme Irving Hexham (2002), a Wicca permanece como a maior religião neopagã no mundo. O neopaganismo é um movimento composto pelos NMRs (novos movimentos religiosos), como a Wicca, religiões célticas e germânicas, entre outras. Tradicionalmente, o não-cristão era o pagão, mas esse termo atualmente serve para descrever os diversos grupos que praticam o reavivamento de religiões pré-cristãs e possuem seus rituais e feriados próprios, que incluem as celebrações dos solstícios e equinócios. Além de ser um movimento religioso que tem como característica a descentralização e a rejeição a textos religiosos considerados rigidamente normatizadores, no geral são considerados politeístas² e panteístas³. De acordo com pesquisa realizada no *Google Trends*, sobre os países com maior interesse na Wicca, os Estados Unidos se posiciona em primeiro lugar e o Brasil em terceiro. Segue o gráfico abaixo:

Gráfico 1: Ranking de países que mais pesquisas sobre a Wicca no Google.

² Crença em uma pluralidade de Deuses, oposto do Monoteísmo, que é a crença em um único Deus (EXHAM, 2002).

³ No panteísmo todas as coisas e seres são modos e atributos de um ser único. A Natureza e a divindade são idênticas.



Fonte: Google Trends. Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?q=%2Fm%2F08356>> Acesso em: 13 jun. 2020.

De acordo com a página oficial da *Religious Tolerance*⁴, em 1980 havia uma estimativa de 30.000 a 40.000 adeptos da Wicca nos Estados Unidos, com base nos dados coletados no *Pan Pagan Festival*, em 1979, pelo *Institute for the Study of American Religion*. Número este que cresceu para 50 mil adeptos em 1990, conforme um livro de orientação para capelães militares, o *Religious Requirements and Practices of Certain Selected Groups: A Handbook for Chaplains*, pelo fato de existirem soldados do exército americano que eram wiccanos. Entre 1999 e 2000, segundo o *The Covenant of the Goddess*, foi contabilizado um total de 768.400 wiccanos e pagãos nos Estados Unidos, sendo 71% do sexo feminino, 29% sexo masculino. A Wicca é considerada a quinta maior religião organizada dos Estados Unidos, conforme os estudos da *Religious Tolerance*.

Para o *Religious Tolerance*, a *Pew Research* foi a pesquisa que forneceu os dados mais concretos sobre o número de wiccanos e neopagãos existentes nos Estados Unidos entre 2008 e 2018, descobrindo que cerca de 1 a 1,5 milhões de pessoas se identificavam como wiccanos ou pagãos – o equivalente a 0,4% dos americanos. Contudo, há a suspeita de que esse número seja muito maior, pois como a pesquisa foi realizada por telefone, acredita-se que há uma porcentagem de pessoas que não responderam com precisão à pesquisa.

⁴ É um site religioso que contém informações sobre diversas religiões, as semelhanças e diferenças que estas possuem e as mudanças que ocorreram no decorrer do tempo, além de informações sobre dados demográficos e os seus papéis diante da tolerância e da intolerância religiosa no mundo.

No Brasil, a última pesquisa realizada pela *União Wicca do Brasil (UWB)*⁵, também em 2018, identificou um total de 300 mil bruxas e bruxos neopagãos no país. O estado com o maior índice de praticantes é o Rio de Janeiro, com 40 mil adeptos, seguido de São Paulo, com 20 mil. No entanto, não há como oficializar com exatidão a quantidade existente de wiccanos no país. O Censo de 2010 do IBGE totalizou 74.013 adeptos de “tradições esotéricas”. Desses, 11.036 pessoas se identificaram com “outras religiosidades”, além de 640 mil que se enquadraram em religiosidade “não determinada e múltiplo pertencimento”. A UWB considerou que os adeptos da Wicca estavam inseridos dentre esses três segmentos, conforme os gráficos abaixo:

Tabela 1: Quantitativo de adeptos a tradições esotéricas e outras religiosidades

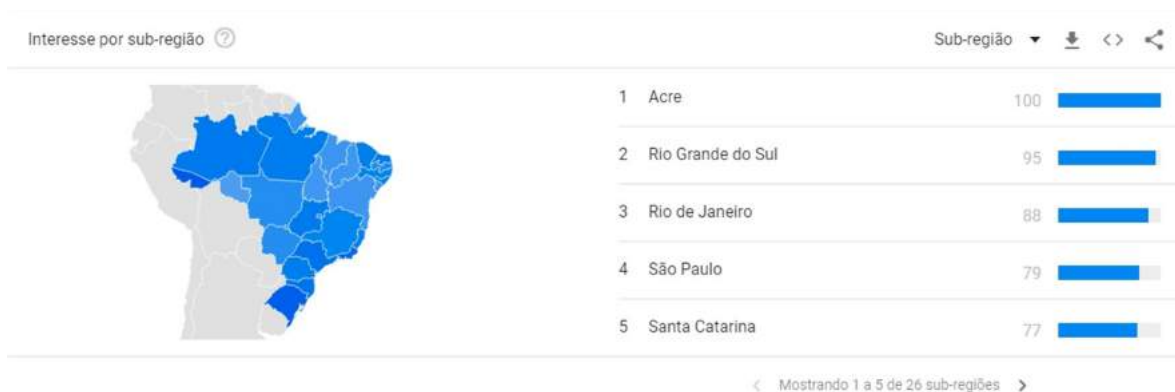
Tabela 137 - População residente, por religião							
Variável - População residente (Pessoas)							
Brasil							
Ano x Religião							
2000				2010			
Total	Tradições esotéricas	Outras religiosidades	Não determinada e múltiplo pertencimento	Total	Tradições esotéricas	Outras religiosidades	Não determinada e múltiplo pertencimento
169.872.856	58.445	989.303	...	190.755.799	74.013	11.306	643.598
Fonte: IBGE - Censo Demográfico							

Fonte: Censo demográfico IBGE 2000/2010. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado>> Acesso em: 13 jun. 2020.

Entre os estados brasileiros que realizaram mais pesquisas sobre a Wicca no Google, nos últimos doze meses, encontramos:

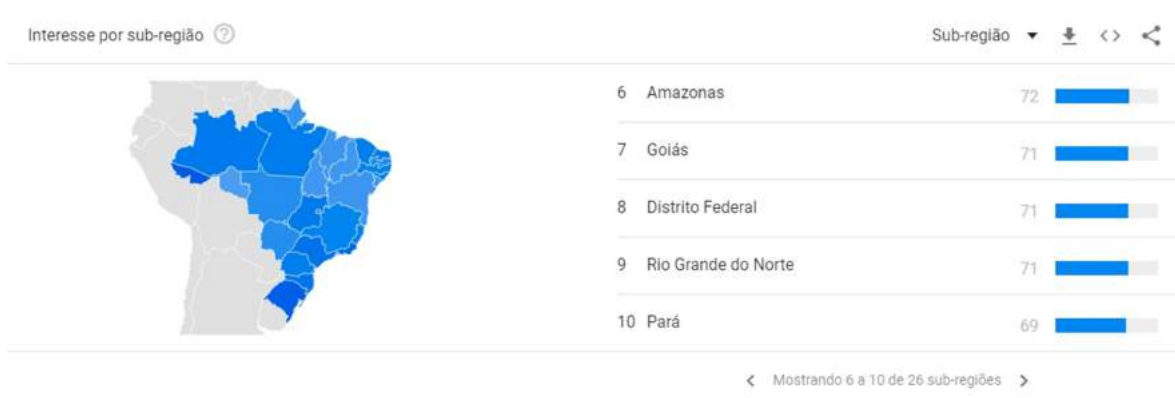
Gráfico 2: Ranking de estados brasileiros que mais pesquisas sobre a Wicca no Google.

⁵ A UWB é uma associação nacional sem fins lucrativos em defesa do Paganismo e da Wicca.



Fonte: Google Trends. Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?q=%2Fm%2F08356&geo=BR>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

Gráfico 3: Ranking de estados brasileiros que mais pesquisas sobre Wicca no Google.



Fonte: Google Trends. Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?q=%2Fm%2F08356&geo=BR>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

Como parte dos NMRs, Rocha (2015) define a Wicca como uma das religiões influenciadas pelo novo reencantamento de mundo, através de uma remagificação religiosa. No entanto, o autor considera que no caso brasileiro, embora o país sempre tenha “permanecido encantado”, houve uma intensificação no século passado, por isso afirma ter ocorrido um novo encantamento religioso. Contudo, a decorrência desse reencantamento paralelamente à crise da modernidade resultou na racionalização da magia, levando a uma sistematização da cosmologia, como a organização burocrática do culto mágico, além de uma pluralidade das tradições e práticas mágicas, ocorrendo a mercantilização do sagrado.

Diversas práticas, crenças e rituais formaram a estrutura do que hoje conhecemos como Wicca: desde a afirmação de diversos escritores sobre a sobrevivência do antigo paganismo europeu e sua resistência ao longo do medievo, fornecendo o pano de fundo da base que moldou a Wicca de Gardner, bem como as diversas influências ritualísticas e ocultistas – relacionadas à magia, alquimia, astrologia, principalmente por parte do magista Aleister Crowley. Desta forma, podemos considerar a Wicca como uma “tradição inventada”, segundo o conceito do historiador Eric Hobsbawn, discutido na obra *A Invenção das Tradições* (2006). O termo “tradição inventada” utilizado por Hobsbawn (2006), contudo, possui um amplo sentido, podendo se referir tanto a tradições que realmente foram inventadas e institucionalizadas, como também às tradições que (re)surgiram, tornando difícil e ambígua a localização exata de sua origem no tempo.

Por muitos anos foi difundido e defendido que a Wicca é uma religião antiga com origem nas práticas pagãs da Grã-Bretanha. Embora uma tradição inventada não precise possuir um passado histórico perdido no tempo, Hobsbawn (2006) afirma que muitas dessas tradições procuram estabelecer uma linha contínua com o passado, numa espécie de reação e simbiose com situações novas que assumem a referência de situações passadas, ou até mesmo podem estabelecer seu próprio passado por meio da repetição ou reinvenção. Apesar de essa versão das origens da Wicca ainda ser defendida por alguns praticantes, outros wiccanos e acadêmicos mantêm a versão de que a Wicca é uma nova religião⁶, uma sistematização feita por Gardner. Há, até mesmo, aqueles praticantes que defendem que a Wicca possui origens na ancestralidade britânica dos tempos antigos – mas não como algo ininterrupto no decorrer dos séculos, aceitando a tese de que Gardner (re)sistematizou a bruxaria moderna com base nesse antigo culto (entre outros elementos místicos, ritualísticos e religiosos), para só então formar o que viria a ser a prática de bruxaria difundida pelo mesmo.

Essa pesquisa tem o objetivo de analisar como a Wicca – uma religião que sacraliza e venera a natureza – utiliza os espaços públicos das cidades no Brasil na prática dos ritos religiosos, por meio, por exemplo, de encontros mensais, oficinas, celebrações e realização de rituais. Problematizando como ocorreu o processo histórico de formação dessa religião e a sua adaptação ao meio urbano brasileiro, a pesquisa buscou compreender a prática nos espaços públicos urbanos e as possíveis dificuldades na apropriação desses espaços pelos wiccanos.

⁶ BEZERRA (2012); DUARTE (2013); OLIVEIRA (2004); TERZETTI FILHO (2012).

Como metodologia, a pesquisa recorreu à revisão bibliográfica buscando mapear o estado da arte da produção sobre a Wicca no Brasil e investigando livros, artigos, dissertações e teses. A leitura e análise de alguns conceitos que fazem parte da historiografia, geografia e antropologia também se fez presente. O uso da História Oral, igualmente, teve grande importância para a realização da pesquisa, contribuindo com a produção de fontes sobre as problemáticas levantadas. A metodologia específica da história oral escolhida para trabalhar foi a realização de entrevistas temáticas, pois segundo José Carlos Sebe Bom Meihy (2002) em seu livro em *Manual de História Oral*, a história oral temática é referente a opinião do entrevistado sobre o tema ou evento a ser pesquisado. A metodologia para o uso da História Oral foi dividida em quatro partes: o critério de escolha dos entrevistados, optando por sacerdotes de bruxaria; realização das entrevistas; a transcrição; e, por fim, a análise dos dados obtidos. Além da História Oral, também utilizamos como metodologia complementar às entrevistas a aplicação de questionários abertos com os entrevistados, conforme o método de Lakatos (1985), pelo fato de não ter sido possível realizar o encontro presencial com alguns bruxo(a)s.

Quanto às fontes, foram analisadas: as entrevistas e questionários com bruxos que exerçam função sacerdotal, a literatura própria da Wicca, sites, jornais e imagens. Entre os entrevistados, iniciaremos com os da cidade de Natal: Klaus Eduardo Tomaz, sacerdote da Wicca eclética, fundador de um *coven*⁷ voltado ao culto a deuses gregos e organizador de diversos eventos neopagãos na cidade; Nilo Nobre, sacerdote da Tradição de bruxaria *Reclaiming*⁸ e de importante destaque no meio neopagão natalense, por também participar da organização de eventos e ser o idealizador do maior evento neopagão de Natal – o *Dançando para Florescer*, que reúne bruxos para a celebração da primavera no mês do setembro; Andréa Melo, sacerdotisa wiccana que já atuou como coordenadora dos eventos e grupos de estudos *Encontro Social Pagão-ESP* e do *Encontro Regional de Bruxos – ERB*; Marcelo Leal, sacerdote da bruxaria tradicional germânica *Wanen*, também organizador e palestrante nos eventos pagãos que ocorrem em Natal. E, por fim, uma wiccana que já foi alta sacerdotisa de um *coven* voltado aos mistérios helênicos e pediu sigilo quanto à sua identificação. Da cidade de São Paulo-SP, as contribuições são da sacerdotisa wiccana *Regina Celi*, do *coven Mistérios do Sagrado*, organizadora de diversos eventos e celebrações em sua casa, numa praça que há em seu condomínio e no parque

⁷ Grupo formado por bruxos que se unem para estudos e ritualizar juntos.

⁸ Tradição de bruxaria famosa por sua participação no ativismo mágico político.

do Ibirapuera; e do sacerdote wiccano gardneriano *Flávio Lopes*, também sacerdote de outras Tradições, entre estas: a *Tradição Diânica Nemorensis*, a *Minoan Brotherhood* e a *Fellowship of Isis*.

Quanto à leitura analítica da literatura wiccana, devemos citar as obras de Gerald Gardner, o fundador da Wicca, como as principais. Os livros *A Bruxaria hoje* (publicado em 1954) e *O Significado da Bruxaria* (publicado em 1959) são fundamentais para conhecer a vida de Gardner e a origem da religião, nos trazendo informações não apenas dos primeiros passos da Wicca, mas muito da maneira como Gardner pensava e quais foram as suas influências. Além disso, nos mostra o desejo que Gardner tinha de poder revelar uma Inglaterra sem mais leis contra bruxaria, demonstrando que tudo aquilo que vinha conhecendo, estudando e dedicando-se nos últimos anos não era algo demoníaco e nem possuía toda a carga negativa comumente associada ao imaginário da bruxaria.

Além dos livros de Gardner, outras importantes obras são: *Oito Sabás para Bruxas* (1999), lançado em 1983 e publicado no Brasil em 1999 pela Editora Anúbis, de autoria do casal britânico Janet e Stewart Farrar, iniciados na Tradição Alexandrina⁹ da Wicca. Este é um livro que busca tratar a Wicca como uma religião, abordando seus aspectos ritualísticos. Por mais que seja uma religião com diferentes grupos e tradições, nesta obra os autores trazem detalhes dos rituais que fazem parte de uma estrutura comum entre algumas tradições da Wicca e que devem ser realizados pelos *covens*, além de nos fornecer informações sobre a Roda do Ano e como os oito *sabás* devem ser feitos, bem como detalhes sobre os rituais de nascimento, casamento e morte.

A obra *Wicca Brasil: guia de rituais das deusas brasileiras* da famosa sacerdotisa brasileira Mavesper Cy Ceridwen, publicada em 2003, é uma fonte específica que trouxe bastante inovação entre os livros de Wicca escritos no Brasil, por associar a prática da Wicca com as divindades indígenas. A autora mantém o mesmo sistema da Wicca, de suas práticas, crenças, rituais, apenas os adaptando e substituindo o culto de deusas e deuses de outras culturas como a europeia, africana e asiática, por diversos mitos e lendas indígenas. Entre os diversos assuntos abordados neste livro, podemos destacar dois que tiveram relevância para a nossa análise: as

⁹ Tradição que possui suas origens na Tradição Gardneriana e foi fundada pelo sacerdote Alex Sanders.

informações que a autora traz sobre o que é ser um pagão e um wiccano hoje no Brasil e quem são essas divindades pagãs do Brasil, que tem como Deusa criadora Cy, considerada a origem de todos. Para a autora, Cy é a mãe natureza, o princípio gerador da vida; é a própria *Terra Brasilis*.

Wicca para Todos, de Claudiney Prieto, outro importante sacerdote wiccano no cenário neopagão do Brasil. A obra, publicada em 2009 e distribuída gratuitamente à Comunidade Pagã, não aborda somente o ritual na Wicca, mas também possui um conteúdo mais geral e introdutório à religião, trazendo informações como a História da Wicca, os princípios e crenças, as tradições, quem são os Deuses, os ritos de passagem, como se deve criar um altar e a celebração dos oito *sabás*.

A Dança cósmica das Feiticeiras: Guia de rituais a Grande Deusa, de Starhawk, publicado em 1979. Outra obra de grande influência dentro da Wicca, que após o seu lançamento chegou a ser considerado um dos livros wiccanos básicos. Diferentemente das obras de Gardner, que são voltadas para a Wicca Tradicional, o livro de Starhawk faz parte de um momento que a Wicca tomava novas formas, como a liberação da auto iniciação e as influências do feminismo, tão expressivas durante a década de 1970, resultando no que viria a ser a tão famosa expressão *Religião da Deusa*.

No primeiro capítulo, intitulado “Caminhos da Pesquisa” apresentei primeiramente o estudo realizado sobre o estado da arte da Wicca e do neopaganismo na academia. Nele, dialogamos sobre o início dos estudos acerca do neopaganismo, tanto em âmbito global como nacional, estabelecendo os campos que concentram pesquisas com maior predominância aqui no Brasil, bem como a ordem da publicação de teses e dissertações até o momento atual. Além da discussão sobre a relevância das obras apresentadas, também investigamos quais as informações contidas nestas possibilitam o diálogo com a temática espacial, nos levando a manter o equilíbrio entre estas três temáticas tão relevantes dentro desta pesquisa: História da bruxaria, do neopaganismo e suas relações com os espaços e a espacialidade. Também foram abordadas as metodologias utilizadas com os grupos de bruxaria entrevistados, conforme já mencionado.

O segundo capítulo, chamado “Bases históricas da Wicca”, discorre primeiramente sobre a noção defendida por alguns escritores e wiccanos quanto ao fato da Wicca ser uma reminiscência do antigo paganismo europeu, estabelecendo a discussão a partir das obras dos

considerados os precursores da Wicca, conforme o historiador Jeffrey Russel (2008): Jules Michelet, James Frazer, Charles Leland, Margareth Murray e Robert Graves. As obras desses autores são discutidas nos levando a compreender em que aspectos serviram de inspiração para Gardner e o impacto que causaram na história da bruxaria e na antropologia. O capítulo também aborda a história de Gerald Gardner e suas relações com o ocultismo, além de analisar o papel da Contracultura na “reemergência” da bruxaria; a definição de neopaganismo, Nova Era e qual a relação desses movimentos com a Wicca. Finalizando, buscamos entender quais são os princípios básicos da Wicca, como funciona a crença no divino e suas manifestações, seus dogmas, leis e elementos estruturais, bem como sobre como se dá a iniciação, o que são as Tradições e, por fim, a crença na vida após a morte.

No terceiro capítulo, intitulado “Natureza, espacialidade e Wicca no Brasil”, discutimos sobre a ideia da existência de uma visão utópica dos wiccanos sobre a harmonia entre o ser humano e a natureza que viria desde os tempos antigos. Para isso, apoiei-me principalmente nas reflexões do historiador Keith Thomas (1988) sobre o mundo natural e as mudanças de pensamento da sociedade inglesa perante a natureza, a qual passou por tantas transformações no decorrer dos séculos. Outros autores como Silva (2017), Diegues (1998) e Williams (2011) foram essenciais ao nos fazer compreender toda a influência cultural por trás dessa percepção. Da mesma forma, também se fez presente a busca pela compreensão da Terra como uma espacialidade wiccana e quais são as representações sagradas da natureza associadas à visão religiosa da Wicca quanto a Terra ser o corpo da divindade, entendendo também o seu calendário sagrado, que se dá por meio das celebrações sazonais, através da compreensão dos mistérios dos deuses e das mudanças das estações, as quais se refletem por meio das transformações que ocorrem corporeamente e no mitologema da Deusa e do Deus wiccano.

Alguns conceitos espaciais também são apresentados neste capítulo, articulando-os com a discussão em busca de compreender o espaço sagrado para os wiccanos, pois nesta religião o espaço é algo de extrema relevância, apresentando-se de diversos modos nas práticas das bruxas e bruxos. Além da natureza, há o círculo mágico, considerado um espaço de proteção para os wiccanos, e também um espaço “entre os mundos”. Para essa discussão sobre espacialidade, utilizamos conceitos como: *Hierofania* e *Cratofania*, de Mircea Eliade (2002), e suas dimensões e influências sobre o espaço sagrado, assim como a construção do espaço sagrado do autor. Ao

diferencia-lo do espaço profano e defini-los, relacionando ao tempo sagrado; o conceito de *espaço mítico* do geógrafo Yi-Fu Tuan (2003), subdividido em dois tipos: o primeiro como uma extensão dos espaços familiares e do cotidiano, de um espaço ou uma geografia mítica construída por nossa imaginação que fica do outro lado, enquanto o segundo surge a partir de uma percepção de mundo ou cosmologia, além de usar também a noção de que o homem se insere no centro de um sistema cósmico; o conceito de *Paisagem* de Simon Schama (1996) que se refere à construção e à idealização de uma natureza “selvagem” e “intocada”, inserindo-se em uma visão utópica e romantizada por parte dos wiccanianos sobre a natureza.

Trazendo a discussão mais especificamente para o Brasil, propus-me a apresentar também quem foram os precursores da Wicca no país e os primeiros indícios desta na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. Busquei compreender o que é ser um praticante da Wicca no Brasil, o que há de diferente, desde a maneira de cultuar os deuses da própria terra, quais as influências sagradas locais e como é praticar no hemisfério Sul uma religião que foi criada no hemisfério Norte. Por meio das entrevistas e questionários, procurei compreender, além dos aspectos já apontados, a percepção das bruxas e bruxos que aqui tiveram seus discursos analisados do que é ser um praticante de uma religião da natureza vivendo na cidade; quais foram os desafios, as resistências e dificuldades que surgiram para esses sacerdotes ao exercerem essa religião no meio urbano, utilizando os espaços de natureza nas cidades para pôr em prática o rito de suas crenças.

CAPÍTULO 1 – CAMINHOS DA PESQUISA

1.1 Estado da arte na academia

O neopaganismo e a Wicca são campos de estudo no Brasil relativamente recentes (possuem cerca de vinte anos de pesquisas científicas), e ainda são poucos os pesquisadores que se dedicam à essa temática. Esses estudos não estão concentrados somente no âmbito da disciplina historiográfica, mas em um campo interdisciplinar que se estende entre as áreas da Antropologia, das Ciências da Religião, da Psicologia e das Ciências Sociais, áreas essas que concentram o maior número de pesquisas. Mais recentemente também é possível encontrar trabalhos na área do Jornalismo, dos Estudos Literários e do Cinema. Quanto aos livros científicos publicados em língua portuguesa a lista não é tão extensa. Atualmente existem três livros publicados no Brasil sobre a Wicca: *História da Bruxaria* (2008), do historiador Jeffrey B. Russel e do jornalista Brooks Alexander - única obra acadêmica estrangeira traduzida para o português, que recentemente passou por uma nova edição com algumas alterações, relançado em abril de 2019 pela Editora Aleph; *Bruxaria e história: as práticas mágicas no Ocidente cristão* (1991), do historiador Carlos Roberto Figueiredo Nogueira, e o livro da historiadora Karina Oliveira Bezerra, intitulado *Wicca no Brasil: Magia, adesão e permanência* (2017).

Ao que se refere a autores estrangeiros é bastante comum encontrarmos referências, nas pesquisas brasileiras, dos estudos de Ronald Hutton, Sarah M. Pike, Graham Harvey e Sabina Maggioco, como autores essenciais sobre neopaganismo e Wicca. É nos Estados Unidos e na Inglaterra onde se concentra o maior número de trabalhos produzidos, já que nesses países o neopaganismo possui uma maior visibilidade social. Oliveira (2009) atenta que, mesmo nesses lugares, os estudos acadêmicos ainda são bastante recentes e o campo do neopaganismo é denominado como *Pagan Studies*. Devido à escassez de pesquisas referentes à Wicca na área da História, tanto no campo nacional como global, se torna necessário o uso da interdisciplinaridade, através do diálogo com outras áreas para que se desenvolvam discussões que serão necessárias para a construção dessa pesquisa.

Bezerra (2019) afirma que desde a década de 1960, livros sobre o paganismo foram publicados por praticantes e jornalistas sensacionalistas, popularizando-se na Inglaterra e nos

Estados Unidos e entre estes livros os mais famosos foram os de *Gerald Gardner* sobre a Wicca: *Witchcraft Today* em 1954, *The Meaning of Witchcraft* em 1959 e o livro *Where Witchcraft Lives* em 1962, da sacerdotisa wiccana *Doreen Valiente*. Entre os livros publicados por jornalistas, o mais famoso foi *The Truth about Witchcraft* em 1969, pelo americano Hans Holzer. Após as publicações nesses suportes, o paganismo passou a ser incluído nas enciclopédias em 1970 e, até 1990, era comum ser estudado como parte do movimento da Nova Era.

Este trabalho segue esta linha de tradição de estudos sobre neopaganismo e, dentro dos assuntos abordados nesse campo de debates, está mais direcionado às discussões que são feitas relacionando a ecologia, o espaço e a sacralização da natureza com pesquisas que vão ser discutidas no decorrer desta pesquisa, através dos trabalhos de Sarah M. Pike (2004), Rosalira Oliveira (2004), Dartgnan Abdias Silva (2017), Janluis Duarte (2013) e Emmanuel Rocha (2015), embora essas pesquisas não tragam especificamente uma discussão sobre a relação da Wicca com o espaço. Em contrapartida, a tese de Marina Silveira Lopes (2008) tem como cerne a discussão espacial em torno do cotidiano dos *druídas contemporâneos* na cidade de São Paulo. Como o Druidismo e a Wicca possuem alguns pontos em comum, a autora traz uma importante discussão sobre os espaços geográficos e religiosos, a qual este trabalho pretende dialogar, mas com o enfoque específico na Wicca.

Através de um levantamento bibliográfico sobre as pesquisas acadêmicas no Brasil, é possível encontrar sete teses de doutorado sobre a Wicca, sendo apenas uma da área da História. No ano de 2001, temos a primeira pesquisa acadêmica publicada no Brasil, de autoria da antropóloga Elisete Schwade, intitulada *Deusas urbanas: experiências, encontros e espaços neoesotéricos no Nordeste*, pelo Programa de Pós-Graduação de antropologia social da Universidade de São Paulo (USP). Nas Ciências Sociais, há a tese de Rosalira de Oliveira (2004) *Tecendo vínculos com a Terra – Paganismo Contemporâneo: percepções, valores e visão de mundo*, através do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Na História, encontramos o trabalho do primeiro historiador a publicar uma pesquisa sobre a Wicca no Brasil Janluis Duarte (2013), *Reinventando Tradições: representações e identidades da bruxaria neopagã no Brasil*, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB). Já no campo das Ciências da Religião

temos a pesquisa de Ana Carolina Chizzolini Alves (2011), *Wicca e corporeidade: a bruxaria moderna e o imaginário do corpo*, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e o trabalho de Celso Luiz Terzetti Filho (2016) intitulado *A deusa não conhece fronteiras e fala todas as línguas: um estudo sobre a religião Wicca nos Estados Unidos e no Brasil*, também pelo Programa de Estudos de Pós-Graduados em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Ademais, também acessamos a tese de Karina Oliveira Bezerra (2019) intitulada *Paganismo Contemporâneo no Brasil: A magia da realidade*, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco.

No que se refere às dissertações de mestrado sobre a Wicca, o número de pesquisas é bem maior, totalizando dezessete trabalhos, com dois na área da História e o maior número concentrado na Ciências da Religião. As duas primeiras dissertações do país foram do ano de 2001: *A bruxaria Wicca no Brasil: história, símbolos, rituais. Visão de mundo e resgate do feminino*, de Izildinha Konichi (2001), defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e *Mulheres e Deusas: um estudo antropológico sobre bruxaria wicca e identidade feminina*, com autoria da antropóloga Andréa Osório (2001), pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A respeito dos periódicos e revistas científicas eletrônicas com artigos e resenhas, há um número bem maior de publicações sobre o neopaganismo e a Wicca.

A obra acadêmica considerada a mais emblemática sobre a história da Wicca é o livro *The Triumph of the Moon* (1999) do historiador e professor inglês Ronald Hutton, que dedica-se a historicizar o surgimento e o desenvolvimento dessa religião. No prefácio da obra, o autor afirma que a Wicca foi “a única religião que a Inglaterra já deu ao mundo” (HUTTON, 1999, p. VII. tradução nossa). Esse livro é dividido em duas partes chamadas de *Macrocosmo* e *Microcosmo*, no qual o mesmo discorre sobre as bases históricas, culturais, filosóficas e ritualísticas que embasaram a criação da Wicca. Dialogamos com algumas dessas discussões no decorrer desta pesquisa: questões como a Wicca ser ou não uma religião; as origens do termo pagão e o que define o paganismo no Ocidente. Hutton (1999) explicita que seu livro é uma história da bruxaria

moderna pagã na Grã-Bretanha fazendo algumas referências às Ilhas britânicas, à Europa Continental e à América do Norte, pois foi a primeira tentativa sistemática de um historiador buscar explicar a história da bruxaria moderna neopagã.

Nos Estados Unidos, uma das pesquisadoras que se destaca com seus estudos sobre o neopaganismo e a Wicca é Sarah M. Pike, professora de religião comparada na Califórnia State University (EUA) e também autora do famoso livro *New Age and Neopagan Religions in America*, uma obra que discute o neopaganismo americano e seu contexto histórico. Nele, a Wicca é defendida como uma religião neopagã e não “novaerista” como muitos outros pesquisadores afirmam. A perspectiva aqui presente neste trabalho se alinha a essa afirmação da autora, pois os próprios wiccanos no geral, inclusive no Brasil, não definem a sua religião como uma expressão da Nova Era. Até podem possuir algumas práticas que estão relacionadas ao cenário novaerista, mas exercer tais práticas individuais não define para estes a Wicca como uma manifestação da Nova Era. Essa afirmação é discordada por alguns pesquisadores brasileiros de Nova Era, neopaganismo e Wicca, (SILVA, 2017; TERZETTI FILHO, 2016; GUERRIERO, 2003; ALVES, 2011). No entanto, para outros autores (DUARTE, 2013; BEZERRA, 2012) a Wicca é neopagã, mas possui influências novaeristas nas práticas de algumas bruxas e bruxos. Contudo, alguns outros pesquisadores brasileiros (OLIVEIRA, 2004; OSÓRIO, 2001; ROCHA, 2015) concordam com a perspectiva de Pike (2004) quanto a Wicca ser uma religião neopagã.

Para a autora, os seguidores da Deusa possuem objetivos de inclusão e igualitarismo e, através dos seus anseios por um futuro melhor, moldaram o surgimento de diversas religiões que floresceram entre as décadas de 1960 e 1970, influenciadas por movimentos como o ambientalismo, a contracultura e o feminismo. Entre as expressões religiosas do neopaganismo, a Wicca é a mais popular: “Seus praticantes estão revivendo as antigas práticas e crenças pagãs da Europa pré-cristã e as adaptando a vida contemporânea” (PIKE, 2004. p. 18. tradução nossa).

Ao estudar o neopaganismo e a Wicca, é importante estar ciente da possibilidade de existir diferenças locais e geográficas que vão interferir no modo de pensar de bruxos e neopagãos. Já comentamos que alguns pesquisadores brasileiros compreendem a Wicca no Brasil por uma perspectiva religiosa diferente de sua atuação em outros países, definindo-a como uma

expressão da Nova Era. Pike (2004) atenta ao fato do neopaganismo europeu se distanciar em alguns aspectos do neopaganismo americano, britânico e australiano, pois é comum organizações pagãs contemporâneas da Europa reivindicarem uma linhagem antiga ou estarem ligadas ao nacionalismo e orgulho étnico, enquanto entre os neopagãos americanos, britânicos e australianos estão mais voltados a uma linha de pensamento mais igualitária e individualista. Nos casos americanos, o neopaganismo parece estar mais relacionado à movimentos de mudança social.

Em *História da Bruxaria* de Jeffrey B. Russel e Brooks Alexander (2008), os autores fazem uma discussão na primeira parte do livro sobre as raízes da bruxaria europeia e as diferenças que existem na prática da bruxaria pelo mundo. O que mais nos interessa é a segunda parte da obra que aborda, historicamente, a formação da Wicca e do neopaganismo. Russel (2008) discute a bruxaria como paganismo, buscando as suas raízes e os seus precursores; a vida e obra de Gerald Gardner e a sua propagação na América do Norte por meio de Raymond Buckland, analisando como a Wicca floresceu em uma época de contracultura e se cruzou entre os movimentos feministas e ecológicos, fazendo surgir novas tradições no mundo atual.

Autora de uma das primeiras teses sobre a Wicca no Brasil, *Tecendo Vínculos com a terra - Paganismo contemporâneo: percepções, valores e visão de mundo*, a antropóloga Rosalira dos Santos Oliveira (2004) mostra que o neopaganismo possui uma relação muito importante com a ecologia. Oliveira defende que a cosmovisão pagã valoriza o mundo físico como uma dimensão de uma realidade invisível, pelo fator do princípio criador divino estar presente em tudo. Ademais a autora atribui uma dimensão espiritual à Ecologia, já que os neopagãos concebem uma visão da Terra e da natureza como sagrada e animada, por ela ser o corpo dos deuses. Para os bruxos modernos, a divindade é imanente e habita todas as coisas vivas. Partindo dessa perspectiva, ela entende que para os wiccanos tudo que existe se baseia na existência dos deuses, que são o princípio vital, nas palavras da própria autora:

Penso o próprio movimento neopagão como uma aposta coletiva, uma espécie de arqueologia espiritual que, orientada pelas tensões do presente, busca no passado a inspiração para construir um outro olhar, uma outra visão de mundo que nos ajude a criar um futuro mais saudável. Até porque, “o desencantamento do mundo é, na verdade, o desencantamento do nosso olhar”, uma vez que a natureza permanece, como sempre, prenhe de maravilhas e de mistérios. É o nosso olhar que precisa, novamente, acostumar-se ao lusco-fusco da ausência de

certezas e distinções absolutas, para poder captar o Mistério (OLIVEIRA, 2004, p. 24-25).

Para Oliveira (2004) os neopagãos estão buscando um novo modo de relação com o planeta e com a natureza, por essa ser o próprio divino. Entre as diversas discussões que a autora traz em sua tese, algumas em específico tornaram-se mais essenciais para serem debatidas neste trabalho. Entre essas, o primeiro capítulo onde a autora debate as definições sobre neopaganismo e as suas relações com o animismo, o politeísmo e a concepção de imanência da divindade e da sacralidade da natureza, elementos bastantes presentes na Wicca. Também é discutida a relação da Wicca com a Nova Era, o feminismo e a ecologia. No segundo capítulo, as diferenças e semelhanças que existem entre o paganismo antigo e o neopaganismo é uma discussão que também nos interessa. Relacionando muitos aspectos que fazem parte da recriação do Druidismo e da criação da Wicca, entrelaçando-se mito e história, presentes no que a mesma chama de um “renascimento pagão”. Desse modo, a autora busca discutir o termo “pagão” e os diversos significados que lhe foram atribuídos ao longo do tempo. No entanto, nos deteremos nestas discussões na segunda parte da pesquisa, no subcapítulo intitulado “Contracultura, Neopaganismo e Nova Era”.

Marina Silveira Lopes em sua dissertação *Sob a sombra do carvalho: a espacialização do imaginário neodruídico na metrópole paulistana* (2008) pesquisa o cenário neodruídico na cidade de São Paulo (SP), na tentativa de entender como é o cotidiano dos druidas contemporâneos e como eles espacializam a cidade para a prática de sua religiosidade que tem origem nos Celtas da Antiguidade. A autora parte da hipótese que esses neodruidas chegaram a essa religião através de uma grande produção literária e cinematográfica sobre o *ciclo arthuriano*¹⁰ que ocorreu no Brasil com bastante intensidade na década de 1980. Através dos trabalhos de campo e das entrevistas, Lopes (2008) compreende que a procura desses indivíduos nessa religiosidade não se deu por centrarem suas práticas por meio das produções midiáticas, mas sim por essas pessoas contemplarem e se “religarem” espiritualmente com a natureza, sacralizando a paisagem geográfica urbana para suas necessidades. A autora traz uma abordagem sobre espaço geográfico

¹⁰ Conjunto de obras literárias medievais referentes às histórias do Rei Arthur e dos cavaleiros da Távola Redonda. Inspirou diversas obras literárias contemporâneas, entre estas uma das mais famosas é a coletânea “As Brumas de Avalon” da escritora americana Marion Zimmer Bradley, publicada em 1982.

e espaços religiosos, sacralidade da paisagem urbana e a relação do espaço sagrado com as necessidades do praticante que vive no meio urbano.

Lopes (2008) insere o druidismo moderno como uma religião da Nova Era, devido à conexão estabelecida entre o passado celta e diversas manifestações do seu imaginário presentes na contemporaneidade. Neste caso - os druidas paulistas analisados em sua pesquisa - observamos como esses criam um imaginário que se enquadra na espacialidade e na paisagem geográfica da cidade de São Paulo. Em relação à paisagem do Brasil, os druidas brasileiros estabelecem uma relação entre as árvores sagradas celtas com as árvores das florestas tropicais, adaptando desta forma as suas práticas e simbolismos com as condições climáticas do hemisfério sul, pois é considerado vital ritualizar o espírito local. E essa espacialização sagrada para os druidas ocorre em clareiras que possibilitam a sua conexão ancestral e aos espíritos locais. Um exemplo dado pela autora é a primeira *gorsedd*¹¹ brasileira chamada *Caer*¹² *Piratininga* afiliada a *Druid Network*¹³, um grupo dedicado à difusão do druidismo no Brasil e que substituiu elementos do clima europeu pelo clima tropical brasileiro. Esse grupo nasceu no que eles chamam de *Nemeton*¹⁴ *Tabebuya*, essa nomenclatura que veio da inspiração das clareiras sagradas celtas e da *tabebuya* - o ipê amarelo em tupi, considerada uma árvore sagrada brasileira. O nome significa bosque sagrado dos ipês amarelos. Considerado assim para os adeptos um modo de unir espiritualmente as terras celtas com as terras brasileiras.

Além desses aspectos, Lopes (2008) atenta também para o fato de que a consagração de um espírito local e a sacralização da paisagem local são adaptações que ocorrem entre o druidismo aprendido e o druidismo local, pois segundo os depoentes da autora, um ponto fundamental do druidismo é reconhecer as características de um local, compreendê-las e respeitá-las, inserindo-as em suas práticas, conforme as orientações do druidismo da Grã-Bretanha. O que

¹¹ *Gorsedd* é uma assembleia/reunião que ocorre entre os druidas. É uma palavra de origem galesa e significa “trono”.

¹² Palavra galesa para fazer referência a uma estrutura circular.

¹³ É uma organização druídica britânica que fornece informações para as tradições e práticas de druidismo moderno. Foi fundada em fevereiro de 2003 por Emma Restall Orr e também é uma instituição de caridade religiosa no Reino Unido.

¹⁴ Espaço sagrado utilizado pelos druidas. Na antiga religião céltica esses espaços eram localizados em meio aos bosques e embora ainda se mantenha assim, a dinâmica druídica passou por transformações e um *Nemeton* pode ser criado tanto por grupos, individualmente, nas próprias casas dos druidas, em lugares abertos ou até mesmo no plano mental.

ocorre é uma adequação dessas práticas nórdicas às variações regionais, locais e ao clima brasileiro, um processo de mestiçagem e hibridação necessário à sintonia espiritual com o novo espaço. O druidismo é considerado uma religião animista, reconhecendo a presença de espíritos em diversos espaços e seres. Embora seus praticantes possuam afeição pela cultura celta, também devem valorizar a cultura local e ressignificar as mitologias e a sacralização dos espaços onde efetivamente habitam.

Outro aspecto espacial refere-se ao fato da paisagem geográfica ser mutável e principalmente a paisagem urbana ser alvo de diversas transformações que ocorrem pela ação humana ou da natureza. Para os que não são pagãos, determinadas áreas da paisagem não possuem qualquer significado, para os druidas e bruxos modernos essas áreas têm significados místicos e são sagradas. Afinal, todos os espaços são considerados sagrados, desde o espaço local praticado por indivíduos ou pequenos grupos, até a ampla natureza e o espaço geográfico como um todo. Desta forma tanto a casa, os locais de natureza e o espaço urbano são considerados sagrados e devem ser tratados como tal. São várias modalidades espaciais que devem ser respeitadas, conhecidas, cultuadas e cuidadas. Sendo assim, o que seria considerado um espaço profano passa por uma transmutação em sagrado, ocorrendo assim processos de hierofania¹⁵ nos mais diversos espaços, entre os quais, a própria casa dos druidas, uma praça pública, o ambiente de trabalho ou qualquer outro espaço/local/ambiente designado como sagrado.

O cientista da religião Dartagnan Abdias Silva em sua dissertação *Há Bruxas na cidade: A Wicca a partir da representação da UWB* (2017), aponta a Wicca como uma religião que é “orientada pela natureza” com os seus ritos religiosos e suas práticas concebidas como mágicas: seus sabás e esbás. Suas ações são regidas pelas estações e pela astronomia, além de seus mitos, deuses e crenças darem sentido ao mundo espacial, espiritual e à vida. Associados à natureza e às representações que são formadas em torno dela, a Wicca constrói uma cosmovisão onde o espaço natural é essencial. O autor define que a Wicca é uma religião que consegue se adequar perfeitamente ao mundo atual e que de modo geral encontra-se situada principalmente nas cidades e nos centros urbanos, embora os wiccanos possuam uma idealização de uma vida campestre, realidade que apenas poucos conseguem usufruir. O autor ainda define que por mais

¹⁵ É o ato da manifestação do sagrado. Discussão sobre hierofania no terceiro capítulo deste trabalho.

que exista toda uma pauta ecológica presente na Wicca, o discurso presente nessa religião é oriundo de agentes urbanos.

De acordo com os wiccanos com os quais o autor teve contato durante a pesquisa, chegou-se à conclusão de que o uso dos espaços públicos e privados pelos bruxos, as reuniões que geralmente são feitas em parques públicos da cidade e são mais abertas ao público no geral, podendo participar qualquer um que deseje. Já as práticas ritualísticas possuem mais privacidade e são realizadas nas casas dos sacerdotes, na área interna ou nos jardins. Destacando assim que na Wicca essa prática privada é bastante acentuada fazendo com que os próprios lares dos wiccanos sejam geradores da prática religiosa. E embora este seja o modelo mais presente entre as bruxas e bruxos que o pesquisador contatou, o mesmo afirma que também existiam rituais realizados publicamente, embora não tão comuns. Sendo assim, podemos perceber que o uso dos espaços públicos pela Wicca está muito mais voltado à exposição da prática religiosa, como um lugar coletivo, enquanto a casa possui características privadas e é um espaço íntimo.

A dissertação *Mulheres e Deusas: um estudo antropológico sobre bruxaria wicca e identidade feminina*, da antropóloga Andréa Osório (2001), se propõe a discutir as origens e a formação da Wicca por Gerald Gardner, na Inglaterra da década de 1950, como também quais são as práticas mágicas e ritualísticas da Wicca, o funcionamento das suas leis, tradições, comemorações dos ciclos sazonais e a importância dos instrumentos mágicos, entre outros elementos. Além desses pontos salientados, a mesma também faz um estudo sobre o sistema mágico-religioso da Wicca quanto às relações que há entre as divindades, o feminino e a magia com a natureza. A autora justifica que essas associações permitiram que ela elaborasse uma conjugação de autores que discutem a natureza e a magia como polos opostos à ciência e à civilização (ÓSÓRIO, 2001). Outro aspecto de interesse desse estudo é a discussão sobre a Wicca no Brasil e o que a diferencia de outros países, que diz respeito à celebração invertida da Roda do Ano, não festejando de acordo com os rituais de solstícios do hemisfério Norte e sim do hemisfério Sul.

Osório (2001) afirma que a bruxaria e a magia são temas frequentes de estudo na Antropologia e, em sua pesquisa, buscou analisar o porquê da mulher ter um lugar privilegiado na

bruxaria. Através da análise do discurso religioso da Wicca, Osório percebeu que o elemento feminino era mais valorizado que o masculino. A associação que as divindades possuem com a natureza e com a faceta feminina da mesma, já que a Deusa e o Deus estão relacionados ao ciclo de fertilidade e são a própria natureza. Deste modo, a natureza seria a própria expressão do divino.

A Deusa, que gera vida e dá frutos, pode ser representada pela natureza, que nutre e sustenta o homem. O Deus é tão natureza quanto Ela. Ele pode ser representado como o Homem Verde, Senhor da Vegetação. Em sua faceta de Deus Cornudo, Ele é senhor dos bosques, da fertilidade e da sexualidade. A sexualidade aqui se torna quase um sinônimo de fertilidade e vida. Mas Ele pode ser tomado também como senhor de tudo o que é livre, indomado e selvagem. Neste aspecto, ele se contrapõe explicitamente à ideia de cultura. Notemos, então, que embora o Deus e a Deusa sejam a natureza mais do que estejam a ela ligados, o Deus assume uma faceta que incorpora o elemento selvagem e fora de controle que há nela. A Deusa assume esta face de descontrole de uma outra maneira: é a Mãe Natureza que dá abundância no verão e toma tudo de volta no inverno, deixando o homem sem recursos à sua sobrevivência (OSÓRIO, 2001, p. 19).

Em sua análise sobre as complexas discussões sobre a suposta oposição entre cultura e natureza, Osório (2001) afirma que é possível pensar a Deusa mais próxima da cultura do que da natureza, por esta representar uma sabedoria antiga em sua face ou avatar de anciã. O Deus seria também identificado como natureza e representa o instinto, considerando assim que há essa oposição sutil entre natureza/cultura e feminino/masculino, alinhando a natureza ao aspecto masculino e a cultura ao aspecto feminino. Entretanto, a autora atenta para o fato de que o feminino também não deixa de ser natureza, relacionando-o ao ecossistema e à fertilidade. Sendo assim, a autora define que o feminino na Wicca pode ser definido tanto como cultura e como natureza, tornando-se preponderante o feminino dentro do pensamento filosófico/cosmogônico da Wicca. Ocorre que a natureza possui uma valorização maior na Wicca, tornando-se assim a preponderância do feminino sobre o masculino, pelo fator da reprodução ser um aspecto mais destacado nessa religião.

Quanto à discussão de espaços, embora isto não seja a ênfase da pesquisa de Osório, a autora questiona a existência do que a mesma chama por “Wicca Tupiniquim”. Em outras palavras, se há uma forma genuína de se praticar a Wicca no Brasil. A autora afirma que no

âmbito da magia, o sincretismo africano pode ser visto como uma prática genuinamente brasileira, pois o Candomblé e a Umbanda podem ser considerados práticas de bruxaria no Brasil, visto que uma mãe de santo é tão sacerdotisa quanto uma bruxa da Wicca. As concepções de bruxaria e feitiçaria que comumente fazem parte das concepções mágicas brasileiras estão relacionadas ao dom, à mediunidade e ao contato com espíritos; em relação à Wicca, algumas adaptações possibilitariam pensá-la por um viés “à brasileira”, que seria a bruxa possuir dons ou poderes relacionados à mediunidade. Outro aspecto se dá pela realização das celebrações sazonais pelo Hemisfério Sul. Embora nem todos os wiccanos adotem tal adaptação, preferindo alguns manterem a celebração do calendário original que se dá pelo Hemisfério Norte, costumando gerar muita polêmica entre os wiccanos, possibilitando também, além dessa adaptação, a prática de um calendário misto, celebrando os solstícios e equinócios pelo Sul e os sabás maiores pelo Norte.

Outra adaptação mencionada por Osório (2001) refere-se ao panteão de deuses wiccanos. Por ser possível nesta religião cultuar deuses de panteões diferentes, não há nenhum impedimento de que um praticante da Wicca possa cultuar deuses dos panteões africanos e indígenas, além de também ser possível inserir elementos presentes no folclore e na cultura popular em seus rituais. Assim como outros pesquisadores brasileiros, a autora também define a Wicca como uma religião novaerista, caracterizando-a não pelos elementos capitalistas presentes na Nova Era, ou como uma religião que busca “ganhar dinheiro”, mas sim que a Wicca se enquadra mais na vertente contracultural e contestatória da Nova Era, devido à forma como define a sua relação com a natureza. Desse modo, questões como o ambientalismo, o feminismo, a busca por liberdade e autonomia (em seus aspectos espirituais, ideológicos e sociais), entre outros, estão presentes tanto na Wicca como na Nova Era, valorizando a natureza e os aspectos femininos entre as suas práticas mágicas.

O historiador Janluis Duarte (2013), em *Reinventando Tradições: representações e identidades da bruxaria neopagã no Brasil*, traz um enfoque sobre como a Wicca começou a ser divulgada e a desenvolver-se no Brasil. O estudo das religiões neopagãs no Brasil é um campo que ainda carece de produções, havendo pouquíssimas pesquisas que buscam resgatar o processo histórico dessas religiões no país. Duarte foi o mais longe possível para poder reconstruir a

caminhada da Wicca em solo brasileiro. O autor informa que não há como estabelecer com segurança quando a Wicca começou a ser praticada exatamente. Por ser uma religião nascida na década de 1950, é possível que alguém tenha entrado em contato na Inglaterra ou nos Estados Unidos, possa ter permanecido no anonimato (DUARTE, 2013). Quanto à sua divulgação, o autor estabelece o fim da década de 1980 e o início de 1990, quando um grupo de pessoas (Roberto Carvalho¹⁶, Wagner Périco¹⁷, Denise de Santi¹⁸ e Michaella Engel¹⁹), foram os primeiros a se reunir na cidade de São Paulo para discutir e trocar informações sobre a Wicca na loja Além da Lenda²⁰, de propriedade da escritora Heloisa Galves. Duarte dedica todo um capítulo de sua tese sobre a Wicca no Brasil, informando preciosos detalhes sobre o processo histórico da divulgação e enraizamento dessa religião no país. O autor ainda informa e analisa os fatores culturais preexistentes no imaginário dos wiccanianos brasileiros, que conferem uma especificidade à Wicca no Brasil e que serão discutidos neste trabalho no terceiro capítulo.

Já a dissertação *A Wicca no Brasil: adesão e permanência dos adeptos na região metropolitana do Recife* de Karina Oliveira Bezerra (2012) segue um método de pesquisa ancorado nas metodologias da *História Oral*. Com questionários e entrevistas, a autora interpreta os dados coletados para compreender os grupos wiccanos na cidade do Recife. Sua contribuição para a presente pesquisa é de caráter metodológico e também pelo levantamento de informações que ela nos traz sobre o processo histórico da Wicca no Brasil (discutido no terceiro capítulo deste trabalho), complementando a pesquisa de Duarte (2013). Além de ser a primeira dissertação que trata sobre a origem e praticantes da Wicca em uma cidade do Nordeste no Brasil. Na época da pesquisa, a autora afirmou que mapeou a existência de duzentos a trezentos wiccanos no Recife, partindo da análise feita nas redes sociais. Há toda uma dedicação da autora em buscar informações sobre os mais diversos movimentos, encontros, eventos, organizações, *covens* e grupos de estudos existentes em Recife.

¹⁶ Bruxo brasileiro que iniciou em 1997 um movimento para reconhecimento da bruxaria no Brasil como religião. Foi também o fundador da Igreja de Bruxaria do Terceiro Milênio, um projeto que nunca se concretizou.

¹⁷ Bruxo da tradição de bruxaria germânica Wanden, responsável por trazê-la da Alemanha para o Brasil.

¹⁸ Uma das primeiras sacerdotisas wiccanas do Brasil, fundadora e Alta sacerdotisa da Tradição de Lilith.

¹⁹ Taróloga e terapeuta alternativa, que foi responsável por divulgar inicialmente um texto sobre a Wicca no Brasil, na década de 1990.

²⁰ Loja de artigos místicos e esotéricos, fundada na década de 1990. Tornou-se muito famosa pela venda de duendes, gnomos, bruxinhas e fadas.

As primeiras informações que aparecem em uma pesquisa acadêmica sobre a Wicca em Natal estão na primeira tese de doutorado do país a falar sobre a Wicca. *Deusas urbanas: experiências, encontros e espaços neo-esotéricos no nordeste*, da antropóloga Elisete Schwade (2001), professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Embora Schwade busque seu enfoque no movimento neo-esotérico em torno do feminino e seus significados, ela escolhe cidades no Nordeste brasileiro para realizar a pesquisa. Congressos, eventos, espaços holísticos em Campina Grande/PB, Recife/PE e Natal/RN e pequenos grupos em Natal/RN são o campo de estudo da autora.

Essa pesquisa, atrelada às entrevistas que foram realizadas com sacerdotes de Natal, contribuiu para que pudéssemos construir o processo histórico dessa religião na cidade do Natal, desde seus primeiros indícios em fins da década de 1990. É necessário salientar, mais uma vez, que por tratar-se de uma religião estigmatizada é muito plausível que alguns praticantes possam terem se mantido no anonimato. Não sendo possível, portanto, afirmar o momento exato em que a Wicca começou a ser praticada em Natal, o mesmo equivalendo em âmbito nacional. Ademais, Schwade (2001) em sua pesquisa, contatou mulheres que ritualizavam e possuíam um culto voltado ao feminino, assumindo-se como bruxas e da religião Wicca entre 1998 e 1999. A autora chegou a acompanhar alguns rituais feitos por essas bruxas que possuíam práticas em reverência à lua, à Mãe Terra, valorização do feminino, rituais de cura e culto à natureza. A identidade dessas mulheres foi mantida em sigilo na pesquisa e ao conversar com a antropóloga, a mesma informou-me que essas mulheres não mais pertenciam a Wicca e seguiram outros caminhos espirituais, além de algumas não mais residirem em Natal.

Um aspecto muito importante dessa pesquisa refere-se também a sua contribuição para entendermos as diversidades existentes entre o(a)s primeiro(a)s wiccanos de Natal. Por exemplo, o grupo de mulheres investigado por Schwade estava mais voltado à uma prática no lar, de caráter privado, muito comum em fins da década de 1990. As informações obtidas pelos depoentes e colaboradores que entrevistei fazem menção ao começo dos anos 2000 como ano inicial de seus primeiros contatos com essa religião. Um aspecto diferencial desses wiccanos dos anos 2000 é a existência de uma característica menos privada - não voltada especificamente ao lar - e mais aberta à todos os interessados por bruxaria com a formação de grupos de estudos sobre

bruxaria moderna na cidade. Embora não informado o ano específico da chegada da *Abrawicca* – Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca em Natal, sabe-se da existência dessa associação de bruxos e que os seus encontros ocorriam na residência de uma bruxa (identidade não revelada). Diversas palestras e rituais também teriam ocorrido nesse espaço privado. Alguns encontros da *Abrawicca* também passaram a ocorrer no mesmo prédio da loja de artigos esotéricos *Índia Brasil*, localizada no centro da cidade, de propriedade de Marília Medeiros. Nesta loja também ocorreram diversos encontros de bruxos. Após uma ruptura entre os bruxos e simpatizantes da Wicca que frequentavam essa associação, em 2005 a mesma deixou de ter uma representação aqui em Natal e os encontros passaram a ser feitos preferencialmente nos parques públicos da cidade.

Entre os pesquisadores brasileiros, o antropólogo Silas Guerriero em seus trabalhos voltados para a discussão da Nova Era, proporciona relevantes reflexões sobre as temáticas da Wicca. No livro *A magia existe?* (2003) Guerriero propõe pensar a Wicca como uma religião que traz uma concepção de magia e bruxaria. A Wicca, depois de Gardner, adquiriu características novaeristas e é por essa perspectiva que o autor a analisa em sua obra.

Guerriero (2003) afirma que a nossa sociedade despertou para o interesse pela magia de uma forma muito mais profunda do que apenas algo que faz parte do “imaginário social”. Essa atração é perceptível através do grande sucesso dos livros do escritor e mago *Paulo Coelho*, como também a saga inglesa do bruxo *Harry Potter*, e o histórico interesse do grande público pelo fantástico, sobrenatural e místico, bem como a utilização de objetos considerados mágicos.

A Wicca é um dos exemplos dado por Guerriero de grupos que praticam a magia que é definida pelo mesmo como uma religião antiga que cultua a Deusa e o sagrado feminino, relacionando essa Deusa com a divindade dos primeiros povos agricultores e seus aspectos de fertilizantes como uma força eminentemente materna. A Wicca também é definida como uma religião que possui adeptos por todo o mundo (em sua maioria jovens), que a conhecem através da internet e justificam o seu interesse por não quererem fazer parte de uma religião institucionalizada, uma característica que Guerriero (2003) afirma ser marcante nas religiões da Nova Era. Dessa maneira, os praticantes da Wicca mesclam elementos novaeristas em suas

práticas e discursos, ao buscarem fazer o resgate de uma religião antiga (potencializada por meios modernos, como as redes sociais) e o (re)despertar mágico proporcionado por esta. Quanto ao espaço utilizados pelos wiccanos, o autor destaca as praças públicas e as matas como a escolha mais comum entre os grupos para a realização de rituais e também atenta para os rituais que são realizados durante a noite principalmente por causa da adoração à lua, simbolização da própria Deusa. O autor também menciona a celebração das estações do ano e das diversas fases lunares. Além de também afirmar que a Wicca é uma das correntes mágicas que mais possui visibilidade atualmente e considera que esse é um novo momento para o pensamento mágico, pois embora ainda exista preconceito, a bruxaria tem se tornado uma prática/religião pública que tem saído das sombras, buscando combater os estereótipos negativos que foram disseminados por séculos.

1.2 Entre conversas e magia: métodos de pesquisa com grupos de bruxaria

Entre as metodologias de pesquisa escolhidas para trabalhar com os bruxos que foram contatados, optamos por selecionar a história oral temática e acrescentamos também os questionários abertos, por motivos de que alguns imprevistos ocorreram no percorrer do caminho (sobretudo a pandemia global). Quanto ao critério de escolha dos entrevistados no geral, optamos por pessoas que exercessem função sacerdotal e com as quais eu não possuísse qualquer relação pessoal, exceção feita a dois dos sete entrevistados/colaboradores. O método utilizado da história oral foi escolhido com base teórica no historiador José Carlos Sebe Bom Meihy, que a define como “um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva” (MEIHY, 2002, p. 13).

Meihy (2002) afirma que a história oral já faz parte dos debates sobre o conhecimento social e atua em uma linha de questionamento sobre a tradição historiográfica centrada apenas em documentos considerados oficiais, tornando-se assim inerente aos debates sobre a história contemporânea por possibilitar uma percepção do passado atrelado à continuidade temporal e em manter uma história viva e presente, em decorrência do processo histórico.

As entrevistas de história oral foram realizadas com dois sacerdotes da Wicca. O primeiro foi o sacerdote Klaus Eduardo Tomaz, residente na cidade de Natal-RN. Klaus, além de sacerdote da Wicca, também é oraculista e organizador de diversos eventos pagãos que ocorrem em Natal. Fui apresentada a Klaus no ano de 2014 quando ainda me encontrava na graduação de história e na época escrevia a minha monografia também sobre a Wicca. Apesar de ter criado um vínculo de amizade com o mesmo, não seguimos o mesmo caminho pagão e esse é um dos meus critérios quanto aos entrevistados. Klaus concluiu recentemente a graduação de Ciências da Religião pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e também tornou-se um pesquisador da Wicca e do neopaganismo. Assim, passamos a desenvolver trabalhos acadêmicos e a escrever artigos juntos. Pelo fato de Klaus ser um dos sacerdotes da Wicca que mais possui representatividade nos eventos pagãos que ocorrem nos espaços públicos da cidade do Natal, o mesmo foi um dos escolhidos para ser entrevistado para esta pesquisa.

A primeira entrevista ocorreu no dia 03 de novembro de 2018²¹, ao receber um convite do sacerdote Klaus para participar de uma festa de Halloween que daria em sua casa. Era uma festa à fantasia e todos os convidados que estavam na casa eram pagãos de diversos “caminhos” e espiritualidades diferentes. Embora fosse uma festa privada, já existia a tradição do evento acontecer todos os anos sob o nome de “Halloween do Apartamento 21”. Embora eu não fosse vinculada àquele grupo pagão específico, todos me receberam muito bem, conversamos sobre diversos assuntos e compartilhamos bebidas e alimentos, mas em relação às entrevistas, foram realizadas apenas com o Klaus. O mesmo se prontificou a me apresentar os altares que haviam pela casa e a entrevista ocorreu focada sobre sua iniciação e quanto a questão do espaço sagrado privado: um altar para Hécate, que se localizava na sala; e um altar para Afrodite, localizado em seu quarto (Klaus Eduardo é um sacerdote que segue uma linha de culto voltado ao helenismo, assim como o seu *coven*).

A segunda entrevista com Klaus ocorreu no dia 31 de Outubro de 2019 e fui recebida em sua nova casa. Conversamos novamente sobre o espaço sagrado privado no lar e em como esses espaços eram diferentes entre a casa que ele morou anteriormente e a atual. Também foram feitas perguntas relacionadas aos luaus que eram organizados pelo sacerdote na praia e a celebração dos

²¹ A entrevista não será utilizada nesta pesquisa, pois por motivos pessoais, o sacerdote pediu a não publicação desta.

esbás. A conversa se estendeu mais sobre esse assunto e, ao encerrar a entrevista, me dediquei a conversar com outra visita que tinha acabado de chegar na casa do depoente e se tratava de um amigo de Klaus, umbandista, mas que já tinha feito parte dos grupos de estudo de Wicca e bruxaria.

Muitos desencontros ocorreram com Klaus, por questões de horário, pois devido precisar conciliar o trabalho durante o dia e a universidade a noite, atrelado a necessidade de precisar concluir seu TCC, nem sempre era possível conseguir um horário para encontrar o sacerdote e realizar as entrevistas. Infelizmente nossos planejamentos foram surpreendidos pela ocorrência da pandemia do Covid-19 em março de 2020 aqui no Brasil, mas de todo modo, cheguei a enviar também um questionário para Klaus, com outras perguntas que não foram feitas na entrevista.

A outra entrevista da pesquisa foi realizada com a sacerdotisa Regina Celi, residente na cidade de São Paulo-SP. Regina é psicanalista, hipnoterapeuta, terapeuta holística e oraculista. Começou desde a adolescência no universo místico e após os seus estudos em cartomancia e interpretação de runas, tornou-se sacerdotisa da Wicca e ministra diversos cursos. Também atua com a energização de chakras²², reiki²³, florais de Bach²⁴ e barras de acess²⁵. Já foi proprietária da loja de artigos místicos e alternativos chamada Profecias e atualmente faz atendimentos clínicos, místicos e holísticos com horário agendado.

Inicialmente a minha pesquisa era voltada apenas para wiccanos residentes em Natal, mas após algumas sugestões ocorridas nas disciplinas do mestrado, o recorte espacial da pesquisa estendeu-se também a São Paulo, pelo fato de eu possuir contato com algumas pessoas pagãs de lá. Sendo assim, comecei a conversar com vários desses meus contatos e expor a minha pesquisa. Eu precisava encontrar uma sacerdotisa ou um sacerdote da Wicca para entrevistar. Entre estes amigos, Harry Lira tinha sido da Wicca há alguns anos atrás e tinha feito parte de um *coven*. As

²² Chakras são diversos pontos de energia localizados no corpo e significa “roda” em sânscrito. Que está relacionado a esses pontos de energia serem campos semelhantes a círculos energéticos.

²³ Técnica de terapia integrativa com bases orientais que consiste na imposição de mãos do terapeuta sob o corpo do paciente.

²⁴ Terapia que se baseia na extração de essências florais medicinais, que podem atuar nos estados mentais e emocionais, tranquilizando a mente e o emocional, transformando estados negativos em positivo.

²⁵ Terapia corporal através do toque de 32 pontos localizados na cabeça, que libera energias e possibilita o desprendimento corporal, de pensamentos e emocional.

fotografias e documentos que ele possuía da época que participava desse grupo sempre me chamaram a atenção. Deste modo expressei o meu interesse em contatar a sacerdotisa do *coven* e ele fez a ponte entre nós duas. Consegui o seu número de telefone. Apresentei-me inicialmente a Regina, falando da minha relação com o Harry e sobre como cheguei até a mesma e expliquei sobre a minha pesquisa. A mesma se prontificou em contribuir para a pesquisa e ser entrevistada.

Esse contato inicial ocorreu em 25 de julho de 2019 e em 30 de novembro, quando a contatei outra vez, enviando-lhe um arquivo com perguntas e pedindo a sua aprovação prévia quanto às perguntas, se ela concordava em respondê-las. Infelizmente não tive nenhum retorno neste tempo, mas como sempre busco deixar o depoente à vontade e a respeitar o seu tempo, aguardei um pouco mais. Sendo assim voltamos a nos contatar em fins de abril de 2020 e, em 02 de maio de 2020, a entrevista foi realizada e a sacerdotisa foi bastante atenciosa, respondendo a diversos detalhes, contando parte de sua história de vida com a Wicca.

Além da história oral, como mencionado anteriormente, o outro método escolhido para se trabalhar com depoimentos dos wiccanos foi o uso de questionários. Os questionários foram realizados com quatro sacerdotes da Wicca: aqui em Natal, Klaus Eduardo Tomaz; uma bruxa que já foi grã-sacerdotisa de um *coven* e pediu para manter o sigilo de sua identidade, a qual utilizei o codinome de sacerdotisa Luna; Andréa Ferreira Seabra de Melo e Flávio Lopes de São Paulo/SP. Além desses, foram feitas entrevistas com mais dois praticantes de outras tradições/caminhos de bruxaria responsáveis pela organização de eventos neopagãos na cidade de Natal/RN, entre estes, Marcelo Leal e Nilo Nobre. Os questionários foram enviados *online* e alguns optaram por respondê-lo por escrito e outros enviaram as respostas por áudios.

O contato com a bruxa em sigilo identitário se deu através da rede social *WhatsApp*, pois já a conhecia e ao saber que a mesma tinha sido grã-sacerdotisa de um *coven* da Wicca e ainda era wiccana, me despertou o interesse em entrevistá-la e ter uma visão feminina da Wicca em Natal neste trabalho. Outra representante feminina da Wicca em Natal escolhida é Andréa Melo, sacerdotisa wiccana natalense, mas que reside atualmente no município de Macau/RN. Já foi coordenadora dos eventos e grupos do ESP/RN (Encontro Social pagão) e do ERB/RN (Encontro Regional de bruxos). Quanto a Flávio Lopes, é graduado em Psicologia e sacerdote de algumas

Tradições de Wicca, entre estas a *Wicca Gardneriana*²⁶, a *Tradição Diânica Nermorensis*²⁷ e a *Minoan Brotherhood*²⁸. Além de também ser um sacerdote ordenado pela *Fellowship of Isis*²⁹ e possuir um livro publicado sobre Wicca pela Editora Alfabeto, chamado *Bruxaria Solitária: Práticas de Wicca para Guiar seu Próprio Caminho* (2019). Marcelo Leal, é arquiteto e urbanista, sacerdote e representante da bruxaria tradicional *Wanen*, oriunda da Alemanha e trazida ao Brasil pelo bruxo Wagner Perico. Quanto a Danilo Nobre, é sacerdote da tradição de bruxaria americana contemporânea *Reclaiming*, uma tradição que possui suas raízes no ativismo mágico-político que surgiu na década de 1980, na Baía de São Francisco, nos Estados Unidos.

Segundo Lakatos (1985) o questionário é um instrumento de coleta de dados que é construído através da ordenação de perguntas, que devem ser respondidas sem a presença do entrevistador. Para planejá-los é necessário observar as normas precisas para garantir sua eficácia e validade, além de levar em conta os grupos a serem questionados e a formulação das perguntas, devendo o entrevistador conhecer bem o assunto, para poder dividi-lo, através da organização de uma lista, sugerida pelo autor, em torno de 12 temas e que dentro desses temas, deve-se extrair as perguntas, considerando a importância das perguntas em relação às condições que elas fornecem para obter informações que sejam válidas para a pesquisa.

Durante a construção do questionário, também é necessário que o pesquisador escolha a classificação das perguntas e, entre estas, Lakatos (1985) enumera três tipos: perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha. Para esta pesquisa, as perguntas abertas foram as escolhidas, já que através delas é possível fazer uma investigação mais precisa. Porém apresentam também alguns pontos negativos, podendo gerar dificuldades para o próprio informante em ter que redigi-las e interpretá-las. No entanto, a sua escolha foi necessária, já que para essa pesquisa cada

²⁶ Tradição de Wicca que mantém todas as bases da bruxaria criada por Gardner e baseada numa linhagem de sucessões iniciáticas.

²⁷ Tradição diânica fundada pelo sacerdote brasileiro Claudiney Prieto. Uma das características das Tradições diânicas, são a sua ênfase no feminino e na natureza. A expressão *Nemorensis* foi escolhida pela Tradição, por ser um dos títulos da deusa grega Diana e significar “Bosque”. E Embora em muitas Tradições diânicas seja comum apenas mulheres, nesta Tradição homens também podem fazer parte e tornar-se Altos Sacerdotes.

²⁸ É uma Tradição de bruxaria exclusiva para homens gays e bissexuais. Foi fundada em Nova York no ano de 1977 por Eddie Buczynski, arqueólogo e sacerdote wiccano americano.

²⁹ Uma irmandade espiritual internacional, dedicada exclusivamente a deusa egípcia Ísis e a divulgar a conscientização da Deusa. Foi fundada em 1976 na Irlanda, por Olivia Robertson, seu irmão Lawrence Durdin-Robertson e por sua cunhada, Pamela Robertson.

entrevistado possui suas especificidades em relação às possibilidades que possuem em utilizar espaços públicos para realizar eventos, encontros e rituais da Wicca. E também possuem suas visões próprias sobre determinados assuntos que nos despertou o interesse no decorrer da investigação. Por estas causas, optamos por fazer perguntas abertas entre todos os informantes.

CAPÍTULO 2 – BASES HISTÓRICAS DA WICCA

*A Deusa é a primeira em toda a Terra, o mistério, a
mãe que alimenta e que dá toda vida.*

Starhawk

2.1 A Wicca como reminiscência do paganismo: a evocação das origens no antigo culto pagão como forma de legitimação

A bruxaria e o ocultismo contemporâneo (NOGUEIRA, 1991) possuem raízes no movimento romântico do século XIX. O período assistiu ao despertar do interesse das pessoas por conhecimentos como a nascente psicologia, o folclore, o espiritualismo e outras práticas esotéricas. A crença de que a bruxaria se fazia realidade por meio de um antigo culto esotérico possuía uma longa tradição centrada em uma suposta antiga sabedoria arraigada no imaginário popular.

No século XIX, paradoxalmente, enquanto muitos indivíduos se encontravam distantes das superstições comuns ao período medieval, se inicia um movimento de revalorização do tradicional que culmina no forte interesse romântico pelas emoções humanas, bem como pelo que era considerado intuitivo e antirracional. Esse interesse também fez surgir o interesse pelas artes ocultas e criou-se discussões em torno da caça às bruxas que havia tomado a Europa nos séculos passados. A filosofia do Iluminismo responsabilizou a Igreja pela histeria coletiva da caça às bruxas, fazendo com que, no início do século XIX, os intelectuais católicos se unissem para defender a Igreja, afirmando que as bruxas foram, de fato, uma grande ameaça. A partir deste debate, surgiu a noção de bruxaria medieval como sobrevivência do paganismo da antiga Europa. Contudo, esta ideia surgiu com a intenção de justificar a Inquisição, não de defender a bruxaria (RUSSEL, 2008), fazendo-a declinar e nutrindo uma visão sobre ela de mera superstição ou invenção.

Por meio desse ressurgimento romântico, a bruxaria passou ser vista como reminiscência do antigo paganismo, visão essa que posteriormente foi muito bem aceita pela Wicca como “mito fundador” da bruxaria no século XX. Em 1828, o intelectual Karl Ernst Jarcke, professor de Direito Criminal da Universidade de Berlim, foi um dos defensores da bruxaria como uma religião natural que se manteve viva desde o período medieval até o século XIX, criticando-a

como uma forma degenerada da antiga religião pagã do povo germânico, que persistia entre as pessoas comuns. Esse posicionamento teve origem em um romantismo que buscava glorificar o passado, fruto de um exacerbado nacionalismo que possuía raízes em mitos e histórias como forma de glorificar a Alemanha (RUSSEL, 2008).

Em 1839, Franz Josef Mone, um advogado clerical e historiador, em postura contrária ao que Jarcke defendia, acreditava que a cultura alemã havia sido difamada pela forma como a bruxaria foi criticada, pois este buscava de fato contribuir para uma história nacional alemã que fosse glorificada. Sendo assim, para Mone, o paganismo que foi transformado em bruxaria não era algo local pertencente à cultura popular alemã, mas sim uma importação da Grécia, como uma decadente religião estrangeira levada para a Alemanha, juntamente aos escravos gregos, responsáveis por difundir elementos considerados depravados que vieram fazer parte da bruxaria. Uma versão degenerada dos cultos e mistérios da deusa Hécate e do deus Dionísio. Desta maneira, à medida que o antigo paganismo se transformava em uma forma de “bruxaria”, cristãos buscaram banir esse culto (RUSSELL, 2008, p.153).

Em contrapartida aos defensores da Igreja Católica, em 1862 o renomado historiador francês Jules Michelet lançou o livro *La sorcierè (A Feiticeira, no Brasil)*, como uma crítica ao catolicismo, à monarquia e à aristocracia. Nesta obra, Michelet, tomado por sentimentos como paixão, liberdade e luta, projetou-os sobre a bruxaria, defendendo-a como uma reminiscência do antigo paganismo; como uma religião da fertilidade e de adoração da natureza, que eclodiu como uma resistência cultural camponesa contra a tirania e perseguição da Igreja Católica. Evidenciando a mulher e seu processo de transformação na feiticeira, o sujeito histórico de sua obra, Michelet foi o primeiro a tratar a bruxaria medieval como uma forma de sobrevivência da antiga religião pagã europeia perseguida pela Igreja Católica. Essa ideia ampliou-se e foi difundida entre diversos pensadores e escritores do século XX.

Dividida em dois livros, a obra de Michelet (2010) apresenta no primeiro volume a sociedade camponesa e os ritos cotidianos do medievo. A resistência do paganismo na vida campesina é expressada por meio de fábulas, deuses, duendes e fadas – criaturas essas, encantadas e demonizadas pelo cristianismo –, constituindo o reflexo imaginário da dura realidade camponesa. Michelet afirma que, segundo visão cristã, esses seres alimentavam-se das

fraquezas e inseguranças humanas, iludindo as mulheres com as relações afetivas formadas no íntimo de seus lares, mantidas em segredo dos maridos e da Igreja.

Oprimida pela sua condição, cabia à mulher o dever de ficar em casa, enquanto o marido passava o dia fora trabalhando. Em sua solitária vida nos bosques, as mulheres mantiveram a compaixão pelos deuses antigos e pelos espíritos da natureza, que compartilhavam com elas, histórias antigas que sobreviveram aos séculos e foram passadas entre as gerações. Histórias e lendas sobre fadas e duendes, fazendo-as escondê-los em seu lar, que consistia no seu reinado secreto de sonhos, tornando-se a guardiã desses seres. Essa situação culminou na criação da imagem de mulher como feiticeira. Posto que a natureza as transformou, a situação é inicialmente descrita assim:

Uma religião forte e viva, como foi o paganismo grego, começa com a Sibila e termina com a feiticeira. A primeira, uma bela donzela, sob o brilho do amanhecer, lhe trouxe encanto e glamour. Mais tarde, abatido, nas sombras da Idade Média, nas charnecas e florestas, foi ocultado e protegido pela feiticeira; com sua piedade alimentou suas necessidades e o fez viver. Isso, para as religiões, a mulher é mãe, protetora e nutridora fiel. Os Deuses são como os homens; nascem e morrem no seio de uma mulher. (MICHELET, 2010, p. 2. tradução nossa).

No capítulo *A morte dos Deuses*, Michelet (2010) relata o fim do culto aos deuses com o triunfo do Cristianismo. A narrativa, permeada por uma estética romântica bastante marcante no primeiro livro, retrata a morte do deus Pã como motivo para a celebração cristã, pois acreditavam que com a natureza morta a tentação também havia perecido, representando, deste modo, o fim do antigo culto e a queda das antigas práticas religiosas.

No entanto, o diferencial destacado por Michelet (2010) não é a morte de Pã e dos antigos deuses, pois estes sempre morreram e ressuscitaram; a grande diferença estaria na concepção negativa do cristianismo sobre a natureza, que era associada ao mal. O historiador francês deu bastante ênfase à relação desses antigos deuses com a natureza - como representações da própria natureza -, alegando que embora os deuses de Roma tenham tido o seu poder destituído ao destruírem seu poder local e suas raízes geográficas, ainda assim as diversas divindades que habitavam os campos, bosques e montanhas, bem como os deuses e seres que permaneceram no coração das florestas não puderam ser expulsos com o cristianismo.

Existência e resistência essa, conforme Michelet (2010), afirmada pela própria Igreja, na tentativa de combater a ‘natureza pagã’. Acreditando tratar-se de demônios que se disfarçavam e se aproveitavam da ingenuidade do povo, habitando os lares dos camponeses sob a proteção das mulheres, esses seres e a própria natureza pagã passaram a ser combatidos pelo cristianismo, com o intuito de destruir símbolos e cultos relacionados à fertilidade. Por essas razões, o autor aponta que a imagem que se tornou favorável à família deveria refletir uma aura de pureza, inspirada no modelo de família como a formada por São José, Maria e o menino Jesus. E para aqueles que não constituíam família, o ideal seria optar pela vida monástica e pelo celibato, pois tudo que exaltasse a sexualidade e a fertilidade, estava associado às antigas divindades, devendo afastar-se e manter uma vida dentro dos novos ensinamentos cristãos.

Deuses antigos procurai vossos sepulcros. Deuses do amor, da vida, da luz, cessai de brilhar! Colocai o capuz do monge. Virgens, sede religiosas! Esposas, abandonai vossos esposos, ou - se permanecerem em casa, transformai-vos para eles em frias irmãs.” (MICHELET, 2010, p. 22. tradução nossa).

Entre os antropólogos que foram influenciados pela tese de Michelet, podemos mencionar Sir James George Frazer e a sua famosa obra *O Ramo de Ouro*, publicada em 1890, contendo um estudo comparativo do folclore, da mitologia e das religiões relacionado à magia e ao misticismo voltado à evolução da mente humana. Nessa obra, Frazer expõe a ideia de uma religião baseada na natureza e centrada na fertilidade como uma noção que serviu de base para as religiões primitivas. Esta obra, que certamente foi uma das que influenciaram as crenças difundidas posteriormente, da bruxaria como uma antiga religião pagã, hoje pode ser considerada como uma “ficção erudita”³⁰. Alguns pesquisadores do neopaganismo, como Russel (2008) e Camargo (2015), atentam-se para a ausência de fundamentação histórica da obra de Frazer. No entanto, cabe-nos aqui compreender que independente das diversas críticas feitas aos métodos de Frazer e

³⁰ Na edição traduzida para o português de *O Ramo de Ouro* publicada em 1982, o antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro diz o seguinte em seu prefácio: “A obra de Frazer tem hoje o valor de uma grande criação literária. Seu valor científico é equiparável ao das obras de ciência-ficção enquanto especulações imaginosas e até verossímeis sobre temas que a ciência ainda não pode encarar. O ramo de ouro é uma ficção erudita sobre o passado humano que se lê sentindo o forte sabor de verdade revelada das antecipações que ousam pensar racionalmente o que é impensável cientificamente. O próprio Frazer, aliás, estava consciente disso. Sempre apresentou suas conjecturas como meramente plausíveis, tomando o cuidado de assinalar o seu limitado alcance e sua precária validade. [...] Apesar de tudo, porém, continuamos aprendendo com Frazer. Embora nenhum antropólogo subscreva hoje suas idéias, todos reconhecemos nele um pai fundador da ciência do homem e um clássico de leitura indispensável”. (FRAZER, 1982, p. 7-8).

ao *O Ramo de Ouro* (1890), o relevante é entender a grande influência que essa obra exerceu para os moldes do que veio a se tornar a Bruxaria Moderna pós-Gardner.

Embora contestada as alegações de Frazer, o antropólogo escrevera sobre a existência de um culto de fertilidade presente em diversas culturas, descrito pelo mito de um deus, também identificado como o rei do bosque, casado com uma deusa, rainha dos bosques. Esse deus exercia um papel sacrificial, ao sempre morrer e renascer, por ser necessária a sua morte para fecundar a terra e garantir a fertilidade ciclicamente, demarcando esse tempo sagrado.

Além da ideia de uma deusa e um deus ligados à natureza, outros aspectos presentes na obra de Frazer também serviram, posteriormente, de inspiração para a definição da Roda do Ano wiccana. Ao descrever a influência dos sexos sobre a vegetação e o casamento sagrado, Frazer (1982) relata a forte influência das festas de primavera e verão na Europa, personificando os poderes da vegetação como femininos e masculinos, que eram estimulados pela representação do casamento divino através da imagem de um rei e uma rainha da primavera, simbolizando os espíritos da vegetação; tratando-se não apenas de representações simbólicas, mas de atos que possuíam os princípios de magia homeopática ou imitativa, destinado a “fazer com que a floresta verdejasse, a relva dos pastos crescesse, o milho fosse abundante e as flores despontassem” (FRAZER, 1982, p. 65).

Esses mitos, considerados dramas mágicos e simbólicos por Frazer (1982), foram extremamente importantes nas festas populares europeias, atribuindo valor à origem remota desses costumes. Exemplificando: as festas do 1º de maio e as celebrações do Solstício de Verão seriam algo além de simples cerimônias; representando reminiscências do passado, em que essas celebrações eram ritos religiosos e mágicos, com homens e mulheres representando deusas e deuses. A ideia é apresentada no primeiro capítulo da obra, ao descrever o rei do bosque de Nemi e a deusa do bosque, *Diana Nemorensis*. Essas uniões através do casamento divino tinham por objetivo favorecer fertilidade aos campos, aos animais e as pessoas do mundo antigo.

Ademais, além dessas características relacionadas à fertilidade e à abundância das vegetações, Frazer também discute a morte do deus. Narrando a história do rei do bosque de Nemi, ao ser morto e substituído por seu sucessor, como uma forma de assegurar a fertilidade da terra, Frazer elucida a representação do aspecto cíclico da natureza e a sua ordem natural,

simbolizada entre as estações, a morte e o renascimento da natureza – assim como ocorre no mito primordial divino da Wicca, com os ciclos de vida e morte do deus dos bosques, também chamado de deus cornífero e de rei do carvalho e do azevinho.

O historiador Carlos Nogueira (1991), refletindo sobre a bruxaria no mundo contemporâneo, traça uma discussão sobre como as sociedades iniciáticas e ocultistas influenciaram o que também viria a se tornar a bruxaria hoje, contribuindo com o pensamento de que as origens da bruxaria contemporânea estão no século XIX, com o renascimento de diversos círculos e seitas secretas, como o Hermetismo³¹. Nogueira define Charles Godfrey Leland, autor da obra *Aradia, o evangelho das bruxas*, publicada em 1899, como um dos mais importantes e influentes ocultistas para a bruxaria contemporânea.

Leland defendia que existiam mulheres na Romagna do Norte que preparavam amuletos e encantamentos pertencentes aos cultos da antiga Roma, e que no ano de 1886 entrou em contato com uma dessas mulheres, dando a missão de conseguir diversas informações sobre a feitiçaria com as suas irmãs da Arte³². Sua informante se chamava *Madalena Zeleni*, uma quiromante e vidente que, depois de muitos anos, o entregou um “Evangelho” – um manuscrito concebido por ela mesma. Leland não soube informar se essas descrições foram obtidas por meio de fontes escritas ou narrativas orais, mas acreditava ter sido principalmente por meio da oralidade. Além disso, acrescentou que seu último contato com essa informante foi quando recebeu esse “Evangelho”. A bruxaria, para Leland (2016, p. 9)

Em poucas palavras, pode-se dizer que a bruxaria é conhecida como *la vecchia religione*, ou *antiga religião*, sendo Diana a Deusa e sua filha Aradia (ou Herodias) o Messias Feminino, seu nascimento, como desceu à terra e instituiu as bruxas e a bruxaria, retornando então ao céu.

É sobre esse mito da Deusa Diana e os ensinamentos de sua filha Aradia, descritos nesse documento entregue por Madalena, que Leland concebeu o seu livro, o “Evangelho” de Aradia – essa messias que foi enviada à terra no século XIV como uma mensageira e se tornou responsável

³¹ Estudos e práticas filosóficas baseada nos escritos associados a *Hermes Trimegisto* (equivalente ao deus egípcio Thot e também identificado ao deus grego Hermes). Hermes Trimegisto significa “Hermes o Três Vezes Grande”, e recebeu este nome por ensinar as três grandes sabedorias à humanidade: a alquimia, a astrologia e a magia. Surgiu durante o período Ptolomaico, em Alexandria, no Egito, e influenciou diversas ordens esotéricas no decorrer dos séculos até a atualidade. O Hermetismo possui três grandes obras: o *Corpus Hermeticum*, a *Tábua de Esmeralda* e o *Caibalion*.

³² Arte é um dos termos utilizados por bruxos para definir a Bruxaria.

pelo resgate do culto à Deusa, difundindo os seus ensinamentos entre as bruxas. Entre os ensinamentos que compartilhados com suas discípulas, um deles diz que

Quando já não estiver neste mundo, sempre que necessitardes de algo, uma vez ao mês, quando a Lua estiver cheia. Deveis todos vós reunir num lugar deserto, ou floresta. Para adorar o espírito poderoso de vossa rainha, minha mãe, a grande Diana. E quem quiser aprender bruxaria, mas ainda não domina seus mais íntimos segredos, minha mãe vos ensinará. Em verdade, todas as coisas... E livres estareis da escravidão, e livres sereis em todas as coisas (LELAND, 2016, p. 17).

Esses ensinamentos também serviram como tradição para uma religião secreta entre os camponeses, chamada de *Stregueria* ou *Strega*. Leland acreditava haver diversas mulheres *stregas* na Itália que praticavam a adivinhação e a bruxaria, além de possuírem uma peculiaridade em suas práticas: a vocação para a feitiçaria era proveniente de família, sendo repassada e praticada por diversas gerações, levando-o a acreditar que esses casos de bruxaria totalmente ancestral das *strege* remontavam à época medieval, romana e até mesmo etrusca, resultando em uma grande e importante tradição de bruxaria entre as famílias portadoras desses mistérios. A *strega* foi dividida em uma tríade entre seus praticantes: a *Farra*, guardiã dos mistérios da terra; a *Janarra*, guardiã dos mistérios lunares; e a *Tanarra*, guardiã dos mistérios estelares. Ao ser publicada, *Aradia* não despertou grande interesse, nem por parte dos ocultistas que estavam voltados à Teosofia³³, nem entre os acadêmicos. Hoje esse livro é considerado um hibridismo das crenças de Leland com algumas sobrevivências folclóricas, desvendadas por ele próprio. No entanto, é uma obra que exerceu bastante influência na criação de encantamentos e rituais usados pela bruxaria de Gardner.

Após a obra de Leland (1899), outra importante influente e precursora do que viria a se tornar a Bruxaria Moderna, foi a inglesa Margareth Alice Murray. Nascida em Calcutá, no ano de 1863, egiptóloga, antropóloga e folclorista, também era especialista em hieróglifos e participou de diversas escavações na Palestina e no Egito. Ativa no movimento feminista, chegou a fazer parte do *Women's Social and Political Union*. Murray também participou como membro do

³³ Conjunto de conceitos filosóficos, ocultistas e místicos. A palavra Teosofia é grega e significa sabedoria divina. A teosofia surgiu em Alexandria, no Egito, com a fundação da Escola Teosófica Eclética por Amônio Saclas e Plotino, filósofos neoplatônicos. Teosofia seria uma reafirmação a antigos princípios. Na era moderna, a teosofia foi reavivada pela Sociedade Teosófica em Nova York, nos EUA, por meio de Helena Blavatsky e Henry Steel Olcott. A própria Helena Blavatsky não considera a teosofia uma religião ou uma filosofia, mas sim a sabedoria divina ou sabedoria dos deuses, como o seu próprio nome diz (PFEIFER, 2019).

Instituto Britânico Real Antropológico e foi presidente da *Sociedade Britânica de Folclore*, falecendo em 1963. Em sua famosa obra *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental*, publicada em 1921, denunciou as perseguições que as bruxas sofreram na Europa, apresentando a bruxaria como uma religião com culto organizado de fertilidade, enraizado no neolítico, a considerando como a religião primitiva da Grã-Bretanha. Em 1931, também publicou *O Deus das Feiticeiras*. As bruxas de Murray cultuavam um deus cornífero, identificado pela Igreja como Satã, por intermédio de diversas assembleias e celebrações organizadas que ocorriam. Essa obra acabou sendo de grande significado para as formas que a Bruxaria moderna tomou, influenciando não apenas Gardner, mas os diversos escritores wiccanos que o sucederam.

Murray (2003) estabeleceu diferenças entre o que ela chamou de *Bruxaria Ativa* e *Bruxaria Cerimonial*. Enquanto a primeira foi classificada como todos os encantos e magias utilizados por bruxas ou cristãos, fosse para o bem ou mal, cura ou morte e que fez parte de diversas religiões; a segunda dizia respeito ao *Culto Diânico*, praticado por muitos e referente às pessoas da época medieval designadas como “bruxas”, cuja origem estava na antiga religião da Europa Ocidental na época pré-cristã, fazendo parte desse culto celebrar as datas dos principais festivais relacionados à agricultura.

Os dois principais festivais descritos por Murray (2003) ocorriam às vésperas de maio e novembro, marcando o calendário da pré-agricultura e o período anterior ao eclipse solar que ocorria a cada ano. Eram rituais de fertilidades em prol dos animais e da colheita. Outras datas festivas são mencionadas: os dias dois de fevereiro – *Candlemas*, o festival do fogo – e primeiro de agosto, sem ter nenhuma cerimônia especial atribuída. Esses ritos religiosos eram preponderantemente relacionados à fertilidade. Quanto às suas origens na Grã-Bretanha:

Existem poucos registros escritos da antiga religião da Grã-Bretanha pré-cristã, porém eles são contrários a toda experiência de um culto que deve ser extinguido e apagado imediatamente na introdução de uma nova religião. A chamada conversão da Grã-Bretanha significava simplesmente a conversão daqueles que ditavam as regras; grande parte da população continuou seguindo seus velhos costumes e crenças, ainda que existisse uma fachada de ritos cristãos. Os séculos trouxeram uma maior profundidade à cristandade, que, introduzida por cima, penetrou gradualmente para baixo, atingindo uma classe de cada vez. Durante esse processo, as leis contra a prática de determinados ritos tornavam-se mais rígidas, conforme a cristandade se fortalecia. A igreja lutou contra as “bruxas” em posições altas e foi vitoriosa. Assim, a guerra do século

XV foi declarada contra os remanescentes do paganismo na famosa Bula de Inocêncio VIII (MURRAY, 2003, p. 23).

A egiptóloga afirma que esse paganismo continuou a ser praticado em determinados lugares e os rituais se transformaram, sendo adotados pela Igreja, como as danças do *Maypole*, entre outros festivais que sobreviveram. Embora apresentasse essa religião remanescente britânica relacionada aos rituais sazonais e de fertilidade, pelo ritmo de vida e morte da natureza e dos deuses, o historiador Jeffrey Russel (2008) afirma que Murray não teve conhecimento das obras de Michelet e Leland, nem consciência das raízes de sua obra presentes em *O Ramo de Ouro* (1890), de Frazer.

Embora o historiador Carlo Ginzburg seja um dos críticos da tese de Murray, por não possuir qualquer valor científico, não descartou alguns aspectos considerados relevantes. Em seu livro *História Noturna* (1989), considerou o fato das pesquisas sobre o sabá terem sido negligenciadas por outros pesquisadores que defendiam sua inexistência, devido à falta de provas que comprovassem que ocorreu um culto organizado. Murray assumia em sua tese a existência do sabá como base para as suas interpretações e teorias, fato que o levou a reconhecer certa importância nessa perspectiva da existência do sabá (mesmo que mantendo as críticas à maneira que Murray o fizera), por o próprio ter conseguido descobrir um culto agrário realizado no *Friuli*, entre os séculos XVI e XVII, na Itália. Esse culto dos *benandanti*³⁴ está documentado em cinquenta processos inquisitoriais, ocorridos entre 1575 e 1675, e serviu como base para a escrita do seu livro *Os Andarilhos do Bem: Feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*, publicado em 1966.

Mesmo que a tese de Murray possuísse diversas deficiências pela falta de evidências e por tantos erros acadêmicos, ela conseguiu conquistar o público, criando, em suas obras, o imaginário de um paganismo que resistiu e manteve as suas “crenças populares” mesmo diante das ameaças do cristianismo. Por consequência, isso gerou o entusiasmo entre as pessoas por tudo aquilo que remetia ao passado pagão europeu.

De alguma maneira, a teoria de um culto muito antigo do paganismo europeu, centralizado na fertilidade e em uma deusa e um deus, que resistiu ao tempo e sobreviveu aos

³⁴ Nome atribuído aos praticantes desse culto de fertilidade no Friuli. *Benandanti* foi traduzido como “andarilhos do bem”.

séculos de ascensão do cristianismo na Europa Medieval se encontrou nas ideias difundidas por Michelet, Frazer, Leland e Murray, considerados os precursores da ideia de bruxaria como uma sobrevivência do paganismo.

Contudo, tratando-se da inspiração poética do culto à Deusa e à lua, tão fortemente inseridos na Wicca, o poeta e romancista Robert Graves é um dos grandes influenciadores. Em 1948, publicou o livro *A Deusa Branca: uma gramática histórica do mito poético*. A religião da Deusa descrita por Graves foi uma variação da tese de Murray, descrevendo uma Deusa que representava a fertilidade e a natureza, além de ser composta por elementos lunares e pela triplicidade. Na Wicca fundada por Gardner, a Deusa é identificada como uma deusa tríplice (donzela, mãe e anciã) e também como uma deusa lunar. No prefácio dessa obra, o autor afirma que:

Minha tese é que a linguagem do mito poético, uma corrente suficientemente forte no Mediterrâneo e no norte da Europa, era uma linguagem mágica ligada a cerimônias religiosas populares em homenagem à deusa da lua, ou Musa, algumas delas datadas da Idade da Pedra, e que essa continua sendo a linguagem da verdadeira poesia - "verdadeiro" no sentido moderno nostálgico. [...] A linguagem foi adulterada no final dos tempos minóicos, quando invasores da Ásia Central começaram a substituir instituições matrilineares por matrizes lineares e a remodelar ou falsificar os mitos para justificar as mudanças sociais. Então vieram os primeiros filósofos gregos que se opunham fortemente à poesia mágica por ameaçarem sua nova religião da lógica e, sob sua influência, uma linguagem poética racional (agora chamada de Clássica). [...] uma visão que prevaleceu praticamente desde então nas escolas e universidades europeias, onde os mitos são agora estudados apenas como relíquias pitorescas da idade avançada da humanidade (GRAVES, 2013, p.27. tradução nossa).

Nos escritos de Graves (2013) sobre essa Deusa, a sua abordagem é muito mais feminina e matriarcal, voltando totalmente a sua poesia para ela como a sua musa inspiradora, simbolizada pela lua. Além de também ter baseado o seu trabalho na obra de Frazer (1982), contribuindo com a sua teoria de uma religião com ritos de fertilidade representados por um deus como o rei dos bosques e o seu sacrifício, destacando principalmente a importância desse rito pelo casamento divino com a deusa como rainha dos bosques. Além disso, argumentava que existiram culturas matriarcais por toda a Europa e Oriente Médio nos tempos pré-históricos, voltados a adoração de uma Deusa, cujos deuses assumiam aspectos como seu filho e consorte, representando os ritos de sacrifício, mas que o patriarcado modificou essas crenças, subordinando as mulheres e elevando os homens.

Deste modo, Michelet, Leland, Frazer, Murray e Graves forneceram grandes contribuições para o que viria ser hoje conhecida como a bruxaria neopagã. Para Gardner, as teorias de Murray na época faziam sentido em representar o paganismo como a antiga religião da bruxaria, o que também o levou a querer tirar a bruxaria das sombras e apresentá-la às pessoas por um viés totalmente diferente dos estereótipos comuns às bruxas. Além desses fatores, Gardner defendia que esses cultos ainda podiam ser encontrados pela Europa, pois o próprio havia sido iniciado por uma das bruxas que fazia parte dessa religião.

2.2 Gerald Gardner

Segundo o historiador Janluis Duarte (2013), as melhores fontes sobre a vida e obra de Gerald Gardner estão na biografia *Gerald Gardner: witch*, publicada em 1960 por Jack Bracelin, um dos primeiros colaboradores de Gardner. No entanto, essa biografia também é atribuída ao autor indiano Idries Shah, que conheceu Gardner em 1950, mas como a temática do livro era muito diferente do que costumava publicar, foi concordado por Bracelin assinar o livro. Idris Shah foi um autor e mestre da tradição *Sufi* e escreveu diversos títulos sobre psicologia, espiritualidade e estudos culturais. Ao conhecer Gardner na década de 1950, atuou como seu secretário e entrou em contato com diversos grupos de Wicca em Londres. Um dos motivos do por que Shah não quis ser reconhecido como o autor desta biografia de Gardner é que ele não queria confundir seus alunos do *Sufi*, revelando que possuía interesse em outras tradições esotéricas. Também existem outras informações sobre Gardner através de publicações de amigos do mesmo, como Doreen Valiente e Patrícia Crowther³⁵ e os trabalhos de Phillip Heselton, geógrafo e praticante da Wicca.

Gardner nasceu em 13 de junho de 1884, na cidade de *Blundellsands* na Inglaterra. Quando criança tivera diversos problemas de saúde, fazendo com que seus pais fossem viver em diferentes países na procura de um lugar que fosse mais favorável à saúde frágil do pequeno Gardner. Chegou a mudar-se para o Ceilão (atual Sri Lanka) em 1900 com a sua enfermeira, onde se envolveu em vários projetos durante sua adolescência e provavelmente onde ocorreu o seu primeiro contato com a Maçonaria. Além do contato que Gardner teve com outras doutrinas

³⁵ Uma das últimas sacerdotisas de Gardner, é também uma das Alta Sacerdotisas mais famosa e influente da Wicca em todo o mundo.

religiosas orientais, ter se tornado um funcionário público da Inglaterra no Extremo Oriente elevou mais ainda seu interesse pela espiritualidade oriental. Também teve o interesse despertado para a arqueologia e se envolveu em algumas pesquisas e escavações, como a descoberta da localização da antiga cidade de Cingapura (BRACELIN, 1960).

Foi em fins da década de 1930 que Gardner retornou para a Inglaterra, indo viver na região de *New Forest*, onde conheceu o clube de nudistas e a *Sociedade de Crotona*³⁶ que fazia parte da Ordem Rosacruz³⁷, um grupo de ocultistas. Gardner contribuiu para a fundação do primeiro Teatro Rosacrusiano da Inglaterra chamado *Garden Theater*, até porque o mesmo era um entusiasta das artes, assim como também era uma maneira que havia encontrado para tratar temas do ocultismo, já que na época a lei anti-bruxaria era ativa em terras inglesas. No começo do século XX, essa lei contra a bruxaria ainda estava em vigor na Inglaterra e seguia toda uma sucessão de leis chamadas de *Witchcraft Act* (Atos de Feitiçaria), as quais haviam se iniciado em 1401 e tiveram o último estatuto em 1735. Estas leis não condenavam mais as pessoas ao enforcamento, mas sim a pagar multas e à prisão. Apenas em 1951, através da promulgação da lei dos *Fraudulent Mediums Act*³⁸ pelos espíritas, a lei anti-bruxaria foi revogada na Inglaterra (DAVIES, 1999).

No entanto, Gardner permaneceu por um curto período no grupo, entre fins da década de 1930 até 1940. Foi também através da Sociedade de Crotona, o seu primeiro contato com o grupo de bruxas que diziam ser praticantes da Velha Religião. Foi em 1939 que uma sacerdotisa de nome Old Dorothy, pertencente a esse grupo, iniciou Gardner na bruxaria. Embora muitos tenham negado a existência dessa sacerdotisa, a veracidade foi provada tempos depois por outra bruxa de nome Doreen Valiente (BRACELIN, 1960). Valiente buscou em diversos arquivos

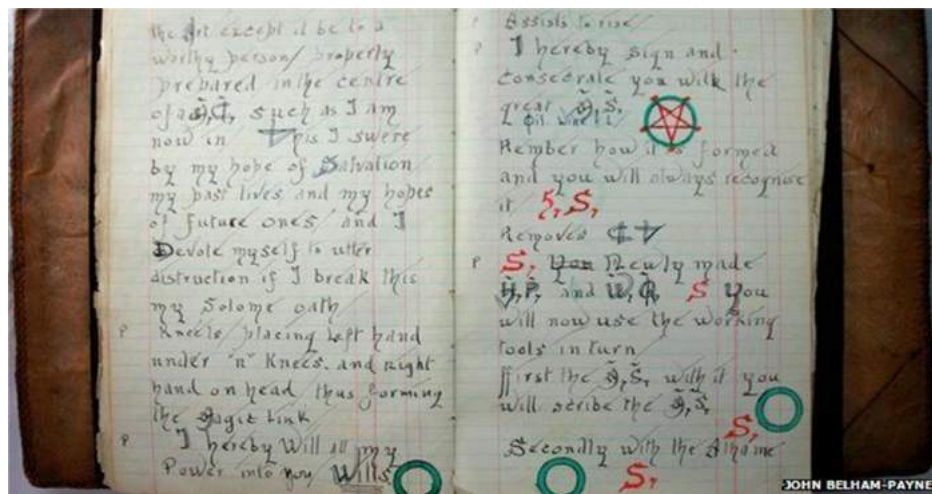
³⁶ Grupo que fazia parte da Ordem Rosacruz. Fundada em 1911 pelo britânico George Alexander Sullivan. Durante a Primeira Guerra Mundial ela foi desfeita e somente em 1920, Sullivan a reorganizou outra vez.

³⁷ Conforme a página oficial da Ordem Rosacruz no Brasil: “É um grupo místico e filosófico espalhado por todo o planeta que tem como objetivo ensinar os membros sobre os mistérios do mundo e sobre si próprios. Assim como a Igreja Católica tem paróquias com diversos nomes e estilos, existem várias ordens e fraternidades Rosacruzes, que podem diferir entre si na forma e essência de ensinar. Mas todas têm o mesmo propósito: continuar o trabalho de Christian Rosenkreuz, monge alemão que teria vivido no século 14 e fundado a primeira Ordem na Europa para divulgar o que aprendeu com mestres muçulmanos das artes ocultas. A Antiga e Mística Ordem Rosacruz (Amorc), uma das maiores do mundo, afirma que as práticas oferecem benefícios desde o nível físico, com técnicas específicas para reduzir o estresse e ampliar processos de cura, até os níveis mentais e espirituais, com técnicas que despertam a consciência objetiva, o subconsciente e a relação de cada ser com o “Todo”. Disponível em: <<https://www.amorc.org.br/o-que-e-a-ordem-rosacruz/#>> Acesso em 12 de Junho de 2020.

³⁸ Lei da Inglaterra e País de Gales, cuja proibição era o indivíduo se declarar como médium ou espírita com a intenção de enganar as pessoas e ganhar dinheiro. Foi revogada em 2008.

ingleses a origem dessa pessoa referida como “Old Dorothy” por Gardner. Conseguindo comprovar a existência de uma mulher muito respeitada na região de *New Forest* com nome de Dorothy Clutterbuck, correspondente a sacerdotisa descrita por Gardner. Quanto à Doreen Valiente, foi a primeira Alta Sacerdotisa do *coven* de Gardner e também lhe foi atribuído o título de Mãe da Bruxaria Moderna. Foi iniciada por Gardner em 1953 e teve um papel bastante significativo na Wicca, pois além de ter escrito junto de Gardner o famoso *Livro das Sombras*, ajudou-o na revisão de seus textos iniciais sobre a Wicca. Além de ter sido a partir de Valiente que a influência celta ganhou mais força sobre a Wicca. O Livro das Sombras é uma espécie de grimório pessoal que traz descrito diversas cerimônias e rituais. Este “livro das sombras” (conforme a figura 1 revela uma de suas páginas e o livro encontra-se sobre posse do último sumo sacerdote iniciado por Valiente) em específico foi escrito por Gardner entre 1940 e 1950, inspirado em muitos rituais de Crowley. Valiente o ajudou a reescreve-lo após 1953.

Figura 1: Livro das Sombras de Gardner. Primeiramente foi deixado para Doreen Valiente e após o falecimento da wiccana, o livro foi legado a John Belham Payne, último sumo sacerdote iniciado por Valiente.



Fonte: BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/uk-england-27782244>>. Acesso em 13 de Junho de 2020.

Outra grande influência para a formação da Wicca, principalmente no quesito ritualístico, foi Aleister Crowley³⁹. Através de seu diário é possível saber que ele e Gardner haviam se conhecido no ano de 1947 por intermédio de Arnold Crowther, um mágico amigo de Gardner. Desde então o contato havia sido constante entre os ocultistas e Gardner se tornou um membro do

³⁹ Crowley foi um famoso ocultista britânico. Fez parte da *Ordem Hermética da Aurora Dourada* e também foi líder da O.T.O. (Ordem Templi Orientis) e fundador da doutrina filosófica *Thelema* e da ordem A.A. (Astrum Argentum). Também ficou muito conhecido pelo título de a “Grande besta 666”.

Ordo Templo Orientis (O.T.O.), ordem mágica presidida por Crowley. Além da nítida influência de Crowley nos rituais da Wicca, presente nos textos que compõem o *Livro das sombras* de Gardner, em seus meses finais de vida o ocultista enxergava Gardner como aquele que podia continuar o seu trabalho na O.T.O. Embora Gardner tivesse o interesse em ter o *status* de sucessor de Crowley no mundo ocultista e na publicidade que isso geraria, ele não era familiarizado com as doutrinas da O.T.O. e com o que lhe seria exigido através do novo título, até que em 1951 a O.T.O. foi reestabelecida através de Kenneth Grant na Inglaterra e Karl Germer na América (DUARTE, 2013).

No início da década de 1950, Gardner mudou-se para a Ilha de Man, assumindo a direção do famoso *Museu de Magia e Bruxaria* em *Castletown*. Esse moinho possui a fama de ser o “Moinho das bruxas”. Esse museu foi fundado em 1950 pelo roteirista, editor e bruxo inglês Cecil Williamson, também fundador do *Witchcraft Research Center*. Em 1938, Cecil Williamson concordou em ajudar o MI6, o serviço secreto de inteligência britânica. Gardner tornou-se o dono do museu em 1954 após um desentendimento com Williamson, já que este estava divulgando a bruxaria por um viés sensacionalista, desagradando a Gardner. Após a venda do museu em 1954, Williamson transferiu a sua coleção de artefatos para a nova localização do museu em *Gloucestershire* e posteriormente em 1960 para *Boscastle*⁴⁰ devido a diversas perseguições religiosas na localização anterior. Gardner fundou no moinho das bruxas o seu próprio museu de bruxaria com os seus artefatos e foi deixado como herança para Monique Wilson, conhecida por Lady Olwen, a sua última suma sacerdotisa, responsável por também iniciar o inglês Raymond Buckland na bruxaria. Em 1972 o museu de Gardner foi vendido a *Ripley Entertainment* e a sua coleção distribuída entre alguns museus da *Ripley*.

Figura 2: Gardner em 1954 diante do Museu de Bruxaria (o moinho das bruxas) de *Castletown*. Fonte original: *Ithell Colquhoun* (publicado originalmente no *The London Broadsheet*, 1954, nº 1 [4]).

⁴⁰ O museu foi fundado em 1954 e hoje em dia conta com o acervo de quase quatro mil livros de ocultismo. Site do museu, para maiores informações. Disponível em: <<https://www.museumofwitchcraft.com/index.php>> Acesso em 22 de Julho de 2019.



Fonte: Art Cornwall. Disponível em: <http://www.artcornwall.org/features/Ithell_Colquhoun_Museum.htm>. Acesso em 13 de Junho de 2020.

Figura 3: Gerald Gardner na sala dos mágicos, no moinho das bruxas.



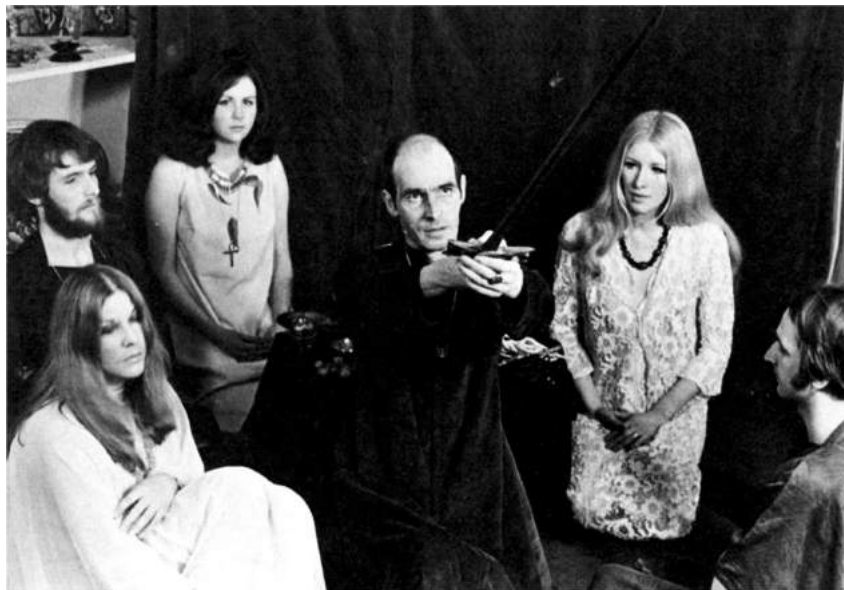
Fonte: Site oficial do Museu de Magia e Bruxaria. Disponível em: <<https://museumofwitchcraftandmagic.co.uk/object/gerald-gardner-in-the-magicians-room-isle-of-man-postcard/#>>>. Acesso em 13 de Junho de 2020.

A primeira publicação de Gardner a envolver temas ocultistas, foi no ano de 1939 com o romance histórico *A Goddess Arrives*, uma história passada no Chipre durante o século XV a.C. Este livro aborda a temática da magia e do culto a deusas. Em 1949, Gardner lançou sua segunda publicação sobre magia, *High Magic's Aid*, originalmente publicada como novela por causa da lei anti-bruxaria ainda permanecer ativa na Inglaterra. Nessa novela, Gardner descreveu alguns rituais antigos de bruxaria, utilizando a estratégia de narrativa camuflada como ficção. Passados cinco anos, sai o seu primeiro livro sobre a Wicca, publicado em 1954, chamado *A Bruxaria Hoje*. Nele, Gardner apresentou a bruxaria de forma positiva, principalmente após as leis contra bruxaria terem sido revogadas.

Portanto Gardner já havia ensaiado a forma de discutir o tema da magia primeiramente disfarçada no formato ficcional e depois de maneira mais analítica e não-ficcional (buscando efeitos de verdade). Além de ser sua obra mais famosa, é nesse livro que ele defendeu as teorias de Murray sobre a bruxaria ser o resgate de um culto antigo de bruxas que foram perseguidas pela Inquisição e que possuía suas origens no antigo paganismo europeu. Em 1959, Gardner publicou seu último livro *O Significado da Bruxaria*, onde rebateu as críticas feitas ao seu primeiro livro, sobre a veracidade da bruxaria. Gardner buscou fazer por onde garantir a sobrevivência da Wicca e sabia que a publicidade era um meio que poderia lhe garantir esse sucesso. Após a sua morte em 1964, diversas pessoas afirmaram publicamente pertencer às antigas Tradições de Wicca.

Um destes foi Alex Sanders, bruxo que rapidamente tornou-se famoso na Inglaterra e se declarava como herdeiro de uma tradição familiar wiccana. Sanders era bastante carismático e, de algum modo logrou modificar o *Livro das Sombras* de Gardner (afirmando pertencer a sua família o utilizou como base nos seus *covens*), surgindo assim a Tradição Alexandrina. Junto à sua esposa, Maxine Sanders, Alta sacerdotisa de seu *coven*, autointitularam-se como o “Rei e a Rainha dos bruxos”. Em 1973, o casal de bruxos se separou e cada um seguiu o seu caminho divulgando a bruxaria. Os Sanders tiveram como um dos maiores divulgadores de sua Tradição, o famoso casal de escritores Janet e Stewart Farrar (RUSSEL, 2008).

Figura 4: Alex Sanders e seu *coven*.



Fonte: Disponível em: <<https://alltacailleach.wordpress.com/photo-archive-of-witches-past/>> Acesso em 13 de Junho de 2020.

Figura 5: O casal alexandrino Janet e Stewart Farrar.



Fonte: Disponível em: <<https://alltacailleach.wordpress.com/photo-archive-of-witches-past/>> Acesso em 13 de Junho de 2020.

Os Farrar tornaram-se muito famosos entre os wiccanos e uma das principais referências sobre a época inicial dessa religião. Escreveram juntos quatro livros: *Eight Sabbats for Witches* em 1981, *The Witches' Way* em 1984, *The Witches' Goddess: The Feminine Principle of Divinity* em 1987 e por fim *A Witches' Bible: The Complete Witches' Handbook* em 1996. No começo da década de 90, o bruxo Gavin Bone uniu-se ao casal em um relacionamento poligâmico e escreveram juntos dois livros: *The Pagan Path* em 1995 e *The Healing Craft: Healing Practices for Witches and Pagans* em 1999.

O historiador Janluis Duarte entrevistou Janet Farrar em 2008 e de acordo com a sacerdotisa wiccana, Gardner foi responsável por levar o ocultismo pela Wicca das classes altas da sociedade inglesa para a classe média. Enquanto Alex Sanders, a teria tornado de conhecimento e acesso as classes populares. Afirmativa que Duarte (2008) considera equivocada quanto ao papel de Sanders, pois embora tenha sido um dos grandes divulgadores da Wicca, essa popularização não ocorreu entre as camadas mais baixas da sociedade. Afinal, de modo geral o perfil social dos praticantes da Wicca na Europa e nos Estados Unidos permaneceu bem estável entre a década de 1950 e o começo do século XXI, entre pessoas que possuíam grau de instrução acima de média e também uma média alta de leitura. Perfil este, que também enquadrava-se os participantes dos movimentos contraculturais, como hippies e feministas (a própria Janet Farrar era hippie). Ademais sobre as relações entre a Wicca e a Contracultura, daremos continuidade a essa discussão no subcapítulo a seguir.

2.3 Contracultura, Nova Era e Neopaganismo

Para Leonardo Arantes Marques (2005), não existe para a religião uma definição precisa ou explicação como existe para outras ciências e filosofias, pois com o tempo a palavra “religião” adquiriu um peso polissêmico, como se devesse aceitar o todo como verdade. Também aponta que a palavra religiosidade ou espiritualismo que antecede a religião, seja mais adequado com a interpretação dos conhecimentos/práticas sobre o sagrado e o sobrenatural. A definição que encontramos no Ocidente é de a religião ser um “*religare*” em latim *re-ligio* “ligar de volta ou

atar”, partindo de um pressuposto que é feito a partir de uma interpretação judaico-cristã baseada na queda de Adão e no pecado original. Evidentemente, essa explicação não é universal. O mais próximo de uma definição que Marques (2005, p. 22) consegue chegar é a de a religião seria uma revalorização do sagrado.

Em todas as religiões, cristãs ou não, a revalorização do sagrado é fundamental para a perpetuação, manutenção e subsistência. Ela se dá por meio da iniciação que na maioria das vezes pode ser feita com batismo, código, dança, unções, festas, comemorações, rituais, cantos, visões, orações, etc.

As noções que buscam demarcar, delimitar conceitualmente ou definir o que seja a Wicca, a entendem como prática de fazer essa revalorização do sagrado ao resgatar o culto aos deuses do antigo paganismo e ao conceber uma noção sagrada à natureza, venerando-a. No entanto, por mais que a Wicca seja uma religião, muitas pessoas que não a conhecem e devido ainda estar enraizado na sociedade um pensamento negativo associado à bruxaria pelos estereótipos e imaginários construídos no passado, alguns tendem a ver a Bruxaria Moderna como uma seita. Outros estudiosos a entendem como um modo de vida, como esclarece Claudiney Prieto (2009, p. 15).

A Wicca não é uma seita ou apenas uma filosofia ou modo de vida, como muitos afirmam. Ela possui todas as características de uma religião. [...] Aqui temos a Deusa como a fonte e origem de todas as coisas. Dela viemos e para ela retornaremos. Ela é a causa primeira de toda existência. Ela se manifesta imanentemente na natureza e em todas as coisas que existem e transcendentalmente, o que significa que ela também está além desse tempo e espaço. [...] Não importa se você esteja aqui, nos Estados Unidos, na Inglaterra, no Japão ou no Tibet. Se lá existir um Wiccaniano ele iniciará seus rituais usando o mesmo procedimento, ou algo muito semelhante, que qualquer outro Wiccaniano em qualquer lugar do mundo usaria. É esta coesão que caracteriza uma religião. Uma seita não tem coesão em sua simbologia, filosofia e ritualística.

Gardner pode ser considerado como àquele que divulgou inicialmente a Bruxaria no século XX através de um novo olhar e até mesmo a ganhar a atribuição de “pai” da bruxaria moderna. Entretanto, a bruxaria expandiu-se pelo mundo e tomou novos caminhos que coincidiram com um momento propício para novas espiritualidades e religiões, impulsionada pelo cenário contracultural americano. A Wicca, ao atravessar o Atlântico, encontrou-se diante dessa movimentação contracultural que havia se estabelecido na América e tornou-se um ambiente fértil para que a bruxaria moderna se desenvolvesse e ganhasse ainda mais notoriedade.

Muitos valores da Wicca vão de encontro aos ideais presentes na contracultura, como, por exemplo, o feminismo e o ambientalismo, através da valorização e associação da feminilidade com a natureza.

O inglês *Raymond Buckland* foi o bruxo responsável por levar a Wicca para os Estados Unidos em 1962. Junto de sua esposa *Rosemary Buckland*, fundaram em 1964 o primeiro *coven* gardneriano nos Estados Unidos em Long Island. Embora tenha sido autorizado pelos gardnerianos, após a sua separação de *Rosemary*, *Buckland* rompeu com a tradição criada por *Gardner*, modificando a maneira de ingressar na religião e criando sua própria Tradição em 1974. Para *Gardner* (e sua tradição), para tornar-se um wiccano era necessário passar por um processo de iniciação que só poderia ser realizado e autorizado por uma sacerdotisa ou um sacerdote. Na nova versão da Wicca de *Buckland*, todos aqueles que tivessem interesse em se tornar bruxo(a) poderiam fazer sua própria autoiniciação, escolhendo seguir um caminho solitário ou ter seu próprio *coven*. (DUARTE, 2013). O cenário contracultural marcava os jovens americanos na época da chegada de *Buckland* em Nova York, o que o levou a ser influenciado por diversos movimentos espiritualistas e libertários, rompendo com o tradicionalismo de *Gardner* e fazendo-o criar a sua própria tradição wiccana chamada *Seax Wicca* (Wicca Saxônica), uma mistura das mitologias saxônicas e nórdicas com as práticas gardnerianas.

Figura 6: Raymond e Rosemary Buckland.



Fonte: Disponível em: <<https://alltacailleach.wordpress.com/photo-archive-of-witches-past/>> Acesso em 13 de Junho de 2020.

Esse cenário contracultural que despertava o desejo por uma inovação cultural/espiritual pelos jovens, colaborou para que a Wicca se ampliasse e se desenvolvesse, ganhando mais adeptos, principalmente por ir de encontro com o feminismo em uma perspectiva mais espiritualista do movimento, devido o culto ao feminino e a Deusa, atraindo principalmente mulheres. A partir da autoiniciação, outras tradições foram sendo criadas, como a *Tradição Diânica* criada por Zussana Budapest, influenciada pelo feminismo e pela defesa da natureza, misturando alguns aspectos gardnerianos, com o feminismo e restringindo o culto somente a Deusa Diana. Outra nova vertente influenciada pelo feminismo, foi a *Tradição Reclaiming* por Starhawk. A obra *A dança cósmica das feiticeiras* de Starhawk, fez com que essa sacerdotisa alcançasse grande sucesso e influência entre os wiccanos de diversos países do mundo, considerada hoje uma obra clássica da Wicca.

Sobre as relações da contracultura e a Wicca, o trabalho de Celso Luiz Terzetti Filho “Um bruxo ao seu tempo: as obras de Gerald Gardner como expressões culturais”, define a Wicca como uma religião contracultural. Com base nas definições do conceito de contracultura de Ken Goffman e Dan Joy, defende que por mais que existam diferenças entre os diversos elementos presentes nas “contraculturas”, sempre poderemos apontar traços em comum presentes em alguns princípios e valores. Terzetti Filho (2012) estabelece alguns aspectos que caracterizam a Wicca como contracultural. O primeiro deles é a oposição ao cristianismo, por ser creditada como uma religião que tem suas origens em um culto antigo do paganismo. Outro aspecto é a dedicação de Gardner em buscar dissociar as bruxas como algo demoníaco.

Durante a década de 1970 surgiu um movimento intitulado “Movimento de Espiritualidade da Deusa” constituído por bruxas, druidas, neopagãos e diversos espiritualistas. Mas a maior contribuição para o culto à Deusa se deu através de Gardner e da Wicca, resultando no reconhecimento da Wicca como a “religião da Deusa”. Essa valorização pelo feminino e o equilíbrio entre os sexos, também é um dos aspectos que caracterizam a Wicca como uma religião contracultural para Terzetti Filho (2012). Por fim, o último aspecto seria a crença na reencarnação (ou metempsicose), já que os wiccanos acreditam na existência de um paraíso das

bruxas e passam por um processo de evolução pessoal através do nascimento, morte e renascimento.

Através da Wicca, Gardner tentou religar o indivíduo à natureza e às divindades primordiais dos tempos antigos, reconstruindo o paganismo europeu a partir do culto à Deusa mãe e ao Deus das florestas. Juntando as experiências que ele adquiriu no Oriente e as práticas ritualísticas e mágicas que aprendeu durante sua vida, Gardner logrou configurar a Wicca como uma religião neopagã no mundo contemporâneo. Como descreveu o bruxo Scott Cunningham em seu livro *A Verdade sobre a Bruxaria Moderna* (1998), a Wicca não é uma magia religiosa ou religião mágica, mas uma religião que engloba a prática da magia e a vê como uma forma de sintonia entre as energias divinas, os fluxos da Terra e da natureza e sua relação com os humanos.

Segundo Leila Amaral (2000), o contexto contracultural que emergiu na década de 1960 nos Estados Unidos foi articulado por diversos grupos alternativos que iam contra os valores da sociedade moderna ocidental (valores expressos na valorização do dinheiro e dos negócios, do governo, da educação, da Igreja e da família). Esses jovens contraculturais buscavam superar essa crise de valores e, religiosamente falando, procuravam inspiração numa nova espiritualidade com influência nas raízes orientais e nos movimentos esotéricos do século XIX. Ademais, embora os discursos entre as décadas de 60 e 70 fossem bastante politizados (com influências de teorias como o marxismo e psicologia), os posicionamentos contraculturais que persistem atualmente priorizam o desenvolvimento das relações pessoais junto a uma vida em comunidade e harmonia com a natureza.

Com as influências contraculturais (contra os valores ocidentais cristãos) novas espiritualidades emergiram através de uma cultura religiosa, plural e híbrida rompendo com o desencantamento e trazendo outra vez o encanto para o mundo. Na sociedade moderna, a religião não possui mais a mesma força hegemônica em organizar a sociedade, porém as espiritualidades puderam se tornar, em vários sentidos, mais autônomas, individuais e privadas (AMARAL, 2000).

A Wicca é uma dessas religiões que foram influenciadas pelo reencantamento do mundo, através de sua *remagificação religiosa*. No que diz respeito à Wicca brasileira, conforme Rocha

(2015), o Brasil é um país que sempre permaneceu “encantado”. Contudo, na decorrência desse reencantamento com a crise da modernidade, houve por consequência uma racionalização da magia, levando a uma sistematização da cosmologia, assim como a organização burocrática do culto mágico, além de uma pluralidade das tradições e práticas mágicas, ocorrendo consequentemente a mercantilização do sagrado.

Esse pluralismo religioso é resultado do pluralismo moderno vivenciado nos últimos tempos, responsável por desencadear crises de sentido na sociedade humana. Berger (2012) atenta ao fato de nas sociedades mais industrializadas, o processo de modernização e de pluralismo estar mais desenvolvido e não haver uma ordem de valores e sentidos que são comuns para todos da sociedade. Nesse sentido, o pluralismo espiritual moderno é diferente de boa parte do tempo histórico, cujas sociedades possuíam uma religião única e uma relação ancestral com os deuses, que eram cultuados simultaneamente tanto pelas famílias, clãs e cidades.

A crise moderna de sentido foi provocada pelo declínio histórico do cristianismo no Ocidente. A mudança nos valores e na ordem de pensamento cultural, social e religioso, resultando na transformação de um ser humano moderno que não necessariamente precisa de uma religião na sociedade, levando ao relativismo dos sistemas de valores (BERGER, 2012).

A pluralidade e a autonomia religiosa, advinda da crise moderna dos sentidos, também sofreu influências do processo que Colin Campbell (1997) denomina de “orientalização” do Ocidente. Esse processo decorrente de orientalização ocorre através da mudança da teodicéia tradicional por uma que possui aspectos essencialmente orientais. A orientalização não se refere unicamente à introdução mercadológica, materialmente falando, como o mercado da seda ou de temperos, nem à difusão de práticas como ioga, acupuntura ou sistemas religiosos como o Budismo e o Hinduísmo, mais ao fator de que a absolvição desses artefatos materiais e dessas ideias podem ser absorvidas sem mudar os valores predominantes. Além disso, o que ocorre mais comumente “é a transformação dos elementos importados e não da sociedade que os importa” (CAMPBELL, 1997).

A tese de Campbell (1997) objetiva para afirmar que o paradigma cultural ou *teodiceia*, como assim o nomeia, que tem sustentado a prática e o pensamento ocidental por cerca de dois

mil anos, tem passado por um processo de substituição dos paradigmas tradicionais que caracterizou o Ocidente, através dos paradigmas que caracterizaram o Oriente. Esse processo de orientalização não depende também apenas da importação de ideias, mas também pode ser entendido pela presença de uma tradição cultural nativa do Ocidente. O autor aponta duas dessas tradições “nativas”, identificadas como importantes para a eclosão da alternância histórica de uma teodiceia ocidental para uma teodiceia oriental, as quais uma delas é o *neopaganismo* e, a outra, o movimento da *Nova Era*.

2.3.1 Nova Era

Quanto às origens da Nova Era, o antropólogo José Guilherme C. Magnani (1999) nos explica que o movimento da contracultura, o espiritualismo e a teosofia do século XIX, além de outras correntes espirituais e ocultistas do Oriente e do Ocidente, influenciaram o que viria ser a *New Age*, também conhecida como *Nova Era*, *Era de Aquário*, *Conspiração Aquariana*, *Nova consciência*, que teve o seu boom nas décadas de 1980 e 1990. As práticas que fazem parte da Nova Era, também são comumente chamadas pela denominação genérica de “esotéricas”, encontrando-se presentes em diversos setores da sociedade, desde os jornais e programas de televisão, nas redes sociais e páginas da internet, nas livrarias, em cartazes na rua, filmes e literatura, em processos terapêuticos de cura e autoconhecimento, como também em lojas “místicas” e eventos anuais que reúnem todo o arsenal que compõe a Nova Era.

Amaral (2000) considera o fenômeno da Nova Era como um dos mais surpreendentes dos últimos anos, por despertar o interesse nas pessoas pela religião e busca de novas formas de espiritualidades em um mundo que por muito tempo foi considerado desencantado, assim como discutido anteriormente. A Nova Era possui um leque amplo de opções espirituais para aqueles que a buscam, perpassando desde a crença em duendes e outros seres elementais, à devoção de anjos, rituais de bruxaria, cerimônias xamânicas, terapias de medicina tradicional chinesa ou indiana, meditação, uso de velas, incensos e cristais, apreço pelas músicas *New Age*, entre outras formas de aperfeiçoamento do *self*.

A expressão “Nova Era” tem origem na cosmologia astrológica e significa uma mudança ocasionada pela precessão dos equinócios em seu trajeto no sistema solar, em relação ao zodíaco. Com isso, os astrólogos acreditam que ao entrar em uma Nova Era, que é o caso da sociedade

atual, acaba por ser um momento que anuncia a ocorrência de importantes transformações na humanidade (MAGNANI, 2000). Esse processo zodiacal que influenciou a chegada da Nova Era está de acordo:

[...] com o esquema dos ciclos do ano zodiacal, a era de Touro, por exemplo, correspondeu às civilizações mesopotâmicas, a de Áries, a religião mosaico-judaica e a de Peixes - que teve início com o advento do cristianismo - ao término dos 2.100 anos de sua duração, levou ao limite os valores identificados com o modo de vida ocidental. A nova era que agora se inicia é a Era de Aquário, trazendo ou anunciando profundas alterações para os homens em sua maneira de pensar, sentir, agir e relacionar-se uns com os outros. Com a natureza e com a esfera do sobrenatural (MAGNANI, 2000, p. 10).

A Nova Era é a Era de Aquário, considerada um momento revolucionário na Terra, pois a revolução é uma das características marcantes desse signo. Amaral (2000) nos descreve que o signo de Aquário é representado por um ancião com um cântaro de água, jorrando sobre a Terra a sabedoria que conseqüentemente servirá como alimento para a humanidade em seu crescimento pessoal, espiritual e político.

No entanto, todo o processo que culminou no surgimento da Nova Era, como uma forma de buscar um novo caminho espiritual e místico, não foi apenas um produto contracultural. Segundo Amaral (2000), possui suas raízes no transcendentalismo norte-americano do século XIX, o qual teve como maiores representantes os escritores Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau. As raízes novaeristas também podem ser encontradas na teosofia de Helena Blavatsky, Henry S. Olcott e Annie Besant, além de outras correntes esotéricas e ocultistas europeias. Como marco dessa era, houve a ocorrência do *Congresso Mundial de Religião* em 1893, na cidade de Chicago, na qual teve a presença de um dos divulgadores da cultura espiritual indiana nos países ocidentais, chamado Swami Vivekananda.

Todavia, o que caracteriza a Nova Era é a imanência e não a transcendência. Por esse motivo, na Nova Era a ideia do princípio divino é considerado imanente, não separado do ser humano e do mundo, sendo uma perspectiva holística em que o todo e todas as partes se integram. Esta noção imanentista corresponde também à ideia de valorização da natureza, vista como sagrada e integrando todos os seres em um mesmo movimento cósmico. Em muitos caminhos espirituais (como a Wicca e o neoxamanismo), a natureza e o princípio divino são o mesmo, não havendo diferença entre ambos ou separação (MAGNANI, 2000).

Alguns pesquisadores brasileiros sobre Neopaganismo e Wicca, como o cientista da religião Celso Luiz Terzetti Filho, entendem a Nova Era como uma forma de vivenciar a espiritualidade e não um conjunto de religiões, defendendo que “a religião criada por Gardner não é uma religiosidade a parte da Nova Era, mas sim uma expressão desta forma de espiritualidade” (TERZETTI FILHO, 2016. P. 23).

Já o historiador Janluis Duarte (2013) analisa a Bruxaria Moderna como parte do movimento da Nova Era, partindo do pressuposto de que a Wicca incorporou e absorveu os elementos típicos desse movimento nos EUA, ganhando maior popularidade em fins dos anos 1970. Exemplos desses elementos típicos que podem ser associados à atração pela magia que gerou livros populares de Wicca, no estilo de “receitas de feitiços” e de “faça você mesmo”, com variações de simpatias, credices populares, o uso de velas perfumadas, incensos, cristais, oráculos, etc. O autor ainda destaca que

A inserção da Wicca no mercado religioso da Nova Era trouxe ainda novos elementos: a associação da bruxaria com práticas esotéricas já estabelecidas nesse mercado – tarô, runas, astrologia, etc. – e com terapias alternativas. Mais significativa, porém, foi a desvinculação da Wicca da ideia de ser um culto exclusivista, do qual apenas poderiam participar pessoas convidadas por um grupo pré-existente, ao qual passariam a fazer parte através de um complexo processo de iniciação. Popularizada, a Wicca passou a ser descrita como uma religião acessível a todos, através de práticas simples e da leitura de obras populares (DUARTE, 2013, p. 210).

O fenômeno da Bruxaria na contemporaneidade seria a manifestação de uma tendência muito mais ampla, que abrange a grande popularidade que certas crenças e práticas relacionadas ao oculto e ao esotérico possuem, desde a Astrologia, aos movimentos neo-espiritualistas, o hermetismo, alquimia, zen, ioga, gnoses, terapias de cura e correntes orientais (Eliade, 1979). São tendências que despertam o interesse de alguns praticantes da Wicca, nessa busca de conhecimento e outras formas de espiritualidades e misticismos associados à Nova Era. Segundo Silva (2017) muitos wiccanos participam de espaços neo-esotéricos da Nova Era, como terapias holísticas, circuitos oraculares, circuitos xamânicos relacionados à práticas novaeristas que buscam um resgate do xamanismo indígena inspirado no movimento xamânico norte-americano.

Por mais que alguns pesquisadores considerem a Wicca um fenômeno da Nova Era, existem controvérsias de não haver como a Wicca ser considerada uma religião New Age, por seus praticantes acreditarem que praticam algo mais antigo, que tem suas raízes na bruxaria

arcaica do Velho Mundo. Mesmo que seja uma religião sistematizada (ou reformulada) por Gardner em meados do século XX. Muitos wiccanianos não se considerarem novaeristas. Nos deteremos, portanto, à noção da Wicca como uma religião neopagã e não novaerista (pois seus próprios praticantes se denominarem como neopagãos e não como novaeristas). Partindo da ótica que a Wicca é considerada uma religião que se insere no Neopaganismo, outras religiões também abarcam o ressurgimento do neopaganismo contemporâneo. São as religiões Reconstrucionistas, que podem ser celtas, gregas, egípcias, romanas. Há também o neopaganismo nórdico através do Asatru e do Odinismo, além da Bruxaria Germânica, Bruxaria Italiana (Stregueria) e Bruxaria Ibérica, entre outras.

2.3.2 Neopaganismo

O neopaganismo realiza atos, propõe ritos e faz discursos voltados para uma ideia de relação entre o ser humano e a natureza, em que se diz haver a reinvenção e o “resgate” de aspectos de religiões do passado, como se trazendo elementos dessas antigas religiões para a prática contemporânea, como o culto a deuses de diversos panteões e sacralização da natureza (PIKE, 2006, p. 18). Segundo Holzer (1972) o termo pagão vem do latim *paganus*, que era utilizado na Roma Antiga para distinguir pessoas das cidades (meio urbano *urbanus*) e do campo (*paganus*). A compreensão que se tem do que é o paganismo hoje - como um termo usado para definir religiões não abraâmicas - surgiu com a igreja medieval, pois o cristianismo foi introduzido como uma religião urbana e os *paganus* seriam aqueles que viviam aos arredores e que ainda mantinham suas antigas crenças em deuses, guardiões domésticos e outras “superstições”.

O historiador Ronald Hutton (1999), ao discutir o termo *pagão*, esclarece, primeiramente, que não há uma definição total e universalmente aceita para o conceito de religião. O termo, derivado do latim *religio*, significa os deveres e a reverência necessários para a manutenção de um bom relacionamento entre os mundos humano e divino. O seu conceito passou por algumas alterações, sendo sua definição acadêmica moderna básica estabelecida em 1871, por Sir Edward Tyler, que definiu a religião como um componente essencial na crença de seres espirituais.

Apenas em 1986 o historiador Robin Lane Fox, em *Pagans and Christians: In the Mediterranean World from the Second Century AD to the Conversion of Constantine* (1986), atentou-se para o fato de que o uso desse termo nunca havia sido realmente comprovado e que provavelmente o mundo romano o empregava de maneira diferente. Posteriormente, o acadêmico francês Pierre Chuvin, na obra *A Chronicle of the Last Pagans* (1990), argumentou que a palavra *pagani* era utilizada para se referir aos seguidores das tradições religiosas antigas. Essas pessoas geralmente compunham o maior número de habitantes das cidades antigas, sendo o termo denotado como “o povo que proferia a fé do *pagus* (campo) e mantinham as raízes da velha religião”.

Hutton (1999) concorda em partes com Chuvin, mas compreende que um dos problemas relacionados ao termo diz respeito ao seu uso no norte da Europa, tornando comum vincularem “pagão” a pessoas adorando divindades em lugares selvagens. Em inglês, a melhor palavra seria *heathen*, versão inglesa do termo utilizado por grupos germânicos – os godos, inicialmente – no começo da Idade Média para identificar os que não seguiam a religião cristã.

Para Rosalira Oliveira (2001), o termo pagão é genérico e de certo modo pejorativo. Os neopagãos são conscientes do caráter recriacionista de sua espiritualidade e possuem uma noção do termo paganismo com um sentido social importante, ao denominar uma tradição espiritual (ou conjunto de tradições) pré-cristã europeia por meio da reafirmação ocorrida nos últimos anos. Os adeptos do neopaganismo buscam viver de um modo atualizado as antigas religiões pagãs, procurando inspiração em textos antigos referentes a esse caminho e aos deuses e os adaptando à realidade da sociedade contemporânea. Entre os neopagãos, há aqueles que acreditam praticar uma nova versão da “velha religião” e os que acreditam de fato praticar a “velha religião”.

No início do século XX os pagãos contemporâneos, começaram a se autodenominar como “neopagãos” (Caselli, 2017. p. 297), pois o acréscimo do prefixo “neo” distinguiria que as suas práticas já não seriam mais as mesmas dos pagãos da Antiguidade, pois muitos dos antigos costumes não tiveram como sobreviver no mundo atual, por suas práticas não serem possíveis e compatíveis em um espaço urbano e pela comunhão com a natureza desses praticantes, não se expressarem da mesma forma como seus antigos praticantes poderiam realizá-las. Entre os elementos que permaneceram, podemos destacar o culto de diversas divindades, a crença em

espíritos da natureza e a celebração de festivais sazonais, como solstícios e equinócios. Para Caselli (2017, p. 299), como já vimos, a prática do Neopaganismo, também possui muitas das suas reconstruções com raízes históricas no movimento romântico dos séculos XVIII e XIX, trazendo elementos do ocultismo, da teosofia e do folclore oitocentista, como a reelaboração de ritos e mitos antigos e a invenção e reformulação de algumas tradições pagãs.

2.4 Crenças, caminhos e tradições da Wicca

2.4.1 A Deusa.

A Wicca como uma religião, possui alguns caminhos, tradições, liturgias e princípios básicos que serão comuns entre todos os wiccanos, independente de alguns *covens* ou *bruxos solitários* terem caminhos distintos. Como discutido anteriormente, uma das versões da história da Wicca, é a afirmação dela ser uma religião que possui suas raízes tanto históricas como espirituais no antigo paganismo europeu, remetendo ao neolítico e ao paleolítico, através de um culto primitivo a Grande Deusa como mãe e nutridora da vida. Um desses princípios básicos é essa crença na Deusa, cultuando as suas diversas faces. Para a discussão de todo esse conjunto de elementos que formam a Wicca, usaremos entre as fontes os posicionamentos do escritor brasileiro wiccano Claudiney Prieto em seu livro *Wicca para Todos* (2009), *A Dança Cósmica das Feiticeiras* (1993) de Starhawk e os livros *A Bruxaria Hoje* (2003) do fundador Gardner.

A Deusa geralmente é apresentada através do seu principal arquétipo como *Grande Mãe*, *Deusa Mãe* ou *Mãe Terra*. Ela é considerada a origem de todas as coisas, a fonte da vida, da existência, de onde todos vêm e irão retornar. Na natureza ela se manifesta imanentemente, pois todas as coisas existentes vêm dela e ela própria transcende o espaço e o tempo. No entanto, a Deusa não é considerada transcendente e nem separada da humanidade, pois tudo que existe são manifestações da Deusa. São essas crenças de que tudo está interconectado com a Deusa que geram a grande teia wiccana que constitui o todo (PRIETO, 2009, p. 18).

Embora o culto a Deusa seja algo unânime entre os praticantes da Wicca de diversas tradições, algumas outras tradições também cultuam a Deusa e o seu Consorte, como cultuado primeiramente pela linhagem mais tradicional fundada por Gardner e entre outras tradições que o veneram junto a Deusa, através dos seus diferentes arquétipos que podem se apresentar como

“Cornífero”, muito identificado como o deus celta Cernunnos e o deus grego Pã. Neste aspecto o Deus é o senhor das matas, das florestas, o caçador e representa a natureza selvagem. O seu outro arquétipo é como “o senhor da colheita”, simbolizando toda a história de sacrifício que o Deus percorre durante a mudança dos ciclos da natureza (BEZERRA, 2012).

O Deus vem da Deusa e retorna a ela durante o seu ciclo solar de vida, morte e renascimento. Como denomina Prieto (2009) a Wicca pode se apresentar tanto como uma religião *politeísta*, por diversas faces das divindades serem veneradas. Como também *henoteísta*⁴¹ por acreditar na existência de diversas divindades, mas atribuir a criação de tudo a uma única fonte suprema, que é a Deusa. Também é considerada *panteísta*, por ter uma visão de mundo que reconhece o Sagrado em todas as coisas, por a Deusa e a natureza serem uma só.

Starhawk (1993) atenta para o que diferencia a Deusa do Deus-Pai cristão. Ela não governa o mundo e sim é o próprio mundo e todas as coisas que existem nele: os astros, a terra, as pedras, os rios, as árvores, o respirar, a humanidade. A carne e o espírito são um só. Portanto, a Deusa pode se manifestar tanto em um aspecto feminino como masculino, pois a sexualidade é sagrada e tudo emana dela. Ela pode possuir infinitos aspectos, fluxos e nomes. Para o fundador da Wicca, o culto das bruxas que ele teve contato era voltado à Deusa como a Grande Mãe. Uma das declarações que essas bruxas usavam em suas iniciações, segundo Gardner (2003, p. 33) seria:

Ouça as palavras da Grande Mãe, que antigamente foi chamada pelos homens de Artemis, Astartéia, Diana, Melusina, Afrodite e muitos outros nomes. Em meus altares a juventude da Lacedemônia fez o devido sacrifício. Uma vez por mês, de preferência quando a lua está cheia, encontrem-se em algum lugar secreto e me adorem. Pois sou a rainha de todas as magias... Pois sou uma deusa graciosa, dou alegria à terra, certamente, não a fé, durante a vida; e após a morte, a paz inexprimível, o descanso e o êxtase da deusa. Nada peço em sacrifício.

A Deusa vista como essa Grande Mãe criadora da vida, evidenciando o aspecto feminino presente na Wicca é apontada por Carvalho (2019) pela perspectiva de um cenário atual do mundo em meio a exploração da natureza, a qual caminha junto a exploração das mulheres, até pelo fato de igualar a natureza às mulheres ser algo identificado desde tempos passados. Afinal, a própria natureza é vista como mãe e nutridora, mas além de seus aspectos benevolentes, também

⁴¹ Crenças em diversos deuses, mas ter um deus como supremo.

é identificada como selvagem e indomável. Considerando assim, que a imagem da Deusa na Wicca não é apenas a Terra, mas uma imagem a qual transborda, pois é a alma do mundo, a matrix geradora e em tudo encontra-se presente (CARVALHO, 2019). Desta maneira, compreendemos que independente da tradição que o wiccano siga, o culto à Deusa, com seus diferentes arquétipos e também através da sua triplicidade, pode se manifestar tanto como a Grande Mãe nutridora da vida, a fertilidade e a abundância da terra ou como a senhora ceifadora, entre tantos outros aspectos e nomes que a mesma possui.

2.4.2 Regras da Wicca

Entre as regras, os wiccanos possuem algumas condutas que são valores centrais, pois a Wicca é considerada uma religião libertária, sem regras fixas obrigatórias ou ditados rígidos de como se deve viver. Prevalecendo dois princípios éticos: o Dogma da Arte e a Lei Tríplice. O Dogma da Arte diz o seguinte *“Faça o que quiser, desde que não faça mal a nada, nem ninguém”*. Segundo Prieto (2009) essa é a principal diretriz da Wicca, sempre levada em consideração durante a realização de algum ato mágico e do próprio cotidiano dos seus praticantes. Pois nada, nem ninguém devem ser prejudicados, assim como a natureza e eles próprios. Deve ser pensado cada ato tanto no modo de vida, nos hábitos alimentares e de comportamento, buscando uma vida em harmonia com a natureza. É também uma maneira de respeitar a diversidade e repudiar os preconceitos, combatendo as intolerâncias.

Segundo Bezerra (2012) a origem desse dogma wiccano vem do *Liber Al* ou *O Livro da Lei* de Aleister Crowley. Uma revelação que ele teve durante sua estadia no Egito, como um anúncio da Nova Era. E representa o que é proclamada pela Lei de Thelema (vontade) como: *“Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei”* ou *“Amor é a lei, amor sob vontade”*. O único acréscimo ao dogma wiccano seria o *“desde que não prejudique ninguém”* ou *“não faça mal a ninguém”*, pois a Wicca tem como um de seus valores respeitar a terra e o poder, que jamais deve ser utilizado para prejudicar qualquer forma de vida.

Já a Lei Tríplice defende que tudo que for feito, seja para o bem ou para mal, será retornando triplicamente nesta encarnação. Desta forma, os wiccanos acreditam que se fizerem o

bem, colherão o bem; e se fizerem o mal, o mal também será colhido através de uma lei de causa e efeito, ação e reação. Prieto (2009) destaca que essa noção de fazer o mal, não deve ser considerada pecado ou algo semelhante, pois esse conceito não existe na Wicca, já que acreditam que todos são livres e as leis podem ser transgredidas, mas que todos sempre enfrentarão as consequências de seus próprios atos.

2.4.3 As Tradições

Explanando melhor sobre o que são as Tradições da Wicca, já tão mencionadas no decorrer desse trabalho, pode-se dizer que elas constituem algo como subgrupos que possuem uma própria estrutura filosófica dentro da Wicca. Cada tradição pode ser diferenciada pelo tipo de sistema que praticam e pode ser chamado de tradição tanto a versão de Wicca escolhida para se praticar, como também o nome de um grupo, de um *coven* que pratique algum desses sistemas. Cada grupo vai possuir éticas, rituais próprios, práticas mágicas e uma linhagem ancestral seguida dentro do *coven* em comum. E cada tradição pode possuir diversos *covens*, que vão ser uma extensão dela através de autorização para representar a Tradição. (PRIETO, 2009). Entre os pontos em comuns que vão existir entre todas as tradições, Prieto elenca:

Convicção na reencarnação; Crença nos aspectos femininos e masculinos do Divino; Respeito na mesma proporção não só a seres humanos, mas para a Terra, animais e plantas; Observação da mudança das estações do ano, com 8 Sabbats Solares e 13 Esbats lunares, perfazendo 21 ritos anuais; Repúdio ao proselitismo; Igualdade à mulheres e homens. Apesar de a mulher ser mais enfocada muitas vezes, ambos gêneros são considerados complementares e importantes para a vida; Realização dos rituais no interior de um Círculo Mágico, pois o Círculo é um espaço sagrado usado para a adoração; Importância aos “3 Rs”: REDUZIR, REUTILIZAR, RECICLAR; O sentido de servidão à Terra; O respeito a todas as religiões e à liberdade religiosa; O repúdio por qualquer forma de preconceito; Consciência em relação à cidadania (PRIETO, 2009, p. 17).

A maneira de cultuar os Deuses também vai mostrar muito de cada tradição, das características que as compõem, podendo cultuar apenas um único panteão como o grego ou o egípcio, ou até mesmo cultuar Deuses de diferentes panteões, que virá a influenciar desde a maneira que os bruxos dessa tradição irão construir seus rituais, suas celebrações, oferendas, costumes sagrados do dia a dia, entre outros aspectos.

2.4.4 Iniciação na Wicca

Entre os ritos de passagem da Wicca, a iniciação é o mais importante. É nesse rito que de fato a pessoa que escolheu esse caminho religioso irá se tornar um wiccano e poderá começar o seu sacerdócio na Wicca. Antes de ocorrer o rito de iniciação, quando o indivíduo escolhe se dedicar a bruxaria, deve passar por um período de um ano e um dia, dar a volta na Roda do Ano celebrando os seus sabás, e estudar sobre a religião para decidir se é realmente o que se deseja. No começo, a Wicca fundada por Gardner, só permitia a iniciação, caso essa fosse realizada por outra pessoa que já havia sido iniciada, ou seja, por uma sacerdotisa ou sacerdote. Mas com as mudanças que ocorreram na chegada da Wicca na América, a autoiniciação se tornou uma maneira mais simples para aquelas pessoas que desejavam fazer parte da Wicca e até mesmo para aqueles que não tinham ou queriam fazer parte de um *coven*, mas que escolheram seguir um caminho solitário. E antes do ritual de iniciação, as pessoas que desejam tornar-se wiccanas, precisam realizar uma cerimônia chamada Dedicção, que pode ser realizada publicamente ou de maneira reservada/solitária. Neste rito, a pessoa declara a sua intenção em aprender e a se dedicar mais sobre o caminho wiccano e estabelece uma conexão com a Deusa e o Deus.

A iniciação tem o simbolismo de morte e renascimento. É um processo de transformação. Encarar a morte é enfrentar os medos mais profundos, pois ela leva o neófito a confrontar a tristeza e a perda. A partir da iniciação que os wiccanos aprendem o mistério, com o Deus como guardião dos portões em sua aparência de morte, fazendo o indivíduo que está no processo se livrar de coisas que não são necessárias para esse momento de transformação, como as defesas, as pretensões e as máscaras que possuem, para só assim cruzar o portal que leva ao mundo interior. Uma vez que o indivíduo conseguiu atravessar esse portal, o medo passa a não existir mais, formando um elo umbilical de vida entre a morte e o renascimento, fazendo com que o neófito conheça o grande mistério, que não é uma doutrina, mas sim uma experiência. Essa é uma das formas com que a sacerdotisa Starhawk (1993) descreve o processo de iniciação, esclarecendo que todos os rituais de iniciação possuem um elemento secreto, que seria representado através de uma encenação simbólica de destruição e purificação que o neófito necessita passar. O trecho a seguir é referente a representação do mito dos deuses no processo iniciático:

– Por que você faz com que todas as coisas que amo e prezo murchem e morram? – Senhora – disse ele –, é destino de tudo aquilo que vive morrer. Tudo

passa, tudo se esvai. Eu trago conforto e consolo para aqueles que cruzam os portões, para que possam rejuvenescer. [...] Ela tomou sua coroa, que se tornou o diadema que ela colocou em seu pescoço, dizendo: – Eis o círculo do renascimento. Através de você todos saem da vida, mas através de mim todos podem nascer novamente. [...] Meu é o mistério do ventre, que é o caldeirão do renascimento. Penetre em mim e me conheça e estará liberto de todo medo. [...] Amorável, ele penetrou-a assim, renasceu para a vida. No entanto, ele é conhecido como o senhor das sombras, o confortador e o consolador, aquele que abre os portões, rei da terra da juventude, o que dá paz e descanso. Mas, ela é a mãe graciosa de toda a vida; dela todas as coisas nascem e para ela devem retornar novamente. Nela estão os mistérios da morte e do nascimento; nela encontra-se a realização de todo amor (STARHAWK, 1993, p. 151).

Através dessa descrição por uma perspectiva mitológica, é possível perceber como ocorre a manifestação do ato dos deuses para a realização desse rito de passagem dos wiccanos. Dentro dessa visão de morte e renascimento, uma das crenças dos wiccanos é a reencarnação. Pois para eles a morte não significa o fim, mas sim o ciclo que leva ao renascer.

A morte não é um fim; é um estágio do ciclo que conduz ao renascimento. Após a morte, é dito que a alma humana descansa na "*Terra do Verão*", a Terra da Juventude Eterna, onde ela é revigorada, rejuvenesce e é preparada para renascer. O renascimento não é considerado eterna condenação, sombrio ciclo de sofrimento, como em algumas religiões orientais. Pelo contrário, é visto como uma grande dádiva da Deusa, que está presente no mundo físico. A vida e o universo não se encontram separados da deidade; eles são a divindade imanente (STARHAWK, 1993, p. 42).

A Terra do verão, no inglês *Summerland*, é o Outro Mundo onde os espíritos vão após a morte para restaurar as energias e poder renascer mais uma vez. É um lugar entre os mundos, uma realidade não física e diferente da noção de outras religiões, o Outro Mundo não é um céu, um inferno ou purgatório; um lugar de condenação, pois os wiccanos acreditam que tudo que é feito durante a encarnação é retornado nela mesma. Desta maneira não existindo a crença entre eles de “pecado”, além de o Outro Mundo, ser um lugar de paz e descanso (PRIETO, 2009, p. 202).

CAPÍTULO 3 –NATUREZA, ESPACIALIDADE E WICCA NO BRASIL

3.1 (Re)valorização e representações da natureza

Os wiccanos entendem a natureza como um centro imanente do sagrado. Além dos aspectos divinos presentes na compreensão religiosa que possuem da natureza como o corpo da Deusa, também a compreendem como um espaço sagrado, tal como os antigos pagãos. Essa permanência e imanência do sagrado é o que poderíamos denominar de *hierofania*. Sacralizando não apenas um espaço profano homogêneo, mas também garantindo a sacralidade de determinado local, a hierofania, segundo Eliade (2002), permite que o lugar onde ocorreu a repetição de um ritual sagrado se torne uma fonte sacralizada para a comunhão da religiosidade.

Muitos dos praticantes dessa religião vivem em centros urbanos onde, evidentemente, não há uma grande concentração de espaços de natureza como nas áreas campestres. Essa ideia de busca por espaços de natureza tende a ser muitas vezes romantizada por alguns wiccanos e pagãos de outras Tradições, pois, por serem praticantes de uma religião da natureza, sentem a necessidade de estar em contato com essa fonte natural do sagrado, buscando por bosques e parques em suas cidades.

Para Dartagnan Abdias Silva (2017), muitos wiccanos idealizam ou almejam viver no campo, mas apenas uma minoria consegue ter esse estilo de vida. Embora essa idealização de uma vida na natureza – como outros pagãos tiveram em uma era dourada de harmonia e comunhão com a Terra – seja uma visão utópica e deslumbrada do passado, muitos buscam um maior envolvimento com questões ecológicas. Contudo, ainda que tentem ter práticas saudáveis e de respeito pelo meio ambiente, todo esse discurso é marcadamente urbano. Essa idealização influencia muitos wiccanos a buscar lugares de moradia próximos a bosques e parques e até mesmo a cultivar ervas e a manter jardins em suas residências.

Essa visão utópica de uma harmonia entre o homem e a natureza vem desde os tempos antigos, como aponta o historiador britânico Keith Thomas, em *O Homem e o Mundo Natural* (1988). A partir do estudo de fontes como poemas, jornais e manifestações artísticas, Thomas analisou as relações da sociedade inglesa com o mundo natural entre os anos de 1500 e 1800. Investigando como os ingleses pensavam a natureza e se portavam diante dos animais e do

mundo vegetal, o autor discutiu as transformações que ocorreram no pensamento e na conduta dos ingleses durante esse período. Nos capítulos IV e V, alguns conceitos são discutidos pelo autor, como a noção de crueldade, de destronamento do homem e das sensibilidades. A abordagem de Thomas (1988) sobre a relação entre o homem, a natureza e as transformações que ocorreram nos é interessante por estarmos tratando de uma religião cuja centralidade maior é a natureza.

Para Thomas (1988), a preocupação e a sensibilidade dos ingleses diante do tratamento dos animais foi um traço de sua cultura em fins do século XVIII. Embora se horrorizassem com a forma com que outros países tratavam seus animais – como no caso da tourada espanhola e de seus métodos de caça –, em outros tempos os próprios ingleses cometeram atos de crueldade com os animais. No século XVIII, os sentimentos em relação aos animais se tornam algo de interesse, fortalecendo a escrita sobre o tema, surgindo ensaios filosóficos sobre o tratamento imoral contra “criaturas inferiores”, protestos contra as crueldades dirigidas aos animais e tratados edificantes para despertar nas crianças uma conduta benévola com as criaturas brutas. Inúmeros foram os livros, jornais, periódicos e poesias publicadas e voltadas para a bondade com os animais.

A condenação da crueldade com os animais, contudo, não foi algo novo, pois já havia sido sustentada por diversos moralistas clássicos e por escolásticos medievais, sendo renovada no período moderno. Os moralistas condenavam a crueldade pois acreditavam que ela tinha algum efeito sobre os homens, tornando-os brutos e cruéis entre si. A ideia de que a crueldade com os animais levaria à crueldade entre os homens foi sustentada durante o século XIX, gerando uma lei contra a crueldade animal cuja real intenção era impedir o assassinato humano.

Todavia, conforme o autor, os animais não foram a única parte da natureza que, no período moderno, foi considerada senciente, pois, aos poucos, essa visão foi ampliada para toda a natureza. O cultivo de árvores e o paisagismo se tornou uma forma de diversão dos mais abastados, espalhando-se a paixão pelo cultivo de flores. Por mais que os pomares e bosques tivessem a simpatia dos ingleses, por muito tempo a floresta foi considerada algo selvagem e hostil. A destruição das árvores fez parte do processo humano desde os tempos mesolíticos. Das pequenas florestas virgens que se conservaram, grande parte foi utilizada para corte, pastagem, entre outros fins. No começo do século XV, algumas espécies de árvores voltaram a crescer, mas foram destruídas devido ao aumento populacional.

Esse processo de dominação humana sobre as florestas simbolizava o triunfo da civilização, pois as florestas – consideradas “selvagens” – representavam perigo e rusticidade. Considerada um lugar terrível e sombrio, cercada por feras, refúgio de animais perigosos e selvagens, a floresta passou a ser vista como lugar de habitação animal e não humana. Portanto, se um homem vivesse na floresta, ele seria considerado alguém rude e bárbaro, pois o progresso humano significava migrar da floresta para o campo.

No início do período moderno, a construção de numerosos bosques e jardins se tornou uma forma de ornamentar as cidades. A atividade de sair para tomar ar e andar a pé tornou-se comum na vida social inglesa. Caminhar entre os parques e bosques virou ponto de encontro da aristocracia e pequena nobreza da Inglaterra, com os jardins fazendo parte das grandes casas como um ornamento para torná-las mais belas, nos períodos Tudor e Stuart. As áreas das matas deixaram de ser consideradas selvagens, tornando-se um lugar de deleite e inspiração, aflorando uma imagem romântica sobre as florestas, de acordo com Thomas (1988). Essas novas sensibilidades também contribuíram para evitar a destruição de árvores antigas. Elas passaram a ser cada vez mais amadas na Inglaterra, não apenas por suas utilidades ou por serem belas, mas pelo seu simbolismo.

No século XVIII, a natureza passou a ser vista como uma forma religiosa positiva e tornou-se um espaço privado para a meditação. As árvores começaram a transmitir a mensagem de eternidade, surgindo também o desejo de associar as árvores a heróis e a acontecimentos históricos (THOMAS, 1988). Portanto, para compreendermos o significado que a natureza possui para o paganismo e para a Bruxaria Moderna, é interessante entendermos essas revalorizações das sensibilidades, da relação do ser humano com a natureza, e o quanto as formulações e representações criadas, inventadas e valorizadas nesse período, influenciaram os pensamentos éticos e sagrados das religiões neopagãs sobre o mundo natural.

Conforme Antônio Carlos Diegues (1998), as relações simbólicas com a natureza e o mito de áreas naturais como um espaço virgem e intocado, não habitado pelo humano, resultou na criação de parques e reservas como uma estratégia de conservação da natureza e preservação de áreas de relevância ecológica. Assim, visitar e apreciar a beleza dessas áreas é permitido, mas a moradia nesses espaços se tornou proibida.

Os Estados Unidos são os responsáveis pela primeira área de preservação ambiental. Com o intuito de proteger a natureza da civilização urbano-industrial, o projeto esteve de acordo com o naturalismo do século XX, acreditando que a proteção da natureza ocorreria somente se esta fosse afastada do ser humano. Dessa forma, esses espaços de preservação foram elaborados apenas para a sua admiração, resultando na criação de lugares paradisíacos, considerados selvagens e até mesmo fazendo surgir o mito de paraíso perdido (DIEGUES, 1998). Esse mito moderno de um mundo natural selvagem e paradisíaco, de uma natureza intocada, não é real, pois não é possível existir a natureza em seu estado puro nessas áreas identificadas como paradisíacas, pois elas já foram manipuladas pelo ser humano.

Quanto à definição de “natureza”, Raymond Williams, em *Cultura e Materialismo* (2005), analisa as ideias que existem sobre a natureza, afirmando que, de modo geral, esta torna todos uma grande família, embora muitas pessoas não se percebam como parte da natureza. É bastante comum a noção de um tipo de natureza à parte dos humanos, formada por árvores, montanhas, animais e fontes de água, em contraste com o mundo dos seres humanos.

A definição de natureza é um tanto complexa, pois possui diversos significados e a sua história linguística inicial é um tanto difícil de interpretar; ainda assim, Williams (2005) utiliza dois significados históricos sobre a natureza. O primeiro deles parte da noção de que há uma ideia comum de “estado de natureza” tido como rude, sem presença e interferência humana. Essa noção talvez tenha sido a primeira a utilizar o termo natureza, dito em latim *natura rerum*. Contudo, no latim, *natura* passou a significar também a constituição essencial do mundo. Dessa forma, buscava-se na natureza um princípio essencial, partindo da percepção que todas as coisas referentes à vida estavam centradas em um único princípio, a natureza.

Além da busca por esse princípio e essência na natureza, em determinados períodos também se buscou um nome específico para essa multiplicidade de processos vividos, surgindo, em diversas culturas primitivas, os chamados espíritos da natureza e os deuses da natureza, “seres que se acredita encarnar ou comandar o vento, o mar, a floresta ou a lua. Sob o peso da interpretação cristã, acostumamo-nos a denominar esses deuses ou espíritos como pagãos”. (WILLIAMS, 2005, p. 92). O autor ainda atenta ao fato de que a natureza também se tornou uma Deusa, a Mãe divina, tendo esse princípio considerado singular, abstrato e personificado sido

substituído pelo Deus monoteísta. Este Deus, porém, não constituiria uma parte da natureza; ela que seria uma parte dele.

Em relação as representações da natureza na Wicca, optamos por base o conceito de representação de Roger Chartier. Em *A História Cultural: Entre Práticas e Representações* (1988) busca identificar em sua história cultural, o modo como diferentes realidades sociais são construídas e pensadas em diferentes lugares e momentos. Se inserem nesse contexto as representações sociais, como também “as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, etc” (CHARTIER, 1988, p. 14).

Para a História Cultural, a representação é mais do que um conceito de mentalidade. Entre a sua relação com o mundo social, associa-se desta maneira a três modalidades:

Em primeiro lugar, o trabalho da classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns “representantes” (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, classe ou da comunidade (CHARTIER, 1988, p. 23).

O uso do conceito de representação é pertinente para compreender as relações da Wicca com a natureza. Para a sensibilidade wiccana, a natureza ganha aspectos divinos e é a própria manifestação da Deusa, de seu corpo vivo e “as coisas verdes que crescem são seus cabelos; as pedras e rochas seus ossos; os mares e rios seus olhos e bocas; o céu noturno é o seu colar de estrelas, cuja pérola é a lua” (Prieto, 2009, p.20). Esse é um exemplo da representação que o sacerdote Prieto faz sobre as formas da terra como o corpo da Deusa, e de como essas formas são enxergadas e feitas pelos praticantes por uma ótica divina/mitológica.

Para os wiccanos a natureza é considerada a própria alma e coração da religião, pois além de ser a representação de muitas faces da Deusa, ela permite o aprendizado do respeito para com todos os seres. Essa percepção de respeito para com a natureza faz com que muitos wiccanos

busquem formas de viver ajudando/protegendo o meio ambiente de alguma forma, seja através da reciclagem ou da redução do uso dos recursos naturais. Alguns se tornam ecologistas, ambientalistas, vegetarianos e sempre se preocupam com a situação ecológica da Terra, buscando a sua preservação. Entre as principais características da Wicca como uma religião da natureza, os wiccanos destacam cinco características baseadas primeiramente:

Na crença que é necessário fazer rituais para despertar, curar e transformar a vida; Na necessidade de entrar em contato com a natureza, buscando uma reconexão; Na afirmação da vida e da sacralidade da Terra, como um símbolo de cura para todos os males; Nas forças da natureza como a energia que sustenta a vida na Terra, a própria manifestação da Deusa; E a preservação da natureza, por ser considerada também o templo e a moradia dos deuses (PRIETO, 2009, p. 22).

A Wicca também é uma religião panteísta, pois ela reconhece o sagrado em todas as coisas, já que os deuses e a natureza são um só. O panteísmo para Irving Hexham (2002, p. 127) é uma doutrina na qual todas as coisas e seres são modos, atributos ou aparências da realidade única (ou ser único). Portanto, a natureza e Deus são idênticos.

Segundo Rachel Pollack, em sua obra *O Corpo da Deusa: no mito, na cultura e nas artes* (1997), foi o ressurgimento desta religião da Deusa que possibilitou as pessoas começarem a escrever livros sobre informações arqueológicas que haviam sobre as deusas antigas e que alguns viajassem até cavernas e ruínas, buscando uma conexão espiritual com o divino e esse passado sagrado feminino. Outras pessoas começaram a formar círculos de adoradores da Deusa em suas comunidades, começando a saudar as estações do ano e celebrando os momentos especiais de suas vidas em comunhão com as divindades femininas. Dessa maneira, resultou-se em algo novo, misturando os conhecimentos do passado com a percepção e a experiência das pessoas que cultuam a Deusa no agora.

Para Pollack (1997), pensar no corpo da Deusa é pensar nos próprios corpos, pois a religião da Deusa pode ser vista como algo que se encontra sempre em movimento e está relacionada às realidades básicas de nascimento, morte, aos ciclos lunares e solares, incluindo também a menstruação, a gravidez e o sexo. Desta maneira a Deusa se expressa na natureza, seja através de um rio, da chuva, do relâmpago, até mesmo como um pássaro ou uma abelha. Essas

imagens podem parecer estranhas para o mundo atual, já que a sociedade é acostumada a pensar Deus abstratamente. Mas segundo a autora, esse conhecimento específico da natureza e dos processos da vida através das representações da Deusa, leva as pessoas a terem uma consciência espiritual, com a presença do divino em suas vidas naturalmente, de forma a fazer a espiritualidade fluir através da experiência sagrada com a divindade.

A Terra, ao ser considerada pelos wiccanos como divina e sagrada, parte da própria sacralização feita da natureza e de suas expressões como o nascer e pôr do sol, as árvores, os rios, os astros, entre outras manifestações. Por ser uma religião panteísta faz com que muitos de seus praticantes busquem esse respeito pela natureza, buscando a sua preservação e vivência em harmonia com esses elementos, pois os mesmos possuem essa percepção de ver o próprio mundo como sagrado.

A ideia da Terra como o corpo da Deusa, pode tornar uma caverna a imagem do seu útero e um lugar de abrigo e segurança, onde o indivíduo pode entrar no corpo real da Deusa. Existem outras diversas formas como já descritas de se notar a Deusa presente fisicamente na Terra. Porém, além dessa relação do corpo da Deusa com a Terra, também há alguns aspectos específicos na natureza que podem ser vistos como femininos. A *lua* foi identificada por muitas culturas como a Deusa e possui um forte simbolismo e relação com o corpo das mulheres. Uma das relações é com o ciclo menstrual, por muitas mulheres o terem na mesma duração do período de um ciclo lunar. Além disso, as três fases de deslocamento da lua, com o seu nascimento na escuridão, a sua transformação para tornar-se cheia e o seu minguar até morrer e desaparecer do céu por três noites, até renascer outra vez, podem ser identificadas com as imagens da “virgem, mãe e anciã” que sempre estão em comparação com as luas crescente, cheia e minguante na religião Wicca. Além desses aspectos lunares e femininos, essa tríade também está associada às Deusas tríplexes que são muito cultuadas.

A Deusa se expressa através das mais variáveis formações da natureza (montanhas, por exemplo) ou em espaços naturais com interferências humanas (templos e círculos de pedras que funcionam como observatórios astronômicos dos solstícios e equinócios). Mas além desses atributos físicos da Deusa como a Terra, para Pollack (1997) a Deusa também significa as divindades históricas femininas de todas as culturas, o ser divino e espiritual que há em cada uma delas. Nesse sentido, a Deusa seria como a realidade, sendo o seu corpo qualquer coisa existente

no mundo, pois seu “corpo abrange todas as nossas experiências. O corpo da Deusa não representa apenas as formas da Terra ou das estrelas, mas suas características e o seu significado. O corpo é qualquer coisa que vivenciemos como real e presente em nossas vidas” (POLLACK, 1997, p. 45).

Desta maneira, entre os princípios da Wicca se encontra a imanência, a qual significa que a Deusa e os deuses estão corporificados dentro de cada ser vivo da terra, fazendo com que toda a natureza e a cultura sejam uma manifestação do sagrado. Por ocorrer essa imanência da Deusa, a bruxaria pode ser considerada uma religião ecológica, já que é tão presente nos discursos e ações de seus praticantes esse respeito pelo sagrado e a busca incessante pela harmonia com a natureza. Esse amor e respeito pela vida é uma das éticas fundamentais da Wicca, de honras as forças da vida.

3.2 As celebrações sazonais e a Roda do Ano

A famosa bruxa de Salém Laurie Cabot, em seu livro *O Poder da Bruxa* (1991) afirma que o conceito da roda do ano se baseia na noção que o tempo e o espaço são circulares e da grande relevância para estabelecer a ordem que os festivais sazonais ocorrem, pois:

O estudo de Hartley Burr Alexander das cosmovisões ameríndias, *The World's Rim*, explica como o conceito das quatro direções como delimitação do grande círculo do horizonte obedece a uma certa lógica, fundamentada na estrutura vertical do corpo humano. A nossa compleição quadrangular reflete o nosso sentido corporal e também a nossa percepção do mundo físico. Por outras palavras, vemos naturalmente o espaço dividido em quatro partes: à frente, atrás, à esquerda, e à direita. Como forma espacial e visual, esse esquema é natural para se compreender a Terra e a passagem do tempo. As quatro direções — norte, leste, sul, oeste — são paralelas às quatro estações -- inverno, primavera, verão e outono, respectivamente. Conforme Pitágoras e outros filósofos gregos sustentaram, os números são símbolos de ordem; e assim, a Roda do Ano, com suas quatro divisões principais facilmente subdivididas por quatro pontos correspondentes, fornece a ordem das oito grandes festas da Terra e do Céu do ano das Bruxas (CABOT, 1991, p. 130).

Como afirma o historiador Janluis Duarte (2013) os sabás tornaram-se conhecidos como os quatro grandes sabás da Wicca através da obra de Margaret Murray. Em *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental*, Murray (2003) relata que o período das celebrações das bruxas era estabelecido entre os meses de maio e novembro e tinha como principais festivais: na primavera

com a véspera de maio (30 de abril), conhecido como *Roodmas* ou *Dia de Rood* na Grã Bretanha e *Walpurgisnacht* na Alemanha; no outono em 31 de outubro *All Hallow Eves*; no inverno o dia de *Candlemas* em 2 de fevereiro e no verão, o *Gule de Agosto*, chamado *Lammas* na Grã-Bretanha, que ocorria no primeiro dia de agosto. Quanto a definição a palavra “sabbath” para referir à celebração desses festivais, Murray afirma ser desconhecida, além de atestar não possuir nenhuma ligação com qualquer cerimônia judaica. É possível ser uma derivação de *S’esbattre* que significa brincar, como uma espécie de referência à alegria tão característica dos encontros das bruxas. Desta maneira, a primeira menção que Gardner (2004, p. 79) faz às “quatro grandes ocasiões de rituais que as bruxas chamam de sabás” em seu livro *O Significado da Bruxaria*, também se baseavam na obra de Murray.

Entre as décadas de 1960 e 1970 surgiram os primeiros indícios dos quatro sabás menores como parte das celebrações da Wicca. Somente em 1980, passaram a ser publicados na literatura wiccanas e definidos com os nomes conhecidos hoje. O solstício de inverno foi chamado de *Yule*; solstício de verão, *Litha*; o equinócio de primavera, *Ostara*; e o de outono, *Mabon*. Sendo assim, é somente na década de 1980 quando de fato a roda do ano é estabelecida pelos oito sabás da Wicca: *Samhain*, *Yule*, *Imbolc*, *Ostara*, *Beltane*, *Litha*, *Lughnasadh* e *Mabon* (DUARTE, 2013). O casal wiccano Farrar (1999, p. 12-13) define o calendário das bruxas como:

O calendário das bruxas (independentemente de sua escola) está enraizado, como o de suas predecessoras ao longo de séculos sem conta, nos sabás, festivais por estação que marcam pontos-chaves no ano natural, pois Wicca, como enfatizamos, é uma religião e ofício orientados pela natureza; e visto que para as bruxas a natureza é uma realidade de muitos níveis, seu “ano natural” inclui muitos aspectos agrícola, pastoral, da vida selvagem, botânico, solar, planetário, psíquico, cujas marés e ciclos se afetam ou refletem entre si. Os sabás constituem a maneira de celebrar das feiticeiras e destas se colocarem em sintonia com tais marés e ciclos, pois homens e mulheres são também uma parte da natureza de muitos níveis.

Esse calendário foi estabelecido de acordo com as Estações do Hemisfério Norte, o que gera uma polêmica entre os praticantes da Wicca residentes do Hemisfério Sul, sobre a maneira correta da Roda do Ano ser seguida e celebrada. Muitos bruxos que vivem no Hemisfério Sul, precisaram adaptar esses festivais de acordo com as influências da natureza do Sul, necessitando inverter a roda para estar de acordo com seus solstícios e equinócios. Duarte (2013) atenta que

embora a Wicca no Brasil tenha buscado seguir a Roda do Ano com os festivais nas datas que já estavam estabelecidos nos livros, influenciados pelas estações do Hemisfério Norte, no final da década de 1990, alguns praticantes da Wicca já levantavam essa discussão, buscando priorizar e adequar as datas dos sabás com as estações do Brasil.

Durante a celebração da roda do ano, as transformações que ocorrem na natureza também são representadas através do mito de sacrifício e amor da Deusa e do Deus. Esse mito se revela para os wiccanos através das mudanças que podem ser observadas no meio natural entre as estações. Nele a Deusa se apresenta por seu aspecto tríplice, como virgem, mãe e anciã e o Deus como filho e amante, tornando-se o próprio pai, através do seu sacrifício e renascimento. Segue uma descrição desse mito, pelas palavras da sacerdotisa Starhawk (1993, p. 53).

Apaixonado, o Deus Galhudo mudando de forma e mudando de rosto, busca sempre a Deusa. Neste mundo, a procura e a busca surgem na Roda do Ano. Ela é a Grande Mãe que dá à luz ele como a Divina Criança do Sol, no solstício de inverno. Na primavera, ele é semente e semente que germina com a luz crescente, verde como os novos brotos. Ela é a iniciadora que ensina a ele os mistérios. Ele é o jovem touro; ela a ninfa, sedutora. No verão, quando a luz é mais duradoura, unem-se e a força de sua paixão sustenta o mundo. Mas a face do deus escurece à medida que o sol enfraquece, até que, finalmente, quando o grão é colhido ele também se sacrifica ao self a fim de que todos possam ser nutridos. Ela é a ceifeira, o túmulo da terra ao qual todos devem retornar. Durante as longas noites e dias que escurecem, ele dorme em seu ventre; em seus sonhos, ele é o Senhor da Morte que rege a Terra da Juventude, além dos portais da noite e do dia. Sua sepultura escura torna-se o útero do renascimento, pois no meio do inverno ela dá, novamente, à luz ele. O ciclo termina e começa outra vez e a Roda do Ano gira, ininterruptamente.

Ainda se tratando dos oito festivais sazonais wiccanos, Miranda Green (2013) ressalta as ligações que existem entre os praticantes da Wicca e os Druidas modernos, no qual ambos enfatizam a centralidade da natureza e das Estações, além de acreditarem na sacralização da Terra e de todas as coisas vivas. As percepções em comum do druidismo e da Wicca ainda são

ilustradas através da Roda do Ano, por algumas dessas celebrações manterem os antigos nomes celtas.

O mito dos Deuses expressos através da Roda do Ano possibilita que os wiccanos se encontrem em harmonia com a natureza, ao celebrar suas mudanças sentidas em suas vidas tanto fisicamente como espiritualmente. Essa narrativa mítica na Wicca acaba sendo bastante importante, já que entre as suas celebrações e rituais, a Roda do Ano está entre os principais. Em *Mito e Realidade* (1972), Mircea Eliade aponta que:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição (ELIADE, 1972, p. 11).

Portanto, celebrar a roda para os wiccanos é compreender os mistérios da vida e da morte que são expressos através dos Deuses e de todo o processo de nascimento, vida, morte e renascimento do Deus durante o ano solar e de suas representações expostas na natureza durante toda a sazonalidade no decorrer do ano: um ciclo sem fim e que é marcado pela transformação. Esse mito de sacrifício do Deus está associado ao pensamento mítico e é expressado na vida dos wiccanos, seja no plano físico ou espiritual. As narrativas míticas, como aponta Morin (1986, p. 150), são:

[...] a origem do mundo, a origem do homem, o seu estatuto e a sua sorte na natureza, as suas relações com os deuses e os espíritos. Mas os mitos não falam só da cosmogênese, não falam só da passagem da natureza à cultura, mas também de tudo o que concerne a identidade, o passado, o futuro, o possível, o impossível, e de tudo o que suscita a interrogação, a curiosidade, a necessidade, a aspiração. Transformam a história de uma comunidade, cidade, povo, tornam-na lendária, e mais geralmente, tendem a desdobrar tudo que acontece no nosso mundo real e no nosso mundo imaginário para os ligar e os projetar juntos no mundo mitológico.

Partindo da análise de Morin sobre o mito, percebemos a identidade criada pelos wiccanos com a natureza e como as mudanças que ocorrem no mundo natural se refletem em suas vidas, que também são marcadas pelo ciclo de vida, morte e renascimento, fazendo a energia da natureza habitar dentro deles e os levando a compreender o mundo a sua volta.

3.3 Conceitos espaciais

O historiador das religiões Mircea Eliade, na obra *Tratado de História das Religiões* (2002), discute os conceitos de *cratofania* - a manifestação do poder de alguma deidade – e de *hierofania* – a manifestação do sagrado. Toda a cratofania e hierofania transformam o espaço que um dia foi profano em espaço sagrado. O autor ainda destaca que “a noção de espaço sagrado implica a ideia da repetição da hierofania primordial que consagrou este espaço, transfigurando-o, singularizando-o, em resumo, isolando-o do espaço profano a sua volta” (ELIADE, 2002, p. 296).

Ao relacionar as hierofanias aos espaços sagrados, Eliade (2002) utiliza como exemplo os Canaques, povos melanésios da Nova Caledônia. Para eles, a paisagem é animada e possui significados em seus pequenos detalhes, pois a natureza está carregada da “história humana”. Devido às cratofanias e às hierofanias, a natureza também passa por transformações relacionadas aos mitos.

Esses conceitos trabalhados e exemplificados podem ser adequados às crenças e ao modo de enxergar o sagrado e o divino nos espaços para a Bruxaria Moderna. Por se tratar de uma religião que acredita que seus ancestrais e os antigos povos pagãos praticavam seus rituais junto à natureza, os wiccanos a consideram sagrada, vendo-a como a morada dos Deuses – e sendo, portanto, animada por divindades e espíritos. Além disso, os mitos voltados às transformações que ocorrem na natureza os levam a festejar e ritualizar essas mudanças por meio dos *sabás*, que celebram a chegada dos solstícios e dos equinócios. Essa (re)conexão com o calendário das estações do ano é uma das práticas basilares da Wicca.

A hierofania não apenas sacraliza uma fração do espaço profano homogêneo: ela também assegura a continuidade dessa sacralidade no futuro. Dessa forma, ela transforma o lugar em uma fonte de força e sacralidade, permitindo que o homem tome parte dessa força e comungue com o sagrado. Conforme Eliade (2002), a hierofania torna o lugar um centro permanente do sagrado. Essa noção suscita semelhanças com a visão dos wiccanos sobre a natureza, que a enxergam como esse centro permanente sacralizado, que um dia também foi um espaço sagrado para os antigos pagãos.

Com base na noção de hierofania, analisamos uma das celebrações sazonais da Wicca – *sabá Samhain* – pela perspectiva do famoso casal de bruxos Janet e Stewart Farrar explicitada no livro *Oito Sabás para Bruxas* (1999). Buscamos entender como ocorre a manifestação do sagrado nesse *sabá* para exemplificar seu conceito e significação. O *Samhain* ocorre para demarcar o começo do inverno, também é conhecido como o Ano Novo Bruxo. Neste festival – cujas origens remontam ao antigo ano novo celta –, são celebradas a morte, os ancestrais e o fim dos ciclos. No mito de *Samhain* da Roda do ano wiccana, a crença subjacente é que na noite deste *sabá* o Deus em seu aspecto velho morre e retorna ao *Pais do Verão*, onde espera o *sabá* de *Yule* para renascer. A Deusa em sua face anciã lamenta a morte de seu Consorte, permitindo que a Terra fique em uma escuridão temporária. A maneira como esse mito se estrutura é um reflexo das mudanças que ocorrem na natureza durante o fim do verão, quando a Terra se torna mais escura e fria, representando a morte do Deus e o luto da Deusa.

Para comemorar o *Samhain*, o casal bruxo Farrar (1999) destaca a importância da comunhão com os mortos e o fato de que eles são convidados e não convocados, pois, como as encarnações são um processo gradativo de estágios e experiências, forçar a comunicação com o morto pode ser algo prejudicial. Dessa forma, todos os convites feitos aos mortos no ritual de *Samhain* devem adotar essa postura, respeitando o desejo dos mortos, que somente caso queiram irão retornar ao mundo terreno neste ritual de celebração. Esta é uma das manifestações de hierofania neste *sabá*, pois além de ocorrer a manifestação do sagrado por meio das transformações na natureza, o espaço em que os bruxos comungam com os espíritos dos que partiram e com as divindades convidadas e honradas também se insere nesta noção.

De acordo com o que foi discutido anteriormente, compreendemos que as cratofanias e as hierofanias são profundamente influenciadas pelas transformações da natureza, sendo possível relacionar esses conceitos com as festividades pagãs dos solstícios e equinócios, eventos marcantes nos rituais e comemorações dos wiccanos. Além desses conceitos, também é relevante entendermos a associação que existe entre o tempo das festas e o tempo sagrado. Para Eliade (1992), o tempo sagrado não é homogêneo nem contínuo para o homem religioso, por haver intervalos entre o tempo sagrado, o tempo das festas e o tempo profano, sendo através dos ritos que o homem religioso passa do tempo não-sagrado para o sagrado. Além disso, o tempo sagrado é considerado um tempo mítico primordial, pois a época das festas religiosas é entendida como

cíclica, devido à repetição de um evento visto como sagrado, com sua origem nos “primórdios” e em um passado mítico.

Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal “ordinária” e a reintegração no Tempo mítico reatualizado pela própria festa. Por consequência, o Tempo sagrado é indefinidamente recuperável, indefinidamente repetível. De certo ponto de vista, poder-se-ia dizer que o Tempo sagrado não “flui”, que não constitui uma “duração” irreversível. É um tempo ontológico por excelência, “parmenidiano”: mantém-se sempre igual a si mesmo, não muda nem se esgota. A cada festa periódica reencontra-se o mesmo Tempo sagrado – aquele que se manifestara na festa do ano precedente ou na festa de há um século: é o Tempo criado e santificado pelos deuses por ocasião de suas gestas, que são justamente reatualizadas pela festa. Em outras palavras, reencontra-se na festa a primeira aparição do Tempo sagrado, tal qual ela se efetuou *ab origine, in no tempore*. Pois esse Tempo sagrado no qual se desenrola a festa não existia antes das gestas divinas comemoradas pela festa. Ao criarem as diferentes realidades que constituem hoje o Mundo, os Deuses, fundaram igualmente o Tempo sagrado, visto que o Tempo contemporâneo de uma criação era necessariamente santificado pela presença e atividades divinas (ELIADE, 1992, p. 38).

Na Wicca isso ocorre por meio da comemoração da Roda do Ano, quando se celebram os solstícios e equinócios, chamados de *sabás*, cujas origens remontam às antigas festividades relacionadas ao clima e à colheita no Velho Mundo. Como apresentamos no subcapítulo anterior, celebram-se oito *sabás* na Wicca, que são: *Samhain, Yule, Imbolc, Ostara, Beltane, Litha, Lughnasad* e *Mabon*. Cada uma dessas celebrações possui caracterizações específicas que a identificam. Essas diferenças são determinadas por elementos como cores, alimentos, bebidas e até mesmo símbolos sagrados.

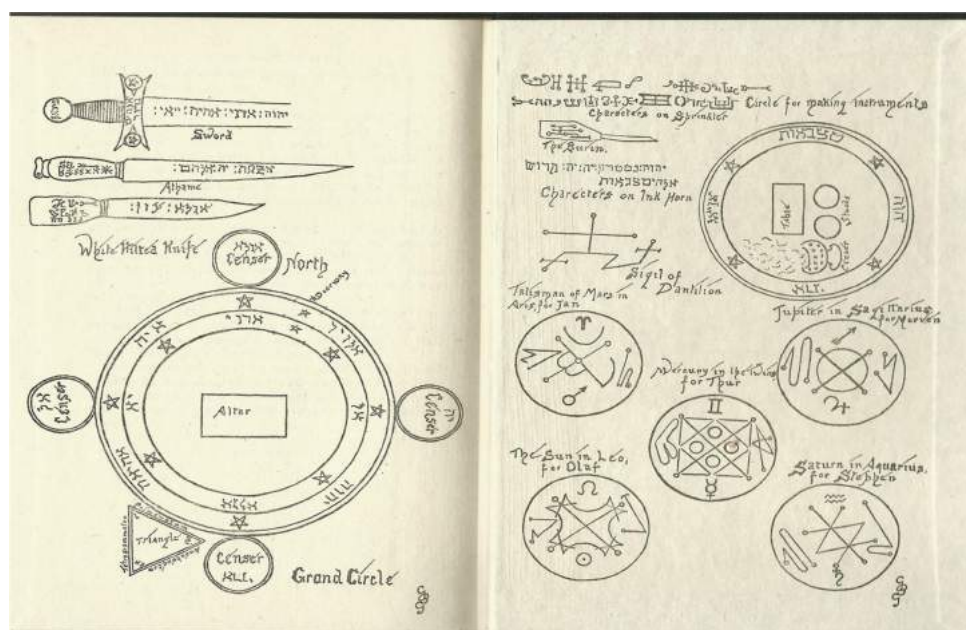
Para exemplificar: em *Yule*, a preferência de cores é pelo verde, vermelho, dourado e branco – sendo que o uso de cada uma dessas cores tem um atributo religioso e mágico. Os alimentos que geralmente são ofertados aos deuses são comidas típicas do Hemisfério Norte, como castanhas, nozes, frutas vermelhas, frutas secas e bebidas com especiarias (embora também seja comum entre os que giram a roda pelo Hemisfério Sul acrescentar alimentos típicos da época invernal do Brasil, como comidas a base de milho). O azevinho, o pinheiro e a tora de *Yule* também são símbolos específicos dessa celebração. No *sabá* de *Ostara*, é comum o uso das cores rosa, verde, branco e amarelo em tons claros. As comidas e bebidas são comumente preparadas com leite, ovos, mel. Entre os símbolos de *Ostara*, além das flores que demarcam a chegada da primavera, o ovo é o principal, representando a fertilidade, relacionando-se ao mito da Deusa

honrada neste período. Evidentemente, há muitos outros elementos que compõem essas celebrações, além das outras não mencionadas, porém essas são algumas características específicas que se repetem a cada ano, na chegada do tempo de cada uma dessas festas.

Em relação ao espaço do círculo mágico, a sacerdotisa Sorita D’Este (2019) afirma que traçar o círculo é um dos principais elementos da prática mágica da Wicca, pois é nesse espaço mágico onde ocorrem as principais cerimônias e rituais. Para lançar o círculo mágico, o wiccano profere palavras de conjuração enquanto traceja – em sentido horário – o perímetro definido como limite do círculo.

Quanto às origens do círculo mágico da Wicca, a sacerdotisa acredita que Gardner se inspirou em obras como *As Clavículas de Salomão*, os grimórios antigos e os materiais utilizados na *Goetia* por Crowley. Geralmente, o círculo mágico possui nove pés de diâmetro, como em *As Clavículas de Salomão*, e ordenação dos pontos cardeais são assinaladas com instrumentos que correspondam a cada elemento. Um exemplo do círculo mágico criado por Gardner está registrado no seu livro *High Magic’s Aid* (1949), como pode ser observado na figura a seguir, com um círculo idêntico ao que fundador da Wicca possuía no solo do Museu de Bruxaria, em *Castletown*. Quanto à ordenação dos pontos cardeais no círculo, geralmente são assinalados com instrumentos que correspondam a cada elemento.

Figura 7: Círculo mágico à esquerda, na obra *High Magic’s Aid* (1949).



Fonte: Ecstatick Magick. Disponível em: <<https://ecstatickmagick.wordpress.com/2013/02/05/high-magics-aid/>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

A presença de um altar no centro do círculo é um dos diferenciais do círculo mágico estabelecido por Gardner, contrastando com os da *Goetia* e *As Clavículas de Salomão*. Nos rituais da Wicca, a presença do altar é primordial. Quando há utilização do círculo mágico, o altar também auxilia os sacerdotes com a guarda dos instrumentos mágicos, diferentemente da *Goetia* e de *As Clavículas de Salomão*, que dispõem os objetos no chão. Embora o altar geralmente fique posicionado no centro do círculo e voltado para o norte, também é possível posicioná-lo próximo ao perímetro do círculo, também ao norte, conforme a figura a seguir com os Sanders:

Figura 8: Exemplo de círculo mágico com altar próximo ao perímetro (no lado direito da imagem). Ritual de solstício de inverno por Alex e Maxine Sanders (1966).



Fonte: Dark Books. Disponível em: <<https://darkbooks.org/photos/Maxine-Sanders/Alex-Sanders-With-Maxine-In-Winter-Ritual.html>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

Outra prática muito popular na Wicca é o uso de palavras no ato da construção do círculo mágico. Quanto às possíveis origens dessa prática, D'Este (2019) aponta o *Grimório do Papa Honório*, publicado em 1670, o qual possui diversas instruções sobre as palavras que devem ser ditas ao traçar o círculo mágico. Embora as palavras sugeridas neste grimório não possuam

semelhança com as utilizadas pela Wicca, é possível que Gardner tenha se inspirado nelas, pois possuía uma cópia deste grimório.

O sacerdote Claudiney Prieto (2009) afirma que um dos motivos para os bruxos recorrerem aos seus lares na realização de um ritual com círculo mágico é a consequência histórica da época de perseguições religiosas ao paganismo. As práticas que outrora eram realizadas plenamente na natureza foram, assim, interrompidas, sendo necessário realiza-las em ambientes fechados.

As práticas rituais Pagãs eram sempre realizadas junto à sagrada natureza, considerada morada dos Deuses e divina por si só. Quando a Bruxaria passou a ser perseguida e os Bruxos tiveram que mover seus rituais das florestas e bosques para o interior de suas casas, os ritos passaram a ser realizados então no interior de um Círculo Mágico. Os rituais passaram a ser realizados em locais que ficavam distantes dos lugares de poder naturais, como os círculos de pedras ou bosques sagrados e o ato de lançar o Círculo Mágico passou a estabelecer, assim, não só um espaço sagrado, tornando-o um vórtice de poder onde os Espíritos da natureza eram atraídos, mas também um portal de comunicação com o Sagrado (PRIETO, 2009, p. 62).

Na Wicca, há a compreensão de que o círculo mágico representa um espaço “entre os mundos” e entre o tempo, tornando sagrado o solo da área física em que foi traçado. O círculo pode ser considerado um espaço intermediário entre o mundo terreno e o mundo espiritual, simbolizando que não há um começo e nem um fim. Dessa forma, ocorre uma alteração de consciência entre os bruxos, mudança necessária para o estado de transe, fazendo-os se concentrar no outro mundo que está sendo acessado no ritual.

Na composição do círculo mágico, é comum a utilização do *athame*⁴² para defini-lo energeticamente, bem como a invocação de guardiões dos quadrantes e de divindades. Na finalização do círculo, é necessário anunciar que ele foi completado, como no exemplo do sacerdote Gary Cantrell (2002, p. 70): “Estamos entre mundos e dentro do tempo, o círculo nos circunda tanto em cima como embaixo. Que nada a não ser amor entre aqui e nada a não ser amor saia daqui. Assim seja”.

⁴² Na Wicca, um dos instrumentos-chave é a faca de cabo preto, também conhecida como *athame*. O *athame* é o único dentre os instrumentos que simboliza um bruxo em particular e, por isso, é chamado de “a verdadeira arma do bruxo”. Ele é usado para lançar o Círculo *Mágicko*, para invocações (dos Guardiões das Torres de observação, por exemplo) e consagrações (do sal e da água, dos bolos e do vinho e de outros instrumentos *mágickos*), nunca para cortar objetos físicos – embora possa ser usado para recortar uma porta no Círculo *Mágicko* ou para outros usos *mágickos* semelhantes (D’ESTE, 2019, p. 73).

Na criação do círculo mágico, o espaço do círculo, energeticamente falando, não necessariamente precisa ser delimitado por algo físico. Em alguns casos, bruxos optam por circundá-lo com a marcação de giz, pedras, flores, velas ou elementos relacionados ao ritual que pretendem realizar. Desta forma, qualquer espaço delimitado pelo círculo mágico se torna sacralizado. O espaço sagrado criado por meio do círculo é mágico e energético, um lugar de proteção para os que estão dentro dele, localizado entre os mundos terreno e espiritual/mágico.

Eliade (1992) define que o espaço para o homem religioso não é homogêneo, existindo a separação entre um espaço sagrado e um espaço não sagrado. Sendo assim, estabelecer um espaço sagrado implica em um tipo de hierofania. Em relação ao espaço do círculo mágico, Prieto (2009, p. 62) afirma que:

O Círculo Mágico não precisa necessariamente ser delimitado no chão com giz, corda ou qualquer marcação física, apesar de muitos Bruxos utilizarem isso como um lembrete visual. O importante é a criação energética do Círculo, visualizando mentalmente um círculo de luz ao seu redor que se transforma em uma esfera conforme o espaço sagrado é criado e lançado, enquanto se caminha ou se circula todo o lugar onde vamos realizar o ritual no sentido horário. Depois disso os elementos são invocados enquanto nos voltamos aos quatro quadrantes e, em seguida, a Deusa e o Deus são convocados a presenciarem o ritual. Depois que o Círculo Mágico é lançado, todos os movimentos, enquanto estivermos dentro dele devem ser em sentido horário (movimento chamado *Deosil*), exceto quando ele estiver sendo destracado, onde circulamos o espaço no sentido anti-horário (movimento chamado *Widdenshins*).

Para Yi-Fu Tuan (2013), o homem também se torna o centro de um sistema cósmico orientado pelos pontos cardeais para o eixo vertical, buscando uma organização do espaço sagrado. O corpo humano acaba por se tornar parte do universo material com que temos uma relação mais íntima, sendo possível traçar uma analogia entre a anatomia humana – pela forma com que o corpo é organizado hierarquicamente – e a fisionomia da Terra (TUAN, 2013). Na Wicca, essa relação entre corpo humano, espaço sagrado e quadrantes ocorre por meio da criação do círculo mágico, onde há uma relação do praticante e conjurador com os quatro pontos cardeais (Norte, Sul, Leste e Oeste), tanto para abrir o círculo como para fechá-lo. O mesmo ocorre com a crença de que em cada direção existem portais mágicos e guardiões ligados aos quatro elementos de cada ponto cardinal – Norte-Terra, Sul-Fogo, Oeste-Água e Leste-Ar (também chamados de os Guardiões das Torres de observação)–, que protegeriam o círculo de energias externas e não convidadas.

Esses Guardiões são invocados e referidos como "Os Poderosos" ou "Senhores das Torres de Observação". D'Este (2019) afirma que antes desse termo ser utilizado pela Wicca, primeiramente foi mencionado pela *Golden Dawn*, baseado no trabalho do ocultista e astrólogo elisabetano Dr. John Dee, o qual possuía o termo registrado em seus diários de junho de 1584. Dee utilizou o termo para descrever uma visão de seu vidente e assistente Edward Kelley, relatando a existência de quatro torres nos limites do Universo com seres espirituais habitando-as. A *Golden Dawn* usou esse termo para referir-se aos nomes da hierarquia enoquiana de espíritos atribuídos às direções nas tábuas enoquianas. Os Senhores das Torres também foram definidos como arcanjos, por também serem chamados de Os Senhores das Tábuas Enoquianas na *Golden Dawn*.

Na Wicca, eles não são vistos como anjos, mas sim guardiões elementais dos quatro pontos cardeais. Uma das origens dessa percepção é o Ritual Menor de Banimento do Pentagrama. Criado pela *Golden Dawn* e mencionado por Gardner em seus primeiros escritos, é um dos rituais mais famosos da Magia Cerimonial. Esse ritual foi incorporado às cerimônias wiccanas e é bastante utilizado pelo sacerdote Alex Sanders.

Ademais, as obras do magista Éliphas Lévi também serviram de fonte para a Wicca, ao referir-se a esses guardiões como seres elementais. Em seu famoso livro *Dogma e Ritual da Alta Magia*, publicado em 1855, Lévi define as atribuições aos reinos dos quadrantes, distribuindo-os ao Norte com os Gnomos (Terra), ao Sul com as Salamandras (Fogo), ao Leste com os Silfos (Ar) e ao Oeste com as Ondinas (Água). Desta forma, cada elemento e ponto cardinal é associado a um ser elemental, sem a atribuição de associações angelicais como na *Golden Dawn*.

No entanto, também é importante considerar que nos primeiros textos wiccanos publicados não há relações estabelecidas entre os seres elementais e os Senhores das Torres de Observação, como é conhecido hoje na Wicca. Esses Guardiões eram invocados com um pentagrama associado aos espíritos da Terra e aos Espíritos do ar, para que pudessem manifestar-se. Esses "Poderosos" são também referenciados na Bíblia como "Deuses" e já foram chamados na Wicca pelos nomes dos quatro ventos da Grécia Antiga – *Eurus*, *Notus*, *Zéfiro* e *Bóreas*, personificados como os deuses *Anemoi* (relacionados às antigas estações dos gregos). Assim, é possível compreender que antes da Wicca atribuir seres elementais a esses Guardiões, estes já foram invocados primeiramente como deidades (D'ESTE, 2019).

Gardner evidencia em *A Bruxaria Hoje* (2003) que as bruxas que conheceu e o apresentaram à Wicca sempre começaram a criar o círculo mágico pelo Leste – talvez por o Sol e a Lua nascerem no Leste, ou por alguma outra razão desconhecida –, já que as principais invocações sempre eram/são dirigidas ao Norte. Ainda sobre a formação do círculo, observa-se a criação de uma espacialidade ritualística considerada mágica, podendo o espaço do “círculo da Wicca” ser considerado uma “espaciologia panteísta” que proporciona o contato direto e a presença das divindades em seu interior:

Por que os Wiccanos não constroem templos de pedra, tijolos e madeira e os utilizam? Alguns o fazem, mas até mesmo neles a esfera é criada antes de muitos rituais. As razões para tal são simples: A esfera mágica (círculo) cria um espaço normalmente descrito como estando "entre os mundos" - um ponto comum onde os humanos podem se comunicar com a Deusa e com o Deus. A criação do círculo mágico é um dos ritos-chave da Wicca, um que a diferencia das outras religiões. Templos construídos com magia, como estes, são melhores do que locais construídos fisicamente para cultos. Portanto, os Wiccanos realmente não possuem templos construídos por mãos humanas. Sim, eles podem estabelecer a área de trabalho num quarto, num galpão ou num anexo, mas até mesmo estes não são templos genuínos (CUNNINGHAM, 1998, p. 210).

Deste modo, compreendemos também o porquê da Wicca não possuir templos erigidos por pedras e tijolos. A “espacialidade ritualística” não é necessariamente marcada como material, pois o seu espaço sagrado não depende de um templo físico erguido, mas do círculo mágico, que permite o acesso e a conexão com o divino, podendo tornar sagrado qualquer espaço em que ele for traçado. Como bem apontou Cunningham (1998), isso é o que diferencia a Wicca de outras religiões.

Também conceituamos o espaço sagrado dos wiccanos, com base na definição de espaço mítico da obra *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, do geógrafo Yi-Fu Tuan (2013). O espaço mítico divide-se em dois tipos: o primeiro é uma extensão dos espaços familiares e do cotidiano, um produto da imaginação de algo que fica do outro lado, fruto das geografias míticas construídas pela nossa imaginação; o segundo, a visão de mundo ou cosmologia. As práticas e crenças wiccanas se encaixam nesses dois modelos de espaço mítico. A crença no Outro Mundo wiccano – um paraíso pagão chamado *Terra do Verão* ou *Summerland*, que está em todos os lugares – para onde todos os bruxos vão após a morte é um exemplo. Algumas tradições podem ter nomes e conceitos diferentes para esse mundo – como *Tir fo Thonn*, *Tir na Bea*, *Tirtain giri*,

Tir nan Og e *Tir na Moe* –, mas são unânimes em acreditar na existência do Outro Mundo, existindo lendas e aventuras sobre os ancestrais no Outro Mundo (PRIETO, 2009, p. 202).

A comemoração da noite de *Samhain* também se insere nessas duas percepções de Tuan (2013). *O Samhain* para os wiccanos, como já foi mencionado, celebra os ancestrais, a morte e o fim dos ciclos. É considerada a noite do ano em que o véu que separa os mundos é aberto, permitindo a passagem das almas pela terra e levando os praticantes da Wicca a imaginar um lugar mítico e espiritual que está além do que pode ser enxergado no mundo terreno (1º tipo), conformando a visão de mundo dos wiccanos (2º tipo).

Para aquelas religiosidades ligadas às divindades na natureza, o meio urbano pode ser considerado um tipo de afastamento entre o ser humano e o meio natural, tornando-se necessário o uso de elementos que possam representá-la em seus lares – como plantas, pedras, conchas, entre outros – ou a busca pelos espaços naturais que existem nas cidades. Por mais que as paisagens que moldam o espaço urbano sejam construídas e reconstruídas a todo tempo, isso não impede que as pessoas busquem nas paisagens lugares em que possam se conectar à natureza, tal como é feito pelos wiccanos na realização de rituais em praças, parques, bosques e praias. Por mais que nos centros urbanos a natureza não seja exatamente “natural” e muito menos intocada ou selvagem, isso não impede que praticantes da Wicca se reconectem às energias da natureza. Segundo Simon Schama (1996), toda natureza modificada pela humanidade pode ser conceituada como paisagem.

A própria palavra *landscape* [paisagem] nos diz muito. Ela entrou na língua inglesa junto com *herring* [arenque] e *bleached linen* [linho alvejado], no final do século XVI procedente da Holanda. E *landschap*, como sua raiz germânica, *Landschaft*, significava tanto uma unidade de ocupação humana - uma jurisdição, na verdade - quanto qualquer coisa que pudesse ser o aprazível objeto de uma pintura. Assim, certamente não foi por acaso que nos campos alagados dos Países Baixos, cenário de uma formidável engenharia humana, uma comunidade desenvolver a ideia de uma *landschap*, que, no inglês coloquial da época, se tornou *landskip* (SCHAMA, 1996, p. 20).

De acordo com Schama (1996), a paisagem possibilita a sensação de repouso para a mente humana, tanto pelos elementos que a compõe, como pela lembrança que provoca. O ambientalismo moderno fundado por Henry David Thoreau e John Muir contribuiu para a idealização de uma natureza selvagem que pode ser encontrada em determinados lugares. Porém,

essa ideia é um desejo cultural, uma criação cultural como qualquer jardim imaginado, como é o caso de *Yosemite*, o famoso “éden americano”, que tenta representar a “natureza selvagem”.

Imaginar um lugar não descoberto, intocado pelo homem, sem vestígios humanos, faz parte dessa idealização cultural. Contudo, o próprio ato de fotografar o local já pressupõe nossa presença e nossa bagagem cultural, pois a natureza selvagem não se demarca e nem se nomeia. Comumente também ocorre a transferência de uma ideia religiosa para a natureza, vista como sagrada em um cenário primitivo, moldada pela sua distribuição em bosques, montanhas e árvores, como se chamasse a atenção humana para o que é belo, propiciando a ideia de passar por uma experiência emocional e espiritual por meio dessa natureza pura.

Dessa forma, a paisagem se torna produto de uma cultura comum, de uma tradição construída a partir de um rico depósito de mitos, lembranças e obsessões; de cultos que buscamos em outras culturas nativas, desde a idealização de uma floresta primitiva ou de uma montanha sagrada. A existência da ideia de um bosque sagrado em diversas culturas, da renovação das árvores como simbolismo de vida, de uma época de adoração à natureza e a deuses nas florestas não são nada mais do que formulações imaginárias fruto dos nossos anseios de encontrar na natureza um consolo para a nossa mortalidade, pois o que há por trás dos mistérios que envolvem esses lugares está relacionado profundamente à forma natural e ao desígnio humano. Os wiccanos dizem buscar nessa conexão com a natureza o contato com o passado de seus ancestrais, com os deuses e com a terra, tornando-se ambos – os bruxos e a natureza – um só. Acreditando no eterno retorno, os praticantes da Wicca veem os ciclos da vida – o nascimento, a vida, a morte e o renascimento – como correspondentes aos ciclos naturais.

Schama (1996) afirma que nem todas as culturas possuem a mesma paixão e admiração pela natureza e pela paisagem. Como podemos perceber na análise feita por Thomas (1988) sobre a valorização do mundo natural e as diferentes percepções que percorreram o imaginário dos ingleses entre os séculos XVI e XIX, as sociedades possuem fases de maior e menor entusiasmo. Na Wicca, essa percepção da natureza como sagrada, merecedora de respeito e veneração é um traço cultural muito forte. A cada ano, mesmo entre as diferentes Tradições e *covens*, essa conexão com a natureza é algo que nunca perde a relevância, sendo sempre prioritário entre as bruxas e bruxos.

3.4 Os precursores da Wicca no Brasil

*Que vocês, meus filhos muito amados ensinem a suas crianças que eu sou a Terra Brasilis e que sou delas a Mãe Gentil. Tratem-me bem, me sirvam em minhas missões e os cumularei de alegrias e bênçãos. Filhos meus, sou sua Cy, a Mãe de Todos, a Mãe Brasileira. Sejam comigo e reafirmem a vida!
(Mavesper Cy Ceridween)*

Sobre o desenvolvimento da Wicca no Brasil, os trabalhos dos historiadores Janluis Duarte e de Karina Oliveira Bezerra são referências para conhecermos de maneira mais aprofundada os possíveis primeiros indícios da Wicca entre os brasileiros. Estes trabalhos são: a tese de doutoramento de Duarte, *Reinventando Tradições: Representações e Identidades da Bruxaria Neopagã no Brasil* (2013); e a dissertação Bezerra, intitulada *A Wicca no Brasil: Adesão e permanência dos adeptos na região metropolitana do Recife* (2012).

Quanto às dificuldades existentes entre os pesquisadores na obtenção de dados históricos sobre o surgimento da Wicca no Brasil, Duarte (2013) acredita que isto ocorre por a Wicca ser uma religião descentralizada. Por não possuir certas exigências, como a criação obrigatória de associações com caráter institucional para a sua prática, não há uma documentação oficial que possa informar sobre os primeiros praticantes brasileiros da Wicca. O outro problema diz a respeito ao fato de que mesmo se houvesse uma documentação que comprovasse quando a Wicca começou a ser praticada no Brasil, seria necessário considerar a possibilidade de algum brasileiro ter visitado a Inglaterra durante os anos iniciais da divulgação da Wicca e trazido a prática para o Brasil mantendo-se em anonimato. O fato de a Wicca ter se tornado uma religião de possível autoiniciação, não havendo um controle por parte dos sacerdotes que iniciam outros bruxos em seus grupos também é algo que deve ser considerado.

Em 2018, o jornal online *O Globo*⁴³, do Rio de Janeiro, noticiou a estimativa da UWB (União Wicca do Brasil) de que havia cerca de 300 mil pessoas que praticavam a bruxaria moderna no país. Entre os estados brasileiros, o que apresenta o maior número de adeptos é o Rio de Janeiro, com cerca de 40 mil praticantes, seguido por São Paulo com 20 mil. Não se tem um dado exato de quantos praticantes da Wicca existem nos estados do Nordeste, no entanto é importante destacar a relevância dos estudos acadêmicos que cidades como Recife, João Pessoa e Natal apresentam, despertando o interesse de pesquisadores das diversas áreas das humanidades em estudar a Wicca nessas cidades e atuar com os grupos e praticantes que residem nelas – como é o caso pesquisas de Schwade (2001); Bezerra (2012; 2019); Araújo (2015); Rocha (2015).

Segundo Duarte (2013), o livro *A verdade sobre a Bruxaria*, de Hans Holzer, publicado em 1977 pela editora Record, foi a primeira publicação a mencionar a Wicca no país – embora Holzer não fosse um wiccano, mas sim um pesquisador de fenômenos psíquicos. Contudo, nenhum dos bruxos que Duarte (2013) entrou em contato para buscar informações sobre os anos iniciais da Wicca no Brasil ouviram falar nesse livro. Na década de 1980, o *bestseller* de Marion Zimmer Bradley, *As Brumas de Avalon*, publicado em 1983, focou a saga do rei Arthur a partir ponto de vista feminino. Embora não fizesse nenhuma menção à Wicca, a obra reproduziu o imaginário de que houvera uma antiga “religião da Deusa” antes do cristianismo, despertando a curiosidade dos seus leitores e exercendo, nos anos seguintes, bastante influência entre os praticantes da Wicca.

Quanto a livros da Wicca, o primeiro a ser traduzido para o português no Brasil, segundo Bezerra (2012), foi a obra *O Deus dos magos*, do casal de bruxos Janet e Stewart Farrar, em 1989. No começo dos anos 1990, *O poder da Bruxa* (1990), de Laurie Cabot – conhecida como a bruxa oficial de Salém –, se tornou um dos livros mais famosos entre aqueles que nutriam o interesse de conhecer mais sobre a Wicca. No mesmo ano, foi lançada a obra fictícia *Brida*, de Paulo Coelho (1990), narrando a história de uma bruxa irlandesa (cuja mestra chamava-se *Wicca*) e que a ensinava sobre uma antiga tradição de bruxas. Entre os primeiros anos da década de 1990, outras obras foram traduzidas para o português e publicadas no Brasil. É o caso, por exemplo, de *Autobiografia de uma feiticeira*, de Louis Bourne - uma das sacerdotisas de Gardner -, em 1991;

⁴³ CANDIDA, Simone; SANTIAGO, Luana. “Rio é o estado do Brasil com mais bruxos: são 40 mil adeptos da religião wicca”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 outubro 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/rio-o-estado-do-brasil-com-mais-bruxos-sao-40-mil-adeptos-da-religiao-wicca-23157104>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

Feitiçaria: a tradição renovada, de Doreen Valiente, em 1992; e *Wicca: a feitiçaria moderna*, de Gerina Dunwich.

Somente em 1992 ocorreu a publicação de um livro de uma bruxa brasileira, *A Cozinha da Bruxa*, de Marcia Frazão. Em 1994, a autora, que havia conhecido a Wicca em 1980, nos EUA, publicou *Revelações de uma bruxa*. Embora Frazão não se considere uma bruxa wiccana, não podemos deixar de destacar toda a relevância desta escritora para a história da bruxaria no Brasil. Por mais que *A Cozinha da Bruxa* (1994) seja mais um livro de receitas relacionadas a correspondências planetárias e a divindades com seus ingredientes e não faça nenhuma menção direta à Wicca, em *Revelações de uma Bruxa*, há diversos elementos que remetem à Wicca, como o Culto à Grande Mãe e informações sobre os *sabás*. Um dos diferenciais apontados por Duarte (2013) na escrita de Frazão é a forma como essa bruxa tratava as celebrações dos *sabás* no Brasil, adaptando as comemorações de acordo com os ciclos naturais brasileiros das estações do Hemisfério Sul, além de priorizar as divindades locais nos rituais. Na época, essas adaptações de Frazão foram alvo de diversas críticas por aqueles que preferiam praticar a Wicca de acordo como ela havia sido criada no Hemisfério Norte.

Entre os primeiros praticantes da Wicca no Brasil, Duarte (2013) menciona Mario Martinez, alto sacerdote da linhagem gardneriana, que entrou em contato com a Wicca na Ilha de Man, por intermédio da última sacerdotisa de Gardner, Monique Wilson, em 1968. Martinez foi iniciado em um *coven* em Newcastle, em 1974, e mudou-se para o Brasil, exercendo a prática como sacerdote em um *coven* somente em 1994. No entanto, atualmente diversos bruxos brasileiros gardnerianos refutam a história e a veracidade da iniciação gardneriana de Martinez, responsável por gerar diversos ataques, acusações e confusões entre a *Comunidade Gardneriana do Brasil*.

Como consta no site da *Comunidade Gardneriana do Brasil*⁴⁴, Martinez sujava a imagem da Wicca com sacrifícios de animais em rituais, abusos sexuais, entre outros absurdos, além de toda a história mentirosa que havia formulado sobre ter convivido com Monique Wilson⁴⁵ e ser

⁴⁴ PRIETO, Claudiney. Wicca Gardneriana do Brasil. Disponível em: <<http://www.wiccagardneriana.com.br/pages/brasil.html>> Acesso em: 23 jul. 2019.

⁴⁵ Monique Wilson, também conhecida por Lady Olwen, foi uma das sacerdotisas do *coven* de Gardner. Monique conheceu Gardner quando ainda era criança, pois seu pai era oficial da marinha britânica e Gardner trabalhava na alfândega britânica. Então, desde criança, costumava chama-lo de “Tio Gerald”. Na década de 1960, tornou-se

amigo pessoal de Patrícia Crowther⁴⁶. Somente a partir do contato entre o sacerdote brasileiro Claudiney Prieto e Crowther que toda a farsa de Martinez foi revelada. Alegando jamais ter tido contato com qualquer pessoa do Brasil, como também não conhecer nenhum brasileiro iniciado na tradição gardneriana, Crowther sugeriu que os bruxos brasileiros escolhessem uma representação Gardneriana legítima para a tradição e que esclarecessem as deturpações que haviam sido feitas no país. A alta sacerdotisa americana Deborah Lipp, pertencente à Tradição Gardneriana, consagrou Prieto como um sacerdote gardneriano em fevereiro de 2015. Dessa forma, a Wicca Gardneriana no Brasil passou a fazer parte da sexta geração de sacerdotes pertencentes a uma linha sucessória ininterrupta que vem de Gerald Gardner.

Em 1990, na cidade de São Paulo, foi fundada a loja *AlemdaLenda*, que tinha como proprietária a bruxa Heloisa Galves (também artista plástica, autora e ilustradora de diversos livros infantis e de ocultismo). Em 1995, Galves já administrava três lojas próprias e quatorze franquias da *AlemdaLenda* pelo país, além de franquias em Portugal e na Argentina. Infelizmente, em 2010 Galves faleceu. Essa loja de produtos esotéricos foi uma grande febre entre o fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, tornando-se muito famosa pela venda de duendes, gnomos, fadas e bruxas (como pode ser observado na figura seguinte), bem característicos da loja, entre outros artigos como livros de autoajuda, oráculos, incensos, velas e demais itens esotéricos. Na década de 1990, a sede da loja – localizada no bairro Jardins, em São Paulo – reunia um grupo formado por Roberto Carvalho, Wagner Périco, Denise de Santi e Michaela Enguel. Seguidamente, Patrícia Fox e Claudio Crow Quintino se uniram ao grupo, por também compartilharem os mesmos interesses pela bruxaria e pelo ocultismo. Deste grupo surgiu a primeira ideia de legalização da Wicca como uma religião no Brasil, por meio do projeto IBTM - Igreja de Bruxaria do Terceiro milênio.

Figura 9: Interior de uma das lojas *AlemdaLenda*, localizada no Shopping Interlagos, São Paulo, 1997.

conhecida como a nova “rainha” das bruxas. Wilson foi iniciada na Wicca por um amigo de Gardner, e o próprio fundador da Wicca a nomeou por “Lady Olwen”. Antes de falecer, Gardner nomeou-a sua herdeira, deixando-lhe a propriedade e todo o material que fazia parte do Museu de Magia e Bruxaria de Castletown.

⁴⁶ Patrícia Crowther é uma das últimas Alta Sacerdotisas iniciadas por Gardner e uma das bruxas mais famosas da Wicca. Até os tempos atuais, Patrícia continua a contribuir para a divulgação da bruxaria, concedendo diversas entrevistas, conferências e trabalhando como escritora.



Fonte: Arquiteta Mônica Mendes. Disponível em: <<http://monicamendes-arquiteta.com.br/loja-alemdalenda/>>. Acesso em: 20 de jun. 2020.

Até meados da década de 90, a Wicca ainda não era regulamentada como uma religião. Em 1996, Denise de Santi declarou – em entrevista à Folha de S. Paulo, para a reportagem *“Bruxas” querem oficializar a sua religião* – o que era ser uma sacerdotisa wicca e a relação da bruxaria com a natureza:

Há 11 anos adotei o culto à deusa e hoje falo com muita tranquilidade que sou uma bruxa. Ou uma sacerdotisa. [...] Usamos flores e plantas para nossos rituais. Não tem nada a ver com o Daime. Entendemos que o homem é parte da natureza e não pode maltratá-la. Uma sacerdotisa tem um modo típico de viver. Ela antes de tudo tem de estar em equilíbrio com os quatro elementos⁴⁷.

⁴⁷ RUSSO, Noely. ‘Bruxas’ querem oficializar sua religião. **Folha de S. Paulo**. 22 dezembro 1996. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/12/22/cotidiano/13.html>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

Entre 1996 e 1997, a Wicca aparecia timidamente no meio de comunicação. Novamente, Denise de Santi concedeu outra entrevista – desta vez, à revista *Planeta*, em 1997 –, explicando que havia feito contato por meio da internet com uma associação pagã europeia, buscando uma união de bruxas e bruxos brasileiros para que a Wicca fosse regulamentada no país (BEZERRA, 2012). Denise de Santi foi uma das primeiras bruxas a assumir publicamente a Wicca em entrevistas a jornais e à televisão. Em 2010, fundou a *Tradição de Lilith*, no Encontro Anual de Bruxos em Brasília – um pedido da própria Deusa, segundo a sacerdotisa. De acordo com a descrição do site da Tradição, “A Tradição de Lilith é uma Tradição de Bruxaria com cinco abordagens permeáveis entre si: wiccaniana, magística natural, sistêmica, tântrica e dimensional”. Além de ser fundadora dessa Tradição e iniciada na *Fellowship of Isis* e na Tradição *Apple Branch*, Denise também é graduada em Pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia, psicanalista especializada em Terapia de Vidas Passadas e trabalha há 20 anos com terapias relacionadas a magia natural.

Aos poucos, o interesse para a regulamentação da Wicca foi posto em prática, principalmente a partir da iniciativa de Wagner Périco e de Denise de Santi, no 1º Encontro de Bruxaria do Brasil, em 1998, em São Paulo. Como nos informa Mavesper Cy Ceridwen, em entrevista a Celso Luiz Terzetti Filho:

Foi o primeiro encontro público de praticantes de Wicca do Brasil e ali surgiu a ideia de se fazer uma associação que viria a se concretizar na ABRAWICCA, cujo primeiro presidente foi o Claudiney Prieto. Em 2000 institucionalizamos a ABRAWICCA, ela se tornou pessoa jurídica e foi registrada num cartório de Brasília; eu já era, então, assistente jurídica da ABRAWICCA (CERDIWEN, 2011).

Após o primeiro encontro nacional e a criação da ABRAWICCA, em 1999 surgiu o BBB - Brux@s Brasileir@s em Brasília, considerado o mais antigo encontro anual de bruxas e bruxos no país, organizado pela sacerdotisa Mavesper Cy Ceridwen., um dos nomes de grande relevância da história da Wicca no país, o primeiro contato de Mavesper com a Wicca foi por meio do livro *O poder da Bruxa*, de Cabot. Em 1991, se iniciou na prática da Wicca.

Antes de ser wiccana, Mavesper foi umbandista e até tentou praticar as duas religiões, mas não conseguiu, por uma apresentar elementos cristãos que entravam em divergência com o aspecto pagão da Wicca. Conforme as suas próprias palavras na entrevista para Terzetti Filho

(2011, p. 281), era necessária “uma ruptura com toda a cosmovisão do Cristianismo”. Começou como bruxa solitária e fez a sua própria iniciação, juntando-se depois, em 1993, a um grupo liderado por Mirella Faur, em Brasília. Mavesper relatou a Terzetti Filho (2011) que ficou apenas por cinco anos nesse grupo, por este não ser voltado unicamente a Wicca, mas ao sagrado feminino. Em 1998, fundou o *coven* wiccano *Círculo de Prata*, em Brasília. Em 2000, foi iniciada por Claudiney Prieto na Tradição *Old Dianic*, fundada no Texas, EUA, em 1971, por Morgan McFarland e Mark Roberts. Em 2001, fundou oficialmente a TDB - Tradição Diânica do Brasil, passando a conhecida como a matriarca fundadora da primeira Tradição de Wicca nascida no país. Em 2007, foi iniciada na Tradição *Alekhem* e em 2010 na Tradição Diânica *Apple Branch*. Desde 2003, é a Presidenta da Abrawicca – Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca, além de fazer parte do conselho de Elders⁴⁸ da IBWB - Igreja de Bruxaria e Wicca do Brasil. Também foi membro da formação do comitê da Diversidade Religiosa da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, entre 2011 e 2013, nomeada pela ministra Maria do Rosário. Em 1997, fundou a Chácara Templo da Deusa, a primeira *wiccan village* do Brasil, localizada em Brasília, DF. O local é um centro de convivência e treinamento para sacerdotisas e sacerdotes da Wicca. Mavesper também é autora do livro *Wicca Brasil – Guia de Rituais para as Deusas Indígenas Brasileiras*, pela Editora Gaia. O livro possui uma temática bastante diferenciada dos outros livros de Wicca no Brasil, por trazer diversos rituais voltado ao culto de divindades indígenas.

Entre os pioneiros a lançar livros de Wicca no Brasil, é necessário, novamente, fazer menção a Claudiney Prieto. O lançamento de *Ritos e Mistérios da Bruxaria Moderna*, em 1999, seguido por *Wicca: A religião da Deusa*, em 2001 – considerada uma das suas principais obras –, fez com que a Wicca recebesse bastante notoriedade. O livro se tornou um *best-seller*, com mais de 200 mil cópias vendidas no país. Até os tempos atuais, Prieto é bastante ativo na comunidade pagã e wiccana brasileira, continuando a criar diversos projetos e fazendo parte de diversas tradições, além de possuir um canal no *Youtube* com diversos vídeos sobre a Wicca. É o fundador da Tradição *Diânica Nemorensis*, Alto Sacerdote de 3º Grau da Tradição Gardneriana na Linha Long Island, Arquesacerdote da *Fellowship of Isis* e, em 2019, trouxe para o Brasil a Tradição *Minoan Brotherhood*. Em 2014, criou o Dia Mundial da Deusa. É o idealizador o Encontro

⁴⁸ Líderes fundadores que formam o conselho e representam a IBWB.

Regional de Bruxos, além de dedicar-se a organização da *Mystic Fair Brasil*, uma feira mística e esotérica que ocorre anualmente em São Paulo. Em 2020, a feira passou a ser transmitida online, devido ao período de quarentena causado pela pandemia do Covid-19. Prieto também é o idealizador do Santuário da Grande Mãe, um templo de meditação e rituais de Wicca e espiritualidade da Deusa, localizado em São Paulo. Esse santuário possui programação diária, disponibilizada em seu site, mas atualmente suas atividades ocorrem por transmissão de vídeos, também devido ao momento pandêmico e de isolamento atual.

Ainda na década de 1990, outro nome de bastante relevância da Bruxaria Moderna aqui no Brasil foi o da bruxa e teóloga paulista Tânia Gori. Filha de ciganos, foi introduzida ao mundo da bruxaria por sua avó materna. Embora Tânia não seja da Wicca, e sim uma praticante da “bruxaria natural”, é inegável toda a sua importância e influência nesses anos iniciais de divulgação da Wicca no Brasil, principalmente por ter criado, em 1997, uma instituição chamada Universidade Livre Holística Casa de Bruxa, que funciona até os dias de hoje. No começo dos anos 2000, publicou diversos livros sobre a prática da bruxaria. Em 2004, fundou a famosa Convenção de Bruxas e Magos na vila de Paranapiacaba, em Santo André, São Paulo, que reúne anualmente centenas de praticantes de bruxaria, Wicca e pagãos no geral de todo o Brasil. Neste evento ao ar livre ocorre diversas apresentações, palestras e celebrações.

Figura 10: 16ª Convenção de Bruxas e Magos de Paranapiacaba (2019).



A bruxa Tânia Gori na frente da imagem, vestindo túnica roxa.

Fonte: Terra. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/vila-de-paranapiacaba-espera-invasao-de-dez-mil-magos-e-bruxas,28cd75b414078f26aa7c53731310102dkziah3sh.html>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

O começo dos anos 2000 foi caracterizado por Bezerra (2012) como marcado pelo modismo da Wicca. Diversas produções hollywoodianas e a saga do bruxo *Harry Potter* despertaram o interesse dos jovens pela bruxaria. No entanto, no Brasil, esse interesse em massa não se deu devido apenas aos filmes, mas também pela publicação, em 2001, de uma revista chamada *Wicca*, de autoria da bruxa Eddie Van Feu. Com algumas edições pela Editora Linhas Tortas e outras edições pela Editora Escala, a revista tornou-se bastante popular entre a juventude brasileira. Como nos informa Cunha (2017), essas revistas não possuíam intervalos fixos de lançamento, que podiam ocorrer tanto quinzenalmente como mensalmente. Em formato de almanaque, com edições temáticas, apresentando uma leitura mais rápida sobre o conteúdo que fazia parte do universo da Wicca e do paganismo, a Revista Wicca teve um total de 63 edições impressas, finalizando suas publicações em 2014.

Van Feu não se prendeu somente à escrita e à publicação dessa revista, tendo lançado outros 25 livros sobre magia e ficção. Atualmente, a escritora e jornalista se dedica ao mundo

online, criando conteúdos voltados para temas sobre magia e a religião Wicca nas redes sociais e em seu canal no *YouTube* (CUNHA, 2017).

Figura 11: Primeira Edição da Revista Wicca (Editora Linhas Tortas, 10/05/2001).



Fonte: Amazon. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Wicca-Uma-Inicia%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-Magia-ebook/dp/B00GMWBVLW>>. Acesso em: 15 maio 2020.

Todavia, essa fase dos anos 2000, marcada por Harry Potter e pelas revistas de Van Feu, foi alvo de críticas de muitos wiccanos antigos, que não consideravam séria a forma como a juventude praticava a Wicca (os chamando de *Pink Wicca*). Muita polêmica se formou na época em torno dos *Pink Wicca*, já que esses acabavam se tornando mais conhecidos pela população, fortalecendo a ideia de que a Wicca era uma “modinha” adolescente, desmerecendo toda a história que havia por trás de sua criação, da sua história como uma religião milenar e como parte do movimento contracultural, relacionando-se a outros importantes movimentos, como o feminismo e o ambientalismo. Em 2009, no site *Na Mira*, foi publicada uma reportagem intitulada *Na Mira mostra tudo sobre a religião Wicca*, atentando-se ao fato de que “a sociedade costuma culpar os adolescentes por tudo” (no caso pela *Pink Wicca*) e mostrando que a Wicca vai muito além das fantasias do universo do cinema, tratando-se de uma religião séria, cujo ideal de

liberdade e respeito pela natureza é um dos motivos para atrair tantas pessoas, entre jovens e adultos.

A Bruxaria tem se popularizado nos últimos anos, e apesar de muitas pessoas realmente estarem nesse caminho por seriedade, ainda há muitas que não sabem o que estão fazendo. Influenciados pela moda de Harry Potter e Senhor dos Anéis, muitos adolescentes e até crianças começam a se interessar pela Bruxaria sem saber com o que estão lidando, e sem a menor consciência de que se tratam de crenças sérias. Surge então o que é popularmente chamado de pink Wicca, ou "Wicca cor-de-rosa". E é mero engano pensarmos que apenas os adolescentes estão nessa onda. A sociedade costuma mesmo culpar os adolescentes por tudo⁴⁹.

Independente da fase Pink Wicca no país, o começo dos anos 2000 também foi marcado pelo crescimento de inúmeros blogues, sites, comunidades na rede social Orkut e chats no site UOL sobre a Wicca. Nesses grupos de conversas, diversas pessoas costumavam se reunir para debater sobre essa religião, tirar dúvidas, procurar livros e encontrar grupos de Wicca em suas cidades. De acordo com a pesquisa de Santos (2013), no ano de 2007 existiam 885 comunidades no Orkut relacionadas à Wicca no Brasil, sendo que apenas quatro destas eram anti-Wicca. Entre as comunidades, a maior chamava-se *Wicca* e tinha 96.489 membros, criada pelo sacerdote e escritor Claudiney Prieto. A segunda maior comunidade era intitulada *Sociedade Wicca/Bruxaria*, possuindo quase 30.000 membros, de origem anônima. Nessa época, era bastante comum que interessados pela Wicca procurassem comunidades sobre a religião em sua cidade ou região, para encontrar grupos de estudos e de praticantes.

Uma matéria de 2007, publicada no site da Universidade de Araraquara (UNIARA)⁵⁰, do estado de São Paulo, intitulada *Números de interessados em Wicca está aumentando na região*, relata o interesse das pessoas pela Wicca na região. O texto aponta que na cidade de Araraquara existia um grupo de wiccanos que reuniam-se todas as quintas-feiras às 19h, e que para participar dessas reuniões bastava acessar a comunidade no Orkut chamada *Wicca Araraquara* e pedir informações para saber o local. Na matéria, a internet é apontada como um importante meio de divulgação da Wicca no interior de São Paulo. Nas comunidades do Orkut, a *Wicca Araraquara*

⁴⁹ CASTRO, Alessandra. *Na Mira mostra tudo sobre a religião Wicca*. **Na Mira**. 23 junho 2009. Disponível em: <<https://imirante.com/namira/sao-luis/noticias/2009/06/23/na-mira-mostra-tudo-sobre-a-religiao-wicca.shtml>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

⁵⁰ TEIXEIRA, Luciana Gonçalves. *Números de interessados em Wicca está aumentando na região*. **UNIARA**. 22 junho 2007. Disponível em: <<https://www.uniara.com.br/ageuniara/3422/numero-de-interessados-em-wicca-esta-aumentando-na-regiao/>> Acesso em: 20 jun. 2020.

possuía 28 membros e a comunidade *Wicca - Interior de São Paulo* contava com 164 membros. O Orkut foi mencionado como uma forma eficiente de fazer contatos entre os que já praticavam a Wicca e aqueles que desejavam estudá-la e fazer parte de um *coven*.

Quanto ao chat da UOL, abaixo seguem imagens de um bate-papo entre Claudiney Prieto e convidados, no ano de 2002. Neste chat, o sacerdote criou o grupo com um total de 351 participantes. Os que estavam presentes enviavam perguntas por mensagens, relacionadas ao que era a Wicca, como se tornar um bruxo, onde encontrar cursos sobre bruxaria, entre outras.

Figura 12: Página inicial do Bate Papo criado por Claudiney Prieto (05/06/2002).



Fonte: UOL. Disponível em: <<http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/astral/ult1740u96.jhtm>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

Figura 13: Bate Papo criado por Claudiney Prieto (05/06/2002).



(21:10:12) Bruno *fala para* Claudiney Prieto: Boa noite....Qual é a sua religião?

(21:10:36) Claudiney Prieto: Bruno, Eu sou um Bruxo, praticante da Religião da Deusa.

(21:11:15) Morgana *fala para* Claudiney Prieto: Oiii!!!! Sempre me interessei muitíssimo pela wicca...mas sempre tive poucas informações a respeito....sera que poderia me explicar melhor o que realmente é a wicca:

(21:12:54) Claudiney Prieto: Morgana, A Wicca é uma Religião que busca inspiração para sua Filosofia no Antigo Culto à Deusa do Neolítico e Paleolítico. É uma Religião centrada na Natureza, na Deusa e suas manifestações. Mesmo sendo uma Religiosidade Matrifocal, também celebra um princípio sagrado Marculino, O Deus, Filho e Consorte da Grande Mãe.

(21:13:06) lilinha *fala para* Claudiney Prieto: o que vc pretende fazer neste encontro

(21:15:46) Claudiney Prieto: Lilinha, este Encontro visa reunir Bruxos de vários Estados para que possam se conhecer e discutirem sobre a Religião. Os Palestrantes são algumas das pessoas mais atuantes da Wicca nacional. Neste ano teremos uma novidade, um Acervo, com uma exposição de fotos com uma linha do tempo da Bruxaria, desde seu surgimento até os tempos atuais. Esta exposição será aberta à todos e não é necessário se inscrever para o evento para ver a exposição é só aparecer por lá

(21:15:49) Aioros *grita com* Rosa Nepomuceno: existe relação entre bruxaria e satanismo?

Fonte: UOL. Disponível em: <<http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/astrol/ult1740u96.jhtm>>. Acesso em: 10 mar. 2020

Também foi neste período que ocorreu a formação de diversas outras associações wiccanas em outros estados brasileiros. Em 2004, houve a criação da UWB - União Wicca do Brasil, no Rio de Janeiro, por Diogo Ribeiro, Leo Maciel e Og Sperle. Definido pela própria UWB como um movimento sem fins lucrativos e sem posição partidária, formado por sacerdotisas e sacerdotes de diferentes tradições wiccanas a fim de fornecer esclarecimentos não somente à comunidade wiccana, mas também à comunidade civil e religiosa do Brasil. Como também:

A UWB – União Wicca do Brasil não tem a pretensão de ser um órgão regulamentador da religião Wicca ou da religiões e religiosidades de matrizes pagãs, principalmente devido a diversidade de tradições que hoje temos dentro da Arte e do Paganismo, porém, vimos a necessidade de se criar parâmetros mínimos que possam servir como norteadores à todas as tradições wiccanas e de matrizes pagãs, para que não percamos as características básicas e essenciais que nos ligam a religião Wicca e as demais religiões e religiosidades de matrizes pagãs⁵¹.

⁵¹ Página do *Facebook* da União Wicca do Brasil (UWB). Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/uniaowiccabrasil/about/?ref=page_internal> Acesso em: 23 jul. 2019.

A UWB tem como presidente e conselheiro Og Sperle, que também é representante da Wicca na Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR). Essa comissão foi fundada em 2008 por religiosos da Umbanda e do Candomblé. Atualmente, é formada por umbandistas, candomblecistas, wiccanos, judeus, espíritas, católicos, evangélicos, muçulmanos, malês, bahá'ís, budistas, ciganos, hare Krishinas, seguidores do Santo Daime, ateus e agnósticos. Seus membros também fazem parte da Comissão do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, do Ministério Público e da Polícia Civil. O trabalho da Comissão não possui apoio governamental e nem de políticos, sendo desenvolvida voluntariamente por seus membros. A UWB sempre está ativamente presente em diversos atos, fóruns, caminhadas interreligiosas, eventos, colóquios e encontros de combate à intolerância religiosa, entre outras extensões.

Em 2010, foi formada a IBWB - Igreja da Bruxaria e Wicca do Brasil, durante o 13º BBB (Brux@s Brasileir@s em Brasília). Nesse evento, um grupo de bruxos decidiram criar uma entidade religiosa que fosse registrada de acordo com o código civil. A partir de cinco bruxos pertencentes a tradições diferentes, foi formado o Conselho dos Elders, que tomaram a frente dos trabalhos da IBWB. Esses Elders são Mavesper Cy Ceridwen, Denise de Santi, Wagner Périco, Naelyan Wyvern e Michaella Engel. Como bem define Ceridwen:

A proposta da igreja é apresentada como uma alternativa de proteção legal aos direitos dos bruxos em relação às garantias de liberdade de culto de sua religião. Para os críticos, é puramente uma tentativa de centralização da Wicca nas mãos de uma única organização. Para os defensores, uma oportunidade de terem sua religião legitimada pelo poder público (CERIDWEN, 2011).

A IBWB funciona como uma espécie de cartório para registrar os *covens* e os sacerdotes, regulamentando o sacerdócio da Wicca e da bruxaria no Brasil. Não é uma igreja fisicamente falando, com um templo erigido, mas um meio que serve para legitimar os wiccanos diante da lei, sendo bem mais uma questão política para melhor compreensão daqueles que não fazem parte da comunidade pagã.

3.5 Especificidades da Wicca no Brasil

Tratando-se da Wicca brasileira, algo que sempre é motivo de discussão entre as diversas Tradições de bruxaria e paganismo no Brasil é a escolha de como girar a Roda do Ano. A

sazonalidade wiccana, chamada Roda do Ano, foi criada no Hemisfério Norte com o estabelecimento da celebração dos oito *sabás*, divididos em quatro grandes festivais de origem celta, dois solstícios e dois equinócios. Contudo, como o Brasil localiza-se no Hemisfério Sul, muitas bruxas e bruxos optam por inverter a ordem da roda e celebrar de acordo com as estações do Sul da Terra.

No começo da prática da Wicca no Brasil, uma das primeiras bruxas a questionar a celebração de acordo com o hemisfério Norte foi Márcia Frazão, em seu livro *Revelações de uma Bruxa* (1994). No capítulo destinado aos *sabás*, Frazão fala sobre como é necessário estar ciente que os livros sobre bruxaria (no caso, os livros da época em que ela escreveu este) remetiam à realidade da Europa e da América do Norte – ou seja, a um curso da natureza e estações do ano totalmente inversos aos do Brasil. Relata que ficou muito confusa quando pegou um livro de bruxaria pela primeira vez e como ficou perdida tentando entender o sentido mágico dos *sabás*, pois estes representavam uma realidade totalmente diferente da que presenciava na América Latina. Frazão ainda começou a celebrar a Roda do Ano seguindo o calendário do Hemisfério Norte, mas a sensação era muito estranha de reverenciar o verão em pleno inverno e vice-versa.

Desta forma, Frazão criou sugestões para a adaptação dessas celebrações de acordo com as estações do Brasil, buscando aprender sobre as ervas específicas que há no país e que podiam associar-se a cada estação.

Se necessário o estudo das nossas próprias ervas, das nossas estações, para que não saíamos feito loucas atrás de mandrágora e neve. Claro que podemos e devemos estar conectados com a tradição por nós escolhida, mas sabendo que ela terá de ser adaptada a essa cultura mestiça em que nascemos e cujos dias vivenciamos (FRAZÃO, 1994, p.177).

A autora também defende que não há contradição em ser da Wicca e defender essa inversão da roda, pois, embora tudo tenha começado no Hemisfério Norte, essa religião é vivenciada de diferentes formas e em diversos lugares do mundo. “O que distingue Wicca enquanto religião é o culto à Grande Mãe, pouco importando se acontece na Irlanda ou em Caruaru” (FRAZÃO, 1994, p. 177). Sendo assim, Frazão segue neste capítulo defendendo que o modo de uma bruxa comprometer-se com a Terra e suas festas é conectar-se a essas; logo, não

faz sentido festejar no verão o que deveria ser festejado no inverno, pois isso causaria desequilíbrio, dado que se os *sabás* acompanham o movimento da Roda do ano, que são os ciclos da natureza, girar pelo Norte seria estar “girando desgovernadamente os ponteiros desse grande relógio” (FRAZÃO, 1994, p. 187). Assim, Frazão estabeleceu dicas e sugestões do que fazer em cada *sabá*, de acordo com o ritmo das estações no Brasil, mas também deixando claro que a bruxaria não possui dogmas e cada um é livre para criar seu próprio ritual.

A sacerdotisa wiccana Mavesper Cy Ceridwen, mesmo enquanto defensora da celebração da roda pelo calendário original do Hemisfério Norte, admite, em seu livro *Wicca Brasil: Guia de Rituais das Deusas Brasileiras* (2003), o fato da adaptação da Roda do Ano já ter sido motivo de diversas discussões. Além dessa discussão, uma outra questão considerada difícil por Mavesper e para alguns wiccanos é o fato de existir uma “patrulha ideológica” contra aqueles que celebram panteões estrangeiros. A sacerdotisa explica o quanto é comum que os novos adeptos da Wicca iniciem cultuando a Deusa e o seu Consorte nos panteões celta e greco-romano e, muitas das vezes, sofram discriminações por esses “patrulheiros ideológicos ultra nacionalistas”, que acusam esses praticantes de importar ancestrais ou de viver a fantasia de uma ancestralidade celta. Considerado por Mavesper um grande erro, a sacerdotisa afirma que a Wicca não possui uma região geográfica específica, pois é uma religião centrada na Terra inteira, no planeta e não apenas à um país.

Ao raciocinarmos a respeito, temos que ter em mente que a Wicca é um caminho mágico-religioso lunar, de busca de integração profunda com a Natureza, e não sua dominação. Em nossa opinião, a natureza lunar de nosso caminho exige que consigamos compreender o conceito da Deusa que cultuamos como tudo o que existe: seu corpo sagrado é todo o universo, e, mais próximo de nós, é todo o planeta (CERIDWEN, 2003, p. 30).

Além de assumir esse posicionamento, Mavesper também chama atenção para o fato de que mesmo que não seja incoerente cultuar deuses de outras culturas, é importante que os bruxos estejam integrados à natureza e compreendam a natureza local de onde moram, pois ignorar a região geográfica onde cada wicciano está inserido é uma visão muito limitada. É importante compreender que não há razões para ignorar a Deusa em outras culturas, afinal a Wicca é uma religião que nasceu na Inglaterra, então para a autora também não faz sentido ignorar suas raízes.

Porém, é importante sempre estar ciente que o universalismo é a essência da religião da Deusa, celebrando-a em diversas culturas.

Aos que ingressam na Wicca, o melhor conselho a dar é que se dediquem ao conhecimento desse riquíssimo caldo de culturas que ferve no caldeirão da Grande Mãe. Compreender que a Deusa é Ceridwen, Ísis, Pele, Suna, Yemanjá, Freya e a Mulher-Que-Muda, Kwan In, Shekinah, Zoe e Ixchel, e também todas as Deusas Brasileiras tratadas neste livro, compreender que qualquer de seus Dez Mil Nomes expressa a mesma Criadora de Tudo - esta é nossa tarefa (CERIDWEN, 2003, p. 32).

Mavesper também discorda quanto à ideia do Brasil ser um país pagão, por este ser o maior país católico do mundo. Conforme a wiccana, embora existam resquícios pagãos, estes se perdem em meio a mentalidade e moral cristãs. Ou seja, mesmo que exista magia popular, simpatias, benzedeiras, pai-de-santo, tarólogas, ciganas, e tudo isso faça parte do cotidiano dos brasileiros, não é possível afirmar que o Brasil é um país pagão, pois a maioria dos brasileiros vive sob a fé do cristianismo.

Para ser um pagão no Brasil, Mavesper afirma que não é necessário viver em templos ou concentrar-se em dias específicos da semana ou datas, pois a Wicca é uma religião vivida 24 horas por dia. A vida diária do wiccano é sacralizada, afinal a essência da Wicca é ser uma religião da Terra.

É preciso um salto quântico para romper com os padrões impostos pelas religiões patrifocais. É preciso romper dois mil anos de grilhões e mordças embasados nas mitologias judaico-cristãs. É preciso uma reeducação completa em que nos abrimos a ouvir o chamado da Grande Mãe. É preciso reaprender a escutar as vozes de Água, Terra, Fogo e Ar. É preciso crer em uma cosmogonia igualitária, onde a espécie humana não é mais importante que nenhum animal ou planta (CERIDWEN, 2003, p. 37).

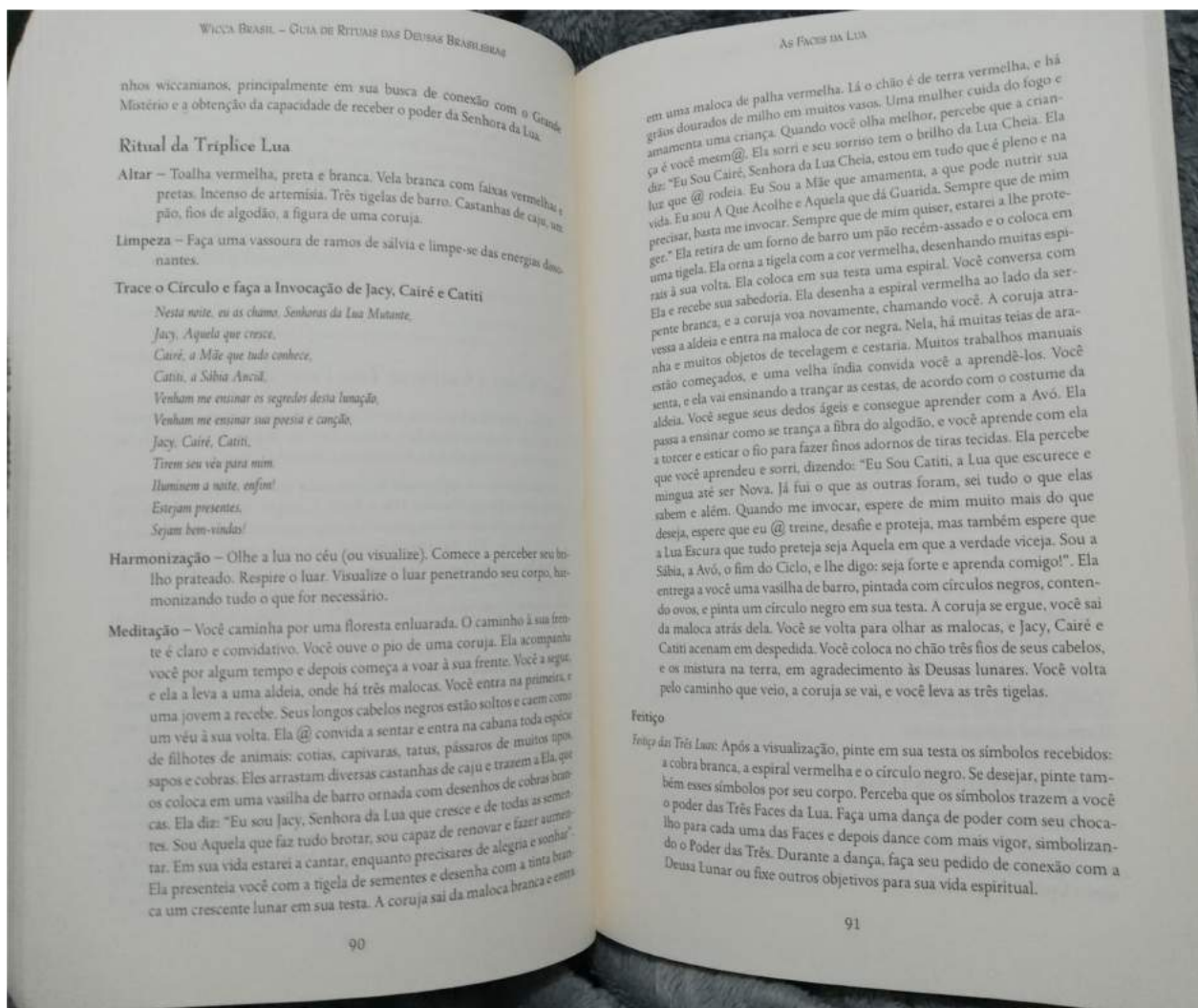
Quanto à questão de cultuar os Deuses pagãos do Brasil, a sacerdotisa alerta ao fato de ser muito comum algumas pessoas pensarem primeiramente nos Deuses Iorubá:

Yemanjá, Iansã, Ogum, Exu, disseminados na cultura popular e nos cultos afro-brasileiros. Porém, não é necessário nenhum esforço para perceber que os Deuses africanos são tão estrangeiros em relação ao Brasil quanto os celtas e os egípcios (CERIDWEN, 2003, p. 39).

Contudo, os Deuses pagãos do Brasil são os que se revelaram aos povos naturais dessa terra, e para conhecê-los é necessário acessar a cosmovisão dos indígenas, buscando as versões mais antigas das populações pré-cabralinas, pois muitos mitos foram deturpados pelo catolicismo e pelo colonialismo cultural. Em 2014, Mavesper lançou o livro *Práticas de Wicca Brasil: saberes da Terra Brasilis*, voltado apenas ao culto de deuses indígenas - embora já no seu primeiro livro tenha dado exclusividade aos rituais com as deusas indígenas. A sacerdotisa dá bastante relevância a Deusa Cy, a mãe do Brasil. Algo considerado em comum entre diferentes povos indígenas, de acordo com Mavesper (2003), é o fato de acreditarem que todos os seres têm mãe e que todas as mães vêm de Cy, a representação da Grande Mãe, a Mãe de Todos. Cy é a mãe Criadora, e cada coisa tem uma mãe, inclusive o sono, a chuva, a fonte, a canoa, o verme. Cy é a encarnação da terra e gerou diversos nomes e lendas, como Ceucy, Jacy, Juracy, Coaracy, Amanacy... No decorrer deste livro, Mavesper traz diversos rituais com outras deusas, ligadas à lua, aos animais, aos rios, ao sono, às emoções, à escuridão, entre diversos outros aspectos presentes em diferentes divindades.

Um exemplo desses rituais é aquele destinado às faces da lua. Neste rito, Mavesper relata as três faces da lua pelo mito das Deusas Jacy, Cairé e Catiti: “Um dia a Lua Nova, Catiti, resolveu ser mais admirada. Esforçou-se por crescer, crescer e virou Jacy, a Lua Crescente. Depois de um tempo, Jaci envelheceu e foi engordando, tornando-se Catiti, a Lua Cheia.” (CERIDWEN, 2003, p. 89). A triplicidade da Deusa faz parte da crença e dos ritos wiccanos, com as faces da Deusa: Donzela, Mãe e Anciã. Desta forma, Mavesper traz a opção de fazer esse ritual lunar com Deusas indígenas em todo o processo ritualístico.

Figura 14: Ritual da tríplice lua por Mavesper.



Fonte: Acervo pessoal.

Em sua tese sobre as representações da bruxaria neopagã no Brasil, o historiador Janluis Duarte (2013) discutiu sobre os aspectos que constituíram a religiosidade popular brasileira e permitiu uma permeabilidade entre as crenças, resultando no sincretismo. Embora o Brasil seja considerada a maior “nação católica” do mundo (fator este apontado anteriormente por Mavesper), o autor questiona o quão católico seria o povo brasileiro, pois nem todos que se consideram católicos, cumprem os dogmas da Igreja Romana. Ao tratar-se de termos qualitativos, reafirma o quão fértil foi o território brasileiro para a criação de sincretismos, levando em consideração primeiramente a religiosidade dos portugueses no final do século XV, por esta possuir muitos elementos do paganismo. Afinal o cristianismo que era praticado pelo povo, não

possuía a compreensão do sacramento, além da ausência de dogmas, entre outros elementos, resultando numa fusão de crenças que foi declarada como cristianismo. Para Duarte (2013, p.99):

Além da “cristianização imperfeita” dos colonos portugueses e da ignorância e dos vícios dos clérigos que deveriam ser seus guias espirituais, outro fator influenciou decisivamente na primeira formação da religiosidade brasileira, durante os anos da colônia: justamente o fato do Brasil ser uma colônia, portanto exposta à miscigenação de culturas locais, invasoras e importadas, que formavam sua população.

Esse processo transcultural se deu primeiramente pela convivência entre os povos originários e os portugueses, que ao serem expostos aos costumes indígenas, muita coisa foi incorporada culturalmente. Além da transculturação também com os povos africanos de diversas etnias que “fundiram suas variadas religiões da natureza em um amálgama de tradições” (DUARTE, 2013, p.99). Gêges, Nagôs, Iorubás e Malês, além de muitos outros, sobrepondo ao sincretismo afro-católico um quase sincretismo afro.

O autor elenca além do sincretismo, também o imediatismo, como outra característica marcante do começo da religiosidade popular brasileira. Pelo fato de muitas pessoas não possuírem recursos suficientes para prover suas necessidades básicas. Sendo assim, desde portugueses, mestiços, escravos ou nativos, buscavam recorrer ao sobrenatural como forma de ajudá-los em situações que não podiam ter acesso a médicos, entre outros fatores que envolviam questões amorosas, e até mesmo a prosperidade, culminando na busca do auxílio da magia para conseguir o que se desejava. Muitas vezes através de um objeto ou de um ato considerado religioso, mas que tratava-se de um ato mágico considerado como parte da religião católica. Afirmando Duarte (2013) que a religiosidade popular sincrética, mágica e imediatista, já havia sido implantada no Brasil como país liberto de Portugal e tornado-se império, passando a receber diversas outras influências em seu campo religioso.

Quanto ao culto aos Deuses Iorubás, embora já mencionados inicialmente pelas palavras da sacerdotisa Mavesper, afirmando estes serem tão estrangeiros quanto os Deuses de outros panteões cultuados pela Wicca, buscou-se a perspectiva de outros sacerdotes wiccanos sobre esse tópico. A nossa primeira fonte foi o blog **Wicca Ipatinga**, página que completa 15 anos de existência e foi criado pela wiccana Viviane Lopes, na cidade de Ipatinga em Minas Gerais. Entre

as diversas postagens, encontra-se disponível uma intitulada “Wicca x Candomblé⁵²”, a qual traz um texto escrito por Claudiney Prieto, elencando as semelhanças e diferenças entre as duas religiões e do porquê não é possível praticar a Wicca e o Candomblé ao mesmo tempo, chamado por alguns de “Wiccumba”. Além de sugerir sobre como é possível cultuar deuses africanos na Wicca. De acordo com o texto, enquanto a religiosidade afro-brasileira é muito forte em todo o país, a Wicca diferente desta, é uma nova religião, que ainda está a ganhar o seu espaço. E ambas possuem muitas semelhanças, relacionadas ao culto a antigos deuses e a conexão que estes possuem com as forças da natureza. Resultando assim, em ser muito comum antigos praticantes da Umbanda e do Candomblé tornarem-se wiccanos, como ocorreu com o próprio Prieto, entre outros sacerdotes wiccanos no Brasil. No entanto, o texto informa, que ocorre de algumas pessoas fazerem uma junção dessas duas religiões, o que é considerado impossível para o sacerdote Prieto, já que a Wicca possui suas próprias liturgias e aspectos próprios. Considerando assim, ser possível deuses africanos em um ritual da Wicca, mas não ser possível fazer uma mistura de Wicca com Candomblé.

Entre os aspectos em comum da Wicca e do Candomblé, são apontados cinco elementos, sendo estes: o **culto circular**, pois no Candomblé os rituais são realizados através de uma dança circular, invocando os deuses ao dançar em círculo. Os rituais na Wicca também ocorrem dentro de um círculo mágico e muitos wiccanos costumam dançar em círculo também para reverenciar os Deuses; a **religiosidade iniciática**, afinal, tanto o Candomblé como a Wicca são religiões iniciáticas; **Oferendas aos Deuses** também são feitas em ambas religiões; **Analogias para estabelecer comunicação com os Deuses**, através de ervas, aromas, cores, dias, locais, as quais possibilitam o acesso a energias e aos Deuses, ocorrendo assim no Candomblé e na Wicca; E por fim, em ambas os **Deuses são vistos como a natureza deificada**.

Entre os aspectos que diferenciam ambas as religiões, o texto aponta primeiramente que embora o Candomblé seja uma religiosidade com Deuses da natureza, muitas vezes os adeptos poluem a natureza com suas oferendas, considerado pelo autor uma falta de respeito a natureza; Enquanto a Wicca não possui uma hierarquia pré-estabelecida, o candomblé possui uma estrutura

⁵² LOPES, Viviane. Wicca x Candomblé. **Wicca Ipatinga**. 2019. Disponível em: <<https://wiccaipatinga.blogspot.com/2019/03/wicca-x-candomble.html>>. Acesso em 05 Out. 2020.

hierárquica considerada vital para a religião; A última diferença, se dá por não ser permitido o sacrifício animal na Wicca, enquanto no Candomblé o sacrifício animal é possível. Porém o autor atenta sobre a importância do sacrifício no Candomblé, defendendo que não trata-se de uma carnificina como muitos afirmam, mas que é um processo sagrado e de respeito ao animal sacrificado, já que estes servem de alimento e nenhuma de suas partes são desperdiçadas, considerando ser muito mais ético sacrificar um animal à um Deus, devido aos ritos feitos em honra a alma do animal que se doa para nutrir os outros seres, do que comprar um frango congelado no supermercado que não passou por todo um processo honrado, como ocorre numa situação ritualística.

Quanto ao culto a deuses africanos, o sacerdote define que a Wicca é uma religião que resgata o culto a Deuses antigos que tiveram seus cultos quase ou praticamente extintos. Enquanto, os Deuses africanos ainda possuem seus sacerdotes, liturgias e religiosidades próprias. No entanto, há um senso comum entre os bruxos de cultuar os Deuses de sua Terra e os que fizeram parte dela, entrando nesta categoria os Deuses africanos para os brasileiros. A Wicca considera que os Deuses são arquétipos, no entanto se um bruxo está trabalhando com a energia do amor, é possível utilizar em um ritual uma deusa de qualquer panteão que representa o arquétipo do amor. Desde Afrodite, Hathor, Vênus, Oxum, etc. Tornando-se assim possível realizar o culto e rituais a Oxum na Wicca, trabalhando com uma energia e arquetípico específico relacionado a essa divindade. Mas, tornando-se contraditório, caso resolva acrescentar práticas e elementos de culto comuns do Candomblé nesse ritual.

Já no blog **Sinfonia da Lua**⁵³, da sacerdotisa Alannyë Daeris, a mesma afirma que na Wicca os Orixás são vistos como Deuses e que o panteão de Deuses Yorubás é repleto de mitos e informações que podem engrandecer o culto dos bruxos. Mas assim como Prieto, também atenta que é necessário não realizar na Wicca as práticas do Candomblé e da Umbanda, já que essas não condizem com a liturgia wiccana. Exemplificando, a sacerdotisa explica que o que pode ser feito é traçar o círculo mágico e convidar uma divindade para fazer parte e cultuá-la, até mesmo ter seu auxílio em alguma atividade mágica. Desta forma, honrando a divindade e oferecendo alimentos

⁵³ DAERIS, Alannyë. Orixás e Wicca. **Sinfonia da Lua**, 2014. Disponível em: <<http://sinfoniadalua.blogspot.com/2014/12/orixas-e-wicca.html>>. Acesso em 05 out. 2020.

no altar, entre outros elementos relacionados à Deusa ou Deus cultuado. Mas que não é possível incorporar os Orixás como acontece na Umbanda. Ou receber Pombas Giras e consultar caboclos, porque ao misturar essas práticas com a Wicca, a sacerdotisa Alannyë defende que a pessoa não estará fazendo parte nem da Wicca, nem do Candomblé e nem da Umbanda.

Outro fator apontado pela sacerdotisa, refere-se ao fato de na Wicca as deidades cultuadas terem seus arquetípicos bem definidos e que ao cultuar os Deuses Yorubás é importante atentar-se a esses arquetípicos. Um exemplo dado, é reconhecer Afrodite como uma deusa do amor e também Oxum, embora possuam atribuições diferentes do amor. Como também Cernunnos é uma divindade da caça, assim como também Oxóssi. A autora também salienta que é de grande relevância cultuar esses Deuses de acordo com seus rituais originais. Pois, diferente de outros panteões antigos que são cultuados na Wicca e tiveram seus cultos adaptados para o mundo de hoje, não é considerado correto adaptar cultos de religiões existentes. Dessa forma, o wiccano ao buscar cultuar o panteão Yorubá deve buscar conhecer as histórias e os mitos desses Deuses, e compreender o que os torna relacionados a determinados elementos da natureza, desprendendo-se de como esses cultos e rituais são feitos na Umbanda e no Candomblé. Deste modo, é importante salientar que os textos escritos por esses dois sacerdotes, correspondem a percepção e posicionamento de alguns wiccanos e não algo que possa valer como uma noção geral wiccana, afinal existem diversas Tradições da Wicca.

Além dos tópicos aqui já discutidos referentes as especificidades da prática da Wicca no Brasil, como a questão da Roda do Ano invertida e o culto a divindades indígenas e africanas, no Brasil, diversos sacerdotes e Tradições wiccanas são envolvidos no ativismo mágico político⁵⁴, criando atos mágicos e movimentos nas redes sociais a favor de questões não apenas religiosas, mas políticas, ambientais e sociais. Em diversos momentos da história do país nos últimos anos, diversos bruxos posicionaram-se contra o fascismo, homofobia, racismo, intolerância religiosa e exploração do meio ambiente. Desde as últimas eleições presidenciais em 2018 e a crescente onda fascista que tem se fortalecido no país no ano de 2020, diversas foram as postagens antifascistas⁵⁵ e a chamada para rituais em conjunto, criação de sigilos mágicos e feitiços para

⁵⁴ Embora essa não seja uma especificidade wiccana brasileira, mas é importante salientar também esse posicionamento dos bruxos brasileiros.

⁵⁵ Conferir nos anexos os cartazes e sigilos antifascistas divulgados por bruxos.

combater o fascismo. E esses protestos ganharam ainda mais força nas redes sociais, ocasionado principalmente pela pandemia do Covid-19, impossibilitando encontros presenciais, mas também permitindo que um número maior de pessoas tivessem acessos aos rituais, os quais não tinham fronteiras os impedindo de serem realizados. Um exemplo desses rituais, foram os realizados em Setembro de 2020 durante o período da Roda do Ano wiccana em que é celebrado o sabá de Ostara e o equinócio de Primavera.

Infelizmente coincidiu deste sabá ocorrer na mesma época em que um dos maiores crimes ambientais assola o Pantanal brasileiro. De acordo com os dados⁵⁶ do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) divulgados em 14 de Setembro de 2020, os incêndios no Pantanal cresceram 210% em 2020, comparados com os incêndios que ocorreram no mesmo período em 2019. Além de até essa data, ter sido destruído pelo fogo uma área de 2,3 milhões de hectares no Pantanal, uma área maior que o estado de Sergipe e quase quatro vezes o tamanho do Distrito Federal. Com a flora e a fauna atingida, com diversos animais carbonizados no bioma, além de povos indígenas isolados. Atingindo essas queimadas não apenas o Pantanal matogrossense, mas também sobre a Amazônia em Rondônia, reservas indígenas no interior de São Paulo, entre outras áreas do país.

No dia 17 de setembro de 2020 a sacerdotisa wiccana Aileen Daw⁵⁷, escreveu no site da Tradição Caminhos das Sombras⁵⁸ (Tradição a qual faz parte), divulgando uma magia em prol do Brasil e do meio ambiente. Primeiramente a sacerdotisa desenvolveu um texto, detalhando a importância da natureza e do posicionamento dos bruxos diante das causas que afetam a sociedade:

Nós, sacerdotisas e sacerdotes da Tradição Caminhos das Sombras, atuamos magicamente em prol do meio ambiente. Entendemos a bruxaria não apenas

⁵⁶ SHALDERS, André. Queimadas no Pantanal: multas do Ibama despencam apesar de recorde de incêndios. **BBC News Brasil**. Brasília, 15 de Setembro de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54159499>>. Acesso em 05 Out. 2020.

⁵⁷ Aileen Daw é autora de dois livros: *Vivendo Isis* (2018) e *Magia das Estrelas* (2019). A sacerdotisa também forneceu uma entrevista em 2015 para a autora, a qual faz parte da monografia: ARAÚJO, Kallyne Fabiane Pequeno de. **A Wicca e a metamorfose da Bruxa**. Graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2015.

⁵⁸ Daw, Aileen. Magia para o Brasil e o Meio Ambiente. **Tradição Caminhos das Sombras**, 2020. Disponível em: <<http://caminhosdassombras.com.br/2020/09/17/magia-para-o-brasil-e-o-meio-ambiente/>>. Acesso em 05 out. 2020.

como um ato, um ofício, um estilo de vida, um contexto histórico, uma religião, um caminho, uma egrégora; mas também como uma ferramenta de transformação dos mundos. Da nossa realidade. Do nosso redor. E o nosso mundo, nossa realidade e o nosso redor clamam por transformações benéficas há tempos. Nossa tradição sempre advogou a favor de causas que unissem a atuação mágica em prol da melhoria das nossas comunidades. Atuação mágica é uma das tônicas “de ser” da TCS. Desde o início de sua existência, ainda no período de dedicação, nossos membros são treinados e estimulados a trabalharem em causas que impactam não apenas a vida pessoal e das pessoas próximas da bruxa, mas principalmente em causas macro, que afetam o coletivo, nossas comunidades, nosso mundo que é o corpo Dela. Pois assim como acima, também abaixo. O que adianta sua vida estar plena se o mundo ao seu redor está entregue à destruição? A bruxaria não é (apenas) um caminho do ego. A Bruxaria é um dos caminhos dos Mundos que compõe nossas realidades. E o que é uma bruxa sem natureza? Sem pedras? Sem plantas? Sem águas limpas? Sem animais aliados? Sem espíritos dos locais (*genii locorum*)? O que é uma bruxa sem a conexão íntima com os ciclos lunares, estelares, siderais, ou qualquer outro que sintonize-a com as múltiplas realidades? Não é. Não se faz bruxaria sem alinhamento (mínimo) com a Natureza. Portanto nós, sacerdotisas e sacerdotes da Tradição Caminhos das Sombras, atuamos magicamente em prol do meio ambiente. E encarando a nossa co-responsabilidade com a nossa realidade, viemos partilhar uma das ferramentas que utilizamos nos nossos mais recentes trabalhos internos em relação a preservação, proteção e recuperação ambiental – especialmente dos biomas Pantanal, Amazônia e Cerrado que vem sofrendo não apenas com o impacto da exploração criminoso de suas riquezas naturais. Hoje no Brasil acontece também uma ofensiva fascista e entreguista que visa o lucro acima da vida, da sacralidade da terra e dos que dela vivem e dependem. Nossas irmãs e irmãos, nativos dessa terra, são a linha de frente de suas defesas. O que temos feito para auxiliá-los em sua luta e (r)existência históricas em prol da causa ambiental?

Quanto ao sigilo mágico, Aileen Daw (2020) descreve como este deve ser feito:

O sigilo aqui apresentado foi criado com a intenção de filtrar, transformar e auxiliar as energias que hoje atuam sobre nossos Biomas. O nome dele é esse, “**BIOMAS**“. Ele NÃO É um servidor mágico consciente, não possui atuação livre e nem egrégora que necessite ser alimentada visando mais capacidade de resultados e liberdade para a forma-pensamento. Ele é uma ferramenta mágica, que agrega algumas outras, dentro de suas funcionalidades. Ele se alimenta basicamente dos quatro elementos e assim sendo, você pode ativá-lo e utilizá-lo em seus ritos e feitiços, encantamentos e magias, que visem o bem estar do Meio Ambiente e da fauna e flora brasileiras. **Como fazer:** Ativar o sigilo, entoando seu nome e energizá-lo focalizando intenções de cura, recuperação, proteção e auxílio para as questões ambientais. Especialmente (à curto prazo) das queimadas no Pantanal, Cerrado e Amazônia. **Quando:** o quanto antes. Assim, nós, sacerdotisas e sacerdotes da Tradição Caminhos das Sombras, atuamos magicamente em prol do meio ambiente. E convocamos nossa comunidade, pagãs e pagãos, bruxas e bruxos, o povo antigo, novo, unidos de novo, a atuarem conosco em prol de nossa terra.

Além da sacerdotisa Aileen Daw, o sacerdote Claudiney Prieto também convocou bruxas e bruxos para um ritual de Ostara online no dia 21 de Setembro de 2020, através de uma live em seu *Instagram*⁵⁹, voltado a pedir chuva para as florestas e renovação da natureza. O casal de bruxos Jeff e Lucas, responsáveis pela *Bruxedo*⁶⁰, divulgam em sua página no Instagram, diversos conteúdos sobre magia e bruxaria, além de reflexões e protestos, defendendo que a bruxaria também é um ato político, discutindo saúde mental, fascismo religioso, fanatismo, racismo, bruxaria LGBTQIA+, bruxaria na periferia, entre muitas outras pautas políticas e sociais. E diante do atual cenário ambiental brasileiro, a *Bruxedo* também posicionou-se no dia do equinócio de primavera, protestando contra as queimadas.

A natureza está ardendo em CHAMAS, seja por motivação criminosa, natural ou acidental, o PANTANAL e a FLORESTA AMAZÔNICA estão sendo consumidos pelo fogo! No Equinócio de PRIMAVERA, nosso ECOSSISTEMA, a BIODIVERSIDADE e a SAÚDE dos seres humanos são ameaçados pelo desmatamento, pela exploração do "agronegócio", e a monetização do meio ambiente, acobertados por uma política alienante e pelo negacionismo de grande parte da população. O sono de inverno da DEUSA, é perturbado pela devastação de seu CORPO, e seu despertar vem com o pedido de socorro dos animais que brutalmente são assassinados por um crime ambiental, seguido das consequências desumanas que afetam a sobrevivência dos povos originários, em nome de um sistema criminoso, cujas mãos escoam sangue e estão sujas de cinzas. Nossas preces neste sabbat, precisam ser uma resposta diante da exploração ilegal de florestas, que a cada ano avançam em direção a áreas de conservação e terras indígenas. Neste momento, em que nosso maior templo é incendiado pela extração ilegal de madeira, mineral, grilagem e agropecuária, que nossa bruxaria não se cale, não seja cúmplice e nem indiferente ao chamado da mãe natureza aos filhos da terra (BRUXEDO, 2020).

Evidentemente existem muito mais especificidades que diferenciam a prática da Wicca no Brasil de outros países, principalmente por existirem muitos bruxos da Wicca eclética e inúmeras Tradições que possuem ritos e costumes próprios dentro de seus *covens* e até mesmo na prática de bruxos solitários, não tornando-se possível elencar tudo o que caracteriza essa prática no país. Sendo assim, não houve a intenção de definir tudo o que é específico da Wicca brasileira, mas buscou-se discutir e analisar os aspectos que foram selecionados como mais recorrentes em algumas tradições, nas discussões e prática de determinados wiccanos.

⁵⁹ PRIETO, Claudiney. Ritual Online Ostara. **Instagram**, 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CFZWakWJ9de/>> Acesso em 06 Out. 2020.

⁶⁰ BRUXEDO. O equinócio de primavera Ostara e o incêndio na natureza. **Instagram**. 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CFajewtHuo4/>>. Acesso em: 06 Out. 2020.

3.6 Bruxaria em Natal-RN

O cenário neopagão em Natal é constituído pelos mais diversos seguidores de caminhos pagãos e de bruxaria, desde wiccanos, *asatruares*, bruxos modernos, solitários, tradicionais, da *Wanen* e da Tradição de fadas *Green Faerie*⁶¹. Além de pagãos reconstrucionistas das religiosidades egípcia, céltica e helênica, entre outros, os quais frequentemente se reúnem em eventos públicos que ocorrem na cidade ou em encontros privados em seus lares.

O período entre 2010 e 2018 foi bastante favorável para o crescimento da população pagã em Natal, devido aos diversos encontros anuais e fixos que passaram a fazer parte da realidade pagã dessas pessoas. No geral, os encontros são gratuitos e acontecem nos finais de semana, podendo ocorrer tanto no período da manhã como da tarde – com exceção dos luaus de celebração dos *esbás*⁶², que aconteciam no período noturno, mas já não ocorrem mais. Uma das formas de se informar sobre a realização desses eventos é pela rede social *Facebook*, por meio do grupo chamado *O Espelho Negro*⁶³, que reúne wiccanos, bruxos, pagãos no geral e simpatizantes, para compartilhar assuntos de interesse da comunidade pagã natalense e divulgar os eventos que ocorrem na cidade.

Embora já apresentados previamente no começo deste trabalho, as entrevistas e questionários relevantes para esta discussão foram realizadas com os sacerdotes wiccanos Klaus Eduardo, Andréa Seabra e uma sacerdotisa que optou por manter sua identidade em sigilo (utilizarei o codinome de *sacerdotisa Luna*); além dos sacerdotes Marcelo Leal (Tradição *Wanen*) e Danilo Nobre (Tradição *Reclaiming*).

Como já foi mencionado no primeiro capítulo desta pesquisa, não é possível estabelecer a data de quando a Wicca começou a ser praticada em Natal. Porém, com o auxílio da tese da antropóloga Elisete Schwade (2001), é possível datar o final dos anos 1990 como um período em que já havia wiccanos na cidade, por Schwade ter feito o seu trabalho de campo em *coven* de bruxas que se intitulavam Wiccas. No entanto, como já fora mencionado, a identidade dessas bruxas foi mantida em sigilo; dessa forma, estabelecemos os anos 2000 como a época em que

⁶¹ Essa Tradição de Bruxaria Feérica do Brasil foi fundada no ano de 2012, pelo sacerdote brasileiro Valdir Callegari.

⁶² Mensalmente ocorrem ritos de celebração da lua cheia, os chamados de *esbás*.

⁶³ Grupo privado *O Espelho Negro*. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/321658897921249/?epa=SEARCH_BOX>. Acesso em 20 maio 2020.

surgiram os primeiros grupos de encontros entre aqueles que se interessavam pela Wicca e pela bruxaria, conforme nossos entrevistados. Questionamos alguns deles sobre como se dava o contato com outras pessoas interessadas pela Wicca em Natal, quando do surgimento dos primeiros simpatizantes na cidade. De acordo com Marcelo Leal (2020):

M.L - Comecei inicialmente através da internet a procurar por outras pessoas com o mesmo interesse. Organizei pequenos grupos de estudos independentes, e não muito tempo depois já estava em contato com um dos grupos mais antigos, senão o mais antigo, aqui da cidade. Passado mais algum tempo, me juntei a eles e com eles estive por longos anos. [...] Quando eu iniciei meus estudos, haviam poucas pessoas em Natal também estudando ou praticando bruxaria mas, sim, já existiam alguns poucos grupos aqui, mas bem poucos mesmo. Existiam muito mais praticantes solitários e/ou autoiniciados buscando conhecer melhor e mais a fundo a bruxaria. Naquela época, costumávamos nos reunir numa pequena loja no centro da cidade, de uma querida amiga, a Marília Medeiros, proprietária da Índia Brasil. Por muitos anos aquele foi o "point" de encontro das bruxas de Natal. Um tempo depois, a então coordenadora local da Abrawicca alugou uma pequena sala no mesmo edifício da Índia Brasil, onde nós passamos a nos reunir aos sábados pela manhã. Chegamos a realizar alguns encontros públicos também em minha casa e na casa de algumas outras bruxas. Naquela época, conseguimos promover o maior encontro que já houve em Natal, entre bruxas e simpatizantes, reunindo 60 pessoas para celebrar um sarau de *Beltane*.

Leal (2020), contudo, afastou-se um por um tempo e optou por praticar a bruxaria solitariamente. Nesse período, entrou em contato com um membro da Tradição de bruxaria tradicional germânica *Wanen* e esteve bastante interessado em seguir nela. Em 2007, ingressou formalmente na Tradição, permanecendo nela até então como um sacerdote da *Wanen* e um de seus representantes em Natal. Conforme o sacerdote:

M.L - A *Wanen* é uma Via do que chamamos de Bruxaria Tradicional, que chegou até mim através do seu representante aqui no Brasil, o Wagner Perico, iniciado na Alemanha, de onde vem a nossa linhagem. É uma Tradição politeísta, que cultua uma das famílias divinas do panteão nórdico, os Vanir (ou os *Wanen*), e que possui muitas particularidades, como deuses e mitos próprios, além de conceitos singulares em comparação ao que é visto comumente na comunidade bruxa aqui no Brasil (LEAL, 2020).

Conversando com a sacerdotisa Luna, a mesma nos relatou ter conhecido a Wicca em 2006, por meio de uma amiga que lia as revistas *Wicca*, da escritora Eddie Van Feu. A partir disso, começou a pesquisar na internet mais informações sobre a Wicca e encontrou livros e chats de discussão, iniciando solitariamente nesse caminho. Na época, a rede social mais propícia para

a troca de informações era o Orkut e suas comunidades. Quanto a sua relação com os grupos de bruxaria aqui em Natal:

S.L. - Já existiam grupos de bruxaria quando iniciei minha busca, em 2006, mas eu só descobri a existência em 2007/2008, pois eles se mantinham muito escondidos. Antes disso eu realizava rituais solitariamente (LUNA, 2020).

Tratando-se da sacerdotisa Andréa Seabra, o seu primeiro contato com a Wicca se deu da seguinte maneira:

A.S - Eu conheci a Wicca através da internet nas páginas de sites como a *Old Religion*, a *Abrawicca*, o *Círculo Sagrado*, a *Bruxaria.Org*, a *Bruxaria.net*, o *Pentáculo* e etc. Na época, estava procurando uma religião que fosse compatível com minhas crenças e acabei “tropeçando” num site que falava sobre a Wicca e me encantei com a descrição do que era a Wicca, suas celebrações, seus dogmas e etc. Decidi procurar mais sobre a Wicca em grupos (virtuais e reais), listas de discussões (como o Yahoo Grupos), livros que acabei encontrando sem querer em lugares que julgava não ter nada sobre Bruxaria (como a Cooperativa Universitária na UFRN onde achei meu primeiro livro sobre Wicca, da autora Lígia Amaral Lima). (SEABRA, 2020).

Somente após essa extensa busca por mais informações sobre essa religião, Seabra (2020) encontrou wiccanos aqui em Natal.

A.S - Foi na internet, no falecido Orkut, que encontrei um grupo chamado Wicca/RN. Daí, estabeleci contato com Marcelo e passei a participar dos encontros do grupo que aconteciam no Shopping Via Direta ou na Praça dos Eucaliptos, que fica por trás do Natal Shopping (lembro que marcávamos de nos encontrar na frente do shopping e nos reconhecíamos pelo pentagrama que muitos estampavam com orgulho). Foi através deste grupo que fiquei sabendo que, em anos anteriores existiu uma *Abrawicca* em Natal, e tantos outros grupos que na época, ou tinham acabado ou estavam fechados para novos membros, além de alguns outros que ainda estavam ativos (não lembro o nome deles, pois faz muito tempo, no meu caso uns 15 anos). (SEABRA, 2020).

Por meio das falas desses sacerdotes, compreende-se que o início dos anos 2000 esses grupos já estavam se formando na cidade. Além disso, nesse ano que ocorreu o estabelecimento da *Abrawicca* - Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca (uma associação fundada em Brasília pela sacerdotisa brasileira *Mavesper Cy Ceridwen*) em Natal. Os encontros da Associação ocorriam na casa de uma sacerdotisa – cuja identidade não será revelada –, localizada no bairro Alecrim, na zona leste da cidade. Posteriormente, essa sacerdotisa alugou uma sala localizada no mesmo prédio da loja Índia Brasil, no centro da cidade. Nesses espaços

aconteciam desde palestras a rituais, mas foram interrompidos no ano de 2005, por razões que não compartilhadas.

A partir desse rompimento, os pequenos grupos de estudo que permanecem até hoje começaram a ocupar os espaços públicos da cidade, principalmente o Parque das Dunas, o Bosque das Mangueiras, o Parque da Cidade e a praia de Ponta Negra. Não apenas grupos de wiccanos, mas diversas outras vertentes pagãs e de bruxaria foram se fortalecendo e ganhando novos adeptos, como os bruxos da tradição de bruxaria germânica *Wanen* e os seguidores da tradição das fadas *Green Faerie* – que permanece bastante ativa na cidade, ocorrendo anualmente o *Encontro das Fadas*. Desses encontros e reuniões públicas, diversos grupos online foram criados, entre estes o *Ventre Negro* e a *Casa dos Mistérios*, reunindo diversos pagãos de Natal para discutir assuntos relacionados à prática da bruxaria. Posteriormente, os membros de ambos os grupos se uniram para criar um único grupo, intitulado *O Espelho Negro*.

Figura 15: Palestra sobre OGHAM (alfabeto oracular celta, também conhecido como o “Alfabeto das árvores”). Encontro do grupo *Ventre negro* (2014).



Fonte: Grupo privado O Espelho Negro. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/321658897921249/?epa=SEARCH_BOX>. Acesso em: 20 maio 2020.

Figura 16: Alfabeto OGHAM utilizado na palestra do grupo *Ventre Negro*.



Fonte: Grupo privado O Espelho Negro. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/321658897921249/?epa=SEARCH_BOX>. Acesso em: 20 maio 2020.

Além das palestras e eventos criados pelos pagãos de Natal, alguns eventos que ocorrem em escala nacional e mundial também passaram a ser realizados na cidade. Entre estes, o primeiro foi o Encontro Social Pagão (ESP)⁶⁴, que chegou a Natal em agosto de 2010 por meio de António Vitorino, sacerdote da religião *Ásatrú*⁶⁵. Em maio de 2011, o evento passou a ser organizado por Verena Vhiana, terapeuta holística, permanecendo sob sua organização atualmente. Alguns outros pagãos contribuíram com a organização do evento, entre estes Geffo Pinheiro e Andréa Seabra. O ESP foi fundado em 2000, no Rio de Janeiro, conforme a sua página oficial online, intitulada *Gaia Paganus – Encontro Social Pagão*⁶⁶:

No ano de 2000, Hellenah Friggdóttir Leão (Helena Pereira) passou a receber em sua residência amigos para discutir e estudar o Paganismo. À medida que o tempo foi passando, mais e mais pessoas se interessaram em participar. De acordo com o número de participantes, ficou inviável que o evento continuasse a ser realizado no local. Os encontros então começaram a acontecer na Quinta da Boa Vista com o nome de Encontro Social Pagão, dado por Eduardo Torres, e além dos que já participavam agregaram-se pagãos e não-pagãos através da divulgação nas listas de discussão da Internet. A criação desse encontro informal se deu porque a mesma sentiu a necessidade de um evento desvinculado de instituições e que não se ativesse a rituais públicos. Isso por ter conhecido praticantes solitários, das mais variadas vertentes, em busca de conhecimento, mas avessos a ideia de se vincularem a tradições ou grupos. Então, num

⁶⁴ Página oficial do Facebook do ESP (Encontro Social Pagão) do RN. Disponível em: <<https://www.facebook.com/encontrosocialpagaoRN/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

⁶⁵ Religião Neopagã que busca reviver o antigo paganismo nórdico da Era Viking. Foi fundada em 1975, na Islândia, pelo fazendeiro *Sveinbjörn Beinteinsson*.

⁶⁶ Site da Gaia Paganus – Encontro Social Pagão. Disponível em: <<https://gaiapaganus.wixsite.com/gaiapaganus/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

encontro totalmente social seria viável que pessoas de ideias afins acabassem se encontrando, e funcionou muito bem. Os eventos começaram a acontecer na Quinta da Boa Vista em 2003. Além de grupos que foram formados por participantes do evento, o mesmo serviu de palco para que amizades de uma vida fossem forjadas. O que começou no Rio de Janeiro agregou outras cidades espalhadas por todo o Brasil. (GAIA PAGANUS, 2020).

Figura 47: Encontro do ESP-RN no Bosque das Mangueiras, em março de 2019. Roda de conversa sobre “A Face Escura da Deusa”.



Fonte: Página oficial do Encontro Social Pagão RN. Disponível em: <<https://www.facebook.com/encontrosocialpagaoRN/>>. Acesso em 10 fev. 2020.

Figura 18: Cartaz do último encontro do ESP-RN.

GAIA PAGANUS
ENCONTRO SOCIAL PAGÃO®
PROJETO GAIA PAGANUS®

ESP® RN 16/02/2020
A partir das 15h30

Novo Local: Praça dos Eucaliptos.

Roda de Conversa
Temas:
1) Ásatrú-vanatrú - Transportando o Troth para a Atualidade
2) Consciência Cósmica - A verdade sobre a verdade
3) Divindades e adoradores - Troca Equivalente

TRAGAM CANGAS E LANCHES!
ENTRADA GRATUITA

Condução: Assencleves L. de Araújo
Kindred Guardiões - Forráðamenn
Fundador: Associação Ásatrú Vanatrú - RN

Todas as atividades do ESP® são gratuitas e abertas.
<http://gaiapaganus.wixsite.com/gaiapaganus>
Facebook.com/encontrosocialpagãoRN
Bebidas alcoólicas são proibidas.

Informações: 84 98727 4297

Fonte: Página oficial do Encontro Social Pagão RN. Disponível em: <<https://www.facebook.com/encontrosocialpagaoRN/>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

Outro evento é o *Dia Mundial da Deusa*, no qual diversos pagãos se reúnem em todo o mundo com o intuito de celebrar a Deusa. No Brasil, esta celebração começou a ser realizada por meio do sacerdote Claudiney Prieto, famoso wiccano do paganismo brasileiro e autor de diversos livros. Há também O ERB - *Encontro Regional de Bruxos*⁶⁷, um outro evento idealizado por Prieto, realizado sempre no primeiro domingo de cada mês, seja em bosques, praças ou praias, por todo o Brasil. O seu coordenador nacional é o sacerdote Flávio Lopes. Começou a ser realizado em Natal no ano de 2016 e uma de suas coordenadoras foi a sacerdotisa Andréa Seabra. No momento, as atividades do ERB encontram-se suspensas em Natal.

Figura 19: 4º Edição do Encontro Regional de Bruxos em Natal/RN (out./2016). Palestra sobre “Os Guardiões dos Quadrantes”.



Fonte: Página Oficial do Encontro Regional de Bruxos – Natal/RN. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ERBNatalRN/>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

⁶⁷Site oficial do Encontro Regional de Bruxos. Disponível em: <<https://encontroregionaldebruxos.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

Além desses eventos que ocorrem em conjunto com outras cidades e países, um evento genuinamente natalense da comunidade pagã local é o *Dançando para Florescer*. Realizado anualmente desde 2012, nos meses de setembro, tem o intuito de celebrar a chegada da primavera e fortalecer espiritualmente os pagãos da cidade. O evento conta com palestras de convidados dos mais diversos estados brasileiros, além de oficinas e jogos associados ao mito de Ostara, *sabá* do equinócio de primavera celebrado na ocasião. Em alguns anos também ocorreram feirinhas de artesanato com artigos esotéricos. Além dos nomes que já mencionados, outros que se destacam na participação da organização dos eventos são: Chris Nóbrega e Iohara Quirino, sacerdotes da tradição *Green Faerie*.

Em conversa com Klaus Eduardo, o sacerdote nos esclareceu sobre a preferência – tanto sua como de outros pagãos que atuam na organização dos eventos – por lugares como o Parque das Dunas, o Bosque das Mangueiras e a praia de Ponta Negra para a realização dos encontros de bruxos que acontecem na cidade. Ao ser questionado sobre já ter ocorrido alguma interferência nesses locais por pessoas não pagãs que circulavam no lugar no momento de algum evento, o wiccano nos confirmou que sim:

K.E - Teve muitas vezes de curiosos atrapalharem e ficarem perguntando e tirando sarro. Depois foi existindo um respeito e uma boa conduta das pessoas com os espaços que praticamos. Teve a destruição do local que cultuávamos nossos Deuses na Ecocil, pois o espaço era em uma área de reserva ambiental. (EDUARDO, 2019).

A *Ecocil* que o sacerdote se refere é uma empresa de construção civil localizada no *Parque da cidade Dom Nivaldo Monte*, um dos parques urbanos da cidade. Contudo, os pagãos não realizam mais encontros neste lugar, devido a este último acidente, dando preferência a outras áreas ecológicas – referidas ao longo deste trabalho. Para Marcelo Leal (2020) das vezes em que esteve presente nos encontros públicos, tudo ocorreu tranquilamente, sem interferências; mas alega que outros companheiros não tiveram a mesma sorte.

M.L - Sou afortunado por sempre ter tido bons espaços privados disponíveis para realização dos encontros dos grupos aos quais fiz/faço parte. A maioria desses encontros tem um caráter privativo que não cabe a sua realização em espaços públicos, ou ao menos, não os espaços públicos como temos disponíveis aqui na cidade. Mas das vezes que cheguei a estar presente, seja como organizador seja como participante em algum local público para realização destes encontros, por sorte nunca tive problema com interferência devido a intolerância religiosa. Falo por sorte, pois sei que muitos outros colegas já

passaram por esse tipo de problema, seja aqui em Natal seja em outras cidades (LEAL, 2020).

Quanto à escolha desses espaços, Klaus também informou que ele e outros pagãos tiveram algumas dificuldades em conseguir lugares para realizar os encontros. A dificuldade era maior principalmente quando o objetivo não era apenas a realização de encontros com as palestras e rodas de conversas, mas também a prática de rituais, pelo simples fato de uma parte da população não aceitar bem a Wicca. Apesar disso, entre esses espaços públicos, o *Bosque das Mangueiras* foi o que melhor os acolheu:

K.E - O Bosque das mangueiras nos abraçou e com todo o seu amor e carinho, fez criar uma atmosfera mágica e maravilhosa. O Dançando para florescer, evento de Danilo, foi realizado neste local com o intuito de confraternizações e danças para a chegada da primavera. Feiras esotéricas também foram realizadas nesse espaço (EDUARDO, 2019).

O Bosque das Mangueiras foi o espaço escolhido para a realização do *Dançando para Florescer*, que sempre ocorreu exclusivamente lá. Klaus Eduardo afirma que mesmo com o passar dos anos, por mais que tenham tentado modificar o lugar de realização do evento, nunca conseguiram, e que foi “percebido uma energia sagrada de ligação com os Deuses e o evento, pois nunca conseguimos modificar o local da realização” (EDUARDO, 2019). Além do fato de sempre ter ocorrido uma integração muito positiva entre os frequentadores do bosque e os últimos eventos – principalmente ao saberem que era algo relacionado a natureza –, a própria administração do bosque sempre foi muito liberal quanto a realização dos eventos pagãos neste espaço. Quanto à conexão de Danilo Nobre com o bosque e a realização do Dançando, o sacerdote nos relata que:

D.N. - Sim, todos os anos foram celebrados no Bosque, a idealização foi construída a fim de movimentar o espaço que estava sem uso pela comunidade e sempre esteve à disposição pela prefeitura e pela UnP nos anos que a universidade esteve responsável pelo lugar. Minha conexão vem com as mangueiras do bosque que já me auxiliaram nos meus processos de autocura (NOBRE, 2019).

Marcelo Leal (2020) também foi questionado quanto a sua conexão com o bosque e os espaços de natureza onde ocorrem os encontros na cidade, respondendo o seguinte:

M.L - Atualmente eu não participo tanto de encontros neopagãos públicos, como no passado. Seja como for, sim, é inegável que exista uma relação simbólica de memória com eles pois ao longo destes quase 20 anos eu já me reuni diversas

vezes nesses espaços, sejam em encontros menores, relacionados a grupos particulares, ou em encontros maiores, abertos a toda comunidade. Mas para além da minha memória afetiva associada a estes momentos nestes espaços, minha relação com eles é como a de qualquer outro cidadão. A relação de sagrado com ele se dá a partir da consciência que aquele ambiente tem um valor e uma importância para nosso meio, cidade e bem-estar, mas não necessariamente pelo fato de ser bruxo. E na verdade, eu acredito que isto sim deveria ser fundamental: independente das nossas crenças religiosas, nós deveríamos ter um olhar mais consciente para a importância da preservação destes espaços naturais.

A sacerdotisa Luna também já não utiliza esses espaços públicos para a sua prática, recorrendo, agora, a um local próprio para seus rituais. Contudo, Luna confirma que antigamente dependia desses lugares e até sentia certa nostalgia sobre esses espaços, embora não atribua nenhum caráter especial a eles.

S.L. - Alguns são conhecidos pelas pessoas como o Bosque dos Namorados (Parque das Dunas), onde haviam reuniões de paganismo ou sobre outros assuntos esotéricos em si, mas não é possível fazer ritual nesse espaço (não se pode acender uma vela, por exemplo, por ser uma reserva ecológica). Então procuramos outros espaços públicos para a realização de nossos rituais, mas a maioria das vezes usamos o espaço de uma casa. Acredito que a relação símbolo é dado pela pessoa que usufrui do espaço. Eu sinto certa nostalgia em alguns espaços mas tenho noção que eles não são únicos e especiais por minha causa e devido minha prática (LUNA, 2020).

Em relação à percepção de Andréa Seabra, a sacerdotisa associa esses espaços de natureza onde ocorriam/ocorrem os eventos como um mundo entre os mundos, um lugar sagrado que os conecta aos deuses e a faz sentir-se em casa, como se a natureza fosse o seu lar.

A.S - Quando comecei a frequentar estes espaços, era tudo novidade. Havia um misto de medo do desconhecido e uma vontade de conhecer novos lugares e novas pessoas. Quando se tornou frequente a minha participação, eu já sentia aqueles lugares como sagrados, um retorno ao lar, uma religião com a Terra e com os Deuses. Quando estava lá, com todos (mesmo se fossem poucas pessoas), era como se fosse para um mundo entre os mundos. Participei como coordenadora do ESP/RN (que acontecia na Praça dos Eucaliptos ou no Bosque das Mangueiras) junto com Verena durante um tempo e, depois do Dia Mundial da Deusa e por último do ERB/RN (que acontecia no Parque das Dunas, o famoso Bosque dos Namorados) junto com Martins e Fabiano, e cada vez que retorno aos lugares dos encontros, sinto uma saudade imensa de tudo e de todos (SEABRA, 2020).

As falas de cada uma dessas bruxas e bruxos nos permitiu entender as diferentes visões acerca desses espaços. Algumas muito próximas às outras, no sentido de estarem mais voltadas a

um sentimento que reforça a noção da natureza como sagrada e às conexões que foram formadas com esses parques e bosques. Sentindo-se acolhidos por tantos anos, nos mais diversos momentos de suas trajetórias no caminho da bruxaria – desde que eram estudantes iniciais buscando conhecer mais sobre o assunto e tinham nos grupos de estudos um lugar no qual podiam trocar informações e conhecimentos –, esses espaços os receberam até depois de tornarem-se sacerdotes e seguir suas Tradições, criar seus *covens* e coordenar/organizar eventos.

Mesmo entre aqueles que não se encontram mais tão ativos nos encontros, é comum o sentimento nostálgico. Alguns veem nesses espaços um ponto de encontro que se tornou sagrado, acreditando na criação de uma consciência sagrada devido às repetidas práticas mágicas no mesmo local. Para outros, esses espaços proporcionam um sentimento de lar e pertencimento à Terra, até mesmo estando associados a processos espirituais pessoais de cura e transformação. É inegável que esses espaços tenham feito parte não apenas da vida religiosa, mas da memória e da vida em si dessas pessoas.

Por algum tempo, os pagãos de Natal também realizaram encontros não apenas nos parques públicos da cidade, mas também nas praias urbanas. Embora atualmente eles não utilizem mais a praia de Ponta Negra como ponto de encontro, até o ano de 2011 ocorriam luaus nessa praia urbana da cidade, organizados pelo wiccano Klaus Eduardo. O sacerdote nos relatou que os luaus começaram em 2009, a partir de uma decisão pessoal em reunir as pessoas pagãs durante os *esbás*.

Figura 50: Fogueira de um luau realizado em 2016.



Fonte: Acervo pessoal de Klaus Eduardo.

Figura 21: Sacerdotisas wiccanas na celebração de um esbá, em 2016, Luau dos bruxos.



Fonte: Acervo pessoal de Klaus Eduardo.

Os luaus sempre iniciavam às 17h e encerravam às 22h. O wiccano informou ter recebido ajuda para a realização dos primeiros eventos, contando com o apoio de Danilo Nobre, Chris Nóbrega e Marcelo Leal, já mencionados anteriormente. Na época inicial dos luaus, cada um deles possuía um clã e esta foi uma maneira de reuni-los e debater diversos assuntos.

K.E. - Então começamos a ter as reuniões e as temáticas eram variadas. Às vezes a gente falava das próprias fases da lua. Às vezes a gente não falava de nada, sentava, bebia e tinha um luau normal e conversava sobre diversos assuntos sobre magia e bruxaria. E isso seguia até às dez horas da noite, porque era o horário que a gente tinha que retornar. Eram noites muito prazerosas. Nós também fazíamos fogueiras. Eu levava algumas fumigações, que são misturas de ervas para queimar e purificar as pessoas, ou atrair as coisas. Sempre ocorriam na época de lua cheia, nunca ocorria em outros momentos. Cada um levava o seu lanche e nós ficávamos ali naquele luau, confabulando, conversando sobre diversas temáticas que se interessavam as pessoas. No início começou a dar muita gente, depois começou a regredir, a diminuir (EDUARDO, 2019).

Embora muitas pessoas tenham deixado de comparecer aos luaus, outras pessoas se aproximaram, curiosas sobre a religião, acabando por também participar também do evento. Mas, em determinado momento, as reuniões começaram a ter menos participantes, e o wiccano decidiu encerrar os encontros. Quanto a pretender retornar com os luaus dos bruxos, Klaus afirma também não ter certeza e que são planos para o futuro.

Também questionei os sacerdotes de Natal sobre a celebração da Roda do Ano, a sua relação com a natureza e o significado atribuído a ela. Afinal, procuramos entender a participação e o simbolismo desses espaços para esses bruxos, que se encontram na natureza, principalmente com reuniões voltadas às celebrações sazonais. Para Andréa Seabra:

A.S - A Natureza é tudo, ela nos dá tudo que precisamos. Sem ela nós não existiríamos. E devemos preservar e lutar por ela. Todos nós, Humanos e Deuses estamos conectados uns com os outros e com a Natureza, a Terra, os ciclos naturais. A Natureza são os Deuses e somos nós também. E, por isso, podemos encontrar essa conexão com a Natureza, mesmo em locais onde parece que ela não está, como a área urbana, pois a Natureza está dentro de cada um de nós. A cada celebração, eu busco me conectar com a Natureza e seus ciclos, observando o mundo a minha volta, o clima, o comportamento dos animais, das plantas, das pessoas e etc. E a cada Roda completa, eu me sinto ainda mais próxima dos Deuses e busco compreender não só os ciclos da Terra e do Universo, mas meu próprio ciclo, minhas mudanças evolutivas e etc. Eu busco não só celebrar, mas entender o que cada mito contado revela sobre os Deuses, sobre minha própria vida e sobre a religião como um todo. Eu leio e estudo sobre os Sabaths/Esbats, medito e celebro com meu marido seguindo o que estudamos nos livros, tudo planejado com antecedência (SEABRA, 2020).

Para a sacerdotisa Luna:

S.L. - A natureza é o ponto central da religião wiccana, pois nós seguimos seu ciclo para realizar nossos ritos; assim como os católicos seguem o ciclo da vida de Jesus em suas celebrações (sendo que a Igreja pegou isso do Paganismo também). A Roda do Ano funciona como um ciclo de morte e renascimento da natureza, seguindo sua relação com a terra que hora é fértil e hora é infértil. Nesse período de infertilidade, é um período de meditação para nós. Nós procuramos seguir a natureza usufruindo da sabedoria ela traz pra nossa vida. Cada estação passa um ensinamento para nós. (LUNA, 2020).

Um aspecto muito interessante é a diferença que a *Wanen* possui quanto à forma de enxergar a natureza e algumas celebrações da Wicca. Ao questionar Marcelo Leal, o mesmo afirmou que na *Wanen* não há uma noção da natureza como divina ou de uma Deusa como uma divindade imanente, pois a sua sacralidade é atribuída a outros aspectos:

M.L - Essa é uma boa pergunta. Diferente de algumas outras Tradições que veem na natureza a manifestação de suas divindades, isto não ocorre na *Wanen*. Por hora, só me recordo de um único mito que associa um de nossos deuses a um elemento específico da natureza. Por outro lado, ela, a natureza, não nos é menos sagrada. Mas a sua "sacralidade" não advém de uma imanência divina, mas do despertar da consciência da sua importância para nosso meio, planeta e a perpetuação da vida nele (LEAL, 2020).

Quanto a existir um calendário litúrgico voltado a celebrações sazonais:

M.L - Nós temos um calendário litúrgico composto por oito grandes rituais dedicados a oito deuses específicos, rituais estes que nós chamamos de "ring" (diferentemente dos demais caminhos nórdicos que adotam a terminologia "blót"), e dois festivais dedicados a animais totêmicos da Tradição. Mas diferente da Wicca, estes rituais não são em essência, celebrações associadas às passagens do ano, muito embora a gente possa sim estabelecer alguma relação (LEAL, 2020).

Questionando também Klaus Eduardo (2019), o sacerdote explicou a importância da natureza e dos rituais que são feitos nela, mas também evidenciou que nem todas as práticas mágicas podem ser feitas nos espaços públicos de natureza. É necessário todo um cuidado, por isso, muitas das vezes, ele escolhe a sua própria casa para determinados rituais. Aproveitando a fala do sacerdote, pedi para que explicasse também sobre como são os espaços sagrados que possui em sua casa:

K.E - A magia, a energia que movimentamos nos rituais, vem da natureza. E como os deuses também estão ligados a natureza, ela se torna sacra. Respeitá-la, procurar não poluí-la, cuidar dos espaços naturais, ter um ambiente o mais natural possível para fazer os rituais. Tanto que você percebe que muitas vezes não fazemos ritos dentro de casa, mas do lado de fora no meio da natureza, para cultuar as energias da natureza, cultuar a lua, as florestas. A natureza para nós é energia, é vida, e sem ela não conseguimos fazer nossos encantos. [...] Fazemos algumas práticas abertas, sim (nos espaços públicos), mas não é a mesma coisa que fazer em casa com o *coven*. São práticas um pouquinho mais mascaradas, não são da mesma forma que são realizadas dentro de um *coven*, é mais comum fazermos celebrações mesmo. Só uma simbolização de que essa prática foi feita. Mas é lógico que dentro de um *coven* há muito mais mistérios e coisas que são absorvidas no ritual. [...] Na minha casa atual o meu espaço sagrado fica dentro do meu quarto. Mas eu tenho toda a casa pra fazer a ritualística. O altar mesmo se fixou no meu quarto, meu altar de Afrodite. E aqui numa sala de estudos eu tenho um altar para Athena, deusa da sabedoria. E nos jardins eu fiz um sacrário junto com as meninas que moro, para a deusa Gaia. Fiz também um espaço na cozinha, um altar para Deméter, pois o ato de cozinhar é sagrado e dedico a essa Deusa (EDUARDO, 2019).

As informações concedidas pelos entrevistados nos permitiram perceber que mesmo com toda a relevância que a natureza possui por sua perspectiva divina – principalmente entre os sacerdotes wiccanos, que costumam escolher parques e bosques para encontros coletivos –, os espaços privados também são uma opção. Os bruxos entrevistados também optam por realizar determinadas práticas em seus próprios lares, principalmente quando são rituais que envolvem o

fogo, justamente por uma questão de proteção ambiental nesses espaços públicos ou por alguns destes sacerdotes não mais conseguirem estar presentes nos eventos coletivos.

3.7 Wicca em São Paulo - SP

Além dos sacerdotes da bruxaria que utilizam espaços públicos em Natal para a realização dos eventos, também entrei em contato com sacerdotes de outra cidade. Inicialmente, quando me foi sugerido expandir o recorte espacial da pesquisa para além de Natal, pensei em contatar wiccanos de outras cidades, como Recife, João Pessoa, Rio de Janeiro e Brasília. Mas diversos fatores contribuíram para que esse contato não fosse possível e defini, por fim, apenas Natal e São Paulo. Sendo assim, escolhi dois sacerdotes da Wicca que seguem Tradições diferentes, mas possuem vários projetos e sempre utilizam espaços públicos para determinadas reuniões. Estes foram a sacerdotisa Regina Celi (já devidamente apresentada no primeiro capítulo) e o sacerdote Flávio Lopes.

O meu contato com Flávio Lopes ocorreu por meio da Rede Social *Facebook*, na qual já o tinha adicionado entre os meus contatos. Já conhecia um pouco sobre o Flávio e a sua ativa participação na bruxaria e na Wicca aqui no Brasil, sempre criando conteúdos nas suas redes sociais, também em companhia de outras bruxas e bruxos, entre estes Claudiney Prieto (um dos importantes nomes da história da Wicca aqui no Brasil, como já discutido). Seja pelo *Facebook* ou pelo *Instagram*, o sacerdote Flávio sempre está a levar informações para aqueles que já seguem esse caminho e aos que estão a se interessar.

Além disso, Flávio é escritor de um livro sobre práticas para bruxos solitários e participa ativamente no Santuário da Grande Mãe⁶⁸, em São Paulo. Inclusive, durante o período de quarentena causado pelo Covid-19, Flávio realizou algumas programações online do Santuário da Grande Mãe. Deste modo, enviei uma mensagem ao sacerdote, apresentando-me e falando sobre

⁶⁸ Conforme a descrição no site oficial, o Santuário da Grande Mãe: “é um refúgio espiritual em São Paulo destinado aos praticantes da Wicca e espiritualidade da Deusa. O Santuário da Grande Mãe realiza regularmente práticas e cerimônias da Religião Wicca e Espiritualidade da Deusa, bem como meditações e experiências de conexões diárias com os Antigos Deuses. Nosso santuário busca promover a integração entre os praticantes da Arte e suas diversas Tradições presentes no Brasil”. Disponível em: < <http://www.santuariodagrandedemae.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

a minha pesquisa e o interesse que eu tinha em sua possível colaboração. O mesmo aceitou gentilmente participar e contribuir com o estudo.

Inicialmente, perguntei a ambos os sacerdotes sobre como estes chegaram à Wicca e pedi para que se apresentassem. Responderam-me o seguinte:

F.L - Tenho 28 anos, sou de São Paulo, graduado em Psicologia. Sou sacerdote de algumas Tradições de Wicca e caminhos de espiritualidade da Deusa. Sou iniciado na Wicca Gardneriana, na Tradição Diânica Nemorensis e na *Minoan Brotherhood*, e também um sacerdote ordenado na *Fellowship of Isis*. Tenho um livro publicado sobre Wicca pela editora Alfabeto, chamado “Bruxaria Solitária: Práticas de Wicca para Guiar seu Próprio Caminho”. Nos últimos dez anos, tenho facilitado rituais públicos, palestras, workshops, vivências e outras atividades públicas relacionadas à Wicca. Meu primeiro contato com a Wicca aconteceu por volta dos 13 anos, através da internet. Me senti fascinado com uma religião que além de acreditar na magia, tinha como sua figura central uma Deusa, representada pela Terra e pela Lua. Perceber o sagrado dessa maneira, como imanente na natureza, me provocou ainda muito jovem uma sensação de retorno ao lar. 15 anos depois, ainda estou aqui (LOPES, 2020).

Já a Regina:

R.C - Eu sou já [há] muitos anos, sacerdotisa da Wicca. E eu comecei esse caminho muito cedo, né. Na verdade, eu lembro de coisas assim, que eu fazia ou me comportava ou falava, desde pequena, e meus pais não sabiam de onde vinham aquilo ou quando eu aconselhava alguém a tomar um determinado chá para ficar mais calmo, coisinhas assim. [...] Quando eu estava na adolescência, sempre lia, não tinha tanto acesso, como as pessoas têm acesso hoje, não tinha *Google*, computador. Mas na medida do possível que eu podia adquirir, eu tinha muitos livros que falavam de misticismo, de ocultismo. Livros até de sebo, e vivia lendo e estudando sobre isso. Mas neste período não se falava de Wicca, nem se falava aqui no Brasil, aqui em São Paulo, neste período não tinha isso. Até que conheci um rapaz. E foi muito interessante o modo como a gente se conheceu, mas eu não acredito em coincidência, eu acho que tudo tem um porquê. E... ele morava aqui, porém trabalhava. Devido ao trabalho, ele fazia muitas viagens, ia ao exterior e ele fazia parte da Wicca, então a gente conversando ele falou que eu tinha tudo haver com a Wicca, falou sobre a religião e quanto mais ele me contava e falava, mas eu ficava surpresa da afinidade e o quanto eu me identificava com aquilo tudo. Então foi através dele que eu pude obter mais conhecimento. [...] Foi com ele que eu estudei, ele quem me iniciou como bruxa, foi com ele que eu continuei estudando para ser uma sacerdotisa. Eu acabei sendo sacerdotisa até muito nova, mas por conta [de] eu ter começado muito nova, hoje em dia isso já não é mais tão comum. As pessoas se iniciam até com um pouco mais de idade. E depois, já na juventude, no período até que eu comecei a já dar aula também, que eu fui ter contato [com] outras pessoas daqui que estavam começando [n]a Wicca, a ser divulgado aqui. De modo bem discreto e bem peculiar. De quando um indica para o outro, ou quando você conhece um escritor ou escritora através do livro e que era aqui do Brasil. Então foi quando comecei a ter contato com outras pessoas, até para estar

realizando *sabás* com outras pessoas, pois até então era só com meu mestre, né (CELI, 2020).

Desde que tornou-se sacerdotisa da Wicca, Regina conheceu outras pessoas interessadas e juntos formaram grupos de estudos, os *covens*. Depois, ela passou a criar os seus próprios *covens*. Até hoje ela ministra aulas sobre a Wicca para quem deseja iniciar-se nesse caminho, realizando também diversas celebrações, como cerimônias de casamento, batizados, *sabás* e rituais em atendimento às pessoas. Muitas vezes, são rituais para proteção, saúde, amor, prosperidade, para abrir novos caminhos, entre diversos outros trabalhos místicos.

Figura 22: Sacerdotisa Regina.



Fonte: Site oficial da sacerdotisa. Disponível em: <<https://www.reginaceli.com/>>. Acesso em: 28 maio 2020.

Figura 263: Sacerdotisa Regina e alguns membros de seu *coven* Mistérios do Sagrado em sua casa.



Fonte: acervo pessoal de Harry Lira, ex-membro do grupo de estudos da sacerdotisa.

Um dos aspectos de bastante relevância para essa pesquisa é a relação dos wiccanos com a natureza. Assim como fizemos perguntas sobre a importância da natureza para os sacerdotes de Natal, fizemos para Regina e Flávio. Conversando com a Regina sobre como a Wicca trabalha com os espíritos da natureza na cidade urbana e como se dava a sua conexão, a sacerdotisa explicou que:

R.C - Por estarmos morando aqui na cidade, então nós consideramos que nós somos bruxinhos urbanos. Então sempre que possível nós vamos numa praça que seja segura, num bosque, na floresta, pra não deixarmos de ter esse contato com a natureza. Até mesmo no quintal de casa, no jardim., pra não perdermos isso, porque é muito importante pra nós e isso nos inspira, nos motiva muito. E agora, quando trabalhamos com a deusa, a natureza mãe, a invocação é a mesma, porque independente de onde você estiver, ou em uma floresta ou até mesmo em casa, você pode invocar a deusa ou as faces da deusa, do deus e as faces do deus. Então independente de onde você estiver, até na nossa selva de pedras, podemos trabalhar com espíritos da natureza. Isso é uma coisa tranquila até em casa. Eu tenho muitos bichinhos, muitas plantas, conservo muitas coisas da natureza, então independente de onde você estiver, pode fazer as invocações e trabalhar com as entidades da natureza. Mesmo porque trabalhamos com os elementais, terra, fogo, água e ar, são o que necessitamos para viver e trabalhamos muito com os quatro elementos (CELI, 2020).

Regina também explicou que a celebração de uma aula, um *esbá* ou um *sabá* pode ser realizada em qualquer lugar, mas que a escolha por um ambiente natural – seja um bosque ou uma praça –, deve ser feita com alguns cuidados.

R.C - Você não pode ir em qualquer praça que tenha muito movimento, por que? Porque muitas pessoas, por não conhecer a Wicca, elas acabam prejudgando, então tem que pessoas que às vezes pode agredir verbalmente, ficar incomodando nosso trabalho por não ter conhecimento. Porque se tivesse independente da religião dela, iria ver que a Wicca é algo muito tranquilo e se envolve com a natureza, não tem nada de mal, Mas pelo fato de algumas pessoas não terem esse conhecimento, elas podem estar tendo uma reação nada agradável. Então eu não vou em praças muito conhecidas, muito populares. Eu tenho o privilégio de ter onde moro, um condomínio fechado, uma área verde muito grande e aqui no condomínio também tem seguranças. Então, quando vou sozinha ou com os alunos, com o *coven* ou se me reúno com outros sacerdotes pra estar fazendo uma celebração, eu costumo fazer aqui, porque é um lugar seguro. [...]. Então, normalmente, é quando é muito no meio da natureza aqui que eu faço, ou se a gente vai pra um local onde alguém tem um sítio, uma chácara, ou até mesmo dentro de casa. Podemos fazer qualquer coisa que envolve a Wicca em qualquer lugar, dentro de casa, de um salão. Nós não temos um lugar pra ir e só lá estar fazendo alguma coisa, igual os católicos têm as igrejas, os evangélicos têm seus lugares onde tem os cultos, nós podemos, o nosso templo que é sagrado pode ser em qualquer lugar. Por isso que temos hábito de abrir o círculo, porque quando abrimos o círculo, estamos abrindo nosso templo sagrado. E quando termina o que fizemos, a gente destraiça o círculo (CELI, 2020).

Figura 24: *Coven* da sacerdotisa Regina durante uma celebração na praça localizada em seu condomínio.



Fonte: Site oficial da sacerdotisa. Disponível em: <<https://www.reginaceli.com/>>. Acesso em: 28 maio 2020.

Flávio Lopes (2020) define a importância da natureza no caminho wiccano pela perspectiva de:

F.L - Para um Bruxo, a natureza é seu livro sagrado. É dela que retiramos nossos ensinamentos mais profundos. Dizemos que a Bruxaria é um caminho neopagão (sendo o termo pagão originado de “pagus”, identificando um morador do campo, e não da cidade). Isso significa que vivemos uma espiritualidade centrada na Terra, e é ela nossa mais importante professora. Um dos objetivos da Bruxaria é nos harmonizar aos ritmos da natureza para que possamos manifestar harmonia em nossas próprias vidas. Isso significa perceber nossos próprios corpos como integrados à natureza, e como sagrados, ao contrário do que dizem a maioria das doutrinas religiosas. Também é da observação da natureza que tiramos lições para nossas vidas. Observando os ciclos naturais e dançando seus ritmos, eu aprendi a lição da impermanência da vida: não importa quão luminoso seja o verão, ou quão rigoroso seja o inverno, eles são temporários, e tudo o que tem um início também tem um fim. Irmanando-me à natureza, percebo que tudo está conectado, e que não há verdadeiramente isolamento. Estamos todos profundamente conectados, e isso significa que não existe bem individual: algo só pode ser bom para mim quando for bom para todos. Isso me faz todos os dias repensar as minhas ações e escolhas. Celebrar a natureza nos coloca em confronto com a morte. A cada ano, na transição do outono para o inverno, celebramos um festival em honra aos mortos, e que nos lembra que nós também somos mortais. Pensar na morte, entendê-la como um processo natural e sagrado, é uma ótima chance para dar sentido à vida.

Ao ser questionado sobre se existia de sua parte uma relação sagrada e de memória com os espaços públicos onde comumente realiza suas práticas ou organiza eventos, Lopes afirma que:

F.L - Sim. Aqui em São Paulo, já há dois anos e meio, temos um templo aberto ao público todos os dias e que oferece serviços religiosos gratuitamente à comunidade aos fins de semana, o Santuário da Grande Mãe. Desde então, a maioria de nossas atividades públicas tem sido feitas ali. Mas em fevereiro, eu resgatei o antigo costume das celebrações no maior parque da cidade, o Parque do Ibirapuera, que recebeu rituais públicos de diferentes grupos por muitos e muitos anos em nossa cidade. Minha decisão em retomar os rituais abertos no parque, mesmo com a disponibilidade de um templo fechado, era de resgatar o contato direto com a natureza. Sempre que oficio rituais públicos ou atividades pagãs em parques e espaços naturais, faço isso de maneira a se respeitar não apenas o espaço físico e as outras pessoas que o utilizam, mas também a essência espiritual da terra. Realizar um ritual ou prática na natureza, como em um parque, significa entrar em comunhão com a alma da terra. A natureza não serve apenas como cenário ou pano de fundo para as práticas, mas a ligação espiritual com as forças da terra é um de nossos maiores objetivos. Por isso, as práticas sempre acontecem com uma atitude de respeito e reverência ao lugar e às forças que ali habitam, em especial aquelas que já estavam ali muito antes da ação humana. Em nossos rituais, nos lembramos não apenas de nossos ancestrais de sangue, mas também de nossa ancestralidade da terra, contemplando a

memória e presença daqueles que estiveram aqui antes de nós. A sacralidade da terra não é apenas metafórica ou simbólica. Ela é concreta, palpável e literal, como é a própria Terra. Estar na natureza reafirma isso (LOPES, 2020).

Uma pergunta em comum para ambos foi sobre já ter ocorrido alguma interferência durante a realização de algum evento ou celebração em uma praça, bosque ou outro espaço público. Um ponto interessante, pois segundo os sacerdotes de Natal o público que frequenta os espaços de natureza da cidade demonstra ser mais flexível, não interferindo na realização dos eventos. Regina e o Flávio, contudo, retrataram situações inconvenientes. No caso da Regina, o caso não ocorreu diretamente com ela, mas com alguns amigos sacerdotes.

R.C - Das vezes que fomos celebrar em lugares em abertos, como eu vi a experiência de algumas pessoas que já tinham feito isso em parques populares que tem movimento, não todas as vezes, mas uma vez ou outra sofrem preconceito. Dependendo de quem passa e se tiver em grupo então, as pessoas se sentem mais fortes (a interferir). Então tem histórias muito desagradáveis de amigos que sofreram preconceitos, pessoas muito intolerantes em relação a religião e fizeram isso porque achavam que se tratavam de um culto de magia negra. Então eu sei de experiências de outros sacerdotes que sofreram esse tipo de coisa. Então desde quando eu comecei a fazer eu sempre procurei fazer em lugares seguros, ainda que não pudesse ser em um lugar aberto, então era feito em lugares internos. E trouxemos toda natureza pra dentro, pra gente sentir. Começando até pelo altar que tem os elementais. Então, queira ou não, mesmo dentro de casa, dentro de um local de uma escola, você tá em contato com a natureza porque você vai ter o altar e o altar oferece tudo isso. Então, mesmo com os *covens*, mediando o que faço, não aconteceu isso, mas porque eu já tomei muito cuidado em ver o que outros passaram. Lembro de um conhecido meu, sacerdote já a muitos anos, escritor também de livro e uma vez ele foi no Ibirapuera com o *coven* dele e sofreram esse tipo de coisas, de passar um grupo de pessoas e ameaçar. Porque infelizmente existe o preconceito. Eu diria que nem tanto quanto antes, porque já teve filmes famosos e livros, que agora você encontra livro em qualquer lugar sobre a Wicca, para pesquisar na internet você também encontra. Então isso tudo acabou desmistificando um pouco que a bruxa é do mal. A bruxa é uma pessoa e a pessoa pode ser má ou ser boa, depende da intenção dela para realizar as coisas, como qualquer pessoa que não seja da Wicca. Então isso ajudou a desmistificar um pouco e está muito melhor que antes e eu vejo isso começando muito das crianças, que hoje as crianças já vê a bruxa com bons olhos então isso é muito bom, porque eu imagino que seja um futuro que não tenha mais preconceito com a religião Wicca ou qualquer outra religião que exista mais o respeito. Então eu vejo que isso já melhorou muito, mas que ainda tem muito o que melhorar. E eu espero que melhore e não só nesse sentido de preconceito de religiões, mas de qualquer outro tipo de preconceito. Porque o ideal é que as pessoas se informassem para depois dar algum tipo de opinião (CELI, 2020).

Flávio (2020) alegou ter passado por várias situações como alvo de preconceito. Há algo em comum na fala de ambos os sacerdotes, sobre como pessoas que se sentem mais fortes para agredir quando se trata de um grupo pequeno:

F.L - Sim, desde pessoas passando pela área do ritual e proferindo xingamentos, até mesmo uma roda evangélica ao redor de um círculo de lua cheia. Por mais discretas que sejam as práticas, elas podem acabar sofrendo interferências externas. Entretanto, já notamos que muitas vezes o número de pessoas presente nesses eventos influencia diretamente a visão do público externo. Quando o grupo é pequeno, as pessoas se sentem muito mais autorizadas a interferir do que quando estamos em grupos grandes. Eu tenho participado e oficiado rituais públicos em espaços abertos há dez anos, e todos os que sofreram interferência e intolerância foram aqueles em que um grupo pequeno de pessoas estavam presentes, por mais discreto que fosse. Talvez isso aconteça porque quando há um grupo de 40, 50, 100 pessoas em um parque fazendo um ritual público, o volume de pessoas transmite algum tipo de “oficialidade” à atividade. Também sinto que as pessoas se sentem menos confortáveis para manifestar seu preconceito e intolerância diante de um grupo muito reduzido. Entretanto, eu acredito que quando nos colocamos em um espaço público, como é um parque, para realizar essas atividades, precisamos contar com esse tipo de interferência (interferência – não o preconceito!). Afinal, se nos colocamos em um espaço comunitário, estaremos sujeitos a todo o tipo de pessoas, desde aquelas que se aproximam com curiosidade e respeito, até aquelas se sentirão dispostas a lesar ou causar algum tipo de interferência negativa na atividade. Cabe aos organizadores estarem preparados para lidar com todo o tipo de surpresa, e de preferência ter outras pessoas que forneçam apoio para auxiliar nesse processo, esclarecer dúvidas de visitantes curiosos, prevenir possíveis agressões ou quaisquer situações desagradáveis, etc. Também vale dizer que o bom senso é muito importante ao usarmos um espaço público para um ritual, escolhendo um local adequado, seguro aos participantes da atividade e também que respeite o direito ao uso do espaço das outras pessoas, ou que a dinâmica do ritual não impeça outras atividades que possam estar acontecendo ao redor. Essa é mais uma das lições que estar na natureza nos ensina: a coexistência. Se todos pensarem não apenas em si mesmos, mas também nos outros, todos podem usufruir bem desses espaços que são destinados exatamente a experiências coletivas, sejam elas religiosas ou não.

Entre os diversos discursos que foram compartilhados com esta pesquisa, desde as falas dos sacerdotes wiccanos de Natal aos posicionamentos dos sacerdotes de São Paulo, é evidente o simbolismo que há sobre a natureza para cada uma dessas bruxas e bruxos. Porém, eu diria que muito além de uma visão utópica, como alguns autores discutem, a hierofania e o sentimento de conexão do Todo encontra-se muito mais intenso na percepção de todos os sacerdotes aqui entrevistados. É muito evidente nos diversos trechos de suas falas a valorização e o respeito que esses wiccanos possuem pela natureza e pelos espaços de natureza frequentados, muito além de

uma visão romantizada de realizar práticas assim como os antigos, compreendendo que na religião que escolheram a natureza é divina. E esta não é algo à parte ou da qual são desassociados, mas que possuem essa ligação espiritual com a Terra, a Grande Mãe.

CONCLUSÃO

Por muito tempo, estudiosos e praticantes alegaram que a Wicca seria uma religião muito antiga, remanescida nas sombras durante a caça às bruxas e a Inquisição: uma forma de resistência ao triunfo do catolicismo na Europa. Essa imagem foi intensamente divulgada em livros, sites, blogues, vídeos e, inclusive, entre os próprios wiccanos – aqui no Brasil, principalmente entre o final do século XX e o início dos anos 2000. Mais de uma década depois, embora ainda haja quem defenda essa alegação, muitos têm a consciência de que a Wicca seria uma sistematização de Gardner. Compreendendo os elementos históricos da Wicca – segundo a perspectivas de Michelet, Frazer, Leland, Murray e Graves, como foi demonstrado –, Gardner apoiou-se nessas teorias e em outras fontes para levar adiante a (re)criação do que acreditava ser uma prática espiritual muito antiga.

Assim entendida, a Wicca deixa de ser uma tradição de bruxaria ininterruptamente derivada da antiguidade pré-cristã europeia, passando a ser vista mais como fruto da (re)sistematização operada deliberadamente por Gardner. Seu nome, as suas bases, sua ritualística, suas celebrações, tudo foi moldado pelo bruxo, tendo a Wicca ido além do que fora inicialmente estabelecido. Muito provavelmente, nem o próprio Gardner poderia imaginar o quanto a sua religião cresceu, expandindo-se pelo mundo e ganhando força no cenário contracultural por defender visões com afinidades com os movimentos feministas e ambientalistas, incorporando novos aspectos e adequando-se às necessidades e particularidades culturais dos iniciados. Ainda hoje, a expansão continua e a Wicca permanece encantando e enchendo de magia a vida daqueles que a buscam.

Apesar disso, a Wicca vem lutando desde a sua formação contra os estereótipos e preconceitos em torno da bruxaria. Nas palavras do próprio Gardner, no prefácio de sua obra de 1954, *A Bruxaria Hoje*:

Bruxas da Inglaterra me disseram: "Escreva e conte às pessoas que não somos pervertidas. Somos pessoas decentes, apenas queremos ser deixadas em paz, mas há certos segredos que você não pode revelar." Após alguns argumentos sobre o que não deveria ser revelado, tive permissão de contar muito do que jamais havia vindo a público em relação a suas crenças, seus rituais e suas razões para o fazer; também para enfatizar que nem suas presentes crenças, nem seus rituais e práticas são maus (GARDNER, 2003. p. 2)

Aqui no Brasil não foi diferente. Até hoje, diversos bruxos se mantêm ativos em diversas lutas sociais, religiosas e culturais em defesa da bruxaria e de sua legitimação. Mesmo que esta tenha chegado desconhecida às terras brasileiras - muitas vezes gerando dúvidas entre os novos adeptos quanto à forma de praticá-la, como é o caso da Roda do Ano –, conquistou milhares de brasileiros que não estavam satisfeitos com suas antigas religiões. Acreditando na existência de um mundo mágico - não como nos livros e filmes com toda aquela magia hollywoodiana cheia de efeitos especiais -, estes novos wiccanos abraçaram a magia em seu cotidiano, inserida na vivência das diversas bruxas e bruxos da Wicca. Realidade esta, que os ensinou a viver em comunhão com a natureza e os deuses. Estes praticantes entendem a Wicca como uma religião da Terra e uma religião da Deusa. Muito além da influência da mídia com filmes e livros, as redes sociais – como o Orkut e os chats da UOL – contribuíram para que as pessoas se informassem, tirando dúvidas e formando grupos presenciais em suas cidades. Muitos desses grupos e praticantes permanecem até hoje, como é o caso de alguns dos sacerdotes entrevistados para esta pesquisa.

Os diversos autores aqui discutidos e analisados permitem apreender o espaço como uma dimensão de grande importância para a Wicca, seja no sentido geográfico ou - e principalmente - no sentido sagrado. A sacralidade da natureza está associada à sua compreensão do próprio divino imanente. Ele representa uma reverência e conexão com a forma com que os antigos pagãos veneravam a natureza e faziam os seus ritos nas florestas, bosques, rios e fontes antes do advento do cristianismo. Além disso, magia praticada pelos wiccanos permite a criação de um espaço sagrado em qualquer local por meio do círculo mágico, possibilitando o contato com os deuses e outras entidades, além de, muitas vezes, criar uma consciência mágica em determinados locais, pela repetição do ato mágico. Sendo assim, qualquer ambiente urbanizado - seja uma sala de estar, um quarto, uma sala de reuniões -, pode tornar-se sagrado. Assim como Zeny Rosendahl define:

Espaços sagrados são espaços qualitativamente fortes, em que o sagrado se manifestou. E, para o homem religioso, essa manifestação pode estar contida num objeto, numa pessoa, em inúmeros lugares. Para o homem religioso, a natureza não é exclusivamente natural, está sempre carregada de um valor sagrado (ROSENDAHL, 2012, p. 26).

Muito do que percorreu e moldou a compreensão que temos hoje da Wicca como a religião da Deusa é fruto de um novo mitologema que emergiu na sociedade contemporânea, de acordo com Withmont (1991), por meio do mito de uma antiga Deusa intrinsecamente associada à natureza que governou a terra e o céu antes do advento do patriarcado e das religiões patriarcais. Essa Deusa, por muitos séculos, foi negada e suprimida pela dominação masculina, mas retornou e tem, cada vez mais, ganhado novos cultuadores. Estes novos seguidores têm buscado uma conexão com essa divindade feminina em uma realidade em que a sociedade tem pressionado ao máximo a resistência da Mãe Terra.

Sendo assim, a valorização da natureza, da Terra, é um dos aspectos que se destaca na prática da Wicca, além da magia. Debates sobre o surgimento da visão utópica de um relacionamento harmônico entre o ser humano e a natureza, bem como sobre como as formulações criadas em relação à natureza foram extremamente culturais, fruto de um processo que influenciou na forma de utilizá-la, pensá-la, vivê-la e compreendê-la. Em determinados períodos, o mundo natural foi visto como selvagem, inferior à humanidade, e, portanto, destinado exclusivamente a explorações e destruição. Em outros momentos, passou por fases de revalorização, visto a partir de atribuições paradisíacas e até religiosas.

Muito aqui se discutiu sobre a possibilidade de praticar uma religião da natureza, a tão famosa “Religião da Terra”, e não viver – como é a realidade de grande parte de seus praticantes - em espaços naturais entre bosques, florestas, montanhas e áreas campestres, imaginário que compõe toda uma idealização. Porém, viu-se que sim, bruxas e bruxos que vivem nas cidades, na selva de pedra, tornaram possível viver em comunhão com os deuses e a natureza, mesmo dentro de suas casas e apartamentos nas cidades. Estes “bruxos urbanos” levam para dentro de seus lares elementos que representem a natureza, criando espaços sagrados com o círculo mágico, atentando-se para o fato de eles próprios serem parte da natureza, de não se perceberem como algo separado – embora sempre que possível deem preferência à utilização de lugares naturais, mesmo que seja o quintal ou jardim de suas casas, ou as praças, praias e áreas de natureza em suas cidades, pois a natureza é uma fonte de inspiração, conexão e energização.

Conclui-se, portanto, que essa relação com a natureza está além de uma visão utópica e romantizada (embora seja nítido que também há essa indução e é inegável sua influência cultural), pois, com base nas fontes analisadas – tanto orais como escritas –, essa valorização tão exacerbada e respeito pela natureza ocorre em decorrência da compreensão dos wiccanos de serem parte dela, - afinal, a natureza é o centro do sagrado da religião dessas bruxas e bruxos, é a imanência da Deusa. Então, buscar harmonizar-se e conectar-se aos seus ciclos é entender-se parte da natureza e compreender que tudo o que os cercam está conectado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1) Obras Teóricas e bibliografia geral

AMARAL, L. **Carnaval da alma**: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Nova Era**: um Desafio para os Cristãos. São Paulo, Paulinas, 1994.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: A orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004.

CAMPBELL, Colin. **A orientalização do ocidente**: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 18, n.º 1, 1997.

CAVALCANTE, Francisca Verônica. **Os tribalistas da Nova Era**. Teresina: Fundação Quixote, 2009.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHUVIN, Pierre. A chronicle of the last pagans. *Revealing antiquity*; 4. Cambridge and London: Harvard University Press, 1990

DAVIES, Owen. **Witchcraft, Magic and Culture 1736-1951**. Manchester and New York: Manchester University Press, 1999.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O Mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1998.

ELIADE, MIRCEA. **Ocultismo, Bruxaria e Correntes Culturais**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

_____. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Tratado de História das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FRAZER, J. G. **O Ramo de Ouro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

*FOX, Robin Lane. **Pagans and Christians in the Mediterranean World from the Second Century AD to the Conversion of Constantine**. New York: Penguin Books, 1986.*

GINZBURG, Carlo. **História Noturna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Os andarilhos do bem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GREEN, Miranda J. **Exploring the world of the Druids**. Nova York: Thames and Hudson, 2013.

GUERRIERO, Silas. **A magia existe?** São Paulo: Paulus, 2003.

HEXHAM, Irving. **Dicionário de religiões e crenças modernas**. Tradução Rogério Portella. São Paulo: Editora Vida, 2002.

HOBSBAWN, Eric. **Introdução: A invenção das Tradições**. In: HOBSBAWN, Eric & RANGER, TERENCE. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

HOLZER, Hans. **Os novos pagãos**. Rio de Janeiro: Record, 1972.

HUTTON, Ronald. **The Triumph of the Moon: A history of modern pagan witchcraft.** New York: Oxford University Press, 1999.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Atlas, 1985.

MAGGIOCO, Sabina. **Pagans.** In: HARVEY, Graham. *Religions in Focus: New Approaches to Tradition and Contemporary Practices.* Equinox, London, 2009.

_____. **Witching Culture: Folklore and Neo-Paganism in América.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

MAGNANI, José Guilherme. **Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neoesotérico na metrópole,** São Paulo: Studio Nobel, 1999.

_____. **O Brasil da Nova Era.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MARQUES, Leonardo Arantes. **História das Religiões e a dialética do sagrado.** São Paulo: Madras, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 2002.

MICHELET, Jules. **The Sorceress: A Study in Middle Age Superstition.** London: Forgotten Books, 2010.

MORIN, Edgar. **O método: o conhecimento do conhecimento.** São Paulo: Europa-América, 1986.

MURRAY, Margaret A. **O culto das bruxas na Europa ocidental.** São Paulo: Madras, 2003.

_____. **O Deus das feiticeiras.** São Paulo: Gaia, 2002.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e História**. São Paulo: Ática, 1991.

PIKE, Sarah M. **New Age and Neopagan Religions in America**. New York: Columbia University Press, 2004.

POLLACK, Rachel. **O Corpo da Deusa: no mito, na cultura e nas artes**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

RUSSEL, Jeffrey; ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria**. São Paulo, Aleph, 2008.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

WILLAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. Trad. André Glaser. São Paulo: Ed.Unesp, 2011.

WITHMONT, Edward. **O Retorno da Deusa**. São Paulo: Summus, 1991.

2) Estudos acadêmicos sobre Neopaganismo

ARAÚJO, Kallyne Fabiane Pequeno de. **A Wicca e a metamorfose da Bruxa**. Graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2015.

ALVES, Ana Carolina C. **Wicca e Corporeidade: a bruxaria moderna e o imaginário do corpo**. Tese de doutorado. São Paulo: PUCSP, 2011.

BEZERRA, Karina Oliveira. **A Wicca no Brasil**: Adesão e permanência dos adeptos na região metropolitana do Recife. Dissertação de mestrado. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2012.

_____. **Paganismo contemporâneo no Brasil**: a magia da realidade. Tese de Doutorado. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2019.

CUNHA, Mateus Vinícius. **Wicca e Comunicação**: Uma análise de processo nas publicações de Eddie Van Feu. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2017.

DUARTE, Janluis. **Os bruxos do século XX**: Neo paganismo e invenção de tradições na Inglaterra do pós-Guerra. Dissertação de Mestrado, Brasília: UNB, 2008.

_____. **Reinventando tradições**: Representações e identidades da bruxaria neopagã no Brasil. Tese de doutorado. Brasília: UNB, 2013.

KONICHI, Izildinha. **Bruxas na virada do milênio**. A bruxaria Wicca no Brasil: história, símbolos, rituais. Visão de mundo e resgate do feminino. Dissertação de mestrado. PUCSP, São Paulo, 2001.

LOPES, Marina Silveira. **Sob a sombra do carvalho**: a espacialização do imaginário neodruídico na metrópole paulistana. Dissertação de mestrado. PUCSP, São Paulo: 2008.

OLIVEIRA, Rosalira de. **Tecendo vínculos com a Terra** – Paganismo Contemporâneo: percepções, valores e visões de mundo. Tese de doutorado. PUCSP, São Paulo, 2004.

OSÓRIO, Andréa B. **Mulheres e Deusas**: um estudo antropológico sobre bruxaria Wicca e identidade feminina. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ/PPGSA, 2001.

ROCHA, Emmanuel Ramalho de Sá. **A relação ser humano-natureza no novo encantamento religioso do mundo**: uma investigação junto a um coven wicca de João Pessoa. Dissertação de Mestrado. UFPB, João Pessoa, 2015.

SCHWADE, Elisete. **Deusas Urbanas**: Encontros, experiências e espaços neo-esotéricos no Nordeste. Tese de Doutorado, São Paulo: PPGAS/USP, 2001.

SILVA, Dartagnan Abdias. **Há Bruxas na cidade**: *A Wicca a partir da representação da UWB*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

TERZERTTI FILHO, Celso Luiz. **A deusa não conhece fronteiras e fala todas as línguas**: um estudo sobre a religião Wicca nos Estados Unidos e no Brasil. Tese de Doutorado, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

_____. **Um Bruxo e seu tempo**: as obras de Gerald Gardner como expressões contraculturais. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUCSP, 2012.

3) Artigos acadêmicos

CAMARGO, Pamella Louise; BENATTE, Antonio Paulo. **A recepção literária na invenção da Wicca**: um panorama contextual. Revista Ateliê de História UEPG, n.1 v.3, p. 137-164, 2015.

CARVALHO, Isabel Cristine Machado de; GOMES, Ana Laudelina Ferreira. **A espiritualidade da Deusa frente aos desafios contemporâneos**. Anais (do) 7 Ciclo de Estudos em Ciências Sociais: Ciências Sociais em tempos de resistência. – Natal: PPGCS, 2019.

CASELLI, Andréa. **Feitiçaria e Resistência**: representações pagãs no maravilhoso e no fantástico. Revista Religare. Paraíba, v. 14, n. 2, p.282-310, dezembro de 2017.

OLIVEIRA, Rosalira de. **Ouvindo uma Terra que fala: O renascimento do Paganismo e a Ecologia.** Revista Nures nº11 – Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP: Janeiro/Abril 2009.

TERZETTI FILHO, Celso Luiz. **A institucionalização da Wicca no Brasil: entrevista com a bruxa wiccaniana Mavesper Cy Ceridwen.** São Paulo: REVER Ano 14 Nº 02 Jul/Dez 2014.

FONTES

1) Obras sobre a Wicca

BOURNE, Lois. **Autobiografia de uma Feiticeira.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.

BRACELIN, Jack. **Gerald Gardner, Witch.** London: Octagon Press, 1960. 73

BRADLEY, Marion Zimmer. **As brumas de Avalon**, vols. 1 a 4. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

CABOT, Laurie. **O Poder da Bruxa.** Rio de Janeiro: Carnpu, 1991.

CERIDWEN, Mavesper Cy. **Wicca Brasil** – guia de rituais das deusas brasileiras. São Paulo: Gaia, 2003.

COELHO, Paulo. **Brida.** Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

CUNNINGHAM, Scott. **A Verdade sobre a Bruxaria Moderna.** São Paulo: Gaia, 1998.

D'ESTE, Sorita & RANKINE, David. **As Origens mágicas da Wicca: história e nascimento dos rituais da bruxaria moderna.** Trad. Flávio Lopes. São Paulo: Alfabeto, 2019.

DUNWICH, Gerina. **Wicca: a feitiçaria moderna.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

FARRAR, Janet; FARRAR, Stewart. **O Deus dos Magos**. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. **Oito Sabás para Bruxas**. São Paulo: Anúbis, 1983.

FRAZÃO, Márcia. **A cozinha da bruxa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

_____. **Revelações de uma Bruxa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

GARDNER, Gerald B. **A bruxaria hoje**. São Paulo: Madras, 2003.

_____. **O Significado da Bruxaria**. São Paulo: Madras, 2003.

_____. **High Magic's Aid**. Essex: I-H-O Books, 1999.

_____. **A Goddess Arrives**. Essex: I-H-O Books, 2000.

GRAVES, Robert. **The White Goddess: A Historical Grammar of Poetic Myth**. New York: Farrar Straus Giroux, 2013.

HOLZER, Hans. **A verdade sobre a Bruxaria**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1977.

JONES, Evan J; VALIENTE, Doreen. **Feitiçaria: a tradição renovada**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

LELAND, Charles G. **Aradia: o evangelho das bruxas**. São Paulo: Outras Palavras, 2000.

LÉVI, Éliphas. **Dogma e Ritual da Alta Magia**. São Paulo: Madras, 2000.

LOPES, Flávio. **Bruxaria Solitária: Práticas de Wicca para guiar seu próprio caminho**. São Paulo: Alfabeto, 2020.

MATHERS, Lidell MacGregor. **The Key of the Solomon the King**. (Claviculas Salomanis). London: George Redway, 1889.

PRIETO, Claudiney. **Wicca** – a religião da Deusa. São Paulo: Gaia, 2000.

_____. **Wicca para todos**. São Paulo: Alfabeto, 2009.

_____. **Wicca: ritos e mistérios da bruxaria moderna**. São Paulo: Germinal, 1999.

STARHAWK. **A dança cósmica das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

VALIENTE, Doreen. **The rebirth of Witchcraft**. ed. ilustrada. Estados Unidos: Robert Hale, 2008.

VAN FEU, Eddie. **Wicca**. São Paulo: Escala, 2001.

2) Jornais consultados

CANDIDA, Simone; SANTIAGO, Luana. Rio é o estado do Brasil com mais bruxos: são 40 mil adeptos da religião wicca. **O Globo**, Rio de Janeiro. 15 outubro, 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/rio-o-estado-do-brasil-com-mais-bruxos-sao-40-mil-adeptos-da-religiao-wicca-23157104>> Acesso em: 23 Jul. 2019.

CASTRO, Alessandra. Na Mira mostra tudo sobre a religião Wicca. **Na Mira**. 23 junho 2009. Disponível em: <<https://imirante.com/namira/sao-luis/noticias/2009/06/23/na-mira-mostra-tudo-sobre-a-religiao-wicca.shtml>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

RUSSO, Noely. ‘Bruxas’ querem oficializar sua religião. **Folha de S. Paulo**. 22 dezembro 1996. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/12/22/cotidiano/13.html>> Acesso em 23 de Jul. 2019.

SHALDERS, André. Queimadas no Pantanal: muitas do Ibama despencam apesar de recorde de incêndios. **BBC News Brasil**. Brasília, 15 de Setembro de 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54159499>>. Acesso em 05 Out. 2020.

TOMAZELA, José Maria. Vila de Paranapiacaba espera invasão de dez mil magos e bruxas. **Terra**. 18 Maio 2019. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/vila-de-paranapiacaba-espera-invasao-de-dez-mil-magos-e-bruxas,28cd75b414078f26aa7c53731310102dkziah3sh.html>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

3) Sites e blogues

BRUXEDO. O equinócio de primavera Ostara e o incêndio na natureza. **Instagram**, 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CFajewtHuo4/>>. Acesso em: 06 Out. 2020.

CELI, Regina. Site oficial da sacerdotisa Regina Celi. **Regina Celi**. Disponível em: <<https://www.reginaceli.com/>>. Acesso em: 28 maio 2020.

DAERIS, Alamyë. Orixás e Wicca. **Sinfonia da Lua**, 2014. Disponível em: <<http://sinfoniadalua.blogspot.com/2014/12/orixas-e-wicca.html>>. Acesso em 05 out. 2020.

DAW, Aileen. Magia para o Brasil e o Meio Ambiente. **Tradição Caminhos das Sombras**, 2020. Disponível em: <<http://caminhosdassombras.com.br/2020/09/17/magia-para-o-brasil-e-o-meio-ambiente/>>. Acesso em 05 out. 2020.

ERB-RN. Página Oficial do Encontro Regional de Bruxos – Natal/RN. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ERBNatalRN/>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

ESP-RN. Página oficial do Encontro Social Pagão RN. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/encontrosocialpagaoRN/>>. Acesso em 10 fev. 2020.

ESPELHO NEGRO. Grupo privado O Espelho Negro. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/321658897921249/?epa=SEARCH_BOX>. Acesso em: 20 maio 2020.

GAIA PAGANUS. Encontro Social Pagão. **Gaia Paganus**. Disponível em: <<https://gaiapaganus.wixsite.com/gaiapaganus/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

LOPES, Viviane. Wicca x Candomblé. **Wicca Ipatinga**, 2019. Disponível em: <<https://wiccaipatinga.blogspot.com/2019/03/wicca-x-candomble.html>>. Acesso em 05 Out. 2020.

MENDES, Mônica. Loja AlemdaLenda. **Arquiteta Mônica Mendes**. Disponível em: <<http://monicamendes-arquiteta.com.br/loja-alemdalenda/>>. Acesso em: 20 de jun. 2020.

PRIETO, Claudiney. Sobre a Wicca Gardneriana do Brasil. **Wicca Gardneriana**. Disponível em: <<http://www.wiccagardneriana.com.br/pages/brasil.html>> Acesso em: 23 jul. 2019.

_____. Bate-papo com Claudiney Prieto. **UOL**. 05 Junho 2002. Disponível em: <<http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/astral/ult1740u96.jhtm>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

_____. Ritual Online Ostara. **Instagram**, 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CFZWakWJ9de/>> Acesso em 06 Out. 2020

SANTUÁRIO DA GRANDE MÃE. Site oficial. **Santuário da Grande Mãe**. Disponível em: <<http://www.santuariodagrandedemae.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

TEIXEIRA, Luciana Gonçalves. Números de interessados em Wicca está aumentando na região. **UNIARA**. 22 junho 2007. Disponível em: <<https://www.uniara.com.br/ageuniara/3422/numero-de-interessados-em-wicca-esta-aumentando-na-regiao/>> Acesso em: 20 jun. 2020.

UWB. Página oficial da União Wicca do Brasil (UWB). **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/uniaowiccabrasil/about/?ref=page_internal> Acesso em: 23 jul. 2019.

VAN FEU, Eddie. Wicca: Uma iniciação a magia. **Amazon Kindle**. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Wicca-Uma-Inicia%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-Magia-ebook/dp/B00GMWBVLW>>. Acesso em: 15 maio 2020.

4) Entrevistas

CELI, Regina. **Entrevista concedida a Kallyne Fabiane Pequeno de Araújo**. WhtasApp, 2020.

EDUARDO, Klaus. **Entrevista concedida a Kallyne Fabiane Pequeno de Araújo**. Natal/RN, 2019.

_____. **Questionário concedido a Kallyne Fabiane Pequeno de Araújo**. WhtasApp, 2019.

LEAL, Marcelo. **Questionário concedido a Kallyne Fabiane Pequeno de Araújo**. E-mail, 2020.

LOPES, Flávio. **Questionário concedido a Kallyne Fabiane Pequeno de Araújo**. Facebook, 2020.

LUNA, Sacerdotisa. **Questionário concedida a Kallyne Fabiane Pequeno de Araújo**. WhatsApp, 2020.

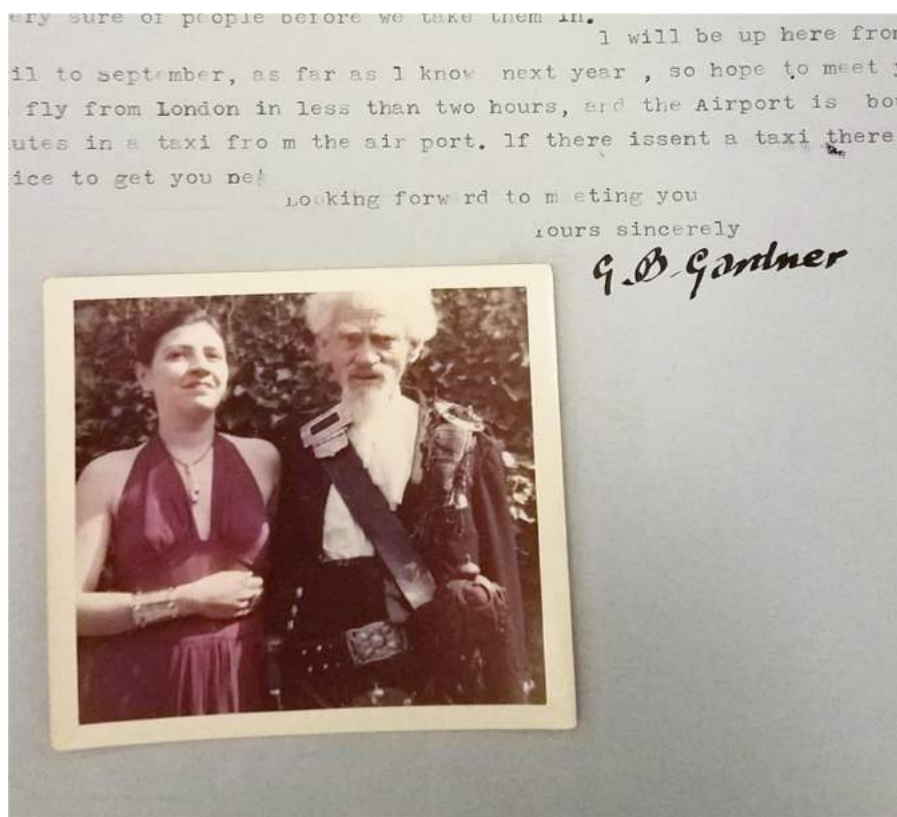
NOBRE, Danilo. **Questionário concedido a Kallyne Fabiane Pequeno de Araújo**. WhatsApp, 2019.

ANEXOS



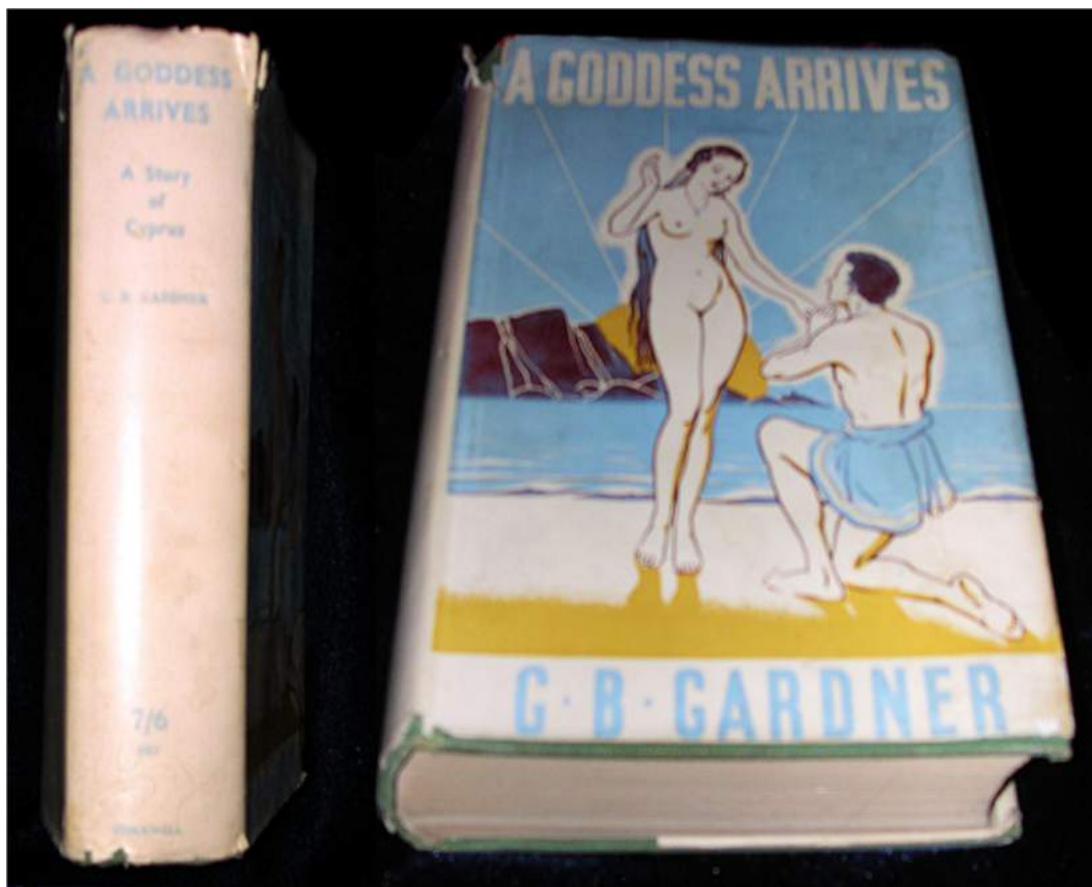
Gerald Gardner (terceiro à esquerda com a gaita de foles) em Stonehenge no Festival da Grã-Bretanha em 1951. Nessa época, Gardner fazia parte da Ordem dos Druidas Antigos (ADO). Fonte: Controversial. Disponível em:

<<https://www.controversial.com/Ross%20Nichols.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2020.



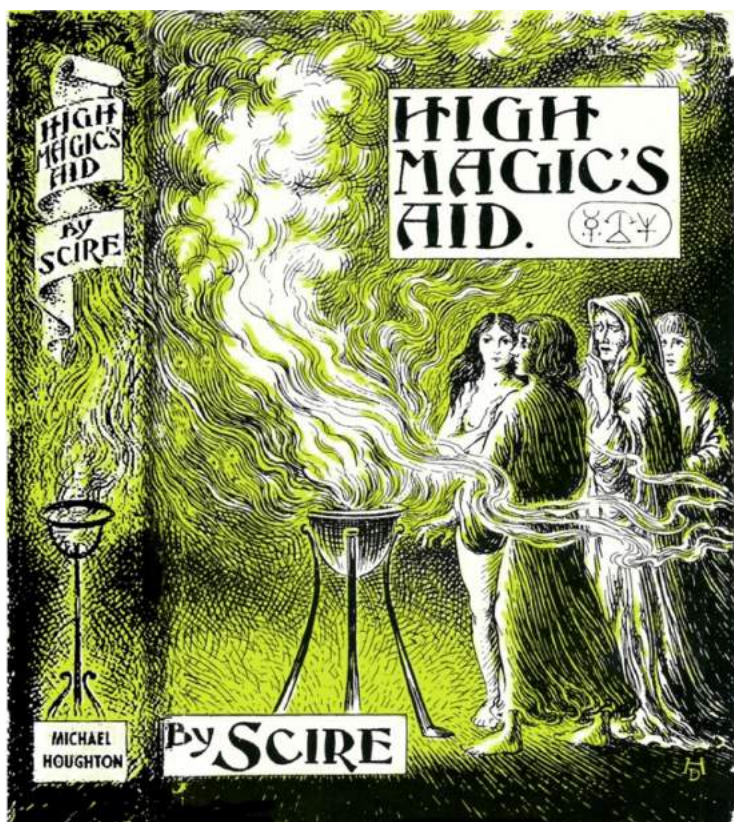
Carta escrita por Gerald Gardner para Raymond Buckland em 1963, junto de uma fotografia de Gardner e sua summa sacerdotisa Monique Wilson (Lady Olwen). Essa foto foi tirada no dia da iniciação de Buckland no *coven* de Gardner.

Fonte: Buckland Museum of Witchcraft & Magick. Disponível em: <<https://www.facebook.com/WitchMuseum/photos/a-birthday-celebration-for-gerald-gardner-is-in-order-gardner-was-born-on-june-1/330482600818071/>>. Acesso em 29 jun. 2020.



Primeira edição de *A Goddess Arrives* de Gerald Gardner (1939).

Fonte: *Ecstatick* *Magick*. Disponível em: <<https://ecstatickmagick.wordpress.com/2013/02/05/96/>>. Acesso em 20 jun. 2020.



HIGH MAGIC'S AID

By SCIRE

The theme of this book concerns three men in the search of a witch, fame and fortune. Jan is a seeker after castles and lands; Olaf is his younger brother, who is not so ambitious, but wants to see Jan happy. Thur is the leech and magician, who, through the use of parchments stolen from the Spanish School of Magic, learns of High Magic's Aid that they must needs seek a witch.

Inspired by the art of the magic circle, they set out in search of the Witch of Wanda, and when they find her, have to re-orientate their ideas of how magic works.

The medieval attitude of the Church towards magic and its practitioners is set forth in graphic and telling paragraphs.

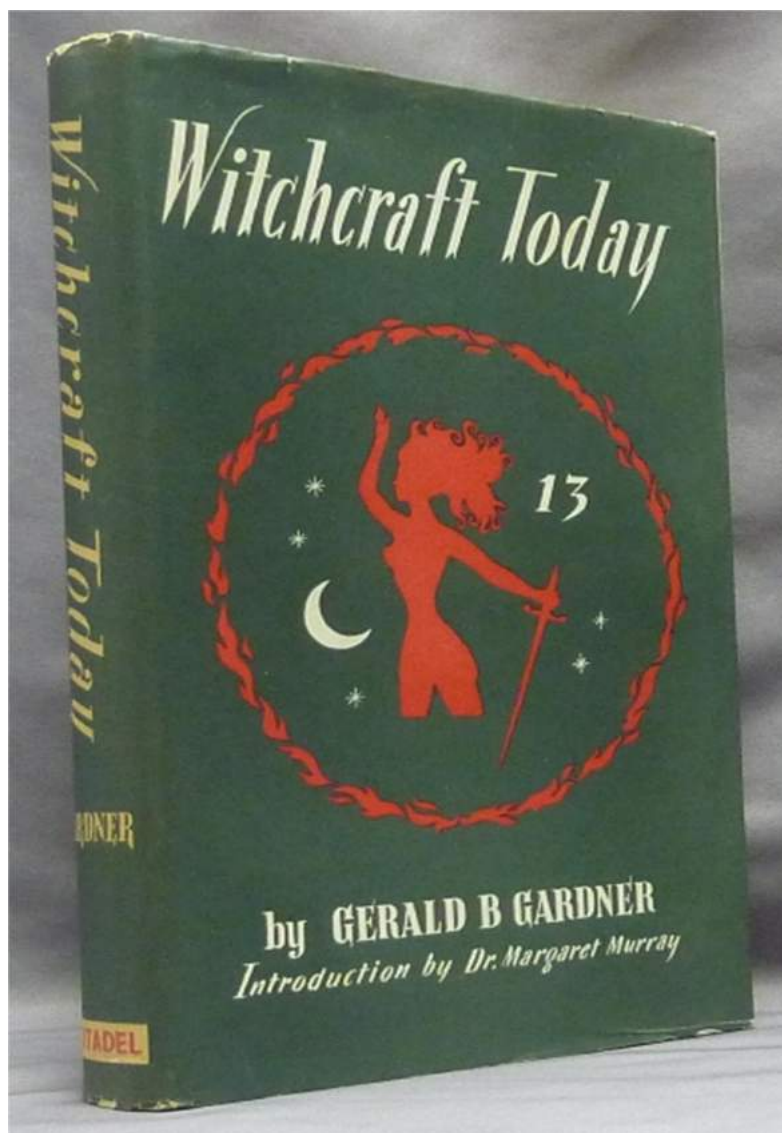
Readers interested in magic and mystical literature will find this work refreshing and exciting.

Published by
MICHAEL HOUGHTON
49a, MUSEUM STREET, LONDON, W.C.1.

10/6

I
Primeira edição de *High Magic's Aid* de Gerald Gardner (1949).

Fonte: *Ecstatick* *Magick*. Disponível em:
<<https://ecstatickmagick.wordpress.com/2013/02/05/high-magics-aid/>>. Acesso em: 20 jun.
2020.



Primeira edição de *Witchcraft Today* de Gardner (1954).

Fonte: *Weiser Antiquarian Books*. Disponível em:
<<https://www.weiserantiquarian.com/pages/books/63724/gerald-b-gardner-dr-margaret-murray/witchcraft-today?soldItem=true>>. Acesso em 20 jun. 2020.



Museu de Magia e Bruxaria em *Boscastle*, Inglaterra.

Fonte: *Museum of Witchcraft and Magic* Disponível em: <
<https://museumofwitchcraftandmagic.co.uk/visit/>>. Acesso em 20 jun. 2020.



Patrícia Crowther e Doreen Valiente em 1965.

Fonte: Ecstatick Magick. Disponível em:
<<https://ecstatickmagick.wordpress.com/2013/01/30/witches-being-adorable/amp/>>. Acesso em:
15 jun. 2020.



**Homenagem feita à Marielle Franco em São Luiz- MA, pela sacerdotisa Sonia Reis,
representante no Maranhão da UWB.**

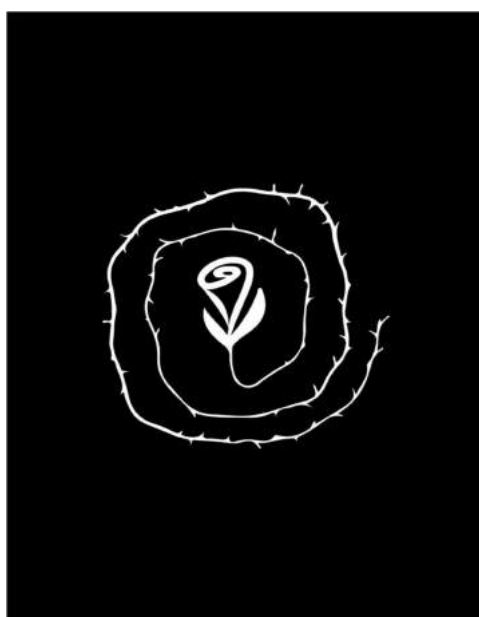
Fonte: Página Oficial da UWB no Facebook. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/uniaowiccabrasil/>>. Acesso em 10 jul. 2019.



Cartaz da UWB durante as eleições presidenciais brasileira em 2018.

“Não é contra uma ou outra, mas contra toda e qualquer forma de opressão. Enquanto fere a nossa existência e a existência do outro, sempre seremos RESISTÊNCIA” (UWB, 24 de Outubro de 2018)

Fonte: Página Oficial da UWB no Facebook. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/uniaowiccabrasil/>>. Acesso em 10 jul. 2019.



“Que o fascismo se perca no labirinto onde as minorias se encontram”.

Sigilo de proteção e empoderamento das minorias utilizado pelos bruxos de Natal durante as eleições de 2018.

Fonte: Grupo oficial Espelho Negro no Facebook: Disponível em: https://www.facebook.com/groups/321658897921249/?epa=SEARCH_BOX. Acesso em 12 jul. 2019.



Sigilo para proteção em protestos também utilizado pelos bruxos de Natal.

Fonte: Grupo oficial Espelho Negro no Facebook: Disponível em: https://www.facebook.com/groups/321658897921249/?epa=SEARCH_BOX. Acesso em 12 jul. 2019.



Lambe das Bruxas – Bruxaria Antifascismo.

Lambes criados com a intenção de combater a onda de ódio e de serem colados pelos postes das cidades. Foi divulgado pela bruxaria em Natal durante as eleições através do grupo Espelho Negro no Facebook.

Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/321658897921249/?epa=SEARCH_BOX>.
Acesso em 12 jul. 2019.

DANÇANDO PARA FLORESCER EM NATAL



Encontro do Dançando para Florescer no Bosque das Mangueiras, durante a primavera 2018. Palestra sobre Magia Ancestral com Antônio Vitorino.

Fonte: Acervo Pessoal de Klaus Eduardo, 2018.



Altar de Ostara durante o Dançando para Florescer.

Fonte: Acervo Pessoal de Klaus Eduardo, 2018.



Dançando para Florescer em 2014.

Fonte: Acervo pessoal de Klaus Eduardo.



Ritual de Libação à deusa Afrodite do sacerdote Klaus Eduardo.

Fonte: Acervo pessoal de Klaus Eduardo.



Coven da sacerdotisa Regina em sua residência.

Fonte: Site oficial da sacerdotisa Regina Celi. Disponível em: <<https://www.reginaceli.com/>>. Acesso em 15 abr. 2020.



Coven *Mistérios do Sagrado* após a celebração do Samhain.

Fonte: Acervo pessoal de Harry Lira.



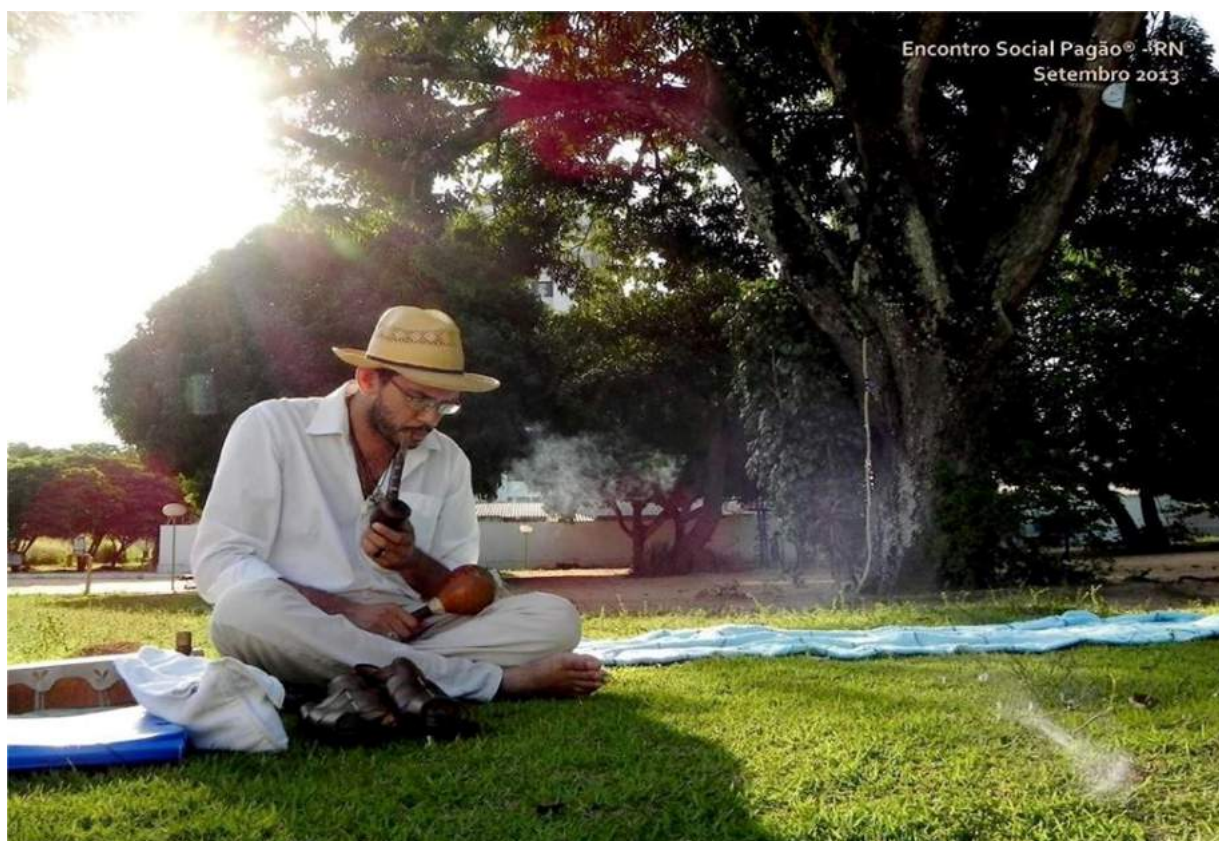
Dança circular no ESP-RN em maio de 2012.

Fonte: Página oficial do Encontro Social Pagão RN. Disponível em: <https://www.facebook.com/encontrosocialpagaoRN/>. Acesso em 12 jul. 2019.



Dança circular no ESP-RN em maio de 2012.

Fonte: Página oficial do Encontro Social Pagão RN. Disponível em: <
<https://www.facebook.com/encontrosocialpagaoRN/>>. Acesso em 12 jul. 2019.



Encontro do ESP-RN sobre espiritualidade indígena e culto à Jurema. Realizado em Setembro de 2013.

Fonte: Página oficial do Encontro Social Pagão RN. Disponível em: <<https://www.facebook.com/encontrosocialpagaoRN/>>. Acesso em 20 set. 2019.



Encontro do ESP-RN com a palestra sobre Chakras. Realizado em Junho de 2012.

Fonte: Página oficial do Encontro Social Pagão RN. Disponível em: <<https://www.facebook.com/encontrosocialpagaoRN/>>. Acesso em 20 set. 2019.



Palestra sobre Xamanismo em março de 2012.

Fonte: Página oficial do Encontro Social Pagão RN. Disponível em: <<https://www.facebook.com/encontrosocialpagaoRN/>>. Acesso em 20 set. 2019.

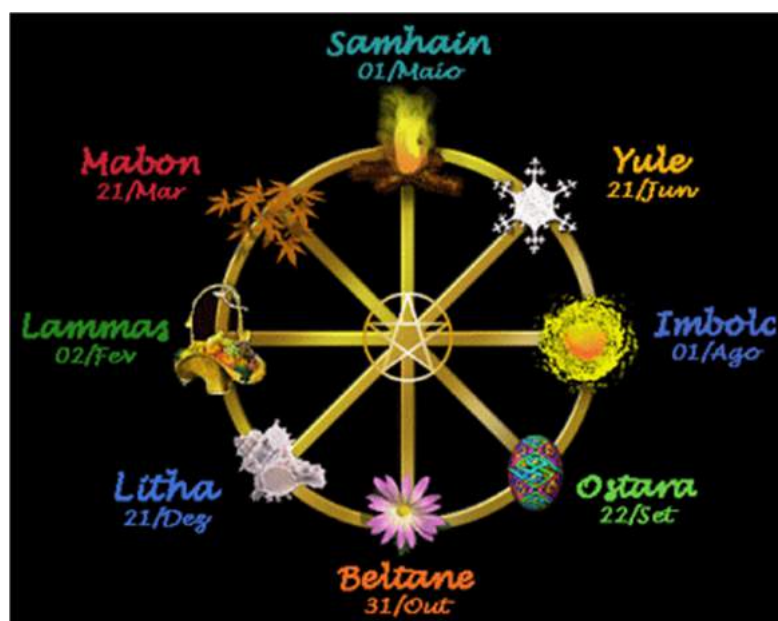


Ilustração da Roda do Ano pelo Sul.

Fonte: Blog Sabedoria Wicca. Disponível em: <<http://sabedoriawiccana.blogspot.com/2009/12/omito-da-roda-do-ano-01maio-o-festival.html>>. Acesso em 29 jun. 2020.



Altar do ritual de Lammas no Santuário da Grande Mãe.

Fonte: Santuário da Grande Mãe, Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/santuariodagrandedemae/?rf=147485772618838>>. Acesso em 29 j 29 jun. 2020.



Celebração a Deusa etrusca Turan. Sacerdote Flávio Lopes à esquerda do altar com um tambor.

Fonte: Santuário da Grande Mãe, Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/santuariodagrandemae/?rf=147485772618838>>. Acesso em 29 j 29 jun. 2020.



Realização do Goddess Blessing no Santuário da Grande Mãe.

Fonte: Santuário da Grande Mãe, Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/santuariodagrandedemae/?rf=147485772618838>>. Acesso em 29 j 29 jun. 2020.



Capa da notícia “Rio é o estado do Brasil com mais bruxos: são 40 mil adeptos da religião wicca.”

Fonte: **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 outubro 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/rio-o-estado-do-brasil-com-mais-bruxos-sao-40-mil-adeptos-da-religiao-wicca-23157104>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

← → ↻ ⓘ Não seguro | www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/03/tudo/7.html

Mercado esotérico gera novos negócios

SIMONE GALIB
DA REPORTAGEM LOCAL

Os produtos esotéricos ganham cada vez mais mercado no Brasil. Muitos estão aproveitando esse filão para expandir negócios e ganhar muito dinheiro.

Basta circular pelos shoppings, feiras e livrarias da cidade para conferir que anjos, duendes, gnomos e livros especializados são presença constante nas vitrinas.

Mas não são apenas lojas e cursos que se multiplicam. A chamada indústria "alternativa" agora parte para a franquia.

Franquia é um sistema que consiste na transferência dos direitos de exploração da marca, serviço, produto ou tecnologia de operação de uma empresa para outra, com o pagamento de taxas e royalties.

Geralmente as pessoas hoje bem-sucedidas nesse mercado têm um histórico semelhante: transformaram o antigo hobby em um negócio lucrativo.

Quando Heloísa Galves, 29, criou a Alemdalenda, em 1990, não imaginou que, cinco anos depois, iria administrar três lojas próprias e 14 franquias no país.

Heloísa começou com dois duendes e dois gnomos, que vendia para amigos. Os pedidos aumentaram. Surgiu a primeira loja.

Hoje a Alemdalenda comercializa cerca de 3.000 itens. Está franqueando uma loja em Portugal e outra na Argentina.

A franquia de uma loja Alemdalenda requer R\$ 40 mil (instalação e capital de giro, sem contar o ponto) para uma casa que tenha no mínimo 30 m² e seja em um shopping. A taxa de franquia é de R\$ 20 mil e o faturamento anual, de R\$ 280 mil (loja de São Paulo).

A época também é de expansão -e de muitas franquias- para Mônica Buonfiglio, 31, que se tornou uma escritora best seller quase da noite para o dia.

Seus livros "Os Anjos Cabalísticos" (90ª edição) e "A Magia dos Anjos Cabalísticos" (15ª edição) já venderam mais de 350 mil exemplares.

Reportagem sobre a loja *AlemdaLenda*.

Fonte: **Folha de S. Paulo**, 03 de setembro de 1995. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/03/tudo/7.html>>. Acesso em 29 jun. 2020.

2D | VARIEDADES | JORNAL DA TARDE
DOMINGO, 30.10.11

GENTE DA CIDADE

CLAUDINEY PRIETO, 31, ESCRITOR E PRATICANTE DE WICCA

100% paulistano. 100% bruxo

Claudiney Prieto é referência no Brasil da wicca, a religião dos bruxos. Simpático e caseiro, ele passa longe dos estereótipos que insistem em conferir a bruxaria uma imagem negativa à bruxaria

MARCELA RODRIGUES SILVA
marcela.rod@folha.com.br

O paulistano Claudiney Prieto, de 31 anos, é caseiro, mas adora ir para o meio do metrô de São Paulo para ir à Avenida Paulista para trabalhar. Às vezes, opta pelo oposto: o Parque da Ilhabela, que, para ele, é o mais bonito da cidade. Quem vê esse escritor de fala mansa e estilo discreto não imagina que vive e trabalha a maior referência da wicca (religião dos bruxos) no Brasil. "Mas ninguém tem de perceber se uma pessoa pratica bruxaria ou não.", além de assinar dez livros publicados sobre o tema, ministrar cursos e apresentar um programa na Rádio Mundial 96,7 FM às segundas, às 14h30, Claudiney idealizou a 2ª Mystic Fair Brasil, feira mística que atraiu mais de 20 mil visitantes, no início do mês, em São Paulo.

Como você tornou-se bruxo?
Nasci numa família espiritualista. Aos 16 anos, a wicca me encantou. Numa festa de casamento, conheci duas pessoas praticantes. No início, fiquei curioso. Depois, me identifiquei. Elas me ensinaram e me guiaram nesse universo. Depois de alguns anos, elas se mudaram do País e me visitava, recessos de praticar algo tão estigmatizado.

E como continuou?
Procurei outros praticantes, fiz cursos. Além, a maioria dos praticantes começa fazendo cursos. Os grupos de discórdia foram crescendo e a wicca ganhou proporção enorme na minha vida.

MEINHA SÃO PAULO

TEMPLO KUAN YIN (Bairro da Liberdade)
"Gosto de ir lá para pensar na vida quando preciso de orientação"

PARQUE DO IBIRAPUEIRA
"Frequento bastante"

AVENIDA PAULISTA
"Apesar de ser um turbilhão de gente, de emoções, gosto de ir até lá para meditar. Adoro uma pedra que tem no vilão do Masp. Lembra os monumentos celtas"

Os praticantes são unidos? Há uma associação, por exemplo? Em 1980, eu fundei a Abrawicca, que é a Associação Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca. Mas só em 2003 para me dedicar à literatura.

E você acha que os praticantes ainda são estigmatizados? Eu, como sempre fiz parte muito marginalizado e restrito nesse universo, não sou. Mas consigo muita gente que sofreu preconceito da família, dos amigos. São 2 mil anos de propagação enganosa.

Por que isso acontece se há tanta informação hoje?
Simplesmente porque alguns têm um modo de pensar, um estilo de vida e até de se vestir diferentes.

A mídia é a responsável? É uma das maiores. Em 2001, fomos numa campanha contra a bruxaria Kika (personagem do programa "Xuxa no Mundo da Imaginação", interpretada pela própria apresentadora), que era um estereótipo da bruxa má, feia, que fazia coisas erradas.

E o que flocem? Tiveram reticências?
A época, mandamos para a produção vários cartões postais com imagens de bruxas feias e, em cima, uma tarja vermelha com os dizeres: "Diga não à imagem estigmatizada da bruxaria". Ninguém respondeu.

Mas você aprova algum filme que retrate bem a bruxaria?
O mais próximo é o filme *Jezebel* (1968). O seriado americano *The Secret Circle* (atualmente, exibido no canal Warner) é bom e a bruxaria toda adora!

Os filhos mistos?
A figura da mulher feia e má. Equivoca bruxaria tem a ver com o diabo. Para começar, a wicca é pré-cristã.

A wicca tem muita relação com a natureza.
Como é ser bruxo em São Paulo?
O planeta Terra é a nossa deusa, vital para a nossa sobrevivência. Isso nos leva a uma prática sagrada pelo meio ambiente. Aqui, trazemos o verde para a nossa casa. Mas natureza não é só verde. É tudo.

Você faz campanhas?
A 2ª Mystic Fair, que aconteceu no início de outubro, por exemplo. Foi um evento cultural com mais de 150 exposições e 22 mil visitantes. Vamos pagar o gasto com carbono com o replantio de árvores. Estamos em processo de cooperação com o Instituto Brasileiro de Florestas.

Os praticantes de wicca têm pontos aqui no capital?
O Parque do Ibirapuera é um deles, sobretudo, nos finais de semana e de troca de estação.

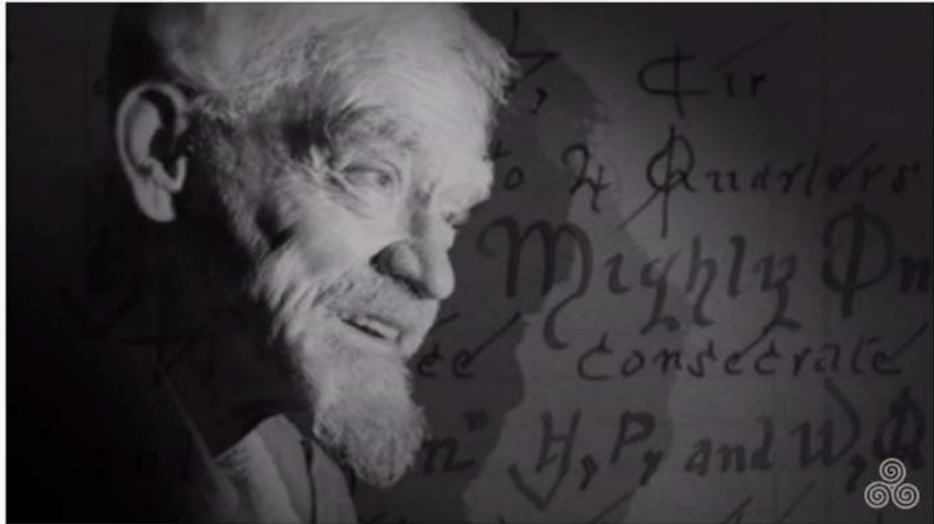
Como você se diverte na cidade? Seu mundo caseiro. Gosto de reunir os amigos em casa, ler e escrever.

Claudiney nasceu em uma família espiritualista e descobriu o universo dos bruxos aos 16 anos.



Entrevista com Claudiney Prieto. Gente da cidade: 100% Paulistano.1100% Bruxo.

Fonte: **Jornal da Tarde**. 30 de Outubro de 2011. Fonte: Cliografia. Disponível em: <<http://www.cliografia.com/2011/11/01/entrevista-com-claudiney-prieto-no-jornal-da-tarde/>>. Acesso em 20 jun. 2020.



The screenshot shows a YouTube video player interface. At the top, the browser address bar displays the URL [youtube.com/watch?v=wcKfKdJrmUE](https://www.youtube.com/watch?v=wcKfKdJrmUE). Below the address bar is the YouTube logo and a search bar containing the word "Pesquisar". The video player itself features a black and white portrait of an elderly man with a beard, identified as Gerald Gardner. The background of the video is dark with white handwritten text, including the words "to 4 Quarters", "Mighty Phi", "consecrate", and "H, P, and W, D". Below the video player, the title "An Interview with Gerald Gardner: Britain's Wicca Man" is displayed. Underneath the title, the video statistics are shown: "18.104 visualizações • 13 de mar. de 2013". To the right of the statistics are icons for likes (245), dislikes (5), share (COMPARTILHAR), save (SALVAR), and a menu icon (three dots).

Áudio de uma entrevista concedida por Gerald Gardner à rádio da BBC em 1960.

Fonte: **Youtube**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=wcKfKdJrmUE>>. Acesso em: 29 jun.2020.

QUESTIONÁRIOS

DADOS DO DEPOENTE:

Nome: Danilo Nobre Data: 01 de dezembro de 2019.

Cidade: Natal Estado: RN

01 - Poderia falar um pouco sobre o caminho que você segue no paganismo?

Eu comecei estudando o sagrado feminino que automaticamente me direcionou para a bruxaria, mas nunca fui muito atraído pela Wicca. Então com o tempo acabei me identificando com o xamanismo.

Hoje eu estudo o xamanismo celta, que consiste de um caminho antigo de tradições e religiosidades das tribos celtas. Contudo faço parte da *Reclaiming*, que é uma tradição moderna de bruxaria. Minha religiosidade acaba sendo um misto das tradições de êxtase antigas do xamanismo direcionadas para o ativismo mágico-político que a *Reclaiming* aborda.

02 - Como surgiu o Dançando para florescer?

O evento surgiu de um sonho que tive, onde bruxos e pagãos de Natal dançavam em volta de um carvalho. Conversando com uma das organizadoras que me ajudou no primeiro ano, Verena Viana, pensamos que seria interessante um evento que abordasse a parte lúdica de dança, poesia e outras expressões artísticas do neopaganismo. Dessa ideia nasceu o evento e eu tive muito apoio da comunidade para realizar cada um dos 7 anos. Dentre os organizadores que já me ajudaram além da que já citei, estão Klaus Eduardo, Marcelo Leal, Alejandro e Chris Nóbrega, além das pessoas que se envolveram e ajudaram diretamente e indiretamente, contribuindo com o evento.

03- E hoje em dia, como funciona a organização desse evento?

Hoje o evento não mais existe, teve seu encerramento em 2018, serviu ao seu propósito nós anos que foi celebrado. Contudo ainda pode retornar, a depender da necessidade da comunidade e disponibilidade de organizadores.

04- Como é a sua conexão com o Bosque das Mangueiras para a realizao do Dançando? Esse evento sempre ocorreu l?

Sim, todos os anos foram celebrados no Bosque, a idealizao foi construída a fim de movimentar o espaço q estava sem uso pela comunidade e sempre esteve a disposio pela prefeitura e pela UnP nos anos que a universidade esteve responsável pelo lugar.

Minha conexão vem com as mangueiras do bosque que já me auxiliaram nos meus processos de autocura.

05 - Já ocorreu de acontecer alguma interferência na hora de realizar esse evento no Bosque das Mangueiras?Você percebe alguma diferença no comportamento externo dos transeuntes do bosque na época que o Dançando começou a acontecer para os dias de hoje?

Sim, já tivemos alguns pequenos obstáculos, mas nunca no sentido de discriminao religiosa. Já tivemos pessoas que estavam no bosque e não são da comunidade, mas que mesmo assim foram recebidas para participar. Além disso, já tivemos representantes de outras vertentes religiosas, fosse como palestrantes ou como espectadores do evento.

DADOS DO DEPOENTE:

Nome: Klaus Eduardo Data: 19 de dezembro de 2019.

Cidade: Natal Estado: RN

01 - Como a Wicca trabalha com espíritos da natureza na cidade?

Desenvolvemos uma conexão com esses espíritos ao longo de nossa jornada. através de feitiços, ritos e meditação. Com o tempo eles começam a surgir.

02 - Como é a sua conexão com os locais públicos que você usa para exercer a sua religião? Poderia falar um pouco?

Bem, tivemos algumas dificuldades para conseguir lugares para fazermos encontros e rituais. E também para a realização de alguns encontros, pelo simples fato de algumas pessoas não aceitarem bem a Wicca. Mas o Bosque das Mangueiras nos abraçou e com todo o seu amor e carinho, fez criar uma atmosfera mágica e maravilhosa. O Dançando para florescer, evento de Danilo, foi realizado neste local com o intuito de confraternizações e danças para a chegada da primavera. Feiras esotéricas também foram realizadas nesse espaço.

03 - Já ocorreu de acontecer alguma interferência na hora de escolher um determinado lugar para realizar algum evento, ritual ou fazer alguma oferenda?

Teve muitas vezes de curiosos atrapalharem e ficarem perguntando e tirando sarro. Depois foi existindo um respeito e uma boa conduta das pessoas com os espaços que praticamos. Teve a destruição do local que cultuávamos nossos Deuses na Ecocil, pois o espaço era em uma área de reserva ambiental. E no bosque houve uma integração muito positiva entre o evento e os visitantes do parque. Inclusive nos últimos eventos houveram perguntas sobre o que estava sendo realizado. E quando souberam que era algo ligado a natureza e o sagrado muitos elogiaram o evento. A administração do bosque sempre foi bem liberal quanto a realização do evento nesse espaço.

04 - Como é a sua conexão com o Bosque das Mangueiras para a realização do Dançando para Florescer?

Como houve um sonho de Danilo sobre a árvore do bosque acreditamos que ali seria um lugar especial para criação e realização do evento, o incrível que ao passar dos anos tentamos muito conseguir modificar o espaço, mas não houve sucesso, dessa forma foi percebido um energia sagrada de ligação com os Deuses e o evento, pois nunca conseguimos modificar o local da realização deste evento. Outros organizadores como o dia mundial das fadas se manifestaram o mesmo interesse com o espaço.

DADOS DO DEPOENTE:

Nome: Flávio Lopes Data: 01 de Junho de 2020.

Cidade: São Paulo Estado: SP

01 – Poderia se apresentar e falar como você conheceu a Wicca?

Tenho 28 anos, sou de São Paulo, graduado em Psicologia. Sou sacerdote de algumas Tradições de Wicca e caminhos de espiritualidade da Deusa. Sou iniciado na Wicca Gardneriana, na Tradição Diânica Nemorensis e na Minoan Brotherhood, e também um sacerdote ordenado na Fellowship of Ísis. Tenho um livro publicado sobre Wicca pela editora Alfabeta, chamado “Bruxaria Solitária: Práticas de Wicca para Guiar seu Próprio Caminho”. Nos últimos dez anos, tenho facilitado rituais públicos, palestras, workshops, vivências e outras atividades públicas relacionadas à Wicca.

Meu primeiro contato com a Wicca aconteceu por volta dos 13 anos através da internet. Me senti fascinado com uma religião que além de acreditar na magia, tinha como sua figura central uma Deusa, representada pela Terra e pela Lua. Perceber o sagrado dessa maneira, como imanente na natureza, me provocou ainda muito jovem uma sensação de retorno ao lar. 15 anos depois, ainda estou aqui.

02 - Antes de conhecer a Wicca, você fazia parte de alguma outra religião? Já tinha ouvido falar sobre bruxaria antes?

Eu cresci na Igreja Católica. Fiz catequese e primeira eucaristia. Tinha uma vida ativa nessa comunidade religiosa, até que aos 15 anos, 2 anos depois de conhecer a Wicca, percebi que esse era o caminho espiritual que realmente falava ao meu coração e passei a me dedicar exclusivamente à ele, me desligando de todas as atividades referentes à minha religião anterior. Antes do meu primeiro contato com a Arte, nunca tinha ouvido falar em Bruxaria como um sistema religioso organizado. Eu conhecia práticas de magia popular, como simpatias, orações, chás e outras coisas dessa maneira, mas não de Bruxaria especificamente.

03 - Pela sua experiência religiosa, poderia falar sobre a importância da natureza no caminho que você segue?

Para um Bruxo, a natureza é seu livro sagrado. É dela que retiramos nossos ensinamentos mais profundos. Dizemos que a Bruxaria é um caminho neopagão (sendo o termo pagão originado de “pagus”, identificando um morador do campo, e não da cidade). Isso significa que vivemos uma espiritualidade centrada na Terra, e é ela nossa mais importante professora. Um dos objetivos da Bruxaria é nos harmonizar aos ritmos da natureza para que possamos manifestar harmonia em nossas próprias vidas. Isso significa perceber nossos próprios corpos como integrados à natureza, e como sagrados, ao contrário do que dizem a maioria das doutrinas religiosas. Também é da observação da natureza que tiramos lições para nossas vidas. Observando os ciclos naturais e dançando seus ritmos, eu aprendi a lição da impermanência da vida: não importa quão luminoso seja o verão, ou quão rigoroso seja o inverno, eles são temporários, e tudo o que tem um início também tem um fim.

Irmanando-me à natureza, percebo que tudo está conectado, e que não há verdadeiramente isolamento. Estamos todos profundamente conectados, e isso significa que não existe bem individual: algo só pode ser bom para mim quando for bom para todos. Isso me faz todos os dias repensar as minhas ações e escolhas.

Celebrar a natureza nos coloca em confronto com a morte. A cada ano, na transição do outono para o inverno, celebramos um festival em honra aos mortos, e que nos lembra que nós também somos mortais. Pensar na morte, entendê-la como um processo natural e sagrado, é uma ótima chance para dar sentido à vida.

Sempre que passo por dificuldades ou não sei o que fazer, é para a natureza que eu olho e busco sabedoria. A água me ensina a contornar os obstáculos e a ser maleável e flexível; a terra me ensina que tudo o que não é nutrido e alimentado, apodrece e morre; o ar me ensina a entender que a vida é um constante movimento, e que o controle é uma ilusão; o fogo me ensina que sem o combustível ou o cuidado adequado, a chama da vontade se apaga dentro de nós. Para mim, a Natureza é a manifestação concreta e objetiva dos Deuses. Um livro sem palavras capazes de nos revelar infinitas lições.

04 - Gostaria de saber como é a sua conexão com os locais públicos de natureza, onde geralmente ocorrem os encontros neopagãos ou que você costume frequentar. Há uma relação sagrada com esses espaços e uma relação simbólica de memória com eles?

Sim. Aqui em São Paulo, já há dois anos e meio, temos um templo aberto ao público todos os dias e que oferece serviços religiosos gratuitamente à comunidade aos fins de semana, o Santuário da Grande Mãe. Desde então, a maioria de nossas atividades públicas tem sido feitas ali. Mas em fevereiro, eu resgatei o antigo costume das celebrações no maior parque da cidade, o Parque do Ibirapuera, que recebeu rituais públicos de diferentes grupos por muitos e muitos anos em nossa cidade. Minha decisão em retomar os rituais abertos no parque, mesmo com a disponibilidade de um templo fechado, era de resgatar o contato direto com a natureza.

Sempre que oficio rituais públicos ou atividades pagãs em parques e espaços naturais, faço isso de maneira a se respeitar não apenas o espaço físico e as outras pessoas que o utilizam, mas também a essência espiritual da terra. Realizar um ritual ou prática na natureza, como em um parque, significa entrar em comunhão com a alma da terra. A natureza não serve apenas como cenário ou pano de fundo para as práticas, mas a ligação espiritual com as forças da terra é um de nossos maiores objetivos. Por isso, as práticas sempre acontecem com uma atitude de respeito e reverência ao lugar e às forças que ali habitam, em especial aquelas que já estavam ali muito antes da ação humana. Em nossos rituais, nos lembramos não apenas de nossos ancestrais de sangue, mas também de nossa ancestralidade da terra, contemplando a memória e presença daqueles que estiveram aqui antes de nós. A sacralidade da terra não é apenas metafórica ou simbólica. Ela é concreta, palpável e literal, como é a própria Terra. Estar na natureza reafirma isso.

05- Ao escolher um determinado local público para a realização de algum encontro/evento/celebração, já houve alguma interferência por pessoas não pagãs em volta? Algum caso de intolerância religiosa?

Sim, desde pessoas passando pela área do ritual e proferindo xingamentos, até mesmo uma roda evangélica ao redor de um círculo de lua cheia. Por mais discretas que sejam as práticas, elas podem acabar sofrendo interferências externas. Entretanto, já notamos que muitas vezes o número de pessoas presente nesses eventos influencia diretamente a visão do público externo. Quando o grupo é pequeno, as pessoas se sentem muito mais autorizadas a interferir do

que quando estamos em grupos grandes. Eu tenho participado e oficiado rituais públicos em espaços abertos há dez anos, e todos os que sofreram interferência e intolerância foram aqueles em que um grupo pequeno de pessoas estavam presentes, por mais discreto que fosse. Talvez isso aconteça porque quando há um grupo de 40, 50, 100 pessoas em um parque fazendo um ritual público, o volume de pessoas transmite algum tipo de “oficialidade” à atividade. Também sinto que as pessoas se sentem menos confortáveis para manifestar seu preconceito e intolerância diante de um grupo muito reduzido.

Entretanto, eu acredito que quando nos colocamos em um espaço público, como é um parque, para realizar essas atividades, precisamos contar com esse tipo de interferência (interferência – não o preconceito!). Afinal, se nos colocamos em um espaço comunitário, estaremos sujeitos a todo o tipo de pessoas, desde aquelas que se aproximarão com curiosidade e respeito, até aquelas se sentirão dispostas a lesar ou causar algum tipo de interferência negativa na atividade. Cabe aos organizadores estarem preparados para lidar com todo o tipo de surpresa, e de preferência ter outras pessoas que forneçam apoio para auxiliar nesse processo, esclarecer dúvidas de visitantes curiosos, prevenir possíveis agressões ou quaisquer situações desagradáveis, etc.

Também vale dizer que o bom senso é muito importante ao usarmos um espaço público para um ritual, escolhendo um local adequado, seguro aos participantes da atividade e também que respeite o direito ao uso do espaço das outras pessoas, ou que a dinâmica do ritual não impeça outras atividades que possam estar acontecendo ao redor. Essa é mais uma das lições que estar na natureza nos ensina: a coexistência. Se todos pensarem não apenas em si mesmos, mas também nos outros, todos podem usufruir bem desses espaços que são destinados exatamente a experiências coletivas, sejam elas religiosas ou não.

DADOS DO DEPOENTE:

Nome: Andréa Ferreira Seabra de Melo Data: 01 de Junho de 2020.

Cidade: Macau Estado: RN

01 – Poderia se apresentar e falar como você conheceu a Wicca? Já existiam grupos de bruxaria/paganismo aqui em Natal?

Meu nome é Andréa, hoje moro em Macau, mas sou de Natal desde que nasci. Eu conheci a Wicca através da internet nas páginas de sites como a *Old Religion*, a Arawicca, o Círculo Sagrado, a Bruxaria.Org, a Bruxaria.net, o Pentáculo e etc. Na época estava procurando uma religião que fosse compatível com minhas crenças e acabei “tropeçando” num site que falava sobre a Wicca e me encantei com a descrição do que era a Wicca, suas celebrações, seus dogmas e etc. Decidi procurar mais sobre a Wicca em grupos (virtuais e reais), listas de discussões (como o Yahoo Grupos), livros que acabei encontrando sem querer em lugares que julgava não ter nada sobre Bruxaria (como a Cooperativa Universitária na UFRN onde achei meu primeiro livro sobre Wicca, da autora Lígia Amaral Lima) e, foi na internet, no falecido Orkut que encontrei um grupo chamado Wicca/RN. Daí, estabeleci contato com Marcelo e passei a participar dos encontros do grupo que aconteciam no Shopping Via Direta ou na Praça dos Eucaliptos, que fica por trás do Natal Shopping (lembro que marcávamos de nos encontrar na frente do shopping e nos reconhecíamos pelo pentagrama que muitos estampavam com orgulho). Foi através deste grupo que fiquei sabendo que, em anos anteriores existiu uma Arawicca em Natal, e tantos outros grupo que na época, ou tinham acabado ou estavam fechados para novos membros, além de alguns outros que ainda estavam ativos (não lembro o nome deles, pois faz muito tempo, no meu caso uns 15 anos).

02 - Antes de conhecer a Wicca, você fazia parte de alguma outra religião? Já tinha ouvido falar sobre bruxaria antes?

Não, eu já não fazia mais parte de nenhuma religião, pois a religião dos meus pais (católica apostólica romana) não servia para mim e tantas outras que encontrei no meu caminho também me deixaram a sensação que faltava algo (o sagrado feminino talvez) e sempre fiquei nesta busca até encontrar a Wicca. Não fazia o menor sentido para mim, ter sido criada a imagem

e semelhança de Deus e ter que ser inferior e submissa ao homem. Se nós somos a imagem e semelhança de Deus e, somos divididos em machos e fêmeas, por que Deus é único? Por que não um Deus e uma Deusa? Por que teríamos que ter o rótulo de Seres de Luz ou das Trevas? Esses e outros questionamentos me fizeram buscar uma religião que os respondesse, e a Wicca respondeu a todos. Tudo que eu sabia sobre Bruxaria vinha de contos de fadas, dos livros e filmes de Harry Potter e tantos outros de ficção, fantasia e terror. Nunca achei que existissem de verdade cultuadores pagãos, até mesmo os livros de Paulo Coelho que li não me fizeram acreditar na existência da Bruxaria nos dias atuais. Eu achava que se existissem Bruxas de verdade teria sido na Idade Média e isso não existia mais. Também não achava que os cultos da antiguidade fossem Bruxaria, mas uma antiga religião que eu acreditava não existir mais na atualidade.

03 - Pela sua experiência religiosa, poderia falar sobre a importância da natureza no caminho que você segue?

A Natureza é tudo, ela nos dá tudo que precisamos. Sem ela nós não existiríamos. E devemos preservar e lutar por ela. Todos nós, Humanos e Deuses estamos conectados uns com os outros e com a Natureza, a Terra, os ciclos naturais. A Natureza são os Deuses e somos nós também. E por isso, podemos encontrar essa conexão com a Natureza, mesmo em locais onde parece que ela não está, como a área urbana, pois a Natureza está dentro de cada um de nós.

04 - Poderia nos falar um pouco sobre como funciona a celebração da Roda do Ano para você?

A cada celebração, eu busco me conectar com a Natureza e seus ciclos, observando o mundo a minha volta, o clima, o comportamento dos animais, das plantas, das pessoas e etc. E a cada Roda completa, eu me sinto ainda mais próxima dos Deuses e busco compreender não só os ciclos da Terra e do Universo, mas meu próprio ciclo, minhas mudanças evolutivas e etc. Eu busco não só celebrar, mas entender o que cada mito contado revela sobre os Deuses, sobre minha própria vida e sobre a religião como um todo. Eu leio e estudo sobre os Sabaths/Esbats, medito e celebro com meu marido seguindo o que estudamos nos livros, tudo planejado com antecedência.

05- Gostaria de saber como é a sua conexão com os locais públicos de natureza, onde ocorrem os encontros neopagãos aqui em Natal. Se há uma relação sagrada com esses espaços e uma relação simbólica de memória com eles.

Quando comecei a frequentar estes espaços, era tudo novidade, havia um misto de medo do desconhecido e uma vontade de conhecer novos lugares e novas pessoas. Quando se tornou frequente a minha participação eu já sentia aqueles lugares como sagrados, um retorno ao lar, uma religião com a Terra e com os Deuses. Quando estava lá, com todos (mesmo se fossem poucas pessoas) era como se fosse para um mundo entre os mundos. Participei como coordenadora do ESP/RN (que acontecia na Praça dos Eucaliptos ou no Bosque das Mangueiras) junto com Verena durante um tempo e, depois do Dia Mundial da Deusa e por último do ERB/RN (que acontecia no Parque das Dunas, o famoso Bosque dos Namorados) junto com Martins e Fabiano, e cada vez que retorno aos lugares dos encontros, sinto uma saudade imensa de tudo e de todos.

DADOS DO DEPOENTE:

Nome: Marcelo Leal Data: 02 de Junho de 2020.

Cidade: Natal Estado: RN

01 – Poderia se apresentar e falar um pouco sobre o caminho que você segue no paganismo?

Meu nome é Marcelo Leal, sou arquiteto e urbanista por formação, e descobri a bruxaria há quase 20 anos. Sempre fui muito religioso e durante muitos anos, na infância, frequentei a Igreja Católica. Na adolescência, por intermédio de amigos, passei a frequentar a Igreja Protestante e foi nesse período, com o desenvolvimento do senso crítico, que começaram a surgir os questionamentos em relação aos ensinamentos que recebia ali. Nesse momento, não satisfeito com as respostas, decidi procurar por outras que afinassem melhor com o meu pensamento e foi então que descobri a Bruxaria. Comecei inicialmente através da internet a procurar por outras pessoas com o mesmo interesse, organizei pequenos grupos de estudos independentes, e não muito tempo depois já estava em contato com um dos grupos mais antigos, senão o mais antigo,

aqui da cidade. Passado mais algum tempo, me juntei a eles e com eles estive por longos anos. Depois que me afastei, passei um tempo praticando e estudando solitariamente mas já em contato com os membros da Tradição *Wanen*, Tradição esta que já tinha conhecido e tinha me interessado. Após algum período de muitas conversas, ingressei formalmente nela no ano de 2007 e é onde estou desde então. Costumo sempre dizer que tive muita sorte no meu caminho e que fui abençoado com ótimos professores.

A *Wanen* é uma Via do que chamamos de Bruxaria Tradicional, que chegou até mim através do seu representante aqui no Brasil, o Wagner Perico, iniciado na Alemanha, de onde vem a nossa linhagem. É uma Tradição politeísta, que cultua uma das famílias divinas do panteão nórdico, os *Vanir* (ou os *Wanen*), e que possui muitas particularidades, como deuses e mitos próprios, além de conceitos singulares em comparação ao que é visto comumente na comunidade bruxa aqui no Brasil.

Possuímos diversos ritos, de nascimento à morte, ritos específicos que marcam a abertura de determinados portais energéticos, ritos de trabalhos mágicos, mantemos pequenos costumes, também compartilhamos de algumas crenças e valores que fundamentam nossa Tradição, etc.

02 – Quando você começou a seguir no paganismo, como era o contato das pessoas que você conhecia com a Wicca? Já existiam grupos aqui em Natal?

Quando eu iniciei meus estudos haviam poucas pessoas em Natal também estudando ou praticando bruxaria mas, sim, já existiam alguns poucos grupos aqui, mas bem poucos mesmo. Existiam muito mais praticantes solitários e/ou o auto-iniciados buscando conhecer melhor e mais a fundo a bruxaria.

Naquela época costumávamos nos reunir numa pequena loja no centro da cidade, de uma querida amiga, a Marília Medeiros, proprietária da Índia Brasil. Por muitos anos aquele foi o "point" de encontro das bruxas de Natal. Um tempo depois, a então coordenadora local da Arawicca alugou uma pequena sala no mesmo edifício da Índia Brasil, onde nós passamos a nos reunir aos sábados pela manhã. Chegamos a realizar alguns encontros públicos também em minha casa, e na casa de algumas outras bruxas. Naquela época, conseguimos promover o maior encontro que já houve em Natal, entre bruxas e simpatizantes, reunindo 60 pessoas para celebrar um sarau de Beltane.

03 - Pela sua experiência religiosa, poderia falar sobre a importância da natureza no caminho que você segue?

Essa é uma boa pergunta. Diferente de algumas outras Tradições que vêm na natureza a manifestação de seus divindades, isto não ocorre na *Wanen*. Por hora, só me recordo de um único mito que associa um de nossos deuses a um elemento específico da natureza. Por outro lado, ela, a natureza, não nos é menos sagrada. Mas a sua "sacralidade" não advém de uma imanência divina, mas do despertar da consciência da sua importância para nosso meio, planeta e a perpetuação da vida nele.

04- Gostaria de saber como é a sua conexão com os locais públicos de natureza, onde ocorrem os encontros neopagãos aqui em Natal. Se há uma relação sagrada com esses espaços e uma relação simbólica de memória com eles.

Atualmente eu não participo tanto de encontros neopagãos públicos, como no passado. Seja como for, sim, é inegável que exista uma relação simbólica de memória com eles pois ao longo destes quase 20 anos eu já me reuni diversas vezes nesses espaços, sejam em encontros menores, relacionados a grupos particulares, ou em encontros maiores, abertos a toda comunidade.

Mas para além da minha memória afetiva associada a estes momentos nestes espaços, minha relação com eles é como a de qualquer outros cidadão. A relação de sagrado com ele se dá a partir da consciência que aquele ambiente tem um valor e uma importância para nosso meio, cidade e bem-estar, mas não necessariamente pelo fato de ser bruxo.

E na verdade, eu acredito que isto sim deveria ser fundamental: independente das nossas crenças religiosas, nós deveríamos ter um olhar mais consciente para a importância da preservação destes espaços naturais.

05 - Assim como há na Wicca a celebração da Roda do Ano, há também a celebração de um calendário sazonal na Wanen?

Nós temos um calendário litúrgico composto por oito grandes rituais dedicados a oito deuses específicos, rituais estes que nós chamamos de "ring" (diferentemente dos demais caminhos nórdicos que adotam a terminologia "blót"), e dois festivais dedicados a animais totêmicos da Tradição. Mas diferente da Wicca, estes rituais não são em essência, celebrações associadas as passagens do ano, muito embora a gente possa sim estabelecer alguma relação.

06 – Ao escolher um determinado local público para a realização de algum encontro, já houve alguma interferência pelas pessoas não pagãs em volta? Algum caso de intolerância religiosa?

Sou afortunado por sempre ter tido bons espaços privados disponíveis para realização dos encontros dos grupos aos quais fiz/faço parte. A maioria desses encontros tem um caráter privativo que não cabe a sua realização em espaços públicos, ou ao menos, não os espaços públicos como temos disponíveis aqui na cidade. Mas das vezes que cheguei a estar presente, seja como organizador seja como participante em algum local público para realização destes encontro, por sorte nunca tive problema com interferência devido a intolerância religiosa. Falo por sorte pois sei que muitos outros colegas já passaram por esse tipo de problema, seja aqui em Natal seja em outras cidades.

DADOS DO DEPOENTE:

Nome: Sacerdotisa Luna Data: 08 de Junho de 2020.

Cidade: Natal Estado: RN

01 - Poderia se apresentar e falar como você conheceu a Wicca? Já existiam grupos de bruxaria/paganismo aqui em Natal?

Eu conheci a wicca através de uma amiga que lia as revistas de uma autora chamada Eddie van feu que tbm se intitulava "Wicca". Daí então eu passei a procurar na internet sobre o assunto e achei livros e chats, e daí fui me iniciando nesse mundo solitariamente. Isso foi entre 2006 e 2007. Não haviam redes sociais como hoje em dia além do orkut eu não tinha muitos conhecidos aqui em Natal sobre o assunto

02 - Antes de conhecer a Wicca, você fazia parte de alguma outra religião? Já tinha ouvido falar sobre bruxaria antes?

Eu não fazia parte de religião alguma antes da Wicca. Eu passei pelo catolicismo por causa da família e cheguei a me interessar pelo protestantismo mas na época que conheci a wicca eu me denominava atéia. E eu não tinha ouvido falar de bruxaria antes da Wicca; não de maneira fantasiosa pelo menos

03 - Pela sua experiência religiosa, poderia falar sobre a importância da natureza no caminho que você segue?

A natureza é o ponto central da religião wicca, pois nós seguimos seu ciclo para realizar nossos ritos; assim como os católicos seguem o ciclo da vida de Jesus em suas celebrações (sendo que a igreja católica pegou isso do paganismo também)

04 - Poderia nos falar um pouco sobre como funciona a celebração da Roda do ano para você?

A roda do ano funciona como um ciclo de morte e renascimento da natureza, seguindo sua relação com a terra que hora é fértil e hora é infértil. Nesse período de infertilidade, é um período de meditação para nós. Nós procuramos seguir a natureza usufruindo da sabedoria que ela traz pra nossa vida. Cada estação passa um ensinamento para nós.

05 - Gostaria de saber como é a sua conexão com os locais públicos de natureza, onde ocorrem os encontros neopagãos aqui em Natal. Se há uma relação sagrada com esses espaços e uma relação simbólica de memória com eles.

Alguns espaços foram ressignificados por nossas ações sobre ele. Atualmente, tenho espaço próprio para realização de rituais mas antigamente dependia de espaços públicos. Alguns são conhecidos pelas pessoas como o bosque dos namorados, onde haviam reuniões de paganismo ou sobre assuntos esotéricos em si, mas não é possível fazer ritual nesse espaço (não se pode acender uma vela por exemplo por ser uma reserva ecológica). Então procuramos outros espaços públicos para a realização de nossos rituais, mas a maioria das vezes usamos o espaço de uma casa. Daí existe a dificuldade de achar grupos, pois eles procuram se esconder das pessoas devido a preconceitos e falta de segurança. Acredito que a relação símbolo é dado pela pessoa que usufrui do espaço. Eu sinto certa nostalgia em alguns espaços mas tenho noção que ele não é único e especial por minha causa e devido a minha prática. Alguns são até preciosos hoje em dia.

Um adendo à primeira pergunta: já existiam grupos de bruxaria quando iniciei minha busca em 2006, mas eu só descobri a existência em 2007/2008 pois eles se mantinham muito escondidos. Até antes disso eu realizava rituais solitariamente.

ENTREVISTAS

DADOS DO DEPOENTE:

Nome: Klaus Eduardo Data: 31 de outubro de 2019.

Cidade: Natal Estado: RN

K.A - Gostaria que você falasse sobre os luaus que aconteciam na praia de Ponta Negra.

K.E - os luaus começaram em 2009, ou foi 2010, não lembro a data específica. Foi uma criação minha de uma vontade de organizar luaus, para reunir as pessoas que praticam Wicca. No início do luau, quem me ajudou muito foi Danilo Nóbrega, Isaias (denominado de Chris) e o Marcelo também, participaram muito dos luaus quando começou. Depois foi morrendo, desaparecendo o evento. Foi uma empreitada mais dos clãs que existiam na época, eu, Chris e Marcelo, cada um tinha um clã. E nos reuníamos esses clãs para debater diversos assuntos.

Mas como nem tudo é flores, com o passar do tempo o luau foi minguando. Lá no Facebook eu posso procurar fotos também e te enviar.

Então começamos a ter as reuniões e as temáticas eram variadas. Às vezes a gente falava das próprias fases da lua. Às vezes a gente não falava de nada, sentava, bebia e tinha um luau normal e conversava sobre diversos assuntos sobre magia e bruxaria. E isso seguia até às dez horas da noite, porque era o horário que a gente tinha que retornar. Eram noites muito prazerosas. Nós também fazíamos fogueiras. Eu levava algumas fumigações, que são misturas de ervas para queimar e purificar as pessoas, ou atrair as coisas. Sempre ocorriam na época de lua cheia, nunca ocorria em outros momentos. Cada um levava o seu lanche e nós ficávamos ali naquele luau, confabulando, conversando sobre diversas temáticas que se interessavam as pessoas. No início começou a dar muita gente, depois começou a regredir, a diminuir. Não tenho certeza se pretendo retornar com esse evento, mas são planos para o futuro.

K.A - Quais as diferenças em realizar práticas ritualísticas num espaço público e em casa?

K.E - Fazemos algumas práticas abertas, sim (nos espaços públicos), mas não é a mesma coisa que fazer em casa com o *coven*. São práticas um pouquinho mais mascaradas, não são da mesma forma que são realizadas dentro de um *coven*, é mais comum fazermos celebrações mesmo. Só

uma simbolização de que essa prática foi feita. Mas é lógico que dentro de um *coven* há muito mais mistérios e coisas que são absorvidas no ritual.

K.A - E como se dá esse espaço sagrado na sua casa?

K.E -Na minha casa atual o meu espaço sagrado fica dentro do meu quarto. Mas eu tenho toda a casa pra fazer a ritualística. O altar mesmo se fixou no meu quarto, meu altar de Afrodite. E aqui numa sala de estudos eu tenho um altar para Athena, deusa da sabedoria. E nos jardins eu fiz um sacrário junto com as meninas que moro aqui, para a deusa Gaia. Fiz também um espaço na cozinha, um altar para Deméter, pois o ato de cozinhar é sagrado e dedico a essa Deusa

DADOS DO DEPOENTE:

Nome: Regina Celi Data: 02 de maio de 2020.

Cidade: São Paulo Estado: SP

K.A - Poderia se apresentar e falar sobre o caminho que você segue no paganismo?

R.C - Meu nome é Regina Celi Rodrigues, eu sou já [há] muitos anos, sacerdotisa da Wicca. E eu comecei esse caminho muito cedo, né. Na verdade, eu lembro de coisas assim, que eu fazia ou me comportava ou falava, desde pequena, e meus pais não sabiam de onde vinham aquilo ou quando eu aconselhava alguém a tomar um determinado chá para ficar mais calmo, coisinhas assim. Então desde nova eu tinha muito disto e meus pais... achavam assim interessante mas não sabiam de onde vinha isso. E eu cresci desta maneira. Quando eu estava na adolescência, sempre lia, não tinha tanto acesso, como as pessoas têm acesso hoje, não tinha *Google*, computador. Mas na medida do possível que eu podia adquirir, eu tinha muitos livros que falavam de misticismo, de ocultismo. Livros até de sebo, e vivia lendo e estudando sobre isso. Mas neste período não se falava de Wicca, nem se falava aqui no Brasil, aqui em São Paulo, neste período não tinha isso. Até que conheci um rapaz. E foi muito interessante o modo como a gente se conheceu, mas eu não acredito em coincidência, eu acho que tudo tem um porquê. E... ele morava aqui, porém trabalhava. Devido ao trabalho, ele fazia muitas viagens, ia ao exterior e ele fazia parte da Wicca, então a gente conversando ele falou que eu tinha tudo haver com a Wicca, falou sobre a religião e quanto mais ele me contava e falava, mas eu ficava surpresa da afinidade

e o quanto eu me identificava com aquilo tudo. Então foi através dele que eu pude obter mais conhecimento.

Ninguém se falava em bruxa, neste período, não se falava disto nem de Wicca. Então era uma coisa assim particular entre eu e ele mesmo. Foi com ele que eu estudei, ele quem me iniciou como bruxa, foi com ele que eu continuei estudando para ser uma sacerdotisa. Eu acabei sendo sacerdotisa até muito nova, mas por conta [de] eu ter começado muito nova, hoje em dia isso já não é mais tão comum. As pessoas se iniciam até com um pouco mais de idade. E depois, já na juventude, no período até que eu comecei a já dar aula também, que eu fui ter contato [com] outras pessoas daqui que estavam começando [n]a Wicca, a ser divulgado aqui. De modo bem discreto e bem peculiar. De quando um indica para o outro, ou quando você conhece um escritor ou escritora através do livro e que era aqui do Brasil. Então foi quando comecei a ter contato com outras pessoas, até para estar realizando *sabás* com outras pessoas, pois até então era só com meu mestre, né . E... depois teve um distanciamento de mim e de meu mestre, quando ele foi morar naquela cidadezinha bem mística São Tomé das Letras em Minas. Mas a gente mantinha contato, principalmente quando ele vinha para cá e eu fui conhecendo outras pessoas e eu fui começando a formar grupos de estudos, *Coven*, a gente chama de *Coven* da Wicca. Então eu comecei a formar e ensinar. Como eu já era sacerdotisa, eu já poderia estar ensinando. Inclusive quando eu estava estudando o sacerdócio, eu já comecei a dar aula. Pois já poderia, até para quando já concluir, que até depois de um ano eu já poderia iniciando, pois já era sacerdotisa.

Então foi assim que começou essa caminhada. Num período que não se ouvia falar nisto, que mal se conseguia um livro místico para tá lendo, conhecendo se informando. Eu me senti uma privilegiada, até por te conhecido meu mestre, pois ele que me ensinou, que me passou todos os conhecimentos, me instruiu. Desde então faço parte da Wicca e dentro disso, tem os grupos, os *covens*, as aulas que eu dou, para estar iniciando e também depois de concluído isso, o curso de sacerdócio para quem continuar...Já faz um bom tempo, que eu celebro cerimônia de casamento, batizados, faço rituais, *sabás*, tem rituais que eu faço em atendimento para as pessoas. Tudo dentro da Wicca, rituais para proteção ou para saúde, amor, prosperidade, aberturas de novos caminhos. É o que eu faço dentro da Wicca entre outros trabalho que eu faço, que já não são trabalhos místicos.

K.A- Antes de conhecer a Wicca, você já fazia parte de alguma outra religião? Já tinha ouvido falar sobre bruxaria antes?

R.C - Antes da Wicca, como meus pais são católicos até hoje, eles me batizaram na igreja católica e fiz a primeira comunhão. Foi a última vez que eu tive algum contato assim com a Igreja Católica, porque depois eu já comecei a estudar e ver que meu caminho era outro. Mas antes disso, eu não sei se posso me considerar uma pessoa que antes da Wicca, se eu fui uma pessoa católica. Porque na verdade a gente faz parte da religião dos pais enquanto pequenos. A gente acompanha os pais no que eles vão, não tinha nada contra não. Mas antes disso eu era católica pelo fato dos meus pais também serem, mas não aqueles católicos fervorosos e nem de ir constantemente em missa. Teve um período que eles iam, participaram de alguns encontros, ajudavam nos encontros de casais, algumas coisas assim. Mas não que eles iam ou vão com frequência na igreja. Então eu fiz parte disso até encontrar o meu caminho. Mas participando muito pouco mesmo do catolicismo, na prática era só quando eu ia junto dos meus pais e era dessa maneira.

K.A- E como surgiu o seu *coven*?

R.C - Eu considero que mais de uma pessoa junto, estudando, aprendendo sobre a Wicca, já podemos considerar que é um *coven* né. Então eu diria que tive meu primeiro *coven* quando estudava com meu mestre. Nos fazíamos todos os ensinamentos teóricos e práticos também. Então era um *coven*. Depois eu fiz parte de um *coven*, quando eu conheci outras pessoas que também gostavam e estavam procurando um grupo de estudo. E depois eu comecei a ter os meus grupos, porque como eu tenho um grupo de alunos, então é um *coven*. Inclusive eu tenho mais de um hoje, no presente. Que é o grupo que estou ensinando para iniciação de Wicca e outro grupo que é do sacerdócio.

K.A - Como a Wicca trabalha com os espíritos da natureza nas cidades urbanas?

R.C - Por estarmos morando aqui na cidade, então nós consideramos que nos somos bruxinhos urbanos. Então sempre que possível nós vamos numa praça que seja segura, num bosque, numa floresta. pra não deixarmos de ter esse contato com a natureza. Até mesmo no quintal de casa, no jardim, pra não perdermos isso, porque é muito importante e isso nos inspira, nos motiva muito.

E agora quando trabalhamos com a deusa, a natureza mãe, a invocação é a mesma, porque independente de onde você estiver, ou em uma floresta ou até mesmo em casa, você pode invocar a deusa ou as faces da deusa, ou as faces do deus. Então independente de onde você estiver, até na nossa selva de pedras, podemos trabalhar com espíritos da natureza. Isso é uma coisa tranquila até em casa. Eu tenho muitos bichinhos, muitas plantas, conservo muitas coisas da natureza, então independente de onde você estiver, pode fazer as invocações e trabalhar com as entidades da natureza. Mesmo porque trabalhamos com os elementais, terra, fogo, água e ar, são o que necessitamos para viver e trabalhamos muito com os quatro elementos.

K.A - Gostaria de saber como é a sua conexão com os locais públicos de natureza, onde ocorre os encontros do seu coven.

R.C -Sempre quando temos que fazer uma celebração ou uma aula, um sabá, um esbá, nós podemos fazer em qualquer lugar. Podemos fazer na natureza, numa floresta, numa praça, num bosque. Claro que pra isso hoje em dia precisa ter alguns cuidados. Você não pode ir em qualquer praça que tenha muito movimento, por quê? Porque muitas pessoas por não conhecer a Wicca, elas acabam prejudgando, então tem pessoas que às vezes podem agredir verbalmente, ficar incomodando nosso trabalho por não ter conhecimento. Porque se tivesse independente da religião dela, iria ver que a Wicca é algo muito tranquilo e se envolve com a natureza, não tem nada de mal, Mas pelo fato de algumas pessoas não terem esse conhecimento, elas podem estar tendo uma reação nada agradável.

Então eu não vou em praças muito conhecidas, muito populares. Eu tenho o privilégio de ter onde moro, um condomínio fechado, uma área verde muito grande e aqui no condomínio também tem seguranças. Então quando vou sozinha ou com os alunos, com o *coven* ou se me reúno com outros sacerdotes para estar fazendo uma celebração. Eu costumo fazer aqui, porque é um lugar seguro. É algo que a gente pode estar fazendo de uma maneira tranquila, porque ainda que alguém veja, pode até parar pra observar e isso não é nenhum problema, mas não vão fazer nada além disso. Então normalmente, é quando é muito no meio da natureza aqui que eu faço, ou se a gente vai pra um local onde alguém tem um sítio, uma chácara, ou até mesmo dentro de casa. Podemos fazer qualquer coisa que envolve a Wicca em qualquer lugar, dentro de casa, de um salão. Nós não temos um lugar pra ir e só lá estar fazendo alguma coisa, igual os católicos têm as igrejas, os evangélicos têm seus lugares onde tem os cultos. O nosso templo que é sagrado pode

ser em qualquer lugar, por isso que temos hábito de abrir o círculo, porque quando abrimos o círculo, estamos abrindo nosso templo sagrado. E quando termina o que fizemos, a gente destracha o círculo.

K.A - Poderia me falar também sobre como funciona a celebração da Roda do Ano para você?

R.C - Nós wiccanos celebramos a roda do ano. E o que é a roda do ano? O que a gente celebra? nós celebramos as estações do ano, que hoje em dia de modo muito corrido, cheios de compromisso, trabalho, estudos, às vezes acabamos nem percebendo, lembrando o dia que muda a estação do ano. Sendo que isso foi muito importante para os celtas, como é importante até hoje para os agricultores, por exemplo. Porque eles dependiam do clima, do período para o plantio, para a colheita. Tinha que se preparar para o inverno também. Então eles valorizavam muito isso, como quem depende disso hoje. Inclusive os esbás também. Os esbás são as luas cheias dos meses. Então nós celebramos tanto sabás como esbás por causa disso. Tem a roda do ano que é o início do ano celta que os wiccanos acompanham.

Não que acompanha do modo como acompanhamos aqui (no Brasil) a entrada do ano e outras comemorações. Agente lembra, celebra, porém acompanha o nosso daqui mesmo, de todos nós. Então celebramos a entrada do verão e todo um significado que já é um pouco mais longo pra esse sabá. Tem o do inverno também, que tudo antes tinha que se preparar, para estocar muito alimento para sobreviver durante todo o inverno longo e rigoroso. Então tinha que se preparar antes, porque lá era frio mesmo, até de nevar. então isso não era possível fazer, a caça, pesca, agricultura, então se preparavam antes para todo esse período. E quando é primavera também, o outono, então tinha todo o período certo para se prepararem para a alimentação deles. Não é como hoje que temos a facilidade de ir ao mercado, comprar o que precisa, comprar até frutas, que antes tinham só em determinadas épocas e agora tem o ano inteiro. Então eles não tinham isso, comiam o que preparavam, plantavam ,então isso era muito importante para eles e para nós também, por valorizarmos isso. Então o sabá são as estações do ano e celebramos e os esbás são as luas cheias de todo mês.

K.A - Ao escolher um determinado local público para a realização de algum encontro, já houve alguma interferência por pessoas não pagãs em volta? Algum caso de intolerância religiosa?

R.C - Das vezes que fomos celebrar em lugares em abertos, como eu vi a experiência de algumas pessoas que já tinham feito isso em parques populares que tem movimento, não todas as vezes, mas uma vez ou outra sofrem preconceito. Dependendo de quem passa e se tiver em grupo então, as pessoas se sentem mais fortes (a interferir). Então tem histórias muito desagradáveis de amigos que sofreram preconceitos, pessoas muito intolerantes em relação a religião e fizeram isso porque achavam que se tratavam de um culto de magia negra. Então eu sei de experiências de outros sacerdotes que sofreram esse tipo de coisa. Então desde quando eu comecei a fazer eu sempre procurei fazer em lugares seguros, ainda que não pudesse ser em um lugar aberto, então era feito em lugares internos. E trouxemos toda natureza pra dentro, pra gente sentir. Começando até pelo altar que tem os elementais. Então, queira ou não, mesmo dentro de casa, dentro de um local de uma escola, você tá em contato com a natureza porque você vai ter o altar e o altar oferece tudo isso. Então, mesmo com os *covens*, mediando o que faço, não aconteceu isso, mas porque eu já tomei muito cuidado em ver o que outros passaram.

Lembro de um conhecido meu, sacerdote já a muitos anos, escritor também de livro e uma vez ele foi no Ibirapuera com o *coven* dele e sofreram esse tipo de coisas, de passar um grupo de pessoas e ameaçar. Porque infelizmente existe o preconceito. Eu diria que nem tanto quanto antes, porque já teve filmes famosos e livros, que agora você encontra livro em qualquer lugar sobre a Wicca, para pesquisar na internet você também encontra. Então isso tudo acabou desmistificando um pouco que a bruxa é do mal, A bruxa é uma pessoa e a pessoa pode ser má ou ser boa, depende da intenção dela para realizar as coisas, como qualquer pessoa que não seja da Wicca. Então isso ajudou a desmistificar um pouco e está muito melhor que antes e eu vejo isso começando muito das crianças, que hoje as crianças já vê a bruxa com bons olhos então isso é muito bom, porque eu imagino que seja um futuro que não tenha mais preconceito com a religião Wicca ou qualquer outra religião que exista mais o respeito. Então eu vejo que isso já melhorou muito, mas que ainda tem muito o que melhorar. E eu espero que melhore e não só nesse sentido de preconceito de religiões, mas de qualquer outro tipo de preconceito. Porque o ideal é que as pessoas se informassem para depois dar algum tipo de opinião Mas normalmente as pessoas não, elas têm uma tendência já para criticar, falar o que não sabe. Porque as pessoas falam coisas

muito absurdas da Wicca. E qualquer pessoa que for se informar, ler um livro, lê na internet vai ver que nós só fazemos coisas boas, porque a gente acredita que colhe o que planta. Isso é até uma filosofia de vida, mas na Wicca tem isso também. Então só fazemos o bem para colher o bem.